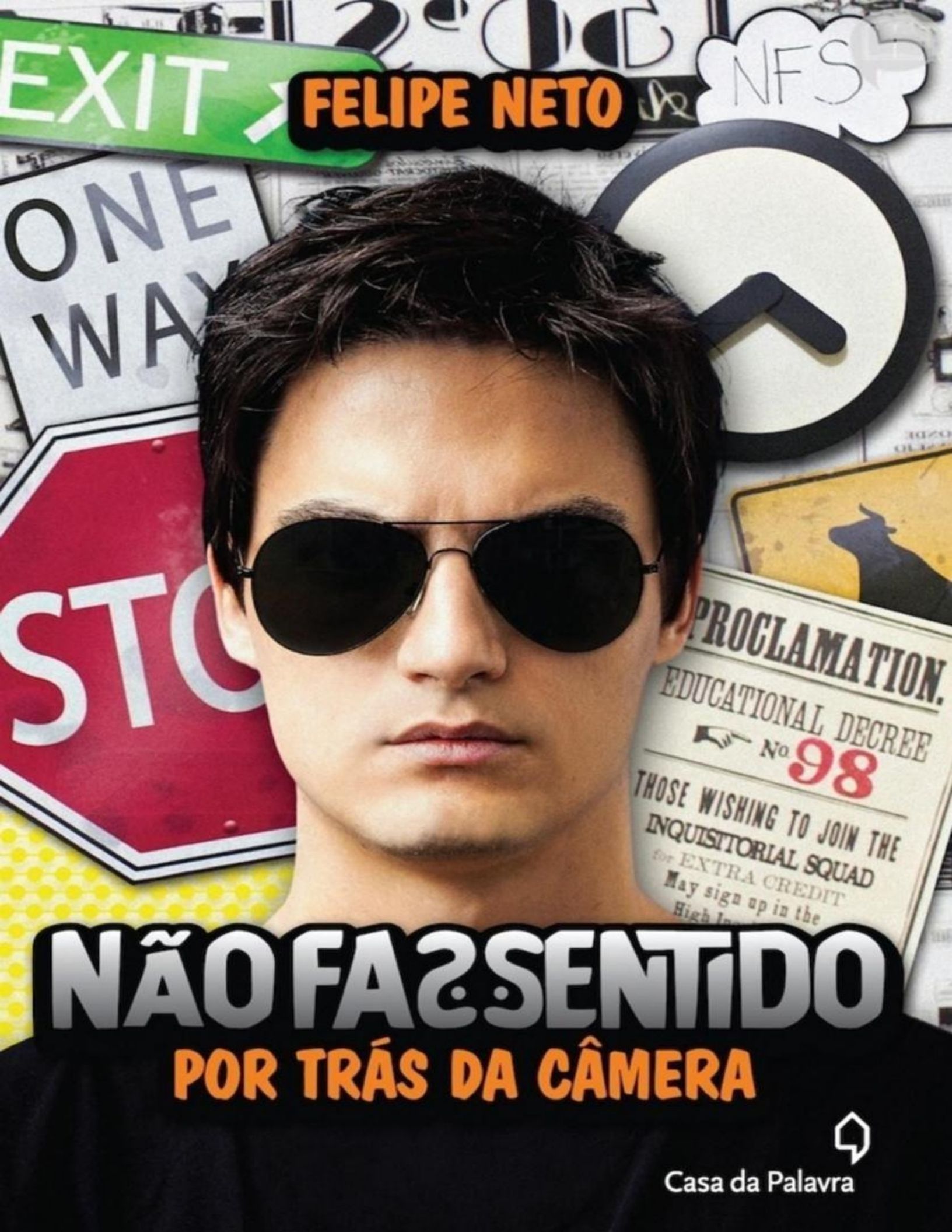


NÃO FAZ SENTIDO

POR TRÁS DA CÂMERA

Casa da Palavra

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

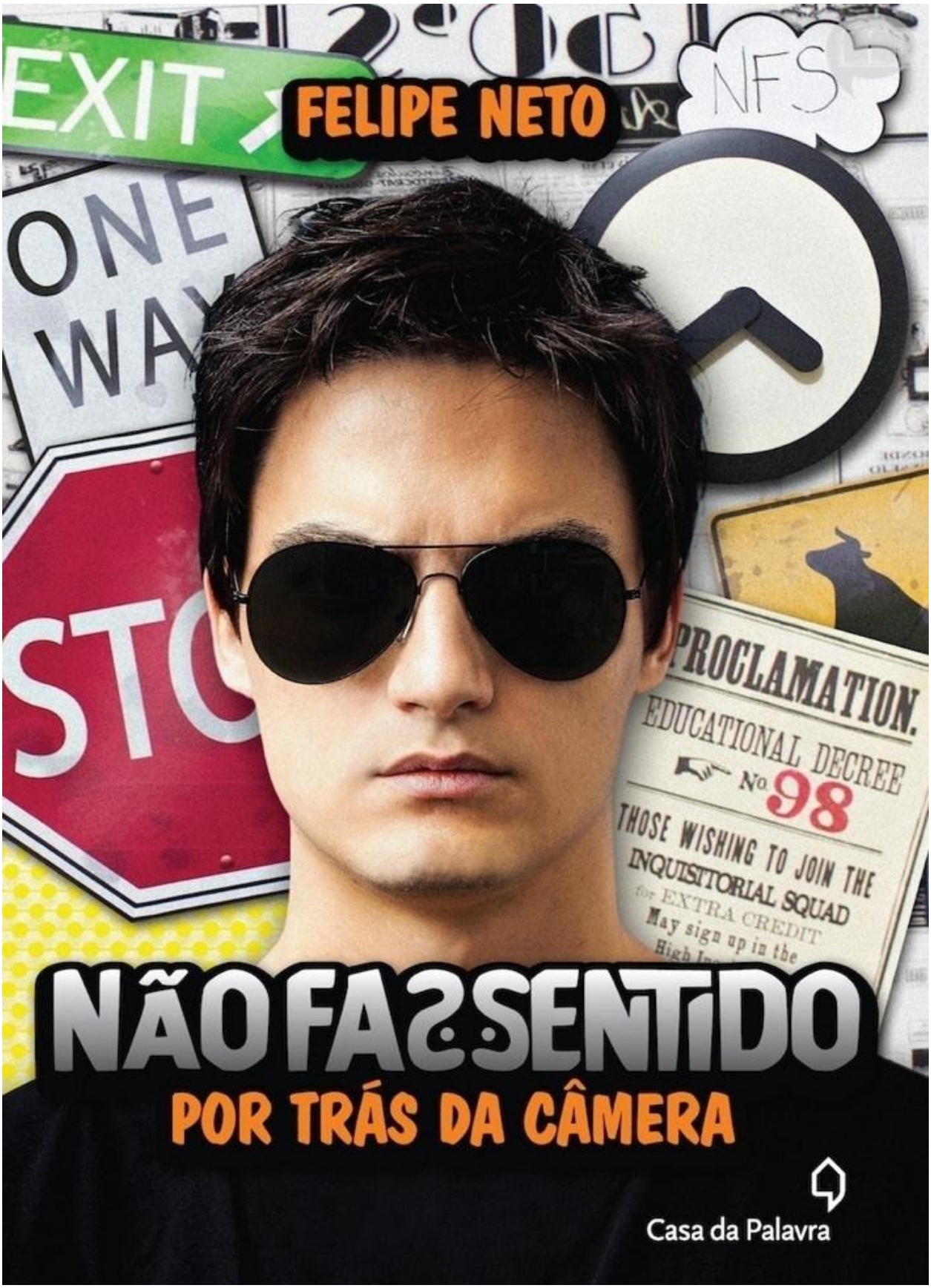
É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros, disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.Info*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível.




EXIT
FELIPE NETO
NFS
ONE
WAY
STO
PROCLAMATION.
EDUCATIONAL DECREE
No 98
THOSE WISHING TO JOIN THE
INQUISITORIAL SQUAD
for EXTRA CREDIT
May sign up in the
NÃO FAZ SENTIDO
POR TRÁS DA CÂMERA
Casa da Palavra

Felipe, por que você

não arruma um emprego decente?

por FLÁVIO AUGUSTO DA SILVA

Você pode achar o Felipe Neto agressivo em suas colocações, que ele fala muito

palavrão ou que esteja sempre se metendo em muitas polêmicas. Talvez você esteja certo em algum ponto; talvez esse tipo de comunicação não lhe caia bem,

afinal, cada um tem o direito de ter a sua própria opinião.

Ou, talvez, você possa pensar que ele é um jovem revoltado, que não tem o que fazer e, por isso, fica perdendo tempo, gravando vídeos para o YouTube.

Onde já se viu! Por que será que ele não arruma um emprego decente?

Bem, nesse caso, não se trata apenas de uma questão de opinião ou de gosto.

Fica, então, constatado que você ainda não percebeu que o mundo mudou, que os

meios de comunicação mudaram, que o conceito de geração de conteúdo e a forma como ele é consumido por milhões de pessoas, em todo o mundo, não segue a mesma cartilha que conhecemos na década passada.

De acordo com pesquisas divulgadas numa revista de grande circulação, hoje,

no Brasil, mais de 5 milhões de lares, com aproximadamente 15 milhões de pessoas, sequer têm um aparelho de TV. Somado isso ao fato de que mais de 30

milhões de pessoas visualizam, por dia, a home do YouTube, podemos constatar

que esse seu conceito de emprego decente pode ter mudado e você ainda não percebeu.

Nesse cenário, alguns desenvolveram, antes mesmo que isso se tornasse de conhecimento público, uma visão apurada sobre esse movimento. E o Felipe é uma dessas pessoas. Não é uma casualidade que ele tenha se tornado um

fenômeno na internet, com o seu vlog Não Faz Sentido, alcançando centenas de

milhões de visualizações e faturado mais de 1 milhão de dólares com publicidade.

Você faturou 1 milhão de dólares com o seu emprego decente nos últimos três anos?

Pois é. Além disso, a influência do Felipe sobre o seu público superou, de longe, a influência das novelas e de outros meios de comunicação que, nas décadas anteriores, costumavam eleger presidentes. Consegue perceber o

tamanho disso?

Tive a oportunidade de conhecer alguns dos passos dados por este menino empreendedor nos últimos anos. Ele é corajoso, dócil – diferente do personagem

que criou em seu vlog –, inteligentíssimo, ousado, estrategista, multitarefa e autodidata.

Ele também sabe buscar informações com pessoas mais experientes, pensa

grande. Não foi por acaso que a sua produtora, a Parafernalha, alçou voos maiores, associando-se a uma gigante americana, numa transação milionária, para

desenvolver uma rede de canais no YouTube, responsável por um inventário de

centenas de milhões de visualizações por mês.

Personagens como o Felipe têm muito a nos ensinar. Eles nos fazem refletir sobre o mundo em que vivemos e, também, junto com todas essas

transformações, sobre um manancial de novas oportunidades que esse novo

cenário nos traz.

Certamente, o poder está mudando de mãos e, nessa transição, como alguém já

disse: enquanto uns choram, outros vendem lenços. Ao saber sobre esse livro, você também ficou curioso para ler o que o Felipe escreveu, porque, sem dúvida,

ele está construindo uma fábrica de lenços e, o melhor, vai contar tudo sobre isso para nós.

Prefácio

por RAFINHA BASTOS

“A internet vai mudar o mundo do entretenimento.”

A tecnologia faz o mundo girar tão rápido que essa frase, repetida a exaustão

há pouco tempo, já não faz mais o menor sentido.

Exatamente como o Felipe Neto, meu trabalho ficou conhecido na web. Em 1999, produzir vídeo pra internet era uma aventura. Não havia câmera adequada,

placa de captura ou qualquer tipo de *know-how* no Brasil. No meu caso, era pior ainda: eu não tinha sequer cinegrafista e atores para me ajudar na produção.

Tudo era feito de forma artesanal (para não dizer extremamente tosca). Meu pai segurava a câmera e minha mãe ligava o som enquanto eu e meus amigos dançávamos como uns idiotas. Nosso compromisso de domingo era sempre o

mesmo: fazer videoclipes para a Página do Rafinha.

Aquela macaquice desorganizada passou a atrair uma legião de fãs (eu com admiradores… quem diria) e o site foi um dos mais acessados da web brazuca por

um bom tempo.

Na época eu trabalhava em uma emissora de televisão local e vi na internet uma possibilidade de levar o meu conteúdo pra fora de Porto Alegre, onde eu morava. Isso aconteceu. Era como se eu tivesse a minha própria emissora de TV,

na qual eu controlava o conteúdo, a periodicidade, o elenco, a edição... tudo. O

grande problema era ONDE POSTAR ESTE CONTEÚDO?

Um vídeo do meu site era, em média, mil vezes mais pesado que uma foto (tipo de conteúdo que bombava nos sites de humor da época). O tráfego gigantesco de

informações da Página do Rafinha gerava contas altíssimas com provedores. Até hoje tenho em casa um boleto de 1.400 reais da Locaweb que nunca paguei. Meu salário era de 900 reais, ou seja, nem que eu quisesse, teria como quitar a dívida. Mal aí, Locaweb.

Durante cinco anos o meu site viveu de favores dos fãs. Expus o problema e os

admiradores da página apareceram para ajudar. Eu recebia e-mails do tipo:

“Rafinha, eu moro na Suécia e tenho um site aqui sem limite de transferência de

arquivos. Vou postar seus vídeos ali e você repassa o link pros fãs, beleza?”

Geralmente, vinte dias após eu *linkar*, aparecia na minha caixa postal um e-mail da mesma pessoa: “Rafinha, o servidor cortou o meu serviço alegando abuso. Por

favor, retire os links.” E assim a Página do Rafinha sobreviveu. Durante cinco anos. Eu era um legítimo mendigo virtual.

Na época, eu trabalhava em um grande portal de internet no Rio Grande do Sul, o ClicRBS. Um dia propus pro meu patrão uma plataforma onde as pessoas

pudessem postar os seus próprios vídeos. Ele riu. Em 2005 surgiu o YouTube e

deixei de ganhar uma fortuna. Eike Batista: Tâmo junto!

O interessante do surgimento do YouTube foi ver que existia uma legião de pessoas criativas que queria ir pelo mesmo caminho que eu. O que era “um maluco e sua família fazendo maluquices” virou um *business*. E um *business* milionário que, sim, mudou o mundo do entretenimento derrubando gravadoras,

emissoras de TV (saudades, MTV) e artistas. E acredite... isso é só o começo.

O Felipe é um bom exemplo do sucesso desta nova forma de fazer

entretenimento. Com criatividade e muito tino comercial, ele transformou o seu muito bem-sucedido videolog numa empresa com produtores, redatores e atores.

Uma verdadeira fábrica de conteúdo para a web.

Ele está profissionalizando esta bagunça maravilhosa que é a produção de conteúdo pra web, e todos estão de olho: o mercado, eu e você, que comprou este

livro.

Divirta-se...

Introdução

Oi. Tudo bem? Meu nome é Felipe Neto... E não é por parte de avô. Muita gente

me pergunta se o nome de algum dos meus avôs é igual ao meu, mas sempre frustro as pessoas ao dizer que não. O Neto na verdade veio da minha mãe, Rosa

Esmeralda Pimenta Neto. Tadinha, uma flor, uma pedra, um condimento e uma

nomenclatura familiar, meus avós não deram nem chance pra coitada. O curioso,

contudo, é que meu outro avô se chama Hugo, que tem um filho Hugo e que, por

sua vez, teve outro filho e deu o nome de Hugo. Ficaram Hugo pai, Hugo filho e

Huguinho, mas nenhum Hugo Neto. Mas por que eu estou falando isso tudo?

Afinal, não quero que pensem que o meu livro é uma autobiografia. Este não é

um livro comum e muito menos deve ser comparado a outros. No momento em

que escrevo essas palavras, estou com 23 anos. Seria muita audácia e estupidez escrever a história da minha vida, pois ela não daria cinquenta páginas. Além do

mais, eu nunca fui drogado, nunca comi travesti e não tenho nenhuma história particularmente polêmica pra contar, então contentem-se com isto: um livro sobre

uma série de vídeos. O Não Faz Sentido.

Algumas pessoas irão dizer que eu subi no salto, que devo me achar muito estrela pra escrever um livro. Bem, talvez seja verdade. Afinal de contas, foi exatamente no que eu pensei quando vi que Justin Bieber, Fiuk e Restart haviam

feito a mesma coisa. De qualquer jeito, queria entender quando foi que ocorreu essa supervalorização dos livros. Até onde eu sei, até poucos anos atrás, era somente através dos livros que as pessoas conseguiam passar informações.

Depois vieram o rádio, a TV e, olha só, a internet, que é onde tudo isso começou.

Se você tem raiva deste livro, coloque a culpa na internet, tá na moda.

Aliás, gostaria de dizer uma coisa: detesto introduções. Muito provavelmente você já está no primeiro parágrafo e pulou esse capítulo insuportável. Eu nunca

leio, devo ser sincero, introdução é tipo trailer no cinema, ninguém quer ver e a maioria prefere ficar batendo papo enquanto passa. Mas, se você está lendo essas

palavras, muito obrigado. São 17h03 de um sábado, ou seja, estou gastando meu

fim de semana para escrevê-las.

Hm...

É...

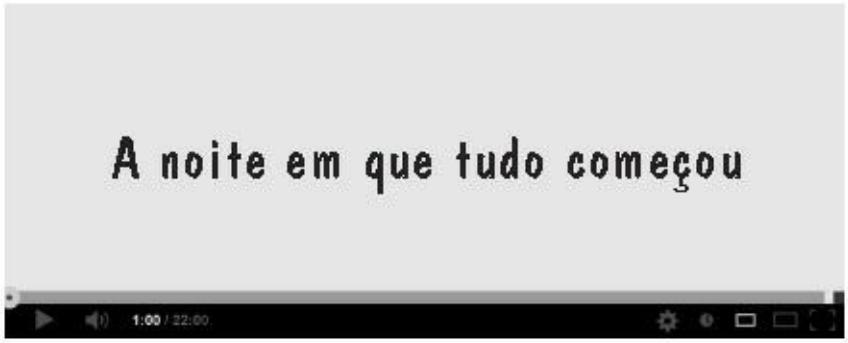
Vou pegar uma água.

Voltei. Agora são 17h18. Você provavelmente leu as três linhas acima em menos de 3 segundos, mas eu gastei quinze minutos para escrevê-las. Acho que

eu deveria ter lido mais introduções de livros, pois não faço a menor ideia do que escrever na minha.

Ah! Tem uma coisa que vale ser dita: este livro não conta a história de um humorista, ele não é engraçado e muito menos tem informações relevantes sobre

algo que mudará sua vida. Não é autoajuda, não é material de escola... Aliás, não é nada. Eu quero ver como as livrarias vão classificá-lo. Provavelmente você comprou na parte de autobiografia (já imaginou se foi na parte de best-seller? Se isso acontecer, eu ficarei profundamente feliz em dividir a prateleira com *Crepúsculo*). Se bem que pra se tornar um best-seller eu provavelmente deveria contar as coisas de um jeito mais romântico. Ok, vamos tentar... Chega de introdução, que isso tá mais chato que anúncio da sessão da tarde. GO GO GO!



Era uma noite sombria, as estrelas escondiam-se por trás das densas

nuvens de inverno no Rio de Janeiro. Os ventos causavam o farfalhar das copas

das árvores que rodeavam a humilde casa de Feli... Ok, não dá, esse lance de escrever romanticamente que nem livro religioso que jura que um homem foi pra

uma cabana e encontrou Jesus não é comigo.

A verdade é a seguinte: muita gente tenta dramatizar as histórias para poder contá-las de um modo interessante, mais ou menos como o Mark Zuckerberg, que

criou o Facebook no seu quarto lá em Harvard e fizeram um filme absolutamente

dramatizado como se tudo tivesse sido uma incrível aventura. Provavelmente ele

tinha acabado de fechar o site de pornografia, lavado as mãos e teve uma ideia interessante pra tentar comer mulher. A história do Não Faz Sentido é assim. Ok,

não é exatamente assim, pois não envolve nem pornografia e nem mulher, mas é

tão simples quanto essa.

Na verdade, para chegarmos à noite em que tudo começou, precisamos voltar

um pouco a fita (fita? Os adolescentes de hoje não devem fazer a menor ideia do

que é uma fita. Enfim, bora dar *rewind* no Blu-Ray).

Eu tinha um blog chamado Controle Remoto. Nele, eu postava textos

pseudointelectuais no ápice de meu “incrível” conhecimento social com ridículos

21 anos. Como todo jovem que curte leitura e descobre algumas coisas antes de

seus amiguinhos, eu achava que era genial, que tinha as respostas pra vida.

Escrevia como se tivesse total noção de tudo do que eu falava, mas sempre ficava

com vergonha dos textos quando os relia uns seis meses depois. Coisa irritante de adolescente, sabe? Acha que entende de tudo e que suas verdades são absolutas.

Se você é adolescente e se encaixa nessa descrição, é bom que já saiba: você ainda vai dar muita risada de si mesmo. Ora, eu ainda vou também;

provavelmente quando eu reler este livro daqui a uns anos vou bater com ele na

cara e dar risada do quão idiota eu era. Mas quer saber a real? ... E daí? Eu jamais teria conseguido nada se não fosse pelo Controle Remoto, pois foi por ele que descobri que era legal estudar a fundo temas interessantes, escrever sobre eles e depois observar os comentários. Meus radicalismos e minha soberba

pseudointelectual me fizeram despertar interesse por assuntos que eu não dominava, e isso, por si só, já é uma boa razão para se ser um adolescente sabichão meio babaca. Por sinal vale ressaltar que ainda sou assim.

O blog ia bem, mais ou menos cinco mil visitas únicas por dia. É incrível o poder da internet. Se você tem algo a dizer, com certeza tem alguém pra escutar.

Ou ler. Menos os cegos. Como os cegos usam a internet? Tenho que pesquisar sobre isso. Ai, cacete, eu já estou fugindo totalmente do que estava falando, coisa que deve acontecer muito por aqui, uma vez que minha capacidade de

concentração é a mesma de um cachorro que você coloca pra ler um livro quando

tem um pedaço de carne do lado (pois é, cachorros não leem livros). Enfim, o blog ia bem, mas a realidade é que nunca consegui ser feliz apenas escrevendo

palavras numa tela para pessoas ficarem se digladiando embaixo, concordando ou

discordando do que estava escrito. Eu sempre fui feliz escrevendo, desde a época

do colégio, onde minha matéria favorita era Redação. Mas só aquilo não me bastava.

Agora uma pausa. Para compreender melhor ainda a razão pela qual eu

comecei o Não Faz Sentido, é preciso voltar ainda mais. Quando escrevia no blog, eu tinha 21 anos, mas agora vamos voltar mais sete anos, para o ano de 2001.

O cenário era o Colégio Metropolitano, no subúrbio do Rio de Janeiro, mais ou menos próximo da minha casa, que ficava numa região bem pobrezinha

chamada Engenho Novo. Pra se ter uma ideia de como eu morava mal, meu ponto de referência era o “Buraco do Padre”. Ninguém pode dizer que mora bem

quando precisa falar pro taxista: “Entra no buraco do padre.” Mas o colégio era

bom, na verdade, o único luxo que eu tinha – meus pais não tinham dinheiro para

eu comprar lanche no recreio, mas o esforço era sobre-humano para que eu pudesse frequentar uma escola de bom nível. Aliás, pai, mãe, eu não estou no Jô

e nem na Xuxa, mas quero aproveitar pra deixar um beijo pra vocês.

Ai, como eu sou fofo.

Ou viado.

Tinha 13 anos na época e, acreditem, já era metido a espertão. Já nessa época

eu sabia que nunca teria condições de fazer um vestibular. A realidade é que as

matérias de exatas (tais quais matemática, física, química, biologia etc.) me causavam mais que repúdio: eu era extremamente alérgico a elas. Nunca consegui

estudar coisas pelas quais eu não cultivava o menor interesse, o que era um verdadeiro terrorismo para um estudante. Lembra que eu falei que este livro não

traria nada de relativamente bom pra mudar a sua vida? Pois é, já começamos por

aqui: eu não era bom aluno e sinceramente não gostava nem um pouco do esqueminha de aula. Meus lances na escola eram somente estes: redação e educação física, dos quais eu só mantive a redação na vida adulta. Esse sedentarismo me consome.

Uma coisa vale ser ressaltada em parêntese no formato de parágrafo aqui.

Quem acompanha o Não Faz Sentido está cansado de saber das minhas críticas

aos adolescentes. Bem, sabe como eu era nesse período? Viciado em *Pokémon* e tinha colecionado o álbum das Chiquititas. Completei, inclusive..... Yuhu.

Chiquititas, ah, sim, essa novela é muito importante ao contar essa história, por isso, se me permitem, vou voltar mais alguns anos, mas prometo que voltarei rapidinho.

Ano de 1997, eu tinha 9 aninhos e assistia à *Chiquititas* como se não houvesse amanhã. As aventuras de Mile, Vivi, Cris, Pata e Mosca eram superinteressantes,

a ponto de eu até ter desejado ter tido a chance de crescer num orfanato. É

impressionante o que essas obras artísticas fazem com as pessoas, né? Até hoje espero minha carta de Hogwarts, que nunca chegou. Mas, enfim, por que eu voltei até os meus 9 anos pra falar sobre *Chiquititas*? Porque foi nesse período que demonstrei provavelmente meu primeiro desejo artístico, quando disse pra minha mãe: “Mamãe” – sim, eu chamava de mamãe, eu tinha 9 anos, caceta! –

“me leva pra fazer teste pra entrar na *Chiquititas*?”. A resposta de Dona Rosa foi:

“Claro, filho, amanhã vemos isso.” Infelizmente na época eu ainda não tinha desenvolvido meu radar para interpretar esse tipo de frase como: “Aham, Cláudia,

agora senta lá" – minha mãe nunca me levou para fazer o teste. Viu, mãe? Eu lembro disso. A questão é que foi com *Chiquititas* que me interessei pela primeira vez em ser ator. Hm... Mas calma, só um parágrafo e já volto.

Ano de 1994, eu com 6 anos, passando o Natal em Maricá com a família do

meu pai. Naquele ano, não sei por que diabos, reuni a família ao redor da piscina e fiz uma performance de Latino ao som de "Oh, Baby, me leva, me leva que eu

te quero, me leva" junto com meus primos; vou colocar os nomes completos deles

aqui para acabar com as suas vidas: Alan Perrone Pereira, Marcel Vidal de Albuquerque e Mariana Nascimento Vieira. Se você conhece um dos três, por favor, dê risada da cara deles. Enfim, fiz a mesma coisa no ano seguinte e só escrevi esse parágrafo pra mostrar como eu era quando criança: retardado e meio

gay.

Voltando para o Colégio Metropolitano (não falei que era rápido?): aos 13

anos, nunca tinha deixado pra lá meu desejo de atuar. Entre meu desempenho supermediano no colégio e meu desinteresse pelo que de fato me cercava, decidi

tentar a sorte no patamar de cima: o teatro. Digo patamar de cima porque o auditório ficava lá no último andar: um teatro superaconchegante com 250

lugares, mas com um defeito inesquecível: era mais quente que o inferno. Pois é,

era mais quente que Bangu.

Mais uma citação sobre minha mãe, que não me levou para o teste de

Chiquititas: foi somente nesse ano que entendi a razão. Quando informei que entraria para o teatro do colégio, ela, misturando minhas apresentações de Latino aos 6 anos e meu interesse em entrar na novela *Chiquititas*, respondeu de bate-pronto: "Ferrou... vai virar viado." Tadinha da mamãe, quem não teria pensado a

mesma coisa? Vale ressaltar uma coisa... Eu sou gay, exceto por um detalhe: só

gosto de mulher. Tirando isso, meu comportamento homossexual vai desde

dançar soltando a franga quanto toca Lady Gaga até correr enlouquecido de baratas voadoras. Enfim, chega de constrangimento e vamos voltar ao teatro do colégio.

A diretora era Salete Bernardi, uma mulher encantadora e por quem logo me

apaixonei, tipo uma mãezona. Lembro-me bem da primeira aula. Fui introduzido

ao grupo, no qual, por mais que tivesse alguns amigos já dos andares inferiores,

sentia-me como um estranho no ninho. Mas alguma coisa me dizia que aquele era

o local onde eu mais me sentiria em casa, muito diferente do colégio em si, ou da minha rua, onde jogava bola descalço no paralelepípedo e que por isso quebrei os

dedos dos pés e arranquei os tampões dos dedões inúmeras vezes. Logo na primeira aula, a turma foi dividida em grupos de quatro (grupos com quatro integrantes; favor, não imaginar todo mundo de quatro numa aula de teatro, as coisas também não são nesse nível, pelo menos não no teatro de colégio). A questão é que o teatro do Colégio Metropolitano tinha uma coisa especial: ele não era como os teatrinhos de colégios tradicionais. Era um grupo mesmo,

pseudoprofissional-amador, quer dizer, a galera se desligava completamente da escola e se preparava o ano inteiro para apresentar a peça no final do ano, com casa absurdamente lotada. Era *hard-core*, dedicação total, e foi exatamente por isso que me apaixonei perdidamente.

Voltando à primeira aula, com os grupos divididos, tínhamos 10 minutos para

elaborar um esquete. Não lembro qual era o tema, mas lembro que fiquei no grupo do ator que era mais experiente por ali. Pedro alguma coisa. Um cara meio

gordinho, muito bom no palco e que eu considerava genial por já ter visto peças

com ele. A ideia do cara? Faríamos um esquete sobre luta livre, onde ele seria o

fortão e eu, o magrelo meio bisonho que fugia dele o tempo inteiro no ringue.

Magrelo? Pois é, meus amigos, hoje em dia eu sou uma pessoa magra, mas naquela época eu tinha o porte do Cazuza mais ou menos na última semana de vida. Enfim, só o que posso dizer é que, mesmo sendo a primeira aula de teatro

que tive na vida, quando subi no palco senti que não queria mais descer. O

esquete começou e eu corri, pulei, berrei enlouquecidamente, tomei soco, caí no

chão, bati com a cabeça, levantei, ralei o joelho e no final a cena ficou uma merda. E daí? Eu estava mais feliz do que já tinha sido. Tinha dado início a minha vida como ator, aos 13 anos, no teatro em que permaneci até os 17, fiz duas peças no papel principal sempre com casa lotada: *Sonho de uma Noite de Verão* e o musical *Grease*, com direito a cantar ao vivo. Ganhei dois prêmios: revelação do ano e melhor ator, que guardo até hoje na prateleira e trato com muito maior importância que os outros. Até hoje sinto vontade de chorar quando

me lembro do cheiro daquele auditório, uma mistura de suor com desodorante barato e a madeira antiga do palco. Bons tempos...

Agora podemos voltar finalmente para o blog. Eu com 20 anos, escrevendo sobre coisas da vida. Lembram que eu falei que não conseguia ser inteiramente feliz apenas escrevendo na internet? Isso era porque algo faltava, algo fundamental. Eu largara o teatro do colégio aos 17 anos, faltando duas semanas

para a estreia de *Dom Quixote*, um musical em que eu fazia o próprio: provavelmente uma das decisões mais estúpidas da minha vida. Fiquei dois anos

sem atuar, graças a um relacionamento cheio de ciúme, e eu, com minha inocência e inexperiência, cedi a caprichos totalmente equivocados. O amor adolescente cega e no meu caso não foi diferente. Foi somente após o término que entrei na CAL (Casa das Artes de Laranjeiras), e onde não consegui ficar muito tempo por conta das péssimas condições financeiras que sempre me

cercaram. Quando cheguei aos 21 anos e estava escrevendo no blog, eu já tinha

interrompido a CAL e estava no pior momento da vida. Para explicar esse momento, preciso contar a história do ano de 2008: o ano das trevas, da escuridão, do desespero, do... Ah, ok, vocês já entenderam.

O ano de 2008 começou como outro ano qualquer. Eu era noivo na época.

Pois é, 20 anos e já era noivo. Cheguei a citar que sou absurdamente impulsivo e

passional? Comigo as coisas são oito ou oitenta, praticamente sem meio-termo, algo que só muita terapia é capaz de ajudar a controlar. Enfim, em março meu relacionamento acabou, após três anos e meio (vale ressaltar que para um garoto

de 20 anos isso é como uma vida inteira). Em julho, decidi que iria morar junto

com meu primo no apartamento que minha avó estava deixando pra trás, pois finalmente havia conseguido comprar a casa própria (sempre que falo “casa própria” me lembro do Silvio Santos, aliás, não consigo falar “casa própria” sem

tentar imitar, pessimamente, a voz do Lombardi). O primo, por sinal, era o Alan,

aquele mesmo que dançava Latino na beira da piscina comigo aos 6 anos. É bom

ressaltar também que nós não mantínhamos qualquer ligação homoafetiva, exceto

a lembrança dessas noites fatídicas de Natal em 97 e 98 (“Me leva, que o futuro

nos espeeera, você é tudo que eu seeeempre quiiis, oh, baby, me leeevaaa”).

Na época meu trabalho ia bem, eu era designer gráfico pra web, profissão que

iniciei aos 15 e até consegui bons faturamentos. Mas as coisas começaram a desandar lá por meados de setembro. Sem ajuda financeira da família, que nunca

teve muitas condições, eu bancava o apartamento com o dinheiro do design, mas

além de ter de pagar todas as despesas de casa, ainda tinha a CAL, que não era

nada barata.

Amigos, morar sozinho pela primeira vez não é fácil. É assustador descobrir que sua roupa não sai milagrosamente do cesto de roupa suja e aparece limpinha,

passada e dobrada na sua gaveta. Lavar cuecas no banho é uma tarefa que nenhum homem consegue suportar por muito tempo. Não foi à toa que chegou

um momento em que eu precisava escolher a cueca de acordo com a que estava menos suja, através do teste da fungada. Nojento? Isso é porque vocês não viram a pia da minha cozinha. Sabe aquelas larvinhas? Quando elas começam a aparecer na louça suja, é sinal de que você tem sérios problemas, meu amigo.

As coisas começaram a desandar em meados de setembro, quando meu trabalho começou a ir por água abaixo. Clientes sumiram, emprego não aparecia, e eu liguei o alerta vermelho. Passei a viver do pé de meia que havia feito, algo em torno de 15 mil reais, mas que começou a se dissipar rapidamente. Até que aconteceu a facada de misericórdia: tomei um golpe de uma quadrilha e perdi tudo. Não vou entrar em detalhes desse golpe porque não consigo contá-lo sem parecer um completo idiota. Eu sou idiota, fiquem só com essa parte.

Agora tentem imaginar: morando sozinho, perdi a mulher, perdi o emprego, não entrava mais grana e perdi todas as minhas economias para um grupo de bandidos. Tive que sair da CAL, largar o teatro novamente, voltar pra casa da minha mãe e recomeçar do zero. Aliás, do zero, não, do -1, porque tive que me endividar pra poder sair do apartamento.

Então era nesse estado em que me encontrava quando comecei este capítulo: escrevendo um blog, que passou a ser minha fonte de renda. Viver de blog, meus amigos, não é fácil. Num mês entrava 200 reais, no outro, 2 mil. E era assim que eu seguia. Com a infelicidade suprema de não estar fazendo nada com relação ao que eu mais amava: o teatro. Não as peças em si, pois nisso nunca tive grande experiência, mas as aulas, o estudo, as encenações...

O tempo foi passando e o blog foi crescendo, atingiu uma média de dez mil visitas únicas por dia, mas não conseguia me satisfazer inteiramente. Eu já estava com 21 anos e longe do objetivo que traçara ainda muito jovem: o de ser "heptabiliardário" antes dos 20. É incrível como a mente adolescente de alguém

que cresce pobre traça sempre objetivos meio inatingíveis. É claro que com o passar do tempo fui percebendo que dinheiro não é tudo (ah, a desculpa de quem

não consegue tê-lo) e passei a definir outras coisas como prioridade. Sabe?

Aquelas coisas de felicidade, amor, família feliz, bolhas de sabão e pasta de amendoim. Eu adoro pasta de amendoim. Se alguém quiser me dar um presente

um dia, é só ir numa importadora e comprar uma daquelas pastas de amendoim americanas, sabe? É uma delícia, você coloca no pão, no biscoito e até faz doce,

tipo esse:

• *200g de margarina culinária*

• *2 gemas*

• *½ xícara (chá) de açúcar*

• *1 pote de pasta de amendoim*

• *1 lata de creme de leite sem soro*

• *amendoim torrado e moído*

• *1 pacote de biscoito de amido de milho*

• *leite para umedecer os biscoitos*

Bata na batedeira a margarina, as gemas, o açúcar e a pasta de amendoim,

até ficar homogêneo. Acrescente o creme de leite e bata somente até misturar.

Em um refratário, faça camadas de biscoitos levemente umedecidos e creme.

Repita as camadas, terminando com creme. Polvilhe amendoim torrado e moído. Leve à geladeira.

Pronto, agora você pode dizer que este livro serviu pra alguma coisa.

Voltando ao blog (calma, já tá acabando, eu também não aguento mais falar

sobre esse bendito blog), eu já estava na casa da mamãe havia três meses e decidi que precisava fazer alguma coisa diferente. E é aí que começa a história do Não

Faz Sentido: a compra da primeira câmera.

O motivo eu acho que nem preciso explicar muito, né? Minha paixão pela vida

artística mais minha paixão pela internet só poderiam resultar em uma coisa: a vontade de misturar arte com internet. E só tinha um único jeito de fazer isso, comprando uma câmera e produzindo vídeos. Eu não fazia a menor ideia do que

iria fazer, afinal, sequer tinha atuado pra uma câmera antes, mas sabia que o primeiro passo era ter uma. Muitas vezes as ideias vêm dos momentos mais comuns do dia a dia, seja um almoço em família ou uma simples madrugada assistindo a seriados. O importante é que uma ideia jamais deve ser adiada.

Quando ela vem, você precisa executá-la, esse é o meu lema. Aliás, foi exatamente assim que comecei este livro. Estava tomando banho agora há pouco,

e pensei: “Tá aí, vou escrever um monte de bobagens e virar escritor.” “Agora há

pouco” é modo de falar, na verdade, eu comecei a escrever naquela hora que falei

na introdução, mas agora já são 21h19. Tive que sair pra jantar, passei nas Americanas e comprei umas coisas aqui pra casa. Mas por que vocês querem saber disso?

Esse lance das ideias é divertido de analisar. O que eu mais vejo são pessoas

com boas ideias na cabeça, mas ninguém faz nada. Preguiça ou medo. Ou os dois. As pessoas são muito medrosas, têm medo do julgamento, da taxação e por

isso ficam paradas. Poucos arriscam. Aliás, se eu vejo uma diferença entre pessoas que realizam coisas e pessoas que só passam pela vida fazendo o básico,

é exatamente essa: a ausência do medo em arriscar e a luta contra a preguiça.

Longe de mim querer dar uma de Augusto Cury, mas se eu tenho um único conselho pra dar é este: levanta essa bunda e vai realizar as ideias que você tem na cabeça, sejam elas quais forem. Agora deixa eu parar de falar isso se não vão

classificar este livro como autoajuda, e eu já me sinto constrangido o suficiente de colocarem em autobiografia.

Onde estávamos?

Ah, sim, a câmera. Decidi comprá-la finalmente após ir pra São Paulo e ver os

amigos Rodrigo Fernandes e Flávio Lamenza, donos dos blogs Jacaré Banguela e

Chongas, respectivamente, com câmeras profissionais e produzindo vídeos.

Aquele foi o estímulo necessário para que eu os copiasse. Cheguei ao Rio de Janeiro e a primeira coisa que fiz foi pesquisar preços de câmeras. Ô DIABO

CARO! Uma câmera decente estava 3 mil reais. Afinal de contas, se tinha uma

coisa que eu tinha estabelecido era que jamais faria vídeos estilo “lesk com tecpix”, sabe a TecPix? Aquela câmera fajuta que vendem na TV, a câmera 5 in

1, ela fotografa, filma, é webcam, faz amor gostoso e dorme abraçadinho. Enfim,

optei por uma Sony que filmava em HD, bem no estilo HandyCam, que você segura de ladinho. A diaba estava 3 mil dinheiros, o que me deixou bastante preocupado. Afinal, vivendo como blogueiro, 3 mil reais era uma fábula, precisaria comprar em 10 vezes sem juros no cartão da patroa da minha mãe, porque ninguém na família tinha limite o suficiente pra isso. Classe média baixa

sofre.

O dia seguinte chegou, meu objetivo de comprar a câmera estabelecido, até que eu abri novamente os sites para uma última pesquisa de preço e dei um salto

na cadeira. A câmera de 3 mil tinha passado pra 1.300 reais. Liguei direto pra loja, o coração na boca, o suor frio, a felicidade estampada. Mentira, eu estava igualzinho, só feliz com o preço. A internet acabou com as reações de felicidade,

hoje em dia ninguém ri de verdade na frente do computador. Você escreve para o amigo “HAHAHAHAHAHAHA” quando na verdade sua expressão é de absoluto tédio. Você ri por dentro, o que não tem graça nenhuma. Enfim, liguei pra loja e o cidadão informou que aquele preço era de uma única peça que estava sobrando na loja do Shopping Leblon. Era a peça de mostruário, aquela que fica todo mundo esfregando a mão, a cara e sabe-se lá mais o quê. Amigo, por 1.300 reais eu não me importaria se a câmera tivesse sido utilizada como vibrador masculino. Chamei minha mãe e meu tio para um passeio, pegamos o carro, entramos no Buraco do Padre e tomamos o caminho do shopping. Menos de uma hora depois, eu já estava comprando a câmera.

Você já jogou *Zelda*? Aquele jogo em que o herói se chama Link e se veste de gnomo. Se você já jogou, sabe o que ele faz quando obtém um item novo saído daquele baú mequetrefe. Ele pega o item, vira de frente pra câmera e o levanta com as duas mãos, exalando felicidade, com uma música de conquista e uma luz especial. Foi o que eu fiz ao comprar a câmera. Só não tinha música e nem luz especial, apenas o vendedor dizendo: “Você gostaria de obter a garantia estendida?” – NÃO!!!

Essa foi a saga da compra da câmera que viria a ser um dos objetos mais importantes da minha vida. Eu conseguira completar o primeiro objetivo: ter o objeto para realizar minhas ideias, a ausência do medo. Agora faltava o segundo: vencer a preguiça.

A vida na casa da minha mãe já estava insuportavelmente chata. Nada contra a querida Dona Rosa, que eu amo tanto, mas porque é muito difícil você morar sozinho e em seguida ter que retornar. Tem que passar papel higiênico no tampo do vaso, não pode fazer cocô de porta aberta e muito menos dormir pelado.

Sentia falta das cuecas fedidas e da sensação de liberdade. A câmera foi para o fundo do armário, onde permaneceu, parada. Eu pensava, pensava, pensava, mas

nenhuma ideia parecia boa o suficiente para se fazer um vídeo. Pensei em fazer

u m *talk show* estilo Jô Soares, mas quem eu iria entrevistar? O padeiro? Uma mulher de rua? Além disso, meu sonho nunca foi ser apresentador, mas, sim, ator.

O problema era que a internet tinha pouco espaço para atores. O único que havia

feito algum sucesso era um rapaz chamado Guilherme Zaiden, que eu até já tinha

conhecido pessoalmente e perguntado se topava fazer um vídeo comigo, e ele disse que não. Simples assim. Aliás, foi divertido ver que recentemente ele tuitou isto: “ahahah posso contar uma coisa engraçada? uma vez no rio conheci o felipe

neto. na epoca eu tava mto famoso e ele queria fazer videos comigo. obviamente

eu ri da cara dele e virei as costas #quemdiria.” Outra dica que eu dou: não importa o quão famoso você seja, nunca recuse oportunidades sem ao menos dar

uma olhada no potencial delas. Lembre-se sempre dos atores lá nos Estados Unidos, onde até mesmo os mais famosos mundialmente topam fazer curtas-metragens experimentais ou vídeos pra internet. (Isso não significa que você deve me mandar um e-mail pedindo pra fazer vídeo comigo; antes pense num projeto.)

Nessa brincadeira de procrastinar a criação do meu primeiro vídeo passaram-se

uns seis meses. A câmera já tinha mais pó que camarim de banda de axé. E foi aí

que começou a história do outro elemento principal do Não Faz Sentido: os óculos escuros. Eu nunca contei essa história pra ninguém, acho que talvez por ser simplesmente boba e descartável, mas, como o lema deste livro é justamente

ser bobo e descartável, por que não contar como eu consegui aqueles óculos mequetrefes de surfistinha com os quais comecei a série?

Dia 30 de setembro de 2009, 43 blogueiros foram selecionados para participar de uma mega ação publicitária para promover a cidade de Porto de Galinhas. O evento “Porto Cai na Rede”, organizado pelo publicitário Eden Wiedemann. Este que vos escreve estava na lista dos blogueiros escolhidos, e lá fui eu para cinco dias com tudo pago num mega resort nessa cidade que é um verdadeiro paraíso na Terra. Altas aventuras e muita azaração (nessa nova temporada de *Malhação*).

Foram cinco dias maravilhosos, mas foi no terceiro que o destino colocou no meu caminho o objeto que faltava para o Não Faz Sentido, muito embora eu não tivesse a menor ideia disso na época.

Estava andando na praia junto com uma penca de blogueiros, todos pálidos como papel, barrigudos e com cara de nerd. Em mim só faltava a barriga, mas sobravam ossos. Não lembro exatamente qual foi a praia fatídica, mas lembro que num determinado momento paramos para beber alguma coisa. Nunca fui muito de praia, quem me vê sem camisa pode atestar isso, além das costelas, são visíveis também todas as veias do meu corpo, praticamente uma aula de anatomia arterial com modelo vivo. Mas foi justamente lá que isso aconteceu. Após pedir uma água de coco, meu chinelo soltou (benditas Havaianas, superconfortáveis, mas produzidas com prazo de validade. Depois de um ano, aquela paradinha sempre solta e você precisa comprar outra). Abaixei para enfiar o breguelete de volta no buraco e percebi que tinha um pedacinho de madeira cravado na areia. Resolvi puxar pra poder jogar longe, afinal uma das diversões da praia é justamente arremessar coisas pra longe (ou só eu sou retardado?). O fato é que, ao puxar, descobri que não era um pedacinho de madeira, mas uma haste de óculos, que, em seguida, veio parar em minhas mãos.

Sabe-se lá há quanto tempo aqueles óculos estavam enterrados ali, esperando

que a pessoa certa o encontrasse. Provavelmente era como a espada de Excalibur e só poderia ser extraído por um jovem rapaz de espírito puro e coração valente. Ou não, porque eu nunca fui nenhuma das duas coisas. Só sei que me senti mais ou menos como o Gollum ao achar o Um Anel. Os óculos eram horríveis, estilo playboy baladeiro, surfistinha da Zona Sul, mas eu achei o máximo! Uma descoberta fascinante.

Voltei de Porto de Galinhas com duas coisas: uma insolação e um novo par de óculos, que em pouco tempo transformou-se em mais um objeto de acumular poeira, ao lado da câmera. Mas eles já estavam ali, eu só não fazia ideia de que um dia iriam se unir num Megazord que chegaria a ter mais de cem milhões de visualizações.

Voltei aos meus afazeres cotidianos: escrever no blog, ganhar mal e viver com a mamãe, vovó e irmão. Sempre pensando no que poderia fazer em matéria de vídeo para postar na web. Um show de humor? Bem, eu já havia estabelecido que teria de ser engraçado, afinal de contas praticamente nada na internet dava certo a menos que fosse de humor. Quem entra na web afim de ver um vídeo de um cara interpretando um texto de Shakespeare? Só cinco coisas funcionam (ou funcionavam) na internet: humor, pessoas se machucando, mongoloides pagando mico, pessoas muito talentosas e bonitas cantando ou mulher gostosa. O problema? Eu não era engraçado, não estava afim de me machucar, não era mongoloide a ponto de fazer um vídeo tipo o cara sarado de Curitiba, não sabia cantar tão bem e... Bem... Até passava por mulher gostosa, mas só pra quem curte moleques magrelos de sutiã.

A conclusão foi adiar ainda mais. Nenhuma ideia suficientemente boa vinha à

mente. Ia dormir todos os dias pensando no que poderia gravar no dia seguinte,

mas o dia seguinte chegava e eu pensava que antes de dormir teria uma ideia suficientemente boa para o próximo dia. Seguindo o lema do Homer Simpson: estava deixando para amanhã o que eu poderia fazer amanhã.

Nesse tempo eu cultivava um vício muito particular: ir dormir somente ao amanhecer. Trabalhava como designer gráfico em projetos meus, escrevia no blog e esperava dar meia-noite. Nessa hora, eu pegava coisas pra comer e sentava

em frente ao computador para assistir a seriados. Ficava até 5h, 6h da manhã assistindo às mais diversas séries e filmes. Fiz isso durante pelo menos cinco anos da minha vida. Muitos podem dizer: “Que enormessíssima perda de tempo”, mas

eu digo que não. Quando você vive de produzir conteúdo, seja esse conteúdo escrito, narrado ou interpretado, existe uma coisa fundamental: referência. Foi justamente por todas essas horas de dedicação audiovisual que eu criei referências o suficiente para poder criar coisas nas mais diversas áreas. Fosse drama, humor, terror ou pornografia (óbvio).

E foi numa dessas noites em que tudo começou. Pois é, finalmente chegamos

ao título deste capítulo. Não sei exatamente quanto tempo se passou desde a compra da câmera, muito menos o dia exato, mas sei que foi nesse dia em que falei, com o perdão da palavra: “F*da-se! Deixa eu pegar essa câmera e filmar QUALQUER BESTEIRA!”

Eu já tinha completado 22 anos, já estávamos em 2010, acredito que mais de

um ano após a chegada da câmera e pelo menos seis meses dos óculos. Só sei que

provavelmente essa foi a melhor decisão que tomei na vida: ligar a câmera sem ter a menor ideia do que iria fazer. Havia passado dois anos na casa da minha mãe

sem fazer rigorosamente nada, justamente por medo. Medo do que as pessoas achariam se eu fizesse um vídeo ruim, medo da rejeição, de queimar a única boa

possibilidade de dar certo, medo do julgamento, justamente indo de encontro ao

lema que sempre tive na vida: arriscar. Mas naquela noite eu percebi: danem-se os outros. Já não mais me importava de queimar meu filme com quem fosse, não me

importava de fazer besteira, de falar merda, de fazer o pior vídeo da história da internet. Já estava no fundo do poço em questão de motivação na vida. Dois anos

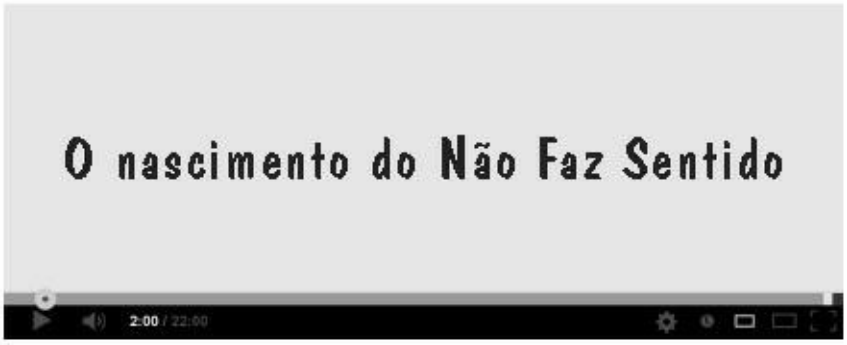
sem atuar, dois anos sem fazer nada ligado ao que eu mais amava fazer.

Peguei a câmera do armário, passei um pano para remover meses e meses de

poeira acumulada, peguei uns vinte livros, coloquei-os um em cima do outro e a

posicionei acima da minha mesa. Coloquei a câmera em cima dos livros e sentei

na cadeira. Tudo isso porque não tinha tripé, não sabia o que iria fazer, só sabia que precisava urgentemente ligar aquele botão REC e falar alguma coisa.



Poucas palavras na língua portuguesa podem definir como ficou

meu primeiro vídeo. Sabe quando está passando um caminhão de lixo e você fica

olhando ele prensar aqueles sacos cheios de dejetos? Sai aquela aguinha fedida e

nojenta. O nome daquilo é chorume, e acho que é a única palavra capaz de exemplificar a qualidade do vídeo. Ficou uma bosta! Eu fiquei totalmente falso,

charlatão, falando sobre coisas idiotas como peido de mulher, menstruação e problemas num relacionamento longo. Vi aquela porcaria pelo menos dez vezes

depois de pronta, pensando no que fazer. E foi aí que tomei a segunda decisão mais acertada da minha vida: mesmo estando horrível, postei no YouTube. Como

possuía uns 3 mil seguidores no Twitter graças ao blog, o vídeo teve mais ou menos umas trezentas visualizações.

Meu amigo, o vídeo estava tão ruim que até minha família falava comigo meio

com pena. Vou dizer mais ou menos como eram os comentários:

“Que bosta, sai daí seu palhaço.”

“Devolve meus 4 minutos, seu cabaço!”

“Affff que lixo tentando imitar o pc siqueira.”

“Mano, se mata.”

Só que aí entra a questão principal nessa brincadeira toda. Eu tinha dois caminhos ao ver meu vídeo sendo execrado pela opinião absoluta da maioria: tirá-

lo do ar e me fechar num poço de vergonha, ou cagar pra todos eles e fazer outro

vídeo. E foi o que eu fiz, naquela mesma noite. Liguei a câmera de novo e fiz um

vídeo nos mesmos moldes, falando mais um monte de baboseiras.

Depois de pronto (outra bosta, por sinal), publiquei novamente e dei um nome

para o “programa”. Chamava-se “Fala a Verdade”. Lembra como eu achava que

era o dono da verdade? Acho que esse título reflete bem o que sempre senti, uma

arrogância inconsciente. Pobre rapazinho burro.

Novamente, o vídeo foi destruído pela opinião pública, com a ressalva de que

dessa vez o blog Xpock, do amigo Daniel Soares, que posta vídeos interessantes

da web, colocou o meu na lista de postagens. Aí que danou-se. Lembro de o vídeo ter mais ou menos “30 gostei” para “450 não gostei”. Era uma chuva de xingamentos, ofensas e comparações com o PC Siqueira, o primeiro vlogger brasileiro a fazer sucesso. A cada 3 comentários, 2 eram dizendo que eu queria copiar o PC.

O que eu fiz? Outro vídeo. O terceiro da finada série Fala a Verdade.

No terceiro experimento eu já estava acostumado com as ofensas. Para ser sincero, passei até a curti-las, era divertido ver como as pessoas ficavam absolutamente revoltadas quando viam um vídeo que não as agradava. Muito diferente de mim, que quando não gosto de algo simplesmente fecho o vídeo e não vejo mais, as pessoas comentavam, passavam para as outras dizendo “Cara,

olha essa merda!” e continuavam comentando, como se o propósito de suas vidas

fosse deixar claro para o autor do vídeo que ele era uma bosta. Eu ficava triste, é claro, mas dava risadas... E a cada xingamento parecia que sentia uma motivação

ainda maior de aprimorar, melhorar e fazer um vídeo que conseguisse ter pelo menos 30% de aprovação.

Foi aí que aconteceu a segunda noite fatídica da minha vida. Percebi que aquele formato não daria certo. A qualidade dos vídeos era baixa, não tinha iluminação, era um quarto escuro com uma lâmpada acesa no meu rosto e eu só

falava coisas desinteressantes. O problema é que eu não era vesgo e esquisito, o

que fazia com que, além de tudo, ninguém realmente desse bola para o que eu tinha a dizer. Então tomei minha primeira decisão técnica: comprar luzes para deixar com mais qualidade.

Eu era pobre, logicamente não existia a possibilidade de investir milhares de reais num kit de iluminação profissional. Em vez disso, fui ao supermercado e comprei duas luminárias fajutas daquelas de 19,90 reais. Dois amigos virtuais foram fundamentais em todo esse processo: Rogério Lima, dono do blog

Bobolhando, e Rodolfo Castrezana, dono do blog Omedi. Foi conversando com eles que entendi como poderia melhorar os vídeos. Aprendi também que nunca se deve jogar a luz diretamente no seu rosto, mas, sim, colocar um papel na frente dela, espalhando-a com mais qualidade e evitando as sombras. Tecnicamente, o nome disso é “difusor”. Pesquisei na internet como fazer um difusor caseiro, mas nenhum agradou, dava muito trabalho. Conclusão? Passei Durex ao redor da luminária, peguei palitos de dente, grudei uns nos outros e espetei o papel nos palitos para ficarem na frente da lâmpada. Profissionalismo dez! Se querem saber, até hoje eu ainda utilizo as mesmas luminárias e os mesmos palitos de dente.

A luz estava pronta e eu queria testar meu incrível kit. Posicionei-as para se encaixarem na mesa e comecei a fazer idiotices. Eu só queria testar a luz, por isso fiz coisas absolutamente embaraçosas, como cantar “Ave Maria” em ritmo de ópera e tentar fazer o Super-homem utilizando minha cadeira, o que resultou numa queda espetacular, tudo filmado.

O resultado ficou de uma tosqueira impressionante. O que eu fiz? Publiquei na internet. Dane-se! Eu já havia falado bobagens o suficiente, não poderia ficar pior do que já estava. E, se fosse para as pessoas me xingarem, pelo menos que fosse por um motivo justo: eu estava sendo idiota e tosco, mesmo que de propósito, sem a intenção de lançar na web.

O problema é que o nome Fala a Verdade já não me agradava mais. Eu percebi que estava arrogante e, além do mais, como poderia lançar um vídeo tosco fazendo babaquice e chamar de “Fala a Verdade”?

Comecei a pensar em um novo nome para o programinha. O que poderia ser despretensioso e ao mesmo tempo com dupla interpretação? Fucei no fundo da minha mente, conversei com pessoas, mas nenhuma ideia vinha, até que tive a

brilhante ideia de rever os vídeos que havia publicado.

Descobri, revendo os vídeos, que eu utilizava muito a frase “Isso não faz sentido”. Era quase um jargão. Quando falava sobre alguma coisa que não dava

pra entender, estava lá a frase “Isso não faz sentido”. Ora! Tá aí! “Não Faz Sentido” pode ser interpretado de duas formas: minha tosqueira e minhas verdades podem não fazer sentido, ou as coisas sobre as quais eu falar podem também não fazer sentido. O nome estava claro como água, eu mesmo havia criado sem querer. Nascia, naquele momento, o Não Faz Sentido, com o primeiro

vídeo intitulado: “Não Faz Sentido – Idiotices. NÃO VEJA ISSO!”

As coisas começaram a mudar. Antes eu só recebia xingamentos, mas agora as

pessoas estavam dando risada da minha cara. Pela primeira vez um vídeo teve mais “gostei” do que “não gostei”, o que foi um gás para que eu continuasse. O

vídeo atingiu mais ou menos mil visualizações, o que era outro estímulo: MEU

DEUS! MIL PESSOAS!!! ISSO É MUITA GENTE! Passei o dia seguinte

inteiro saboreando aquele doce de uma pequena vitória.

O problema era: o que fazer agora? O único vídeo que as pessoas tinham gostado era aquele em que eu me machucava, fazia coisas idiotas e não falava nada coerente. Não tinha como gravar outro vídeo idiota, as pessoas perceberiam

que eu estava apenas utilizando uma fórmula babaca para tentar ganhar

visualizações. Precisava criar algum conteúdo interessante e ao mesmo tempo engraçadinho... E a resposta veio no dia seguinte.

Decidi que precisava de um cenário, algo para compor minha parede ao fundo

e fazer com que as pessoas percebessem que se tratava de um programinha da web. A solução veio na hora! Eu era colecionador de pôsteres de cinema! Tinha

pelo menos uns oitenta, desde *Power Rangers* até *O senhor dos anéis*. Eu iria

preencher minha parede com diversos pôsteres e estaria feito meu cenário.

O problema: onde eles estavam?

– Mãe, cadê meus pôsteres?

– Sei lá, Felipe, procura no sótão.

Eu me meti em todos os buracos da casa em busca da saca de pôsteres.

Procurei no terraço, no sótão, no porão, na casa do meu tio, na cisterna, na casa da vizinha, na floresta da casa da vizinha e até dentro da geladeira. Não sei por quê, mas sempre que perco alguma coisa, preciso verificar se está dentro da geladeira. Juro por tudo que é mais sagrado que uma vez, procurando meu irmão,

eu abri a dita cuja.

Nada adiantou, meus pôsteres haviam sumido. O problema é que lá na casa da

Dona Rosa isso sempre foi um costume. Ela não sabe, mas minha mãe sofre de

uma doença séria chamada Esquisitice de Limpeza. Se ela vê um grão de pó no

canto da cozinha, vai com o dedo limpar. Se ela vê um celular em cima da mesa,

tira e esconde atrás do liquidificador. Se ela vê um livro ao lado da privada, esconde debaixo da pia do banheiro. Nada pode estar fora do lugar e muito menos visível, por isso eu não me surpreenderia se encontrasse os pôsteres escondidos no bueiro da rua. E é claro que, como sempre, ela não fazia a menor

ideia do que tinha feito com a coisa perdida, no caso, os pôsteres.

Eu precisava gravar algo naquela noite. Àquela altura do campeonato, já estava entusiasmado demais com a ideia de produzir vídeos para simplesmente deixar pra lá e adiar para o dia seguinte. Ligar a câmera e desatar a falar bobagens tinha virado uma droga, eu estava viciado.

Continuei pensando no que poderia ter acontecido com os meus pôsteres. Ora,

tinha certeza absoluta de que os tinha deixado na cozinha desativada abaixo da

casa! Certeza absoluta! E lá minha mãe nunca iria remover as coisas do lugar, porque já era uma zona por si só. Pelo contrário, ela até evitava lembrar que aquele cômodo trancado existia.

Foi então que percebi o que havia acontecido. A casa do meu tio, que ficava

nos fundos, estava passando por reformas e os pedreiros estavam utilizando a cozinha velha como quartel-general (ok, eu não sei que nomenclatura dar para o

lugar onde os pedreiros montam sua base, então, é quartel-general e cala a boca).

Neste caso, só poderia ter acontecido uma coisa: o cara achou que aquela cambada de pôster velho estava jogada num canto e decidiu levar pra casa. Ou,

meus rins doeram de pensar, poderia ter jogado fora.

Numa suposição marota e por conta de uma coisa totalmente idiota quanto meus pôsteres terem sido roubados, decidi que faria o vídeo daquela noite falando exatamente sobre isso. Minha vontade de gravar algo era tão gritante e eu comecei a me preencher de uma certeza tão forte de que aquilo daria certo, que

até mesmo esse assunto totalmente bobo virou tema pra vídeo.

Esperei ficar de madrugada, afinal eu só gostava de gravar as coisas de madrugada, pois era o momento de absoluto silêncio, sem telefone tocando ou pessoas me chamando. Enfim, sem ninguém pra encher o saco. As madrugadas

sempre me encantaram. Nunca fui de ser o cara da praia que tem vários amigos e

sai toda hora pra socializar. Por mais que tenha curtido bastante a adolescência, depois de mais velho acabei ficando... bem... velho. Pra mim há muito mais prazer em ficar em casa de madrugada vendo um filme do que ir pra balada encher a cara com os “brother”. Eu acho que, se eu fosse um personagem, provavelmente seria o vilão que vive isolado em seu castelo cheio de masmorras e

coisas sombrias.

Enfim, a madrugada veio e a gravação começou. Dessa vez, pontuei algumas

coisas que iria dizer, criando uma espécie de pré-roteiro. Aliás, dando o merecido crédito, a frase “Se você rouba pôster, enfia um Toblerone no seu rabo” veio do

Alan, o mesmo primo do Latino na piscina. Acabou sendo a frase mais

comentada do vídeo. Até hoje algumas pessoas, quando me encontram, falam

“Ow, enfia um Toblerone no rabo, hahaha”. Valeu, Alan.

Quando o vídeo foi ao ar, pensei que havia finalmente feito um vídeo de qualidade, no qual eu falava, de certa forma interpretava, e o conteúdo tinha ficado minimamente interessante. Mal sabia eu, naquela altura, que ele também tinha ficado uma bela porcaria. Ao revê-lo, hoje, sinto uma vergonha

impressionante, mas por incrível que pareça funcionou. A maioria curtiu, as pessoas pegaram algumas frases e ficaram repetindo, o que era muito interessante

de analisar.

Algumas coisas são importantes de ressaltar sobre esse vídeo. Acredito que tenha sido um verdadeiro divisor de águas para que o Não Faz Sentido se tornasse o que se tornou. Primeiramente, percebi que o vídeo funcionava muito mais quando eu escrevia o que ia dizer, em vez de simplesmente ligar a câmera e

sair falando qualquer coisa. A improvisação não era o que eu gostava; sempre gostei mais de trabalhar com roteiro, pois me possibilitava uma maior criação na

parte da interpretação. Logo, um ponto a favor: aprendi que deveria escrever os

vídeos antes de fazê-los.

O segundo ponto fundamental desse vídeo, e acredito que o mais importante,

foi o fato de que gravei fingindo que estava puto. O resultado foi imediato. As pessoas curtiram me ver revoltado. Não me pergunte a razão disso, só sei que, pelo visto, o público brasileiro adora ver alguém dando chilique. Outro ponto positivo: havia encontrado uma fórmula de interpretação.

O vídeo atingiu as mesmas mil visualizações do anterior, principalmente

impulsionado pelo fato de que as pessoas tinham curtido aquele vídeo tosco em

que eu fazia um monte de idiotices. Quando percebi, o das idiotices já estava em

4 mil visualizações. Foi aí que notei outro fator muito importante: um vídeo impulsionava o outro. Eu só precisava falar, ao final de cada vídeo, para as pessoas assistirem ao anterior e se inscreverem no canal. Foi quando nasceu a frase que repito em absolutamente todos os vídeos: “Se você gostou, clique em gostei aqui embaixo e inscreva-se no canal aqui em cima. E assista ao meu último

vídeo” – dando o link para a pessoa ir diretamente para a última produção. As coisas estavam começando a se encaixar, eu estava descobrindo na prática como

fazer para que o canal ficasse interessante.

Por que estou descrevendo esses passos monótonos da criação do Não Faz Sentido? Para que uma coisa fique clara. As coisas só deram certo porque insisti.

Eu poderia ter desistido no primeiro vídeo, quando todo mundo me xingava incessantemente. Mas eu insisti. A desistência muitas vezes parece o caminho mais seguro, mas o que eu iria fazer? Voltar a escrever no blog que não me dava

tanta satisfação? Não, preferia continuar sendo xingado, mas ir tentando até acertar. Eu sabia, de certa forma, que iria aprender a fazer, pois é assim em qualquer coisa que façamos na vida. As grandes carreiras sempre começam com

muita coisa malfeita. O que diferencia aqueles que conseguem daqueles que não

conseguem é fundamentalmente a persistência. Poderia citar aqui vários exemplos

de grandes artistas que tinham desempenhos péssimos quando começaram. Quem

aí se lembra do Cauã Reymond em *Malhação*, fazendo o inesquecível Maumau?

Na época, o que se ouvia das pessoas era só: “Que que esse cara tá fazendo?”;

“Quem é esse ator? Que coisa horrível.” Ninguém apostava no cara. E hoje ele é

um dos atores de maior sucesso no Brasil. Ele insistiu, persistiu, estudou, aprendeu e hoje é aclamado pela massa brasileira.

Longe de mim querer me comparar com qualquer pessoa, pois afinal, mesmo

nesse momento em que escrevo o livro, sou apenas um moleque com muita vontade de aprender. Estou começando, estudando e suando muito, me

dedicando até mais do que deveria, o que resulta em muito estresse, mas não desisto, assim como não desisti após ver meu trabalho sendo rechaçado pela maioria.

Bem, seguindo a cronologia, o vídeo “Não Faz Sentido! – MEUS

PÔSTERES” estava sendo um “sucesso”. No dia seguinte, acordei e vi 2 mil visualizações. Para mim, aquilo era um maracanã lotado. Eu não fazia os vídeos

pensando nas visualizações em si, mas me dava muita motivação ver que eles estavam tendo repercussão. Logicamente, ainda tinha muita gente que odiava. Por

mais que a maioria curtisse, ainda tinha uma quantidade de gente significativa que comentava me xingando, dizendo que era uma porcaria e que eu deveria desistir

do YouTube. Minha resposta às críticas sempre foi e sempre será esta: me dedicar

ainda mais para melhorar.

Acordei pensando em como seria meu próximo vídeo, pois já queria gravar outro. A coisa mais importante para mim não era fazer vídeos sensacionais, mas

fazer um atrás do outro, pois sabia que a cada produção aprendia muita coisa, o

que melhorava o seguinte. Mais ou menos como num jogo de RPG, eu queria jogar o tempo inteiro para poder subir de level.

Dessa vez decidi que precisava fazer algo diferente. Primeiro de tudo,

precisava montar um cenário. Além disso, precisava de um tripé. E, por último, de camisas novas, porque meu guarda-roupa estava uma catástrofe. Por isso, peguei minha câmera e fui ao Norte Shopping, absolutamente entusiasmado com

a ideia de investir no Não Faz Sentido.

Comprei o tripé, em seguida fui na C&A e comprei diversas camisas. Na hora,

me veio a ideia: por que não me filmar no provador enquanto experimento as roupas? Parece uma ideia idiota, não? Mas, afinal, eu já tinha feito um vídeo de

babaquices e outro falando sobre meus pôsteres terem sido roubados, que diferença iria fazer?

É claro que, como toda ideia minha, tinha que ter um quê de estupidez. Por isso, peguei as diversas camisas que tinha gostado e selecionei também uma blusinha feminina toda decotada. Eu não pretendia comprá-la, mas iria levar para

o provador e me filmar com ela no corpo. No final acabei comprando, porque ficou um arrasôôô! Ok, mentira.

A única parte constrangedora nisso tudo foi que esqueci que, antes de entrar no

provador, a funcionária da loja precisa olhar as peças que você está levando e te dar uma plaquinha com o número de peças. Ao ver a blusinha feminina, olhou pra mim com uma cara suspeitíssima, e eu conseguia ler em sua pupila:

“Hmmmmmm... viado.” Expliquei detalhadamente a razão daquilo tudo e ela me

deixou entrar, nitidamente não tendo acreditado e provavelmente pensando que eu precisava da blusinha para fazer uma performance de Drag Queen. Ai ai, coitadas das pessoas que quisessem assistir a isso, com meu porte de grilo africano e minha bunda que mais parece duas uvas passas. Acho que eu seria vaiado. Mas, enfim, isso é uma história pra outra hora.

Fiz a gravação dentro do provador e, naquela hora, decidi que meu próximo vídeo falaria exatamente sobre shoppings, pois era um tema com bastante coisa pra se dizer. Principalmente sobre coisas que me incomodavam, pois eu já tinha

percebido que esse era o formato que agradava.

Ao sair da C&A, faltava apenas uma coisa, que eu ainda não sabia que seria

provavelmente a mais importante de todas: o cenário. Àquela altura, não fazia ideia do que comprar, por isso optei pelo caminho mais simples: comprar um monte de coisas que não faziam sentido, para combinar com o nome do

programa. Como muita gente me pergunta até hoje onde consegui aqueles itens da parede, vou contar rapidinho.

Fui na Saraiva Mega Store, a livraria que vende DVDs, CDs, eletrônicos, comida, cigarro e só não vende pessoas porque eu acho que é proibido.

Passeando por lá, encontrei uma pequena caixa repleta de pequenos pôsteres relacionados a programas de TV e cinema. Comprei dois: um de *Friends*, por ser provavelmente o que eu mais gosto na TV e já ter assistido a todas as temporadas

dez vezes, e outro do Johnny Depp, simplesmente por ser o meu maior ídolo no

ramo da interpretação, junto com a Meryl Streep. Aliás, se tivesse um da Meryl, o cenário do Não Faz Sentido contaria com a presença dela também. O tiro foi certeiro, até hoje tem gente que diz que só assiste ao Não Faz Sentido pra ficar olhando o Johnny, o que pra mim faz muito sentido.

Saindo de lá, fui na Tok&Stok e simplesmente saí comprando tudo o que eu via pela frente pra se colar na parede. Adesivos com a frase: “Cuidado, homem

na cozinha”, “E no fim tudo acaba em pizza”, “Só sei fritar” (o que eu juro que

não é uma alusão a LSD, pois sou totalmente contra drogas), um balão que dava

para escrever dentro com giz (que decidi que seria o destaque do cenário, onde eu escreveria sempre uma frase aleatória) e mais outros recortes aleatórios.

Cheguei em casa, colei tudo de forma desordenada, em sincronia com meu relógio que dança, posicionei a câmera no tripé e já gravei outro vídeo, dessa vez falando sobre shoppings.

Não perguntem por quê, mas fiz o vídeo inteiro com sotaque de paulista, puxando o “s”. Meu irmão, quando viu, ficou o dia inteiro falando que tinha ficado uma bosta por conta disso. É uma rixa totalmente idiota, essa de paulistas com cariocas e vice-versa. Os paulistas têm dificuldade de gostar de coisas feitas com sotaque carioca, enquanto os cariocas têm a mesma implicância com

paulistas. As bandas, como por exemplo o CPM 22 e o NX Zero, nunca

conseguiram atingir tanto os cariocas. Já a banda dos meus amigos de infância, R.

Sigma, ao ganharem um concurso nacional, ouviram do Rick Bonadio, o maior

produtor musical do Brasil, que eles precisavam cantar sem sotaque carioca.

Quanta babaquice, convenhamos. Até hoje, de vez em quando, ainda recebo comentários do tipo: “Não consigo gostar do Felipe Neto por causa daquele sotaque nojento de carioca dele.” Patético, pois é.

O vídeo “Não Faz Sentido! – Shoppings” acabou sendo outro marco na

história do canal. Obviamente vocês já devem ter percebido que muitas coisas foram “marcos” (por sinal, por que “marco” e não “rogério”?), mas acredito que o

início de qualquer projeto deve ser exatamente dessa forma: preenchido por marcos (rogérios), pois mostra o desenvolvimento através da tentativa. Você insiste, persiste, muda aqui, muda ali e vai encontrando o formato ideal para chegar mais perto do que você imaginava que seria.

A questão que marcou de vez o vídeo sobre shoppings foi que, antes de começar a gravar, passei alguns minutos pensando num fator fundamental: o que

poderia colocar de acessório para diferenciar o que eu fazia no YouTube do que

eu era na vida real? E foi nesse momento que desenterrei outro item essencial: OS

ÓCULOS! Estavam lá, jogados na prateleira, com meses de poeira acumulada, aguardando o momento triunfal em que seriam utilizados, ficando famosos para

milhões de pessoas. É bacana imaginar o trajeto que esses óculos percorreram.

Afinal, pensem: encontrei-os em Porto de Galinhas, enterrados na areia, num local frequentado por praticamente turistas. Baseado nisso, os óculos podem ter nascido no exterior, vieram para o Brasil, foram para uma loja em São Paulo (vamos dizer), depois vendidos para um futuro turista paulistano, viajaram até Porto de Galinhas, no nordeste brasileiro, foram encontrados por um carioca magrelo, parando no Rio de Janeiro e de repente estavam no YouTube. Na boa?

Eu deveria ter escrito um livro sobre esses óculos, não sobre mim. Seria muito mais interessante.

Muita gente me pergunta a razão pela qual resolvi utilizar óculos escuros nas

gravações se eu estava dentro de casa. Agora vocês já sabem que não só era dentro de casa como também de madrugada. Num quarto micro de cinco metros

quadrados e de portas e janelas fechadas (na verdade só a porta, porque não cabiam janelas). Ou seja, qualquer um que entrasse no meu quarto e me visse naquele momento constrangedor, falando para uma câmera, sozinho, de óculos escuros e cabelo pra cima, pensaria que eu tinha problemas mentais. De fato tenho, mas não quando se trata disso.

A utilização dos óculos foi por uma razão muito simples: eu queria deixar claro

que aquilo não era simplesmente um carinha qualquer falando alguma coisa.

Imaginei que, ao verem o cenário e os óculos, as pessoas chegariam à conclusão

óbvia de que se tratava de um trabalho pensado, roteirizado e planejado. Doce ilusão, não adiantou rigorosamente nada e a esmagadora maioria pensou que eu

era exatamente daquele jeito na vida real, mas essa história da reação do público à minha personalidade fica para outro capítulo.

Bom, vamos fazer uma recapitulação básica?

A essa altura do campeonato eu possuía seis vídeos: três da série Fala a Verdade, que todo mundo odiava, e mais três do Não Faz Sentido, sendo o primeiro aquele em que eu só fazia babaquices, o segundo reclamando que haviam roubado meus

pôsteres e o terceiro reclamando sobre coisas relacionadas

a shoppings.

Eu já havia definido o cenário, o formato rebelde com críticas e palavrões, o figurino com os óculos escuros. Enfim, a única coisa que faltava era conseguir acertar o tom. Até o vídeo dos shoppings, eu falava de um jeito muito menino, com sotaque de paulista, meio querendo não parecer antipático. Justamente por isso, considero que os vídeos citados são uma verdadeira porcaria, mas não tanto

quanto a série Fala a Verdade. Aliás, essa era tão ruim que, quando publiquei o

vídeo do shopping, deletei todos do Fala a Verdade. Hoje em dia, se você entrar

no meu canal do YouTube (www.youtube.com/felipeneto), descobrirá que

apenas deixei um único vídeo em homenagem póstuma ao Fala a Verdade, um microvídeo de dois segundos em que dou uma risada totalmente anormal. Um pedacinho do Fala a Verdade que decidi manter para poder lembrar para sempre

como eu era. Já os primeiros do Não Faz Sentido decidi manter simplesmente porque... Bem... De que adianta ficarmos removendo as coisas ruins que

fazemos? O lance é seguir em frente, evitar ficar pensando muito no que foi feito e pensar mais no que se vai fazer.

Faltavam apenas dois vídeos. Mais dois vídeos e o Não Faz Sentido teria nascido pra valer. O problema foi que, justo nesse momento, eu desanimei.

Veja bem, o desânimo pode acontecer a qualquer momento em qualquer tarefa.

Muitas vezes desanimamos de coisas que adoramos. Um dia estamos

superempolgados e no outro paramos de fazer. Este livro, por exemplo, não duvido nada de que seja colocado na gaveta muito em breve e eu só retome meses depois. Só que aí está a jogada principal: muitas vezes desanimamos de algo com razão, pois realmente não teria futuro continuar fazendo. No caso do Não Faz Sentido, contudo, a decisão de continuar mesmo desanimado foi o que o

transformou num sucesso.

A situação era a seguinte: com o vídeo dos shoppings lançado, eu já estava de saco cheio por não ter conseguido ainda criar um vídeo que pudesse dizer: “Esse ficou bom.” Ficava irritado em ver que meu próprio irmão e primo achavam uma bosta, por mais que não me falassem isso. Utilizavam sempre o discurso: “Po, cara, gostei dessa parte aqui”, o que poderia ser interpretado como: “Jogue todo o resto no vaso.” Perfeccionista como sou, estava completamente agoniado e superansioso com isso tudo. Sabia que era uma questão de tempo e que em determinado momento eu conseguiria fazer alguma coisa boa, mas pra mim aquilo já estava levando tempo demais. Seis vídeos, pelo menos duas semanas só pensando naquilo e resultado zero. Por mais que os vídeos agora já tivessem uma média de 3 a 5 mil visualizações, ainda eram repletos de comentários negativos e bastante repudiados.

Muitos nesse momento podem dizer: “Ah, então você fazia vídeos pensando no que os outros iriam achar?” Amigos, quem faz vídeo pensando só no que ele próprio vai achar não publica na internet, ele grava em DVD e vê sozinho em casa. É o famoso cara que diz: “Eu escrevo pra mim, não pros outros”, então escreva na porra de um diário. Se você publica, você quer saber as reações, você quer agradar, você quer ver seu material sendo curtido. Quem nega isso está sendo um hipocritazinho babaca, muito provavelmente por nunca ter conseguido sucesso com o que lançou. Discurso de pseudointelectual fracassado tentando encontrar desculpas para seu material não ter visibilidade. Ou isso, ou a famosa frase: “O público é burro, não entende meu humor.” Não, amigo, o público não é burro, você que não é engraçado.

Voltando ao Não Faz Sentido, o desânimo bateu forte na manhã seguinte à publicação do vídeo dos shoppings. Mesmo vendo que o vídeo obteve um

resultado melhor em aceitação do público, eu assistia e considerava uma porcaria.

Na realidade, sabia que a única razão pela qual algumas pessoas estavam curtindo

era pela ausência de conteúdo original no Brasil nesse segmento. Sim, amigos, pioneirismo foi fundamental na história do Não Faz Sentido. O fato de eu ter sido provavelmente o primeiro, ou um dos primeiros, a elaborar vídeos pra internet de

uma forma mais pensada, roteirizada e com investimento (mesmo que fossem apenas duas luminárias de R$ 19,90 e um tripé de R$ 130,00) já fez com que eu

saísse na frente. Antes de mim, só quem havia conseguido algo na internet era o

Ronald Rios, o Guilherme Zaiden e o PC Siqueira, que surgiu basicamente junto

comigo (o PC mais ou menos quatro meses antes) e está até hoje com o vlog estourando de acessos, além de ter um programa na MTV.

A questão é que o tempo é um fator muito interessante de se analisar. O

Ronald Rios, quando começou, não contava com a popularização do YouTube.

Mesmo assim, por ser praticamente o pioneiro no Brasil no formato de vlog, acabou conseguindo algum mínimo destaque e foi parar na MTV, com um

programa de madrugada. O Guilherme Zaiden já contava com uma pequena

popularização da ferramenta e, por isso, obteve números na casa dos milhões e chegou a fazer uma participação na novela *Caminho das Índias*. O que aconteceu com ele, contudo, simplesmente não sei dizer. Já eu e o PC tivemos a combinação

de muita dedicação e sorte. Nós não fizemos nada superior ao Zaiden, mas tivemos a diferença do momento.

Quando o PC e eu lançamos os vídeos, o YouTube estava fervilhando no

Brasil. As pessoas estavam (e estão até hoje) completamente viciadas em entrar no site e ficar navegando pelos vídeos, coisa que não acontecia na época dos dois antecessores. Por essa razão, fizemos “sucesso” no momento certo. Fomos os pioneiros do novo público do YouTube e, com isso, acabamos nos tornando os

dois canais brasileiros de maior sucesso da história no país. Como eu disse, por dois fatores: dedicação e sorte.

Voltando ao meu momento desanimado, acordei no dia seguinte e não senti estímulo para gravar outro vídeo. Acompanhei de perto os comentários e

“curtiram” que acompanhavam meus três vídeos no ar, pensando se aquele seria o

momento em que eu voltaria a escrever o blog e desistiria do YouTube ou não.

Mais um dia se passou. O vídeo dos shoppings passou a ser aquele com maior

quantidade de acessos, chegando a 4.500 mais ou menos. Eu estava a dois vídeos

de finalmente conseguir encontrar o formato ideal, mas muito longe de imaginar

isso. O desânimo era cada vez maior.

Mais dois dias chegaram e foram embora, até que, no final do quarto dia, fiquei

incomodado com algo de verdade.

Eu estava conversando com pessoas pelo Twitter (nessa época eu já estava com uns 5 mil seguidores) quando alguém puxou o assunto da temática

envolvendo a relação entre homens e mulheres na balada. Um playboy defendia

que homem tem que “chegar marcando” pra cima da mulherada. Algumas

mulheres concordavam, se colocando na postura de que precisam ser

conquistadas. Já eu, com minha postura radical, dizia que essa temática era uma

babaquice. Sempre me recusei veementemente a chegar numa mulher. Pra mim,

essa postura remete a uma coisa totalmente imbecil realizada por playboys que usam regata na balada e chegam nas mulheres com papinhos do tipo: “Nossa, você é linda, vamos conversar?” Comigo sempre funcionou nos olhares, na troca

silenciosa de intenções, seguida de movimentos não bruscos que levavam a uma

dança e, se fosse o clima, no primeiro beijo. Mas o que mais me surpreendeu foi a postura de determinadas mulheres, nitidamente se considerando princezinhas que

precisavam que seus super-heróis as conquistassem depois de muita luta. Pra mim, isso merecia umas verdades.

Pronto, foi o que faltava para que eu pudesse voltar a gravar. Fiquei verdadeiramente incomodado com aquilo e na hora peguei o papel e a caneta, onde escrevi sem parar tudo o que pensava sobre o assunto. Daqueles rabiscos saíram frases como: “É feminista? É feminista? Então tem que ser macho também!” e “Mulher também se masturba. Menos a minha mãe. E a minha avó”.

Frases que acabaram ficando eternizadas no canal.

Quando a madrugada chegou, preparei tudo para a gravação, arrumei o cabelo,

coloquei os óculos e parti pra frente da câmera. Só que dessa vez havia uma diferença clara para todas as outras gravações: eu estava verdadeiramente incomodado com o que iria falar.

Quando comecei o discurso, percebi que minha “interpretação” estava

mesclando duas coisas: as verdades que eu realmente tinha dentro de mim e uma

personalidade agressiva que nunca tinha explorado. A combinação disso acabou

resultando num discurso bem mais incisivo, sem “forçação” de nada, sem sotaque

e muito mais natural. Falei aquele texto como se estivesse colocando pra fora algo que me incomodava havia anos.

E foi assim, sem querer, que a última peça faltante do Não Faz Sentido entrou

em cena: o temperamento. Sem imaginar, gravei um vídeo realmente revoltado com um assunto e o resultado foi infinitamente superior a todos os outros que tinha gravado até então. E a resposta final sobre isso veio quando meu irmão assistiu ao vídeo, dizendo algo como: “Porra, é tudo que eu penso.” Era isso! O

Não Faz Sentido poderia virar um espaço em que eu poderia dizer verdades que,

por mais que soassem puramente óbvias para alguns, eram questões que muitos pensavam mas nunca diziam.

O resultado foi imediato. Lancei o vídeo, tuitei e no dia seguinte ele já estava

em alguns blogs. O público adorou. Pela primeira vez um vídeo meu teve um massacre de comentários positivos, chegando a ter 90% de “curtiram”. As pessoas estavam se identificando com o discurso, muitos dizendo que era exatamente no que eles pensavam, inclusive as próprias mulheres.

A data foi 28 de abril de 2010. O dia em que o Não Faz Sentido oficialmente

nasceu. Ali, por conta de uma conversa no Twitter que me deixou irritado com uma coisa tão básica: mulheres patricinhas e playboys babacas que ditam o comportamento das baladas. Naquela noite eu sabia que tinha encontrado todos os elementos para fazer o Não Faz Sentido dar certo: cenário, óculos escuros, críticas radicais, pensamentos verdadeiros, coisas que muitos pensavam mas nunca diziam e uma pitada de ódio.

A certeza absoluta veio dois dias depois. Superentusiasmado ao ver que o

“Não Faz Sentido! – Sedução e Cantadas” bateu 10 mil visualizações em apenas

dois dias, decidi já fazer o novo. E agora, meus amigos, é que a brincadeira começa de verdade.

Eu já tinha a fórmula nas mãos. Sabia que era uma questão de tempo agora.

Tudo o que eu precisava era de um tema que realmente odiasse e poderia fazer um vídeo com muita verdade na interpretação.

Não pensei em qual tema faria o vídeo ter mais sucesso. Em vez disso, pensei

em qual assunto me trazia mais revolta no momento. Muitas pessoas acham que

minha escolha de temas veio por meio de um estudo sobre o que estava na moda,

mas a realidade foi inversa. Só comentei sobre os assuntos que viriam a seguir justamente pela razão de eles estarem na moda, o que fazia com que meus olhos e

ouvidos fossem constantemente invadidos por eles.

Eu já sabia sobre o que iria falar, estava tão claro quanto água: o que eu mais

sentia repúdio no momento, o que me fazia querer socar a parede de tanta intolerância era o cenário musical brasileiro em que nos encontrávamos. Na época, o que fazia sucesso eram as chamadas “bandas coloridas”, compostas por

Cine e Restart, que de tanto sucesso chegaram a gerar guerras entre os fãs. Os de Cine odiavam os de Restart e vice-versa. Se esse público tivesse mais de 15 anos, poderia ter dado problema.

A gota d’água foi quando abri o YouTube e vi um vídeo sensacional. Se você

tem menos de 25 anos deve se lembrar: o Puta Falta de Sacanagem. Um vídeo que mostrava os fãs de Restart, que foram até a Avenida Paulista e ficaram em frente à Fnac, onde supostamente teria uma tarde de autógrafos da banda. O

problema foi que a banda não apareceu, por conta do número absurdo de crianças

que por lá surgiram, o que acabaria causando confusão. Uma equipe de

reportagem foi até o local e o que vimos foi um desastre. Crianças e adolescentes berrando, chorando, aos prantos, dando declarações engraçadíssimas, entre as quais se destacaram: “Eu acho isso uma puta falta de sacanagem!” e “Eu não vou

deixar barato, vou xingar muito no Twitter.”

Ao ver aquele vídeo, percebi que era um sinal: era o que faltava pra o roteiro

ficar completo. Peguei minha prancheta e desatei a escrever tudo o que pensava

daquelas bandas. Sacaneei pesado, dando nomes aos bois, falando o que eu realmente acreditava. O texto era inteiramente de acordo com as minhas verdades,

já a interpretação era feita de uma forma mais agressiva, bem diferente do banana que sou na vida real.

Quando fui gravar, já sabia o que iria acontecer. Por mais que não fosse possível exteriorizar essa certeza, eu já sabia que aquele vídeo seria o principal marco da história do canal. As falas estavam encaixadas, estava com revolta o suficiente para as pessoas se identificarem e, acima de tudo, estava verdadeiro. Eu não estava falando o que as pessoas queriam ouvir, mas o que eu queria falar.

Gravei tudo muito rápido, como se tivesse vomitado o texto mais que qualquer

coisa. Na mesma hora fui pra edição e postei no YouTube.

Quando acordei no dia seguinte, porém, veio a surpresa. Eu sabia que o vídeo

estava bom, mas o que imaginava é que provavelmente chegaria a umas 20 mil visualizações. A questão é que, quando acordei, apenas algumas horas após a publicação, o vídeo já estava com as ditas 20 mil. Em algumas horas eu já havia

conseguido mais visualizações que os outros quatro vídeos somados. Quando mandei pro meu primo e meu irmão, as respostas vieram na base das risadas.

Estava todo mundo se identificando, curtindo e repassando. O vídeo tinha atingido o que eu sempre quis: ficou interessante e divertido.

O que aconteceu a partir dali foi uma loucura. Muita gente me pergunta o que

fiz para que os vídeos tivessem tantas visualizações, mas a verdade é que não fiz nada! Eu só queria gravar, não estava pensando na divulgação. Sabia que, no momento em que criasse algo realmente interessante, ele se espalharia sozinho, pois esse é o poder incrível da internet.

Ao final do dia, o vídeo estava com 30 mil visualizações e pelo menos 95% de

“gostaram”. E foi a partir daí que algo muito peculiar aconteceu: os fãs de Cine e Restart descobriram o que estava acontecendo. Haha. Hahaha. Ha.

Amigo, não tente imaginar o que é você ver seu Twitter pular, da noite pro dia,

de 6 mil para 20 mil seguidores, sendo muitos deles adolescentes completamente

revoltados te xingando de todos os nomes possíveis na gramática portuguesa.

Minha “timeline” de respostas virou uma praça de guerra. Era bombardeio por todo lado. Eu não fazia a menor ideia de que aquelas bandas possuíam tantos fãs

malucos e, mais ainda, não podia imaginar quais seriam as consequências daquilo

para meus vídeos.

A verdade é que aconteceu o inverso do que os fãs de Cine e Restart queriam.

Em suas ingenuidades, tadinhos, eles acabaram sendo os maiores divulgadores que o Não Faz Sentido já teve. Na esperança de tentar me xingar com mais peso,

eles passavam uns para os outros, publicavam nos blogs de fã-clubes, divulgavam

no Twitter incessantemente dizendo: “affeee olham o vídeu dessi cara manuuuu

que fdpppp.” Na tentativa de tentar acabar com o Não Faz Sentido, os fãs de Cine e Restart acabaram por se tornar a maior razão do sucesso dele.

A partir daí foi uma avalanche. Praticamente todos os blogs do Brasil

publicaram, dentre os quais vale destacar o Não Salvo (www.naosalvo.com.br),

do amigo Maurício Cid, e o Bobagento (www.bobagento.com.br), do outro

amigo Raphael Mendes.

Tente imaginar. Eu, um rapaz do subúrbio do Rio de Janeiro, que nunca conseguiu ter condições para realizar muita coisa, acordando no dia seguinte e vendo que meu vídeo estava agora com 300 mil visualizações. Trezentas mil pessoas. Depois de quatro dias, quando resolvi gravar outro vídeo, o “Não Faz Sentido – Gente Colorida” havia ultrapassado UM MILHÃO de visualizações.

O monstro havia nascido de vez. Uma combinação de muito trabalho, sorte, momento, persistência e fãs de Restart. Agora não tinha mais jeito.

Leia os QR Codes com seu celular e

acesse os vídeos mencionados neste capítulo.







http://www.youtube.com/watch?v=BLQsHdrIWeM

http://www.youtube.com/watch?v=4FBWMt2zrxU

http://www.youtube.com/watch?v=Z_6tygGjlns

http://www.youtube.com/watch?v=ssSeo_OUPmk

http://www.youtube.com/watch?v=KCnouVHROPo



Fazer sucesso no YouTube não é tão difícil. Claro, não é a coisa

mais fácil que existe, afinal de contas milhões de vídeos são enviados diariamente e só uma pequeníssima parcela deles atinge 100 mil visualizações. Porém, ainda

assim, é muito mais fácil conseguir um vídeo de sucesso no YouTube do que em

qualquer outro lugar. Isso porque a ferramenta é 100% livre e disponível. As pessoas podem assistir a qualquer momento, podem divulgar e gerar a própria

“viralização” do conteúdo, além do próprio site proporcionar a divulgação do material para as pessoas que frequentam ou assinam, diferentemente de todos os

outros veículos tradicionais, como TV, rádio e cinema.

O problema não está em conseguir fazer sucesso com um vídeo no YouTube,

mas, sim, em manter esse padrão. Dezenas de exemplos se destacam quando pensamos em vídeos que ficaram famosos: Jeremias Muito Louco, Dona Sônia, Gaga de Ilhéus, Travesti Bagunça, Morre Diabo, Tapa na Pantera, Pedro me Dá

meu Chip, Dança do Quadrado, Avassaladores “Sou Foda”, entre tantos outros que garantiram milhões de acessos e explosão momentânea como assunto nos encontros entre jovens no Brasil. A questão é: de todos os que já haviam atingido tal patamar, qual deles conseguiu produzir outro vídeo de sucesso?

A grande dificuldade está exatamente em repetir o sucesso de determinado vídeo. Muitas vezes acertamos a fórmula em um, mas isso não garante que outros

conseguirão manter a mesma média. Era exatamente isso que passava em minha

mente após observar que o “Não Faz Sentido – Gente Colorida” já estava perto

de atingir 1 milhão de visualizações em tão pouco tempo. Um milhão! Aquilo significava que quase 1 milhão de pessoas tinha me assistido e, a julgar pela aprovação (95% de “gostaram”), a exigência para os próximos seria avassaladora

(dig djin dig djin).

Esse foi o período que determinou de vez a imagem do Não Faz Sentido que as pessoas enxergam até hoje.

O que eu tinha na minha frente era uma possibilidade de atingir algo jamais atingido no país. Um vídeo batendo 1 milhão de acessos e uma fórmula que tinha tudo para fazer com que outros vídeos garantissem o mesmo número. As únicas coisas que eu precisava era de temas interessantes, roteiros e interpretações sinceras, que refletissem exatamente o que eu pensava, só que com uma pegada interpretativa bem agressiva.

Ao mesmo tempo em que tentava pensar inteiramente no Não Faz Sentido, até porque meu entusiasmo não permitia que eu pensasse em mais nada, muita coisa estava acontecendo na minha vida pessoal. Falta de grana, preguiça de seguir na minha carreira como designer gráfico, desejo imenso de retornar para o teatro, ausência total de vontade de escrever no blog (que eu abandonara por completo) e vida emocional zerada, sem qualquer possibilidade de novo relacionamento. Em suma: estava meio que na merda, colhendo os frutos do péssimo ano de 2008, mesmo já estando lá por meados de abril de 2010.

A questão é que continuar com esse foco total no Não Faz Sentido poderia acabar resultando no meu fracasso por completo. O blog perdia cada vez mais acessos, eu não trabalhava mais como designer e financeiramente estava quebrado. A opção de abandonar o pouco que tinha e investir numa ideia que tinha 99% de chances de dar errado era a mais insana a ser tomada, mas sinceramente? Nunca fui muito de seguir o conforto e o que é seguro. Não foi à toa que nunca quis fazer faculdade, arranjar um emprego e viver na normalidade.

Desde pequeno eu já parecia ter noção de que meu futuro seria glorioso ou

trágico e, muito embora você esteja lendo meu livro neste momento, nada impede

que a tragédia ainda venha aparecer na história da minha vida. Quem sabe ainda

irei terminar participando de reality show e, no final de tudo, quando não sobrarem alternativas, fazendo filme pornô? Vai saber... Só prometo que travesti, não.

Vale ressaltar, contudo, que, por mais que nunca tenha sentido, a real intenção

era de seguir a vida de trabalhador normal. Fiz 1 ano de faculdade de Desenho Industrial (na época pensando em seguir no Design), 1 ano no profissionalizante

de Teatro e mais 1 ano na faculdade de Direito (essa última que decidi entrar apenas por estar querendo estudar coisas novas).

É curioso lembrar mas, por mais que tudo indicasse que eu tinha reais chances

de me dar muito mal ao abandonar tudo para investir todo o meu tempo no Não

Faz Sentido, sentia uma certeza quase absoluta de que tudo daria certo. Lembro

responder a conselhos familiares dizendo: “Calma, espera e vê, confia em mim.”

Era apenas um jovem adulto falando um monte de bobagens, mas de alguma forma eu conseguia realmente sentir que algo envolvia aquele projeto. Algo iria

acontecer. Decidi seguir em frente com toda a força.

O que me faltavam eram temas. O vídeo “Gente Colorida” dera certo por uma

combinação de dois fatores: verdade no que eu dizia (pelo menos verdade pra mim) e uma temática adolescente que gerava concordância e revolta. O que eu faria a seguir, então?

Ora, vamos combinar? Quem define a internet são os jovens. Dificilmente você verá algo que faz sucesso somente entre os adultos virando um fenômeno na

web. É assim desde que o mundo é mundo. Para conseguir fazer com que sua banda seja um estouro, você precisa agradar aos jovens. Para conseguir fazer

com

que sua carreira de ator seja um estouro, lá estão os jovens precisando ser agradados. São os jovens que montam fã-clubes, que ficam enlouquecidos

acompanhando cada passo do artista, que colam fotos nas paredes e berram “EU

TE AMO!!!”

Contudo, devo ser sincero que não enxerguei isso inicialmente. Na realidade,

os jovens refletiam as coisas que mais me incomodavam. É óbvio que isso é um

clichê. É óbvio que toda geração não suporta a geração seguinte, ou vocês acham

que minha mãe achava o máximo eu ouvindo É o Tchan, vendo no programa do

Sílvio Santos meninas de 8 anos rebolando até o chão com um microshort enfiado

na bunda tentando copiar a Carla Peres, assistindo a desenhos violentíssimos e cheios de sangue, além de escutar Raimundos aos 11 anos e ficar cantando pela

casa: “Entrei no trem, esporrei na manivela, o cobrador filha da puta me jogou pela janela”?!

A questão é que, mesmo sendo um clichê, os jovens de hoje em dia de fato me

incomodavam em diversos aspectos. Sua falta de atitude, fofuxismo exacerbado,

total desligamento de aspectos sociais, adoração de músicas idiotas com letras patéticas e ritmos decepcionantes... Enfim, diversos aspectos da galerinha que em muito me importunavam (e ainda importunam).

Como o Não Faz Sentido dependia de que meus roteiros fossem sinceros e refletissem meus reais pensamentos, acabei decidindo seguir por esse caminho: falar absolutamente tudo o que me incomodava nos jovens daquele momento.

Agora parem por dez segundos para pensar no quão burra poderia ter sido essa

ideia. Os jovens ditam o que dá certo, são o termômetro do que realmente faz

sucesso, principalmente na internet, e eu, no alto de minha ignorância, estava indo contra eles, colocando o dedo na cara e apontando tudo que considerava errado

nos adolescentes. Ainda tem gente que diz até hoje que a única razão pela qual

selecionei os temas a serem criticados foi porque queria fazer sucesso. Se essa fosse a única intenção, eu deveria ser realmente muito idiota. Ou muito genial em conseguir prever que, falando mal dos jovens, eu garantiria o apoio justamente deles.

Na realidade eu não era nenhuma das duas coisas, mas, sim, apenas um rapaz

querendo falar o que pensava. Parece bobo e até mesmo enganador, mas não poderia sair inventando mentiras neste livro, dizendo que tudo foi previsto, ou que na real eu não tinha qualquer intenção de sucesso. Ambas as afirmações seriam mentirosas. Eu fazia os vídeos pensando, sim, nas exibições (caso contrário, como já disse, não estaria publicando na internet, mas guardando em meu acervo pessoal), mas em contrapartida não selecionava os temas prevendo que iriam agradar.

Fiz o que fiz por só ter um caminho: precisava falar o que considerava verdade. Selecionei os temas baseado no que mais me incomodava na época. As

únicas razões foram essas. E poderia ter dado tudo errado, eu poderia ter incomodado muito mais que agradado e, por consequência, o Não Faz Sentido teria terminado ainda naquela época. Contudo, a resposta foi absolutamente contrária.

Quanto mais eu dizia o que pensava sobre a adolescência, como fiz nos vídeos

seguintes: “Sub-Celebridades”, “Vida de Garoto” e “Justin Bieber”, mais e mais

pessoas ficavam viciadas no Não Faz Sentido. Ao mesmo tempo em que eu gerava o ódio mortal de muitos adolescentes, outros aplaudiam e disseminavam sem parar. Os adolescentes em peso ficaram sabendo da existência do canal, fosse

por concordar ou simplesmente odiar. Ambos os lados divulgando sem parar. Os

que gostavam, divulgavam para os amigos. Já os que odiavam, divulgavam para

todos alucinadamente, na tentativa de fazer com que outros me xingassem. O

resultado, contudo, foi totalmente positivo.

Sem pensar muito, havia cutucado um formigueiro. Sabe? Quando você mexe

e de repente milhões e milhões de formigas saem correndo em todas as direções?

O Não Faz Sentido teve mais ou menos esse efeito, só que com a galerinha jovem.

Para melhorar ainda mais o cenário, os pais das crianças começaram a ficar sabendo de um tal de Felipe Neto que falava mal de tudo e, quando perceberam o

conteúdo dos vídeos, deram ainda mais apoio. Comecei a receber e-mails de pais

dizendo que os vídeos possuíam um teor quase educativo, que passavam aos jovens mensagens de incentivo à busca pela educação e ao estudo, em vez de engolirem qualquer coisa bonitinha que fazia sucesso.

Curiosamente, essa também não era minha intenção. No início, não fazia ideia

da quantidade de visualizações que teria, logo não calculava o efeito que poderia ter entre os jovens. Minhas mensagens não eram planejadas imaginando uma valorização do pensamento, ou de qualquer outra coisa. Eram apenas palavras sinceras refletindo aquilo que eu pensava.

Sem dúvida o vídeo do Justin Bieber foi um marco para o canal. Fica quase impossível falar da história do Não Faz Sentido sem dedicar algumas linhas ao astro pop mirim que, curiosamente, também nasceu no YouTube (talvez você não

saiba, mas Justin fez muito sucesso na internet antes de ir para os palcos).

Eu já havia produzido dez vídeos no canal, dentre os quais destacavam-se

“Sedução e Cantadas”, “Gente Colorida”, “Sub-Celebridades” e “Vida de

Garoto", este último falando sobre uma moda adolescente na época, os tais Colírios da *Capricho*, um grupo de jovens meninos supervalorizados por seus dotes de beleza (baseada em padrões meio cômicos, como os cabelos grandes colocados de lado na testa e os olhos amendoados como transmitindo uma mensagem quase que "zeeenti eu uso rímel"). A média de visualizações já estava

em torno de 1 milhão por vídeo, tendo o "Gente Colorida" já perto de 2 milhões.

O que aconteceu foi simplesmente isso: escutei uma música do Justin Bieber,

achei uma porcaria. Em seguida procurei saber sobre esse astro jovem que estava

fazendo até mesmo crianças gravarem vídeos chorando alucinadamente

mandando mensagens de "eu te amo".

Descobri coisas meio absurdas, como o fato de que ele planejava fazer um filme sobre sua vida, mesmo tendo apenas 16 anos. Li uma entrevista em que ele

dizia que o maior sofrimento de sua vida havia sido o dia em que seu hamster morreu. Encontrei uma lista oficial que divulgava as 100 artistas femininas mais

pesquisadas no Google e descobri que Justin Bieber ocupava a sétima posição.

No final, ainda achei outra matéria revelando que uma menina estava sendo ameaçada de morte pelas fãs apenas porque ele havia publicado uma foto no Twitter ao lado dela.

Tudo isso configurou material suficiente para eu elaborar um roteiro para o vídeo. Acredito que esse tenha sido provavelmente o texto mais fácil que escrevi.

Dez minutos de pesquisa, mais dez para escrever e já estava na frente da câmera

dizendo tudo o que pensava sobre o rapaz.

BUUUUUUM!

Eu não tinha a menor ideia de realmente quantas pessoas eram fãs do garoto.

Só sei que, meia hora depois de postar o vídeo, o termo "Felipe Neto" já era líder

dos *trending topics* do Twitter mundial, onde ficou por mais dois dias inteiros. As fãs, completamente revoltadas, divulgaram o vídeo com todo o fervor que seus pequenos corpos eram capazes de sentir. Por consequência, em cinco dias o vídeo

já ultrapassara a marca de 1 milhão e subia vertiginosamente a cada momento.



Além disso, graças ao Twitter, outras milhares de pessoas foram se informar sobre quem diabos era aquele tal “Felipe Neto” liderando os *trending topics* mundiais por tanto tempo.

Esse momento foi um verdadeiro divisor de águas para o Não Faz Sentido. Foi

a consolidação absoluta de que, realmente, tratava-se de um canal de sucesso no

número de visualizações e em repercussão nacional. Já eram mais de dez vídeos,

cada um com mais de 1 milhão de visualizações, além de se tratar do grande assunto do Twitter, no qual eu já somava mais de 100 mil seguidores, aparecendo

na lista dos brasileiros com maior número de seguidores no mundo, na época.

Algumas pessoas me perguntam como eu poderia listar “bandas adolescentes”,

astros mirins do pop e gente superficial como as coisas que mais me

incomodavam na época, em vez de falar sobre política, religião ou outros assuntos mais densos e complexos. Bem, a resposta é simples: eu não estava levando o Não Faz Sentido a sério. É claro que, se eu fosse listar as coisas que

mais me incomodavam, faria vídeos falando sobre corrupção, fome, miséria e pombos (sim, pombos me irritam), mas eu tratava o Não Faz Sentido como uma

grande brincadeira em que eu falava sobre questões mais superficiais que me incomodavam. Além disso, os temas que comentei estavam muito mais presentes

em meu cotidiano que os demais. Você sabe que existe a fome, mas ela não toca

no rádio. Minha inspiração vinha do que me irritava no dia a dia e a consequência foi essa.

A conclusão disso tudo? Eu, que tanto falara contra modas adolescentes, havia

me tornado uma.

Leia os QR Codes com seu celular e

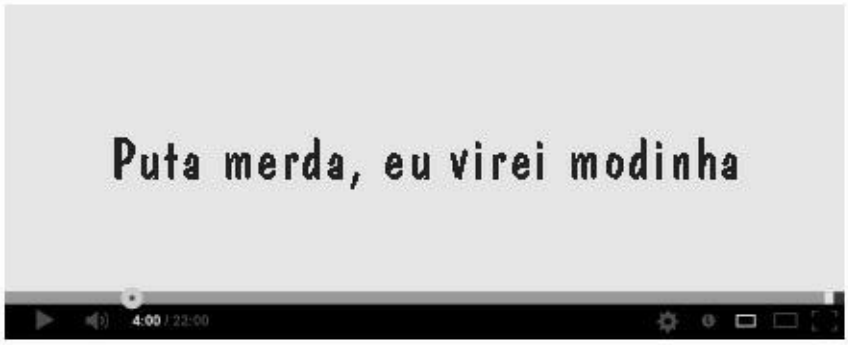
acesse os vídeos mencionados neste capítulo.

http://www.youtube.com/watch?v=9_Yh2nqdFHc



http://www.youtube.com/watch?v=1wqqwJ2igos

http://www.youtube.com/watch?v=hDpaU2u2zGg



Existe uma festa no Rio de Janeiro, que mistura cultura pop com...

bem... cultura pop, de nome Chá da Alice. Uma dessas festas GLS com público

bem eclético, de onde é difícil sair sem tomar uma cantada de alguém do mesmo

sexo que você.

Sempre fui fã desse tipo de festa (embora confesse que essa eu considero um

pouco “pop” demais, prefiro as que são mais underground e se concentram no rock). Não por gostar de tomar cantadas de homens, mas por dois aspectos fundamentais: a música é muito melhor e você não vê nenhum cara de regata na

balada, tentando impressionar pelo tamanho dos bíceps. É o tipo de lugar onde você escuta “desculpa” quando esbarra em alguém, em vez de tomar um “tá

maluco, irmão?”.

Estava eu no Chá da Alice, junto com amigos da época do Colégio

Metropolitano que não via há muito tempo. O som bombando, as centenas de pessoas dançando na pista e se acotovelando para conseguir uma cerveja. Lembro

bem que quem estava de DJ era o apresentador do *Fantástico*, Zeca Camargo, tocando provavelmente Lady Gaga. No meio de toda confusão, acabei saindo por

alguns minutos para um canto mais sossegado, onde comecei a conversar com um

amigo das antigas e presente em minha vida até hoje, Bruno Blanco, dono dos Bancos Blanco, como ele gosta de se apresentar quando tenta furar uma fila do cinema. Obviamente ele não é dono de banco algum.

– E aí, hein, meu amigo, tá famoso agora... – dizia ele lá pela décima cerveja.

– Nada, pô, tô de boa, muita coisa pra fazer ainda. – Esse era eu, tentando pagar de humilde.

– Tá comendo muita mulher já? – Não sei por quê, mas todo mundo acha que

o resumo do sucesso é comer mulher.

– Hahaha, ainda não, mas já tenho umas pretendentes.

– Brother, coloca só uma coisa na sua cabeça, muito importante – começou ele, preparando um discurso motivacional daqueles que você normalmente escuta

de pessoas bem mais velhas –, tu ainda vai explodir, tu é um cara de luz, um cara especial, tu sabe que eu sempre te falei isso. Tu vai fazer muito sucesso, mas tu precisa se ligar em algo fundamental: por mais que tu faça muito sucesso, por mais que tu ganhe muito dinheiro e seja conhecido no mundo inteiro, não se esqueça da coisa mais importante... Quando começarem a aparecer as mulheres,

me apresente pra elas como seu empresário.

Isso de fato aconteceu, mas foi bem depois. O fato é que minhas risadas foram

abafadas pela presença de outra pessoa, que se aproximou sorrateiramente e tocou

meu ombro. Era uma menina negra de mais ou menos uns 20 anos, baixinha e de

óculos, bonitinha (desculpe pela falta de detalhes, mas, se o Bruno estava na décima cerveja, eu não consigo lembrar em qual eu estava).

– Oi, você é o cara da internet? – perguntou ela, bastante tímida.

Analisei por uns segundos, pensando se aquilo realmente seria comigo. Nunca

alguém havia me parado antes na rua, muito menos num ambiente lotado como uma balada.

Tentei responder sendo engraçado:

– “O cara” da internet eu não sou, deve ser o Lula. Hehehe. – Falhei miseravelmente. – Mas eu sou o cara do Não Faz Sentido.

Percebi que ela não havia entendido minha tentativa de piada quando ela abriu

um largo sorriso (amigo, se ela tivesse entendido, teria ficado constrangida e saído de perto).

– Posso tirar uma foto com você? – perguntou.

Fiquei atônito. Não fazia a menor ideia se aquilo era sério ou não, ou se algum

dos meus amigos havia dado dinheiro para ela fazer aquilo só para em seguida gritar: “TE PEGUEI! HA HA OTÁRIO!”... Na dúvida, confirmei que sim com a

cabeça.

Após tirar a foto, voltei para conversar com o Bruno, mas me surpreendi ao encontrá-lo de cara fechada, emburrado.

– Eu não falei pra tu me apresentar como teu empresário?

Foi naquele dia em que eu percebi: O Não Faz Sentido havia se espalhado de uma forma desproporcional.

Passei a olhar as pessoas ao meu redor e percebi que várias delas me encaravam e cochichavam com os outros ao redor. Ainda naquela festa, tirei foto com pelo menos mais dez pessoas, o que me ensinou uma dura lição: não mais encher a cara em ambientes públicos, visto que na última foto eu devo ter saído com um dos olhos fechados e provavelmente tentando fazer cara de galã.

Mas tudo que acontece possui dois lados. Ao mesmo tempo em que eu ficava feliz com toda essa reverberação do trabalho que estava fazendo, outras questões começavam a ser levantadas.

A primeira questão importante que ficou em evidência foi a categorização do Não Faz Sentido como um “canal que critica coisas adolescentes”.

Pode parecer bobagem, mas aquilo me incomodava. Nunca foi minha intenção me transformar num “crítico da juventude”, mas ao mesmo tempo era nisso que tinha me transformado. Meio sem querer, as pessoas esperavam, a cada vídeo, que eu fosse detonar alguma moda adolescente, mas o problema disso era que eu já havia falado sobre praticamente tudo que estava fazendo sucesso naquele momento entre eles.

Paralelo a isso, vinha outro enorme problema: praticamente ninguém conseguia perceber que aquilo se tratava de um trabalho roteirizado e interpretado. As pessoas olhavam pra mim e enxergavam um crítico, não um ator, o que ia contra tudo que eu traçara como objetivo desde o início. Ao tentar realizar um trabalho artístico, eu havia falhado miseravelmente e criado um trabalho de opinião e, cacete, de humor! Eu! Humor! Um cara que nunca teve o dom de ser engraçado.

Ficava nítido que as pessoas me confundiam com a “persona” do Não Faz Sentido no momento em que elas se aproximavam para pedir foto ou autógrafo.

Quando viam que eu era simpático e as tratava superbem, respondiam quase sempre com um: “Nossa, eu achei que você fosse ser grosso”, ou então já se aproximavam de mim dizendo: “Olha, eu sei que você vai me odiar, mas...”

Ninguém conseguia separar minha figura pessoal da figura que eu demonstrava ser no Não Faz Sentido.

É óbvio que a culpa das pessoas enxergarem em mim um crítico e não um ator

era inteiramente minha. Numa decisão que até hoje não sei se foi estúpida ou inteligente, eu coloquei meu próprio nome como personagem. O tal do “Felipe Neto” passou a ser o cara que usa óculos escuros dentro de casa e só sabe falar

mal dos outros. Ninguém fazia a menor ideia de que na vida real eu era um banana, totalmente dócil e incapaz de entrar numa briga. O Não Faz Sentido tratava-se de um personagem falando coisas que eu, Felipe, jovem inocente e pimpão, pensava, só que de um jeito que jamais fui na vida real.

Outro ponto que ajudou muito na disseminação dos vídeos e a me transformar

numa moda adolescente foi o fato de que inúmeros professores pareceram gostar

do que eu falava. Mais do que isso, começaram a transmitir meus vídeos em sala

de aula para a molecada, utilizando como base para iniciar um debate logo em seguida. Sem dúvida essa foi uma das consequências do Não Faz Sentido de que

mais me orgulho até hoje, mas, como tudo tem dois lados, foi um fator fundamental para fazer com que eu me transformasse definitivamente num “ícone

da moda adolescente” que eu tanto criticava.

Para coroar, as críticas mais duras começaram a surgir. Desde alguns jovens que simplesmente me categorizaram como moda infantil e por isso queriam mostrar que não iam com a minha cara até jornalistas que chegaram a redigir matérias me taxando como oportunista que utilizara de recursos banais para fazer

sucesso.

Algumas pessoas, também nesse momento, começaram a dizer que eu

inspirava o bullying. Que meus textos eram repetidos por alunos em colégios para

atacar e humilhar os outros jovens que gostavam das coisas que eu criticava.

Bem, no meu tempo, bullying não era tratado como bullying, mas sim como

“zoação”. Hoje, a supervalorização do bullying fez com que as pessoas

considerassem qualquer provocação como tal. Mas fazer o quê? Alguns me

atacavam como pessoa radical que incentivava a violência. Outros, como

politicamente incorreto, e ainda afirmavam que eu deveria pegar mais leve e não

atacar nenhuma minoria.

É claro que eu deveria ter me preparado pra isso, mas, porra, joguem toda essa

carga na cabeça de um garoto de 22 anos que até três meses atrás passava as madrugadas sozinho vendo seriados e vocês verão o estrago que isso causa. Sem

preparo, eu sentia esse peso de uma forma avassaladora, tentando pensar de todas

as formas em um jeito de fazer com que essas pessoas enxergassem a verdade por

trás da máscara do número de visualizações.

O fato é que é impossível. Se formos estudar os casos de sucesso de tantos exemplos ao redor do mundo, veremos que praticamente todos eles são repletos

de duras críticas, expectativas e tentativas para derrubá-los. Qualquer sucesso, seja ele qual for, desde uma promoção na empresa até o de um astro do cinema de

Hollywood, carrega consigo o peso do aspecto negativo. Quando falamos de Brasil, então, o país onde Chico Buarque declarou que “sucesso é ofensa pessoal”, eu não poderia esperar nada diferente.

Contudo, o fato é que aquilo me abalava emocionalmente. Não sabia lidar, por

exemplo, com um jornalista publicando para milhares de pessoas que eu não era

melhor do que as coisas que criticava. Cacete, eu estava sendo colocado lado a lado com Restart, o que pra mim era desesperador.

O que decidi? Que precisava mostrar que era mais do que isso, eu era mais do

que simplesmente um cara que criticava coisas que fazem sucesso entre os adolescentes. Pensando em agir defensivamente, mudei de forma radical o

conteúdo do Não Faz Sentido.

O primeiro passo foi publicar um vídeo chamado “Não Faz Sentido – Humor

Politicamente Correto”. Nele, comecei a chamada dizendo: “Este vídeo foi feito

pra você que curte um humor refinado. Você que prefere que o humor seja politicamente correto e que tenha compromisso social, considere a ética, a moral e os bons costumes. Um humor muito importante e muito engraçado. Então decidi

fazer este vídeo só com piadas muito engraçadas, todas neste formato. Sem ofender ninguém. Pra você que leva o humor a sério.”

Em seguida, fiquei por 1 minuto em silêncio, ao som de uma ópera de Bach.

O vídeo, obviamente, sofreu muitas críticas daqueles que não conseguiram compreender a intenção. Contudo, volto para o que disse anteriormente: nunca diga que você não foi engraçado porque as pessoas não entenderam seu

refinamento. O fato é que não foi engraçado mesmo, foi apenas um tapa de luvas

para os que diziam que eu atacava minorias. Minha intenção foi mostrar como o

humor quase sempre carrega um quê de preconceito, seja uma piada de loira,

uma

piada contra pagode, uma piada de português, ou zoando uma tia, ou falando sobre gente burra. O humor não deve ter compromisso social, ele não existe para

educar, mas, sim, para fazer rir. E mesmo que o Não Faz Sentido não fosse um

projeto categorizado puramente como humor, aquele vídeo-crítica tentava deixar

isso claro. Embora infelizmente não deixasse.

Após esse vídeo, foquei minhas atenções para outra questão: mostrar que não é

porque algo faz sucesso que você deve dizer que é uma porcaria. Para tal, fiz o

vídeo: “Não Faz Sentido – Modinhas”, no qual utilizei as frases: “Agora virou modinha não gostar de modinha” e “se o seu conceito pra gostar de algo é a quantidade de sucesso que esse algo tem, você é um idiota”. O vídeo mostrava exemplos de coisas que eram quase unânimes em qualidade e que carregavam com elas pessoas que diziam não gostar simplesmente porque muita gente

gostava. E, se você entendeu o objetivo que eu tinha com este vídeo, deve ter dado uma risadinha no canto da boca. Sei que eu dei... A risadinha.

Esses dois vídeos, contudo, tiveram participação fundamental para que o Não

Faz Sentido crescesse ainda mais. Veja bem, até então o canal era tido apenas como uma série de vídeos que falava mal de modas adolescentes, e muitos críticos diziam: “Quero ver ele falar de coisa séria.” É claro que eu ainda não havia realmente discursado sobre um assunto muito sério, mas fato é que aqueles

dois vídeos foram absolutamente diferentes de todos os outros que já tinha feito.

Neles, eu criticava atitudes, posturas e não simplesmente modas. E o resultado não poderia ter sido melhor: os vídeos mantiveram a média de visualizações do canal. Eu havia conseguido falar de coisas diferentes e com maior conteúdo, e as

pessoas haviam gostado na mesma intensidade. Yahuu!

Ok, esse “yahuu” foi estúpido.

Enfim, aquilo me deu um gás, principalmente porque, por conta desses vídeos, algumas pessoas que criticavam antes passaram a elogiar, dizendo que aquela pegada era muito mais interessante do que ficar apenas falando sobre coisas que estavam na moda.

Já com alguma experiência no YouTube e no Twitter, onde eu já estava com pelo menos 200 mil seguidores, já havia percebido que a molecada da internet estava cada vez mais perdendo a noção do bom e velho português. Cada vez mais eu recebia comentários, positivos ou negativos, escritos de forma totalmente equivocada, trocando “mas” por “mais”, “você” por “vs”, “incomodado” por “encomodado” (para de me corrigir automaticamente, Word, eu quero escrever “encomodado” mesmo).

Observando tudo isso, decidi passar para esse tema que tinha uma pegada bem mais séria: falar sobre educação, através do vídeo “Não Faz Sentido – Gente que Escreve Errado”.

O desafio era gigantesco. Os vídeos do Não Faz Sentido traziam consigo uma pegada humorística e quase sempre falavam sobre modas. Mas agora eu queria ir um pouco além e incentivar os jovens a buscarem conhecimento, mais ou menos como o ET Bilu (se você não entendeu, procure no Google). Contudo, ao mesmo tempo em que iria falar sobre um tema muito sério, não poderia tornar o discurso maçante e cansativo de se assistir. Precisava do humor, precisava do tom de raiva e da crítica com dedo no olho da molecada.

E foi assim que escrevi o roteiro, após dar uma passada nos comentários recentes do vídeo sobre o Justin Bieber e ler isso:

“Vs so fla isso pq vs naum cata mina seo boiola.”

É difícil de traduzir, eu sei, mas, após estudar a frase e encaminhar para pessoas especializadas, consegui formular uma tradução adequada. O que essa pessoa quis dizer foi mais ou menos isso:

“Eu mato aula pra ficar jogando *Tibia*.”

Peço desculpas caso um especialista com maior conhecimento tenha obtido um

entendimento diferente da frase.

Escrevi o roteiro, deixando uma pitada de humor no ponto em que eu atacava

diretamente as pessoas que escreviam errado, muitas vezes de propósito, mas também segui com a intenção que tinha preestabelecido. Falei sobre leitura, busca por maior aprimoramento da língua portuguesa e deixei claro que a vida não é fácil para quem prefere passar por ela sem a dedicação necessária aos estudos.

BUM!

O vídeo teve um sucesso absoluto, milhões de visualizações e, dessa vez, com

um apoio quase total de professores e dos pais dos jovens que assistiam aos vídeos.

Pela primeira vez eu havia atingido um novo público: o adulto. Comecei a receber mensagens não somente dos jovens, mas dos pais, que escreviam sobre a

importância que os vídeos estavam tendo numa melhora do rendimento de seus filhos. A garotada havia absorvido a mensagem e eu conseguia perceber isso nas

respostas que recebia pelos veículos de mídias sociais. Tanto nos comentários quanto no Twitter ou Orkut (o Facebook ainda não era popular na época) as respostas começavam a vir com o português mais correto. Aliás, sem querer parecer arrogante mas, poucas vezes, após a publicação do vídeo, voltei a ler alguém escrevendo “vs” em vez de “você” ou “vc”, comumente usado como a gíria padrão da palavra na web, o que é aceitável (como eu disse no vídeo, abreviações são normais, escrever errado que é o problema).

Os professores voltaram a ter um papel fundamental. Mais do que nunca, abraçaram o Não Faz Sentido e exibiram o vídeo “Gente que Escreve Errado” em

milhares de salas de aula pelo Brasil, conforme eu recebia por depoimentos na internet. Alguns vinham falar comigo nas ruas e diziam: “Faça mais vídeos desse

tipo, eles não gostam de escutar conselhos de professores, mas escutam quando é

você falando.”

Mais uma vez eu me via numa situação de pressão. O vídeo sobre educação havia sido um sucesso absoluto, mas agora jogava nas minhas costas um peso inacreditável. Os adolescentes estavam me ouvindo, absorvendo minhas

mensagens e realmente utilizando em suas vidas. Mas, pera, EU TINHA 22

ANOS!

Eu também era jovem (e, se você estiver lendo este livro antes de 2020, ainda

sou. Se estiver lendo após 2020, OI! Que maneiro estar falando com alguém do

futuro, espero que já tenham inventado o carro voador e finalizado os estádios pra Copa). Como jovem, era muito complicado sentir a responsabilidade de falar para

outros que eram no máximo 10 anos mais jovens que eu, sendo muitos deles da

minha idade ou até mais velhos.

Além de modinha, eu havia me tornado uma espécie de conselheiro

adolescente. Pois é, ao mesmo tempo em que tudo dava certo, tudo dava meio errado com relação aos planos que eu havia traçado pra minha vida. Eu não era

jornalista, não era intelectual, não era a pessoa certa pra isso, mas a verdade é que as pessoas me enxergavam como crítico. E praticamente nenhuma delas como ator.

Com o passar dos dias, cada vez mais eu percebia que o Não Faz Sentido poderia

realmente assumir uma postura mais eficiente no que se tratava de mensagem positiva (leia-se “aproveitável”) para os jovens. Foi assim com os vídeos sobre “Humor Politicamente Correto”, “Modinhas” e “Gente que Escreve

Errado”. Por isso, decidi manter a mesma linha mais um pouco e fiz mais dois vídeos com uma pegada mais séria.

O primeiro deles foi após um evento muito desagradável. Por volta do início de

junho, meu primo Alan decidiu ir sozinho a uma balada underground de rock numa casa chamada Pista 3, bem famosa para os frequentadores de festas nesse

estilo no Rio de Janeiro. Normalmente, o tipo de lugar frequentado por gente inteligente e educada, onde quase nunca acontecem confusões.

O problema é que, já havia algum tempo, os famosos “playboys” tinham

percebido que nessas baladas existia uma grande concentração de mulheres interessantes, bem diferentes do padrão em festas de playboyzinhos e patricinhas, onde as meninas passam a festa inteira olhando para as roupas das outras e definindo quem está mais gostosa. Nas festas que frequentávamos, as mulheres normalmente utilizavam calças rasgadas, tênis All Star e ligavam o “foda-se” para questões estritamente estéticas. Elas estavam lá pra se divertir e não pra disputar.

Pois bem, alguns playboys começaram a achar isso atraente e passaram a frequentar as festas, o que começou a ter um acréscimo significativo no número

de confusões.

Veja bem, playboy não tem muito a oferecer à mulherada quando se trata de

inteligência. Por isso, normalmente suas maiores preocupações são seus bíceps e

a tentativa constante de mostrar para os demais o quanto ele é macho. Daí vem a

prática de usar regata na balada, ou até mesmo ficar sem camisa, seja o frio que

for. Mas o grande problema sempre fica por conta dessa necessidade de

autoafirmação.

Meu primo Alan estava na festa se divertindo, como sempre fazemos quando

vamos juntos, até que decidiu ir ao banheiro. Ao chegar, encontrou uma fila chata, mas posicionou-se no final dela e esperou sua vez, como qualquer ser humano decente e com um pingo de respeito.

Bem, essas não são características que podemos encontrar com constância nos

playboys. Dois deles se aproximaram do banheiro quando o Alan já era o primeiro da fila e tentaram ultrapassar, deixando todo mundo indignado. Meu primo, que nunca foi de olhar injustiça e ficar calado, colocou o braço tentando

impedir a entrada dos playboys no banheiro. Simplesmente fechou a passagem, num modo educado de dizer que era necessário ir para o final da fila.

Mas playboy não enfrenta fila, playboy não admite ser desafiado. Vendo Alan

se posicionar pela defesa do bom senso, um dos dois retardados agarrou meu primo numa gravata, imobilizando seus braços e o outro acertou um soco certeiro

em seu rosto, ao mesmo tempo em que gritavam coisas imbecis que todo playboy

diz, algo como “tá maluco, irmão?”, “tá querendo morrer, filho da puta?”.

Bateram e correram, o que normalmente os playboys fazem: atacam em grupo

de forma covarde e em seguida desaparecem.

A história foi basicamente essa, com o agravante de que, quando meu primo contou ao segurança, que foi expulsar os dois playboys da balada, os babacas ainda tentaram convencê-lo de que quem tinha desferido golpes havia sido o próprio Alan. Mais uma postura comum num playboy: covarde, fujão e

mentiroso.

Enfim, contei toda essa história para mostrar qual foi minha inspiração para o

vídeo que veio a seguir no Não Faz Sentido, intitulado de “Playboys Porradeiros”, no qual falei tudo o que pensava sobre essa postura imbeciloide que determinados homens têm nas baladas, ou até mesmo na vida.

Devo confessar que pensei umas cinco vezes antes de publicar esse vídeo. Na realidade não foi tanto minha mente que permaneceu na dúvida, mas, sim, minha integridade física. Até então o máximo que poderia acontecer se alguém que não gostasse dos meus vídeos e me encontrasse na rua seria uma crise de choro de determinado fã de Justin Bieber. Mas agora eu estaria fazendo um vídeo que mexeria com mais do que simplesmente meninas enlouquecidas. Como eu disse anteriormente, playboy não gosta de ser contrariado.

Enfim, decidi publicar e me ausentar temporariamente de baladas, onde poderia encontrar algum desses indivíduos com sangue nos olhos (o que, na prática, significa álcool nos olhos).

Mais uma vez o Não Faz Sentido provou que poderia tratar de assuntos sérios e manter a média de visualizações, o que acabou me dando ainda maior gás.

Para os curiosos: não, eu não apanhei, mas descobri algo interessantíssimo, os playboys porradeiros não sabem que são playboys porradeiros. Eles sempre acham que têm razão quando caem na porrada e, por isso, não vi ninguém dizendo que se encaixava no perfil da crítica. Ninguém defendeu o lado criticado do vídeo e até hoje nenhum playboy veio tirar satisfação comigo. O que, no final das contas, é uma pena, pois parece que nenhum playboy foi realmente capaz de absorver a mensagem do vídeo. Embora eu não ache que playboy algum consiga absorver qualquer mensagem, seja aonde for.

Enfim, fiz mais um vídeo, dessa vez falando sobre os “trolls” da internet, isto é,

pessoas que dedicam suas vidas on-line a entrar em conteúdo criado por outras pessoas e deixar mensagens de puro ódio despropositado. É o cara que entra no

seu vídeo e comenta algo como: “seu lixo, vídeo patético” ou simplesmente passa

dias tuitando sobre o quanto determinada pessoa é horrível na internet.

É importante ressaltar aqui uma mensagem que talvez tenha ficado confusa para aqueles que viram o vídeo sobre os trolls. Muitas pessoas acharam que eu me referia a qualquer pessoa crítica, em geral, o que está longe de ser verdade, caso contrário estaria falando mal do próprio Não Faz Sentido e de outros canais

do YouTube brasileiro, como o PC Siqueira e o Cauê Moura. Há uma diferença

brutal entre o “troll” e o cara que critica. Qualquer crítica, para ser considerada como tal, deve vir com argumentos, embasamento e, se possível, uma ideia de solução. Sempre busquei alimentar os vídeos do Não Faz Sentido com todos esses ideais, para fugir exatamente da temática *hater* (em português, seria algo como “odiador”) e fundamentar meus vídeos com uma temática mais embasada.

Posso nem sempre ter atingido esse objetivo, mas é importante lembrar que nunca

fui um crítico especializado ou alguém que traçou a vida pensando nesse ideal. O

que posso garantir é que sempre tentei.

O vídeo sobre os trolls, embora tratando de um assunto específico e não muito

popular, obteve mais uma vez um êxito fora do normal para vídeos na internet brasileira. Mais do que criticar determinado tema, esse vídeo serviu também para

informar e mostrar que determinado comportamento estava sendo abusivamente praticado na internet brasileira. De todos que fiz até hoje, considero que esse tenha sido o vídeo de menor êxito, visto que, por mais que a esmagadora maioria

tenha apoiado e defendido o seu ideal, absolutamente nada mudou e até hoje vemos um comportamento raivoso excessivo nos comentários de pessoas no

YouTube, Twitter, Facebook ou qualquer outro tipo de mídia social. Aliás, se você estiver lendo este livro e o Facebook não for mais a moda do momento, legal, pois eu nunca gostei muito e sempre disse que em determinado momento acabaria morrendo. Caso você esteja no futuro e o Facebook ainda seja a crista da onda da internet, então falhei duas vezes: uma pela minha previsão e a segunda

por usar o termo “crista da onda”.

Piadinhas à parte, fato é que nesse momento encontrava-me na seguinte

situação: os vídeos não paravam de subir de posição, o Não Faz Sentido era comentado em todo lugar e eu não parava de receber e-mails e mensagens elogiando o conteúdo que tinha ficado mais maduro e menos sobre “modinhas”.

Por mais que minha felicidade fosse alta em ver o projeto crescendo, eu também

me via na situação de cada vez mais personificar um personagem e me distanciar

da carreira de ator. Além disso, sentia uma pressão imensa baseada no que as pessoas esperavam de mim, e no papel que estava assumindo para os jovens com

acesso a internet do Brasil. Isso tudo me afetava e me deixava cada vez mais ansioso.

E a brincadeira ainda não tinha sequer começado pra valer...







Leia os QR Codes com seu celular e

acesse os vídeos mencionados neste capítulo

http://www.youtube.com/watch?v=X4Ekk71e5M8

http://www.youtube.com/watch?v=ytBmDVjFSZg

http://www.youtube.com/watch?v=o_Q36q2hmao

http://www.youtube.com/watch?v=TeUX3t2pnXM



“Crepúsculo. Ah, Crepúsculo... O livro que mais marcou a

adolescência depois de *Harry Potter* e que mais causou estrago na juventude mundial. E eu li. Eu li e eu vi. E eu fiquei triste. E eu senti dor. Doeu. E eu vou dizer pra vocês por quê.”

Com essas palavras eu comecei o vídeo que mudou para sempre a história do

Não Faz Sentido e, se você está lendo este livro, é bem possível que tenha passado a conhecer meus vídeos após ver este, que é tema do capítulo. (Já se você não está lendo este livro, então agora você ouvirá alguém falar

“ALFREDO”. Sim, você que está lendo, vá até a pessoa mais próxima e diga para ela: “Alfredo.” A reação dela será legal.)

Voltando ao assunto, *Crepúsculo* foi uma das piores coisas que aconteceram, de fato, no mundo adolescente da nossa geração, mas, no final das contas, foi uma das melhores coisas que aconteceram em toda a minha vida. Não, não estou

me referindo ao amor imbeciloide entre Eduardo Sugador e Isabela

Dentesprafora, mas, sim, ao que a saga acabou proporcionando ao Não Faz Sentido após o lançamento do vídeo criticando sua existência, no dia (espera, deixa eu conferir, um minuto) 5 de julho de 2010 (você leu isso em três segundos, mas eu levei uns quatro minutos para achar a informação de que precisava).

Se você não pulou os capítulos anteriores (aposto que vai ter gente fazendo isso pra ir direto saber o que aconteceu quando fiz o vídeo sobre *Crepúsculo* –

sério, se você pulou, por favor, despule e leia os capítulos anteriores. Jesus, esse parágrafo já está com quatro linhas, que absurdo! Ops, agora cinco), sabe que eu

estava em um momento "vou fazer vídeos mais sérios para fugir da imagem de crítico de modinhas". Pois bem, isso durou até certo momento. Ou melhor, até o

dia em que saiu no cinema o filme *Eclipse*, o terceiro da saga de quatro livros e cinco filmes criada por Stephanie Meyer.

Muito bem, aconteceu da seguinte forma:

O mês era algum que não lembro, do ano de 2010, antes do Não Faz Sentido

ter nascido. Na época, em uma de minhas investidas em baladas underground do

cenário carioca, encontrei uma menina roqueira (uau, o Word acabou de me ensinar que é "roqueira" e não "rockeira". Viu? Este livro já serviu pra alguma coisa [sério, eu preciso parar com esses parágrafos imensos, já estou usando colchetes!]). Enfim, encontrei uma menina roqueira que acabou virando um breve

romance em minha vida. Vamos chamá-la de Lílian. Saímos algumas vezes e acabamos criando um laço bacana de companheirismo e não apenas carnal

("carnal" me remete mais a churrascaria que a sexo, mas tudo bem).

Em uma de nossas conversas, ao perguntar sobre a razão de ela estar se entregando tanto a essa precoce relação (eu me preocupava, pois não estava pronto para embarcar num relacionamento), ela respondeu: "Não sei, mas sinto

em você um Edward, vocês são muito parecidos.” A pergunta que seguiu de minha boca foi: “Maqueporraéedward?” Foi assim que soube, pela primeira vez,

da existência de um livro chamado *Crepúsculo*.

Veja bem, vamos parar por um instante pois você agora deve estar rindo da minha cara por ela ter me comparado ao Edward. O filme ainda não tinha saído,

então ela não falava da questão de aparência, mas, sim, de comportamento.

Puta merda, acho que me compliquei ainda mais, era melhor acharem que era a

aparência. Agora vão achar que eu era algum tipo de borboleta brilhante que se

recusava a transar. O que estou tentando dizer é: EU NÃO ERA PARECIDO

COM O EDWARD. Mas a garota, absolutamente apaixonada e aficionada pelo

personagem do livro, buscou no primeiro cara que a tratou bem uma

personificação do cidadão. Sobrou pra mim. Eu culpo a educação que minha mãe

me deu, se tivesse tratado ela mal, nunca teria sido comparado a tal sujeito e talvez não tivesse conhecido a saga. Opa, aliás, obrigado, mãe! E pai também (relendo agora parece que chamei meu pai de açoitador de mulheres).

Voltando à história (ou seria estória? Nunca aprendi isso, só sei que tenho a tendência de achar prepotente quem escreve “estória”), a menina não era bem uma menininha, já tinha seus 20 anos e era inteligente, descolada e com uma referência literária até de respeito. À época, bem diferente do que vemos hoje em dia, *Crepúsculo* era apenas um livro e agradava a todas as idades, não apenas às meninas de 12 anos.

O fato de ter sido comparado a um vampiro de um livro que parecia trazer uma

história obscura e tensa despertou minha curiosidade. Eu precisava ler aquilo. Foi esse o dia em que fui à livraria perto de casa (ou seja, a 30 quilômetros, pois eu morava perto do Buraco do Padre) e perguntei à vendedora: “Você tem

Crepúsculo?” A febre ainda não era tão grande, então o livro ainda não estava tão em evidência nas prateleiras. Saí da loja achando que tinha comprado um livro que me prenderia a um universo fantástico de vampiros.

Ah, como eu errei.

Ao chegar em casa, conversei brevemente com Lílian pelo extinto MSN e

contei que estava com o livro em mãos. Li em resposta: “Que máximo! Você vai

adorar, vai me contando o que está achando.” Fechei o MSN, recostei-me na cama e comecei a ler.

De início já fiquei incomodado com a narrativa em primeira pessoa, pois nunca

fui muito fã desse tipo de história. Sempre gostei mais das narrativas estilo *Harry Potter*, com o brilhantismo de escrita da J. K. Rowling, reconhecido no mundo inteiro e por outros escritores consagrados (diferentemente de Stephanie Meyer, autora de *Crepúsculo* que, segundo Stephen King, “seus livros não valem um trapo”, embora ele não tenha usado exatamente essas palavras. Stephen, se você

estiver lendo, perdoe-me e HAHAHAHAHA, claro que o Stephen King está

lendo este livro). Mas, tudo bem, engoli em seco o método de escrita e continuei a leitura.

Não é que eu tenha achado ruim. Eu simplesmente não acreditava no que estava lendo a cada página que passava. Pensava não ser possível que tal história pudesse ter se tornado tão popular com pessoas tão inteligentes como as que tinha conhecido e recomendado a leitura. A incompreensão varria minha cabeça, até chegar à determinada cena em que a Bella se via perseguida por lobisomens (em

forma humana) no meio da rua e começou a pensar: “Será que eu corro ou continuo andando? Acho melhor continuar andando, se eu correr vou acabar caindo de tão estabanada que sou” – não é sacanagem, ela decide continuar andando em vez de correr por sua vida porque ela ACHOU QUE IA CAIR. A

partir daí a incompreensão transformou-se em revolta.

Decidi que ia parar de ler e voltei ao MSN. Chamei Lílian, que já iniciou a conversa perguntando sobre o livro.

“E aí, já leu quantas páginas?”

“Umas 100.”

“Ai, não vejo a hora de nos encontrarmos pessoalmente para conversarmos sobre o livro. Está gostando?”

Mulheres, quando um homem possui desejos carnais por você, podem

acreditar que grande parte das afirmações que ele faz são manipuladas para que

vocês ouçam exatamente o que querem ouvir.

“To, sim, to curtindo.”

Cafajeste.

Percebi que não seria capaz de dizer a verdade pra ela, então só me sobrava uma alternativa: terminar a leitura e dizer que aquela história fazia todo sentido e se tornaria um clássico da literatura. Voltei a ler.

A cada página que eu virava parecia que a brisa levantada me esbofeteava o rosto com força. Machismo, descontrole emocional, conservadorismo extremo, incentivo do ideal “sexo é errado, tem que se controlar o tempo todo”, quase pedofilia (ou vai me dizer que um cara de mais de 100 anos se apaixonar por uma

de 17 não é quase pedofilia?) e vampiros que brilhavam ao entrar em contato com

a luz do sol. Aquilo era demais pra mim. Contudo, a cada vez que encontrava com Lílian ou conversava por MSN, acabava voltando à leitura.

Foi assim que terminei *Crepúsculo* inteiro. Ao final, lembro de virar para minha mãe e dizer: “Nunca leia isso se ainda quiser que te considere minha mãe.”

Claro que eu estava sendo dramático. Se minha mãe tivesse virado fã de

Crepúsculo eu continuaria a amá-la, mesmo depois de trancá-la num sótão onde ela apodreceria até o fim de seus dias. Faria isso por amor.

Quando terminei o livro, ainda não tinha começado o Não Faz Sentido,

embora isso tenha acontecido logo depois. Muitos me acusavam de escolher temas para criticar baseado naquilo que eu sabia que faria sucesso no YouTube.

Se isso fosse verdade, já teria começado falando sobre *Crepúsculo*, mas, sinceramente, após alguns dias o livro deixou de me incomodar e não voltei a pensar nele, logo, não me forcei a gravar sobre algo que não estava mais verdadeiramente me incomodando. Todos os dias, após o sucesso estrondoso do

canal, recebia uma saraivada de mensagens pedindo para que eu gravasse sobre

Crepúsculo, mas não me vinha o real interesse. Eu sabia que faria sucesso, mas não queria gravar só para ter audiência, eu só queria gravar sobre coisas que estivessem me incomodando de verdade, ou o Não Faz Sentido correria o risco de perder sua essência e ficar artificial. Com tudo isso, optei por me segurar.

Até o dia em que lançaram o filme *Eclipse* nos cinemas. Nessa altura eu já tinha encerrado meu relacionamento com Lílian e já tinha dito para algumas pessoas o que realmente tinha achado do livro, o que gerou revolta e

incompreensão, sob argumentos de “você não teve profundidade o suficiente para

entender”.

Ao assistir ao trailer do filme, voltei a me incomodar com tamanha

superficialidade. Nunca mais tinha procurado saber sobre *Crepúsculo* ou qualquer coisa relacionada, mas àquela noite, após assistir ao trailer, encontrei um vídeo de uma fã americana de *Crepúsculo* que já tinha ficado famosa ao se filmar assistindo coisas relacionadas à saga. A mulher devia ter uns 150 quilos e tinha uma aparência cômica, o que não a ajudava em nada quando começava a gritar

como uma pessoa com deficiência tendo um surto psicótico ao assistir ao trailer de *Eclipse*. Mais do que dar risada, aquilo serviu para me incomodar ainda mais.

Nunca fui fã da vergonha alheia. Não consigo dar risadas de vídeos como

“Para Nossa Alegria” ou outros do gênero. A vergonha alheia normalmente me

provoca sensações estranhas e, ao ver mais vídeos de fãs de *Crepúsculo*, comecei a sentir revolta pela forma como aquele fenômeno literário estava moldando a juventude feminina da época. Você pode dizer: “Ah, mas os Beatles causavam o

mesmo resultado nas mulheres.” Sim, amigo, o que me incomodava era que isso

estava acontecendo com *Crepúsculo* e não com os Beatles.

Decidi que talvez fosse a hora de fazer um vídeo sobre a saga, mas só faria isso

se realmente pesquisasse sobre o assunto e percebesse que era passível de ter um

vídeo do Não Faz Sentido sobre o tema, pois já estava cansado da temática “teen”

e buscava assuntos mais sérios para tratar no canal. Nesse momento, baixei os filmes *Crepúsculo* e *Lua Nova*, os dois primeiros da saga (sim, eu baixei, já tinha gasto dinheiro com o livro, não cometeria o mesmo erro com os filmes, há limites

para o discurso antipirataria e comprar *Crepúsculo* ultrapassa esse limite).

Esperei chegar a madrugada, busquei minha prancheta (minha melhor amiga) e

apertei o botão do play, pronto para anotar caso alguma coisa fosse cabível de colocar em um vídeo do Não Faz Sentido.

Não tive folhas o suficiente.

Cada cena, cada diálogo, cada detalhe da história parecia ter sido tirado de uma

pessoa com seríssimos desvios psicológicos (parecia não, foi). Eu anotava freneticamente tudo que era cabível de comentários e não parava de escrever.

Assisti aos dois filmes seguidos, certo de que, àquela altura, não havia mais volta.

O “Não Faz Sentido – *Crepúsculo*” teria de nascer.

Acordei no dia seguinte determinado a gravar naquela mesma noite tudo o que

tinha para falar sobre a saga e o resultado que estava gerando nas fãs alucinadas ao redor do mundo, mas percebi que faltava algo. O terceiro filme, *Eclipse*, sairia oficialmente no dia seguinte nos cinemas e eu não deveria perder a chance de gravar meu vídeo atualizado com as cenas que viriam em mais um clássico do humor cinematográfico americano. Segurei a onda, passei o dia me controlando e

programei de ir ao cinema no dia seguinte, no Norte Shopping, com um grande

amigo de infância, o Fellipe Lourenço. Imaginei que ele teria uma coisa ou outra

para adicionar ao vídeo (coisa que nunca tinha acontecido antes, pela primeira vez, teria a colaboração de um amigo).

O dia chegou. Encontrei com Fellipe no “chafariz”, um espaço circular em frente ao cinema do Norte Shopping que joga água pra cima e tem como resultado diversas crianças correndo para lá e para cá, molhando-se inteiramente

enquanto suas mães dão risada da situação (se essa cena é inusitada pra você, é

sinal de que não cresceu no subúrbio – ou em um lugar com chafarizes).

Compramos pipoca, sentamos ao ar livre e começamos a conversar sobre a saga, já sabendo que iria se transformar em vídeo do Não Faz Sentido.

– É inacreditável, cara, o maluco é controlador, completamente perturbado, virgem aos 100 anos de idade. Como isso pode ser sedutor? – perguntei, tentando

encontrar algum vestígio de coerência.

– É uma merda, mesmo – respondeu Fellipe.

– Cara, mas, na verdade, estou um pouco nervoso, se esse filme acabar sendo

bom, diferente dos outros, não vai caber muito eu fazer um vídeo. Posso acabar

dando com a cara na parede. Esse filme pode ser excepcional pro meu vídeo ou pode destruir minha ideia.

– Relaxa, vai ser uma merda, mesmo. – O Fellipe é um cara de poucas palavras.

Entramos no cinema para comprovar de uma vez por todas que a previsão de Fellipe era totalmente condizente com a realidade. Com minha prancheta em mãos, desatei-me a anotar tudo aquilo que considerava passível de comentar no Não Faz Sentido.

Mais uma vez me vi carente de folhas o suficiente.

O filme superava, de longe, a ruindade dos outros dois anteriores somados. As cenas eram tão patéticas que chegavam ao ridículo. Em determinado momento, a Bella suplica ao Edward para que ele transe com ela, e ele diz: “Não, devemos esperar o casamento.” Nesse momento, não pude me conter, soltei uma sonora gargalhada no cinema, sob o risco de tomar uma chuva de pipoca das fãs, mas o resultado foi instantâneo, toda a sala começou a rir junto comigo. Naquele momento, nem mesmo as fãs conseguiram suportar.

Vi, atônito, a cena em que Bella está quase morrendo congelada dentro de uma cabana na neve e, para salvá-la, Jacob (o lobisomem que queria pegá-la, para desgosto do Edward) se oferece para abraçá-la para que sua temperatura corporal a salve. Edward aceita e o cidadão abraça sua mulher sem camisa, nitidamente excitado, de conchinha pelas costas, numa posição muito comum no pós-coito ou ainda mais comum no pré-coito. Enfim, comum no coito. Vendo aquilo, Edward diz: “De uma certa maneira, estou feliz de que você esteja aqui.” Vendo isso e sem acreditar, acabei soltando bem alto:

– Ah, vai tomar no cu, irmão! – A sala não riu.

Saímos do cinema revoltados, sem acreditar no que tínhamos visto. No carro,

ficamos a viagem inteira falando sobre o que tudo aquilo representava.

– E a cena da cabana, cara? – perguntei.

– Aquilo é um viado! Maluco escroto! Moleque, aposto que ele não quer transar com a Bella porque ele deve se amarrar num fio terra – respondeu Fellipe.

– Porra, exatamente, aí quando eles casarem, já era, ele vai pedir pra ela enrabar ele a noite toda e ela já vai estar casada mesmo, então vai fazer.

– Pois é, tudo que aquele vampirinho quer é um dedo quente naquele cu gelado.

E assim nasceu uma das frases mais famosas do "Não Faz Sentido –

Crepúsculo", agora devidamente creditada ao seu autor: Fellipe Lourenço.

Falamos sobre muito mais coisas – qualquer viagem para minha antiga casa é

longa. Discutimos mais sobre a cena da cabana, momento em que o Fellipe disse

que eu deveria guardar mais para o final e soltar toda a raiva ali, jogando os óculos no chão de tanto ódio (que acabou se tornando realidade no vídeo) e algumas outras coisas.

Cheguei em casa, por volta da 1h e fui direto para o quartinho abafado sem janelas onde gravava o Não Faz Sentido. Posicionei a câmera, as luzes e sentei-me à prancheta para organizar as ideias. Fiquei até umas duas horas anotando tudo e colocando em ordem cronológica dos acontecimentos. Começando pelo apanhado geral da ideologia literária da história, passando pelos fatos mais engraçados do livro, depois indo para os filmes e terminando com tudo que podia

comentar sobre *Eclipse*.

Apertei o botão "gravar" da câmera e comecei o discurso mais enraivecido da

história do Não Faz Sentido até então.

Mesmo com todas as anotações, muitas coisas saíram no improviso, ao

observar que o meu discurso poderia causar algumas confusões. Como, por exemplo, em determinado momento do vídeo digo que *Crepúsculo* foi feito para agradar somente menininhas e que mulheres independentes e inteligentes não seriam capazes de gostar. Ao dizer isso, lembrei-me de Lílian e percebi que mesmo algumas mulheres mais inteligentes também tinham sucumbido aos

encantos da mongolice. Então improvisei: “Não importa exatamente a idade, o que importa é a sua cabeça. Então, mesmo se você tiver 50 anos, se você for uma

pessoa apaixonada por *Crepúsculo*, significa que você tem a cabeça de uma menininha de 13 anos virgem, bobinha, que não sabe nada da vida.” Finalmente

agora, desapegado dos interesses carnais por Lílian, pude transformar em palavras aquilo que havia pensado na primeira vez em que lera as primeiras páginas de *Crepúsculo*. Se o sexo não existisse, acho que teríamos uma sociedade muito mais sincera.

O discurso continuou e foi longe, a cada momento eu me lembrava de mais coisas além do roteiro e adicionava no improviso. Querendo mostrar a péssima interpretação do casal, mas sem querer chamá-los de maus atores pois isso significaria criticar a performance de alguém da mesma profissão que eu (não acho elegante, acredito que, se você é um músico, não deve dizer que outro músico é ruim, ou significa que você se considera um ótimo músico – a menos que você seja o Stephen King criticando a Stephanie Meyer, aí, sim). Decidi imitar as caras que faziam durante praticamente 90% de todos os filmes. A Bella

com seu rosto mostrando os dentes (sério, alguém dá um aparelho pra Kristen Stewart porque ela tá mais pra Kristen Stewart Little) e o Edward com sua expressão “acabei de me cagar e espero que você não perceba” (eu literalmente

pensei nisso na hora de imitar sua expressão).

As imitações acabaram ficando marcadas e até hoje, quando dou alguma

palestra ou participo de um evento como convidado, muitas pessoas pedem para

que eu imite o Edward ou a Bella. Acabo sempre as frustrando, pois não me sinto

confortável fazendo isso, penso que acabaria parecendo que quero

desesperadamente ter a aprovação da plateia e o vídeo já tem essas cenas para quando alguém quiser rever.

Outra frase que acabou se tornando eterna no Não Faz Sentido foi: “Um vampiro se apaixonar por um ser humano é a mesma coisa que você se apaixonar

por uma vaca.” A frase, no fundo, não tem sequer muito sentido, visto que outras

histórias de vampiro já trouxeram o romance sem cair pra babaquice e deu certo.

Por isso, considero essa parte um tanto quanto sofista, mas que acabou dando muitos frutos, pois se encaixou com a crítica ao filme e foi repetida inúmeras vezes pela internet afora.

Enfim, após outros momentos que são lembrados até hoje pelos fãs, como

“você não tem vida, seu peido do capeta” e “se você grita quando vê o Jacob sem

camisa, você com certeza é virgem, se não é virgem de sexo é virgem de pensamento, não sei o que isso significa, mas foda-se”, o vídeo ficou pronto. À

essa altura já era praticamente 4h e eu estava absolutamente acordado. Sentei na

minha “ilha de edição”, ou seja, minha mesa velha com meu computador

guerreiro, e editei o vídeo em tempo recorde.

Por volta das 6 horas da manhã o vídeo estava no ar. Se você está começando

a fazer vídeos agora, um conselho: não coloque vídeos no ar às 6 horas da manhã, não é inteligente com o YouTube de hoje em dia, mas na época eu não

entendia nada de YouTube, de hora de publicação ou de como fazer um vídeo ter

mais acessos, eu só gravava e colocava no ar. Fui dormir com uma certeza: o dia

seguinte seria o dia em que eu mais receberia xingamentos na vida.

Leia o QR Code com seu celular e

acesse o vídeo mencionado neste capítulo.

http://www.youtube.com/watch?v=2Lp7XO6oWCM



Devo ter ficado pelo menos cinco minutos sem piscar, abrindo abas sem parar no meu navegador na internet para poder acompanhar tudo que estava

acontecendo. Eu acabara de acordar e, antes mesmo de escovar os dentes, já estava sentado para ver a repercussão do vídeo.

De início, meu nome estava em primeiro lugar nos *trending topics* mundiais, o que era algo totalmente fora da realidade. O vídeo já contava com mais de 8 mil

comentários em poucas horas, meu nome estava em quase todos os blogs de fãs

de *Crepúsculo* da internet brasileira, que postavam o vídeo incentivando as outras fãs a irem me xingar no YouTube e no Twitter.

A coisa tinha sido muito maior que qualquer previsão de minha parte. Eu recebia ataques de todos os lados. Dos 8 mil comentários, pelo menos metade era

de fãs alucinadas xingando todas as minhas gerações passadas. Comentários do tipo: “Eu espero que a mãe desse cara morra de câncer” ou “Tomara que ele seja

atropelado, esse desgraçado”. Pelo que eu podia perceber, milhares de pessoas estavam vendo um vídeo do Não Faz Sentido pela primeira vez, em vez do público fiel que eu mantinha vídeo a vídeo.

Aquilo me divertia na mesma proporção em que me assustava.

As fãs começaram a se organizar. Postavam em seus blogs e comunidades do

Orkut formando mutirões para dar “não curtir” em meus vídeos (o famoso voto negativo). Uniam-se também para denunciar o vídeo para o YouTube, na

esperança de tê-lo removido, além de denunciarem minha conta do Twitter. Um

funcionário do YouTube me ligou (primeira vez que isso aconteceu) e disse que

eles estavam enlouquecidos com a quantidade de denúncias que estavam

recebendo do meu último vídeo e que precisariam estudar para ver se precisariam

removê-lo. Tremi, por alguns instantes, pareceu que as fãs venceriam e

literalmente me censurariam, mas logo em seguida recebi outra ligação e o mesmo

funcionário disse que estava tudo ok, mas que eu precisava pensar melhor nos palavrões ou o YouTube poderia tirar meus vídeos do ar por isso. Disse para ele

que passaria a falar menos palavrões (ah, claro) e desliguei o telefone feliz.

Hoje pode parecer bobo, mas para mim aquilo estava ficando mais assustador

que divertido. Eu já havia mexido com as fãs antes, que no auge da raiva tinham

ajudado a promover meus vídeos e me xingado de todos os nomes possíveis, mas

dessa vez era diferente. Parecia que dali pra frente eu viraria o inimigo número um de toda jovem brasileira um pouco mais boba (o que era uma parcela

considerável das jovens brasileiras) e eu não me sentia muito confortável com a

ideia de estar andando em um lugar público e pessoas começarem a me xingar.

Em certo momento até torci para que o vídeo não ficasse tão popular, ou isso poderia significar que todo novo vídeo que lançasse teria uma chuva de xingamentos e votos negativos, o que poderia comprometer seriamente o projeto.

Principalmente se um dia empresas quisessem anunciar e eu pudesse viver só disso (que empresa iria querer anunciar em um canal que é totalmente odiado nos

comentários e recebe uma chuva de votos negativos?).

Mais ou menos três horas depois duas coisas permaneciam intactas, meu nome

em primeiro lugar nos *trending topics* mundiais e meu hálito de paçoca adormecida. Não conseguia desgrudar da tela do computador, contrariando

qualquer conselho racional de alguém com muita exposição: não fique lendo tudo

o que estão falando de você. Era impossível, minha curiosidade era maior que meu desejo de me blindar dos comentários negativos e isso resultou em uma séria

dor de estômago, motivada provavelmente pelo meu organismo suplicando para

que eu escovasse os dentes.

Foi assim o dia inteiro (com a exceção de que finalmente fiz minha higiene e

me alimentei), continuei a ler tudo e percebi que, após o surto de revolta das fãs, finalmente as coisas estavam começando a entrar em equilíbrio. Diversos

comentários dos fãs do Não Faz Sentido estavam chegando para a batalha e esses

mesmos fãs ajudaram a convencer diversas das meninas revoltadas de que aquilo

não era motivo para tamanho ódio (outros devolviam na mesma moeda,

xingando

as fãs com a mesma força que elas me xingavam, gerando um efeito dominó).

Meu nome finalmente saiu dos *trending topics* mundiais, mas permaneceu nos do Brasil. O vídeo continuava a se mover com muita força pra cima e antes de completar 24 horas já contava com mais de 30 mil “gostei” e, na altura em que o

YouTube atualizou a contagem, mais de 300 mil visualizações. O vídeo ocupava

três posições na lista da capa do YouTube, como “mais visto em entretenimento”,

“mais visto em geral” e “mais adotado como favorito”. O tráfego não parava de

subir, junto com a guerra entre os fãs, as gargalhadas e os desejos de morte pra

minha família.

Coisas estranhas começaram a acontecer. Meu primo Alan me ligou e falou que tinha passado mal de rir com o vídeo, coisa que ele nunca fizera antes, mas

até aí compreensível. O estranho foi por conta de pessoas totalmente aleatórias que começaram a me escrever e me ligar. Amigos com quem não falava havia anos, colegas de quem mal me lembrava lotando minha caixa do Orkut dizendo

que tinham adorado o vídeo que eu tinha feito. Familiares mais distantes entraram na mesma onda, até o momento em que percebi que aquele vídeo estava

atingindo casas de pessoas que não faziam a menor ideia de quem eu era ou o que

era o Não Faz Sentido.

Fui tentar dormir sabendo que aquele provavelmente fora o primeiro dia de uma nova fase da minha vida, mas sem certeza se essa fase seria sensacional ou

terrível. Virava no travesseiro como um frango de padaria, sem conseguir pregar

os olhos. A incerteza era o mais difícil. Eu sabia que, em questão de audiência,

tinha dado um tiro certeiro, quem sabe até algo que ninguém jamais tinha feito em toda a história da internet brasileira, mas isso não me reconfortava. Muito pelo contrário, só gerava incertezas e a sensação de que o chão abaixo de mim poderia

abrir a qualquer momento e eu cairia para nunca mais ser lembrado.

Eu poderia virar um ícone da internet e transformar o Não Faz Sentido em um

orgulho sem precedentes, mas também poderia despencar se errasse no vídeo seguinte e perdesse o apoio dos fãs de verdade, ou poderia ser massacrado pela

imprensa se um dia chegasse a esse tamanho, poderia ser tão odiado que teria de

ficar trancado em casa por um bom tempo, poderia virar motivo de piada entre

as

pessoas como alguém que “tentou ficar famoso”, poderia até mesmo ser

simplesmente ignorado e esquecido se as pessoas enchessem o saco da minha cara. Muitas coisas poderiam dar errado, enquanto poucas poderiam dar certo. O

momento era de extrema pressão, extrema insegurança e desconforto, ao mesmo

tempo em que gerava uma extrema felicidade.

Poucas horas depois acordei depois de uma péssima noite (ou dia,

considerando que eu ia dormir por volta das 6h).

Levantei, fui ao banheiro calmamente, sem afobação, molhei o rosto, olhei minha cara de sono no espelho, escovei os dentes e fiz o primeiro xixi da manhã.

Tentei controlar a ansiedade do que teria na internet no momento em que eu olhasse o computador e, por isso, ignorei minha falta de fome e me forcei a comer alguma coisa. Caminhei devagar até o computador, sentei na cadeira e dei F5 na

página do vídeo no YouTube.

– PUTA QUE PARIU!!!

Dei um berro nada educado com o assombro de ver que o vídeo já contava com 1 milhão de visualizações! Em menos de 48 horas no ar o vídeo já tinha batido de longe todos os recordes de acesso em tão pouco tempo em comparação

aos anteriores.

Ao ler o que as pessoas estavam comentando, outro susto. Os comentários negativos haviam sido reduzidos drasticamente, substituídos por grandes risadas e milhares de avisos dizendo: “Mostrei o vídeo pra minha mãe”, “Mostrei o vídeo

pra minha irmã”, “Juntei a família toda pra ver”, “No meu colégio só se fala nesse vídeo”. As pessoas estavam mostrando o vídeo pra tanta gente que aquele

milhão de visualizações provavelmente representava muito mais que isso,

contando o número de pessoas que estavam vendo junto de outras ao mesmo tempo. Mais que isso, muitos dos comentários mostravam que o vídeo estava chegando a pessoas que jamais veriam nada na internet. Em termos mais técnicos,

o vídeo estava atingindo números de “mainstream”, ou seja, algo fora do padrão

limitado da audiência de internet na época.

Isso era bom e ruim, como tudo que estava acontecendo. Era bom pelos

números e pelo reconhecimento do trabalho, mas ruim por pensar que o vídeo que atingiu tamanha repercussão não era um daqueles com discurso mais sério.

Eu havia feito vídeos pensando numa mensagem interessante para os jovens, mas

o vídeo que muitos pais estavam vendo era aquele em que eu falava sobre “dedo

no cu”. Sabia que, por mais que o humor presente no vídeo parecesse ser grande

o suficiente para fazer as pessoas não se aterem a isso, acabaria desagradando muitos conservadores pelo discurso nada moral ou de acordo com os “bons costumes”, principalmente considerando um país como o Brasil, onde quase 100% dos palavrões do cinema americano são traduzidos para palavras suaves na

dublagem ou legenda. Onde as novelas são “imorais” se usam a palavra “merda”.

Onde o cinema ficou marcado como “absurdo” por utilizar do palavreado comum

das ruas.

Eu poderia vir aqui e dizer que tudo era ótimo, que eu só me divertia, que ser

politicamente incorreto me deixava animado e que eu estava pouco me fodendo

para o que pensavam, mas isso seria mentira, embora muitas pessoas pensem que

era exatamente assim que me sentia. Eu tinha preocupações e, principalmente, sabia que alguém mostraria meu vídeo para a minha avó. Nada legal.

O que fazer? Àquela altura do campeonato dar pra trás não era uma opção.

Peguei o telefone e liguei para meu pai, normalmente a pessoa certa para me aconselhar em momentos de tensão psicológica. Ouvi coisas de fundamental importância, como a necessidade de me precaver para tudo que poderia acontecer

caso isso desse realmente certo. Até então eu estava apenas me divertindo em fazer vídeos, mas as coisas já estavam caminhando seriamente para outra proporção. Precisava aprender a lidar com as críticas negativas, com as prováveis mentiras que começariam a surgir para tentar denegrir meu trabalho e até mesmo

minha pessoa. Não seria fácil e definitivamente eu não estava preparado para isso, mas não tinha escolha, era isso ou desistir de tudo e sumir da internet.

Ao final do dia o vídeo já somava quase um milhão e meio de visualizações e

não parecia estar perdendo força. De certa forma, a impressão era de que o vídeo

era cada vez mais impulsionado para cima. Naquele dia, a lista de vídeos com maior número de visualizações fechou da seguinte forma:

1. Não Faz Sentido – Gente Colorida: 2.055.669

2. Não Faz Sentido – Justin Bieber: 1.991.201

3. Não Faz Sentido – Vida de Garoto: 1.779.807

4. Não Faz Sentido – *Crepúsculo*: 1.466.127

5. Não Faz Sentido – Gente que escreve errado: 1.343.720

Em apenas dois dias o vídeo sobre *Crepúsculo* já estava em quarto lugar e tudo

indicava que atingiria a primeira posição. Voltando àquela época, é curioso analisar como eu considerava que seria impossível criar outro vídeo que pudesse

ter a mesma audiência do “Gente Colorida”, uma vez que esse tinha sido o grande impulsionador inicial do Não Faz Sentido. Era uma sensação

provavelmente semelhante ao que deve sentir um cantor que lança seu primeiro hit de sucesso: “Será que um dia conseguirei lançar outro ainda maior que esse?”

A resposta começava a tomar forma.

Naquela mesma noite decidi ir novamente ao cinema, no mesmo Norte

Shopping, para assistir a algum filme que agora não consigo me lembrar. Fiz a mesma rotina de sempre, fui para o mesmo lugar que, dois dias antes, tinha ido para assistir ao *Eclipse*.

Na noite em que assisti ao filme que mudou minha carreira no YouTube, poucas pessoas me reconheceram. Tirei algumas fotos e ouvi alguns conselhos, mais ou menos como vinha sendo todas as vezes em que ia para algum local público de aglomeração. Contudo, nessa noite, a segunda noite após o

lançamento do vídeo sobre *Crepúsculo*, tudo estava diferente.

A fila para comprar ingresso estava quilométrica. Curiosamente as pessoas na

época pareciam não saber da existência do guichê eletrônico, onde você compra

com cartão e não precisa falar com o caixa. Espero que agora, no momento em

que você lê este livro, as pessoas já tenham aprendido a comprar ingressos pela

internet ou evitar as filas de guichês físicos. Fato é que pelo menos 200 pessoas encontravam-se aglomeradas naquele ambiente para assistir ao *Eclipse*.

Naquele momento, travei. Antes de entrar no saguão do cinema, congelei por

alguns instantes com o pensamento: “Será que essa galera já viu meu vídeo sobre

Crepúsculo?” Não era um pensamento animador, a julgar pelo fato de que quase

toda aquela fila era justamente para comprar ingresso para o filme *Eclipse*, ou seja, eram muitos fãs da saga aglomerados no mesmo espaço. E se eu entrasse e

resolvessem me bater? Ou me xingar?

Na mesma hora imaginei uma cena absurda, mas não impossível. Eu entrava no saguão do cinema e, após alguns segundos, as pessoas começavam a

cochichar umas para as outras e uma vaia começava a nascer de algum ponto da

multidão. Em seguida, todos se viravam e começavam a me vaiar em uníssono, gritando coisas estilo torcida de futebol: “Ei, Felipe Neto, vai tomar no cu!”

Depois disso eu saía cabisbaixo do saguão, assumindo minha derrota perante a possibilidade de ser agredido.

Ou poderia simplesmente não acontecer nada. O vídeo somava 1,5 milhão de

visualizações. Perto da população brasileira de 190 milhões de habitantes isso representa algo, de certa forma, insignificante, algo em torno de 0,8%. Quantas pessoas ali dentro teriam verdadeiramente assistido ao meu vídeo?

Estufei o peito (não que faça muita diferença considerando meu peitoral de lagartixa da caatinga), me enchi de confiança e entrei no saguão.

Nos primeiros instantes percebi que minha última previsão estava certa.

Caminhei tranquilamente até a pequena fila do guichê eletrônico (provavelmente

oito pessoas na fila, contra mais de duzentos no guichê físico) e nada aconteceu, nenhuma pessoa veio falar comigo e muito menos uma vaia surgiu no meio da multidão. Apurei os ouvidos para qualquer sinal da citação do meu nome, tentando ativar meu sentido aranha e ter a chance de correr ao menor sinal de agressão verbal. Nada, apenas ouvia os murmurinhos sobre o filme e percebi a presença de muitos namorados contrariados esperando o momento de comprar o

ingresso para um filme que eles não queriam ver.

E foi aí que a coisa aconteceu. Dentro de minhas previsões de ódio, eu havia

esquecido completamente da presença em massa dos namorados, presentes

somente para agradar suas parceiras na esperança de ter um retorno em forma sexual mais tarde. E foi um deles que me reconheceu primeiro.

– Tu é o Felipe Neto? – perguntou o rapaz, que devia ter em torno de 20 anos.

Não lembro exatamente seu rosto, apenas que ele parecia estar nervoso de falar comigo (mal sabem as pessoas que sou eu que fico absurdamente nervoso quando

alguém se aproxima).

– Sou, sim, beleza? – respondi apreensivo. Ainda não sabia se ele era amigo ou não.

– CACETE! Cara, não acredito, eu acabei de mostrar teu vídeo de *Crepúsculo*

pra minha namorada antes de vir pra cá!!!

Um alívio subiu pela minha espinha dorsal. Ele era amigo e, aparentemente, a

namorada também. Ela se aproximou, rindo e envergonhada e os dois pediram uma foto. Aceitei. Confesso que adoraria ter essa foto, pois marcou um período

muito importante, o momento em que eu percebi que agradava muito mais que desagradava.

No momento em que a primeira pessoa me reconheceu, dezenas de outras

olharam para saber o que estava acontecendo e a coisa virou uma bola de neve.

Aos cochichos, a fofoca se espalhou mais rápido que notícia de gravidez no ensino médio. De repente me vi cercado de diversas pessoas elogiando o vídeo de

Crepúsculo e pedindo fotos, enquanto as outras seguravam o lugar na fila. O

grupo foi crescendo à medida que muitos terminavam de comprar seus ingressos

e, quando percebi, minha presença ali já estava se tornando um inconveniente

para o cinema pela confusão causada. Seguranças apareceram e pediram para que

eu fosse para o lado de fora (e levasse a confusão comigo).

Foi uma noite extremamente gratificante. Essa foi a noite em que eu percebi que o ódio presente na internet definitivamente não se manifesta na vida real. Na internet todos são corajosos, protegidos normalmente por contas falsas, com nomes falsos e fotos inventadas. Elas podem ameaçar sua vida, ameaçar sua família e provavelmente sairão impunes. Mas na vida real as pessoas não têm a mesma coragem. Cheguei a ver um único grupo de meninas que, ao me

reconhecer, torceu o nariz e foi na direção oposta, mas foi só.

De todas as pessoas que vieram falar comigo, a esmagadora maioria tinha conhecido o Não Faz Sentido no dia anterior, pelo vídeo sobre *Crepúsculo*. Isso mostrava a força inacreditável que o vídeo havia atingido. Quando voltei para casa, percebi que o cálculo de 0,8% da população brasileira estava

completamente equivocado, pois eu havia ignorado completamente dois fatores fundamentais: a exclusão do número de pessoas que vive na pobreza e na miséria,

sem condições de ter um computador e muito menos uma conexão com a internet

e o número de pessoas que havia assistido ao vídeo junto de outras,

potencializando aqueles 1,5 milhão para algo muito maior que isso. Se diminuísse

ainda mais a quantidade de pessoas acima de 30 anos, o número de pessoas correspondentes àquele 1,5 milhão de acessos era algo realmente absurdo para somente dois dias de existência do vídeo.

Para coroar ainda mais, o que mais ouvi aquela noite, além dos agradecimentos

dos namorados (“muito obrigado, cara, nunca tive coragem de falar aquilo pra minha namorada”), foram os depoimentos das próprias meninas e mulheres,

dizendo que, por mais que fossem fãs da saga, não conseguiam discordar de tudo

que eu havia dito. Algumas, inclusive, relataram que tinham passado a enxergar a

saga com outros olhos, enquanto muitos outros comentaram que tinham ido ao cinema somente para poder assistir e rir de tudo que eu tinha citado sobre o filme.

Acabei não indo ao cinema naquela noite, mas voltei para casa com uma sensação muito melhor que provavelmente teria sentido com uma sessão comum

de cinema. Voltei com a sensação de que, não importava meu alvo, não

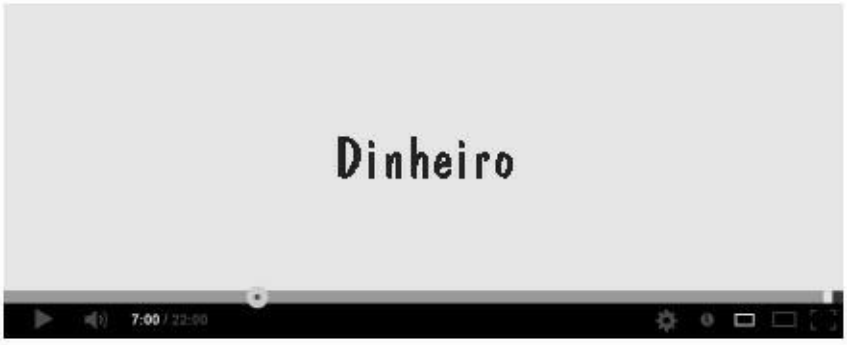
importava o quanto os fãs fossem devotos ao que eu criticava, as pessoas eram capazes de captar a essência do Não Faz Sentido e enxergar que, acima de tudo,

era um projeto que não buscava denegrir e depreciar pessoas, mas, sim, motivá-

las a pensar. Mesmo através de muitos argumentos óbvios, os vídeos possuíam muito mais que xingamentos, e as pessoas estavam sendo capazes de enxergar isso e apreciar meu trabalho mesmo que fosse falando mal de algo de que gostavam. Ainda no táxi, a caminho de casa, pensei várias vezes na frase que uma menina havia dito: “Eu te xinguei lá nos comentários do vídeo, mas não me

odeia, tá? Eu adoro seus vídeos.” Todas aquelas ofensas não passavam de uma grande bobagem.

Mas o pior ainda estava por vir.



No dia 14 de julho, nove dias depois de ter lançado o vídeo sobre a saga

do vampiro fada, a lista dos vídeos mais assistidos do canal já estava da seguinte forma:

1. Não Faz Sentido – *Crepúsculo*: 2.329.414

2. Não Faz Sentido – Gente Colorida: 2.238.660

3. Não Faz Sentido – Justin Bieber: 2.212.493

4. Não Faz Sentido – Vida de Garoto: 1.932.141

5. Não Faz Sentido – Gente que escreve errado: 1.519.139

Nove dias foram o suficiente para colocar o vídeo de *Crepúsculo* no topo do ranking do canal, superando vídeos que já estavam no ar havia mais de 4 meses.

Analisando a lista de forma mais consciente, é notória a percepção de que os temas adolescentes eram, sem dúvida, as maiores atrações do canal, muito embora

a quinta posição fosse ocupada com um vídeo sobre educação e nas outras posições do TOP 10 figurassem vídeos de teor sério. Isso já não me preocupava

tanto, embora tenha sido fundamental na hora da imprensa definir o meu tipo de

trabalho, mas isso é leitura para um dos próximos capítulos.

Minha vida mudou drasticamente nesse período, por diversos fatores. Primeiro

por conta da explosão de audiência fora dos âmbitos internéticos que *Crepúsculo* havia me proporcionado. Um número absurdo de pessoas me parava nas ruas e meu Twitter explodiu de seguidores. Na época, como as grandes estrelas da TV e

da música ainda não tinham invadido o microblog, eu entrei no TOP 10 de maior

número de seguidores do Brasil, algo totalmente inimaginável quatro meses antes.

Em segundo lugar, foi em julho que o canal Não Faz Sentido ultrapassou oficialmente o canal Mas Poxa Vida, do meu amigo PC Siqueira, e tornou-se o maior canal do YouTube brasileiro em número de assinantes e média de

visualizações por vídeo (uma ressalva importante: existe um brasileiro que mora

nos Estados Unidos desde os 9 anos de idade, chamado Joe Penna, que já era um

fenômeno internacional da internet com seu canal MysteryGuitarMan. Contudo, como seus vídeos são em inglês e, por isso, seu público é do mundo inteiro, o canal não entra no ranking de canais brasileiros, de língua portuguesa).

Em terceiro lugar e o mais importante de todos, julho foi o mês em que oficialmente larguei todas as minhas atividades profissionais para me dedicar única e exclusivamente à minha carreira e ao meu canal no YouTube. E tudo começou a dar certo. Contudo, mesmo no auge de tudo dando certo e eu começando a ganhar uma quantia considerável pelos anúncios que o YouTube colocava em meus vídeos (aqueles banners e vídeos publicitários que tanta gente

odeia), nasceu a primeira preocupação séria com o futuro profissional.

Passei a seguir Joe Penna (o MysteryGuitarMan que citei acima) no Twitter e,

para minha surpresa, ele me seguiu de volta. O Joe era, na época, um dos maiores

“youtubers” do mundo, saía na imprensa americana e era considerado

provavelmente o maior talento técnico de toda a internet mundial. Isso porque seus vídeos eram absolutamente inovadores, ele utilizava de técnicas de edição para criar músicas com objetos inusitados e fazia verdadeiros clipes com qualidade hollywoodiana. Nunca imaginei que alguém daquele tamanho poderia

me seguir no Twitter, que dirá que eu poderia conversar com ele no dia a dia.

Mas foi o que aconteceu.

Motivado por tê-lo como meu seguidor, enviei uma mensagem privada para

Joe falando da minha admiração pelo seu trabalho e pelo orgulho que sentia em

saber que ele era brasileiro. Ele me respondeu falando que assistia aos meus vídeos e estava muito feliz em ver o Brasil crescendo no YouTube através do meu trabalho e do PC Siqueira (nos EUA o YouTube já era uma ferramenta

profissional havia pelo menos 3 anos, mas no Brasil foi somente comigo e com o

PC que a coisa começou a ser mais séria).

Aquela troca de mensagens virou uma troca de endereços de MSN e, quando

percebi, já estávamos conversando sobre a vida e o mundo da internet. Joe acabou gostando ainda mais de conversar comigo pois era uma oportunidade para

ele praticar seu português, enferrujado após tantos anos nos EUA. Já para mim era algo surreal, pois ele havia sido uma das minhas maiores fontes de inspiração quando decidi começar a fazer vídeos e definitivamente alguém que eu admirava

muito mais que a esmagadora maioria dos artistas por aí. Conversamos sobre sua

vida, sobre o fato de ter ido morar nos Estados Unidos, sobre ele ter largado o curso de medicina para se dedicar ao YouTube (“Uau! Eu também acabei de largar minha carreira de Designer Gráfico para viver disso também” – grandes merda, o cara largou Medicina) e sobre o futuro.

Ele abriu meus olhos para um fator de fundamental importância para o meu futuro. Relato abaixo o diálogo, mais ou menos como me lembro:

Felipe: “Cara, o que você pensa em fazer mais pra frente?”

Joe: “Eu quero ser diretor, o YouTube pra mim é uma forma de me aperfeiçoar

e mostrar meu trabalho.”

Felipe: “Você não pretende viver de YouTube?”

Essa ideia parecia absurda na minha cabeça. Joe Penna fazia vídeos para milhões de pessoas. Sua média de visualizações era superior a 3 milhões por vídeo e ele já tinha diversos contratos de publicidade assinados. Em outras palavras: estava ganhando muito dinheiro.

Joe: “O que eu faço é limitado, as pessoas vão cansar em algum momento. Eu

faço músicas e dirijo os clipes, agora está bombando, mas o que será que vai

acontecer daqui a dois anos?”

Eu não tinha pensado nisso. No auge da minha felicidade com o Não Faz Sentido, não percebi que o meu projeto também tinha prazo de validade, como tudo na vida. Afinal, se *Friends* e *Seinfeld* não duraram para sempre, como eu poderia achar que o Não Faz Sentido duraria?

O Joe fazia músicas criativas com clipes incríveis, eu fazia vídeos

incorporando um personagem de óculos escuros que reclamava e argumentava contra as coisas. Quem teria paciência para ficar vendo aquele mesmo

personagem por tanto tempo, com tantos vídeos seguidos? Eu estava chegando ao

meu auge, no topo da barra de estatísticas, mas nada poderia me assegurar de que

aquela seta não começaria a se inclinar para baixo e de que veria meu projeto começar a cair no ostracismo. E, quando isso acontecesse, como eu reagiria? Não

poderia perder a essência do projeto, ou seja, não poderia começar a sair catando assuntos polêmicos com o único objetivo de ter audiência. Não tinha feito isso até aquele momento e esse era provavelmente o motivo de tamanho sucesso, as pessoas percebiam que eu não estava sendo falso em meu discurso, não estava aproveitando a onda para aparecer. Embora de fato a onda estivesse me levando

para a frente, eu não fazia com esse intuito. O que aconteceria se essa onda começasse a morrer?

Sabia que estava garantido por um tempo considerável, a menos que realmente

começasse a perder a essência e fazer vídeos muito ruins para meu próprio público. Desde que mantivesse aquilo que vinha fazendo, era provável que pudesse manter o Não Faz Sentido rentável e com muita audiência por mais alguns meses, mas eu não poderia correr o risco de perder tudo, como já havia acontecido em minha vida em outras oportunidades.

Pensei em algumas possibilidades diferentes. Eu poderia utilizar o YouTube

como uma alavanca para minha carreira de ator. Poderia criar outros projetos na

internet. Poderia juntar o dinheiro que conseguisse e abrir uma loja de cachorrosquentes. Mas eu nunca gostei de cachorro-quente.

Optei pela primeira opção. Decidi que, a partir daquele momento, passaria a buscar coisas novas para minha carreira como ator. Hoje em dia percebo que a decisão foi um erro, mas absolutamente necessário para que eu pudesse

amadurecer como nunca. Veja bem, meu sonho sempre foi ser ator, do tipo tradicional, teatro, TV e cinema. Até aquele momento não existia a carreira "ator de internet" e eu não considerava essa possibilidade. Seguindo um sonho de criança, optei pelo errado, achando que era o certo. Contudo, se pudesse voltar no tempo, garanto a vocês, teria seguido o mesmo caminho, pois foi errando que aprendi.

Alguns poucos dias se passaram, e eu, provavelmente com medo após o

sucesso inacreditável do vídeo sobre *Crepúsculo*, me abstive de gravar novos vídeos. Imagine a pressão em cima do vídeo seguinte àquele que tinha atingido uma proporção totalmente fora de qualquer padrão para um vídeo brasileiro. A expectativa que os fãs criariam em cima do próximo precisava ser atendida com

um conteúdo à altura e, por isso, segurei.

Não lembro exatamente o dia, mas, numa tarde, enquanto olhava os números

do vídeo de *Crepúsculo* subirem ainda mais vertiginosamente, meu celular tocou.

O número era privado. Atendi, relutante, imaginando ser alguma operadora de telefonia ou cartão de crédito tentando me oferecer alguma coisa sem graça que

só ocuparia meu tempo.

Era uma mulher do Multishow, canal da TV fechada brasileira que você

provavelmente conhece.

– Aqui é a Susana. – Não era Susana, minha memória é consideravelmente fraca

para nomes. – Trabalho no Multishow para o Christian Machado.

– Ah, oi, Susana, que legal. – Fingi conhecer o tal Christian Machado. Sou uma pessoa péssima para qualquer nome em geral, mas no meio artístico você normalmente tem que fingir que conhece fulano ou cicrano, sob o risco de te acharem prepotente por não conhecer alguém tão óbvio. Sou incapaz de lembrar

quantas vezes depois tive que acenar positivamente e elogiar o trabalho de alguém que nunca vira na vida, só para não me queimar nesse meio repleto de pessoas egocêntricas e superficiais (o que não reflete a personalidade do Christian, citado acima).

– Então, Felipe, estou ligando para saber se você pode vir aqui na sede do Multishow para ter uma reunião com o Christian, ele quer dar uma palavrinha com você.

Não sabia quem era, mas você pode reconhecer a importância de alguém

quando não é ele quem liga para marcar as próprias reuniões. Aceitei na hora, agendando para alguns dias depois, o que não ajudou em rigorosamente nada a minha ansiedade. Se alguém da TV te liga e marca uma reunião, tenha a inteligência de pelo menos perguntar do que se trata, ou você passará alguns dias tendo crises estomacais perante a possibilidade de uma grande oportunidade. E o

pior, como ela me ligara de um número privado, eu sequer poderia retornar para

perguntar.

Tudo parecia uma coincidência inacreditável. Poucos dias depois de decidir que iria passar a investir na minha carreira de ator fora da internet, alguém do Multishow me liga. Todas as possibilidades varriam meu cérebro de um lado para

o outro. Eles poderiam estar ligando para me oferecer um programa na grade, poderiam querer que eu aparecesse em um episódio de algum programa já

existente, poderiam querer me entrevistar em algum outro, ou poderiam querer que eu passasse a receita do pavê da minha mãe (sério, o melhor pavê da humanidade – embora eu achasse difícil que fosse isso).

Enquanto esperava pelo dia da reunião, encontrei a inspiração para gravar outro vídeo e assim o fiz. Contudo, quero dedicar um capítulo especial só para ele. Vamos avançar na história um pouquinho e, já nas próximas páginas, voltarei

para este ponto para contar a história do vídeo “Fiukar”.

O dia da reunião com o Multishow se aproximava e, ainda ansioso, o telefone

voltou a tocar. Número privado. Atendi na esperança de ser a mulher que havia

marcado minha reunião, sob a perspectiva de finalmente sanar minha dúvida e diminuir minha ansiedade. Mas dessa vez era da Rede Record.

A ligação teve como recheio o primeiro convite para uma participação na TV

em toda a minha vida. Eu seria entrevistado pelo João Gordo (grande nome da história da MTV que estava trabalhando no programa *Legendários*, do Marcos Mion, na Record). A entrevista toda seria via internet, mas, durante o programa

na TV, João Gordo e eu apareceríamos duas vezes. Era uma ótima oportunidade

de mostrar meu trabalho para um público ainda mais diferenciado, o da TV

aberta.

Dois dias depois eu estava em um avião a caminho de São Paulo, sem acreditar

em como as coisas pareciam planejadas ao meu redor para fazer com que tudo desse certo. Reunião no Multishow, entrevista em um programa da Record, o que

mais estaria por vir?

Cheguei à sala da produção do programa e, nesse momento, é importante

ressaltar que a TV é muito menos luxuosa do que se imagina. A sala da produção

e redação era absolutamente comum, com pelo menos vinte computadores e

pessoas escrevendo neles, algumas jogando ou vendo vídeos no YouTube. Eu poderia ter acabado de entrar em um escritório de advocacia e não perceberia a diferença. Ao fundo da sala estava o João Gordo, sentado na mesa e conversando

com o Mionzinho. Ao seu lado, uma jovem bonita e superarticulada também falava sem parar. Aproximei-me e me apresentei, sem ter ideia de que aquela jovem, de nome Andressa Bianco, se tornaria uma das pessoas mais importantes

da minha vida na época.

– E ae, moleque, tá fazendo sucesso aí na internet, hein?

É, o João Gordo conhecia meu trabalho. Embora isso não fosse tão

surpreendente, afinal ele poderia ter ficado sabendo porque eu seria seu entrevistado, nada mais normal que ele fazer uma pesquisa sobre a pessoa que iria entrevistar. De todo modo, era o João Gordo falando sobre meu trabalho e isso,

para qualquer pessoa da minha idade, era algo bem surreal. Aquele era o cara que

tinha levantado um tampo de vidro para jogar na cabeça do Dado Dolabella.

Sério, surreal.

Conversei com os três por um bom tempo. Descobri duas coisas interessantes:

que o Mionzinho tinha voz (ele nunca fala quando está ao lado do Marcos Mion)

e que a Andressa era uma das agentes dele e do próprio Mion. Ela trabalhava para um escritório chamado agência DNA, que era responsável pelas carreiras de

grandes artistas, embora muito poucos e aparentemente selecionados a dedo. Era

uma agência diferenciada, que não focava nos lucros que um artista era capaz de

proporcionar mas, sim, em construir artistas verdadeiramente valiosos por suas capacidades e projetos, um tipo de lugar em que eu gostaria de estar.

O que eu não sabia na época era que a Andressa não estava ali para dar suporte ao Mionzinho. Tempos depois descobri que ela, ao saber que eu seria entrevistado, foi com a cara e a coragem para a porta da Rede Record e implorou

para deixarem-na entrar, se apresentando como agente dele (o que realmente era,

mas não estava na lista para entrar e essas portarias são extremamente rigorosas).

Depois de muito debate, ela conseguiu e a grande razão de estar ali era o desejo

profundo que tinha de conseguir me levar para dentro da DNA, uma batalha quase impossível visto que eu não tinha qualquer relevância artística além de um

canal de sucesso no YouTube, nada comparado, por exemplo, ao Bruno Mazzeo,

outro representado pela casa. A própria Andressa sabia da dificuldade que seria

convencer as duas grandes empresárias, Adriana Pires e Bruna Arilla, a me colocar na lista dos menos de dez empresariados da época, todos muito

qualificados. Mas, enfim, eu não sabia de nada disso, somente da importância que

seria se eu tivesse a oportunidade de figurar em uma agência como essa.

Nos últimos minutos antes de entrar no set para ser entrevistado, Marcos Mion

entrou na sala e eu me afundei profundamente na cadeira. Explico: o Marcos sempre foi um dos maiores ídolos de toda a minha vida. Seus programas: *Piores clipes do mundo*, na MTV, e depois *Descontrole*, na Band, estiveram presentes em toda a minha infância e adolescência. Isso sem falar das apresentações antológicas que ele fazia para o prêmio VMB, da MTV. Por isso vocês podem imaginar a minha cara quando ele apertou minha mão e disse que achava meus vídeos “do cacete”.

Segui para a entrevista sentindo que andava sobre as nuvens. Na mesma noite,

João Gordo e Marcos Mion tinham mostrado que conheciam meu trabalho e o segundo ainda dissera que achava “do cacete”, o alcance do Não Faz Sentido tinha chegado à mídia e aquilo fazia com que meu estômago desse “parabéns”

depois de tanta ansiedade.

Como foi minha primeira entrevista da vida, não sabia muito bem como agir.

Decidi, erroneamente, utilizar os óculos escuros e interpretar o cara meio

revoltado que fazia nos vídeos. Se na época já tivesse uma empresária, uma agente e uma assessora, elas teriam impedido isso, que ia totalmente de encontro

ao meu desejo de me desvincular da imagem do Não Faz Sentido e seguir uma

carreira fora dele. Mas, enfim, a entrevista foi um sucesso.

Contei toda essa saga com o *Legendários* para chegar até este momento, o do fim da entrevista, quando Andressa finalmente me falou que iria tentar de todas as formas me levar para a DNA. Aquilo era o céu, a maior oportunidade que eu recebera até ali. Com uma empresária como a Adriana Pires eu poderia alçar voos

altíssimos e criar uma reserva financeira tendo que me preocupar muito menos do

que se eu tivesse que fazer tudo sozinho. Mesmo sendo um tiro no escuro e a possibilidade de ela realmente me aceitar muito pequena, tive a certeza de que daria certo. Não era possível que tanta coisa estivesse dando certo ao mesmo tempo e aquilo daria errado. Parecia existir algum tipo de força ao meu redor sincronizando os acontecimentos para que tudo estivesse no lugar certo, na hora

certa.

Conheci poucas pessoas na vida que tivessem um brilho tão grande e uma força de vontade tão absurda quanto a Andressa Bianco. Ela acreditava tanto em

mim e no que eu poderia fazer que bateu de frente com a segurança da Record,

invadiu uma sala onde teoricamente não poderia estar, conversou por horas comigo com o objetivo de captar tudo o que poderia sobre a minha personalidade

e, bem... Alguns dias depois, já no Rio de Janeiro, recebi uma ligação de São Paulo.

– Felipe, aqui é a Adriana Pires, empresária da Agência DNA, tudo bom?

Sim, era a grande empresária da agência em que eu tanto desejava entrar.

– Menino, olha, eu tentei de todas as formas dizer pra Andressa que a gente não poderia agenciar um garoto da internet que a gente não conhecia, mas ela ficou do meu lado uns três dias seguidos insistindo em que eu visse um vídeo seu, e eu acabei assistindo a todos. Você pode almoçar comigo amanhã?

Depois descobri que a Andressa não só tinha ficado plantada ao lado da Adriana com o notebook na mão pedindo para ela me assistir, como ela também

havia escrito uma carta gigantesca assumindo toda a responsabilidade de me agenciar e prometendo que cuidaria de mim dia e noite, diminuindo a quantidade

de trabalho que elas teriam e garantindo que não iriam se arrepender.

E, não, eu não tive qualquer tipo de envolvimento físico ou amoroso com ela.

A partir daquele dia até hoje a vejo como um anjo, que, em vez de genitália, possui a parte lisa que nem um boneco Ken. Aliás, se você estiver pensando em

se envolver com a Andressa, saiba que se você a magoar eu te caçarei até o inferno. Está avisado.

O almoço estava marcado e, curiosamente, seria no mesmo dia da reunião com

o Multishow. Sairia direto da sala do Christian Machado para o Baixo Gávea e o

almoço com a Adriana Pires. Em outras palavras, esse era o dia mais importante

da minha carreira até ali. Das duas, uma: ou eu teria um dia inacreditavelmente fantástico, ou miseravelmente desapontador (o Multishow poderia estar querendo

apenas que eu aparecesse em uma entrevista – embora achasse difícil que marcassem uma reunião pra isso – e a Adriana poderia querer apenas me conhecer para depois dizer que daria uma ajuda mas não me agenciaria).

Mais uma vez tive uma daquelas noites de pouquíssimo sono, ainda mais

considerando que precisava estar na Barra da Tijuca de manhã cedo (meu pesadelo, ter algo a fazer cedo no dia seguinte). Rumei para a sede do Multishow

cheio de possibilidades em minha mente. Após uma pesquisa no Google, tinha descoberto que Christian Machado era ninguém menos que o diretor-geral de produção artística do Multishow. Ou seja: fiz bem em fingir que o conhecia ao telefone.

Christian se mostrou diferente dos executivos da TV que eu tinha em mente.

Sempre imaginei pessoas velhas de espírito, sem nenhum tipo de senso de humor

refinado e que riam de se acabar quando viam atores olharem para a câmera e gritarem: “Humm, é mole?!” Isso definitivamente não tinha a ver com o Christian,

um homem relativamente novo que me recebeu de sorriso no rosto e me contou

um pouco de sua história.

A proposta foi simples, direta e espetacular. O Multishow estava de portas abertas para qualquer ideia que eu tivesse. Simples assim. Eu deveria anotar todas as ideias que pudesse para criar um programa no canal e eles analisariam. Em suma, eles queriam que eu virasse um ator da casa e criasse projetos lá dentro. Era a oportunidade que eu queria e da qual precisava para me desvincular da imagem

somente de um cara que critica coisas no YouTube e que só sabe fazer um tipo de

vídeo. Ainda tão importante quanto isso, o Multishow queria me contratar com salário fixo e estabilidade durante 12 meses. Estabilidade, uma palavra que eu jamais conhecera.

Disse ao Christian que reuniria todas as ideias que pudesse e me recusei a negociar quanto seria meu salário. Disse a ele que naquela tarde teria uma reunião com Adriana Pires para ver se eu passaria a ter uma empresária e, se desse certo, a própria agência negociaria a questão salarial com ele. Por mais uma

coincidência absurda do destino, Christian sorriu de orelha a orelha:

– A Adriana é uma grande amiga minha há vários anos. – JACKPOT!

Agora só faltava a reunião com a Adriana.

Cheguei ao Baixo Gávea (ponto de encontro do Rio de Janeiro com diversos

bares e restaurantes) com a certeza de que a primeira reunião fora melhor que o

esperado, agora só faltava que tudo desse certo na segunda. Encontrei com a Adriana ainda na rua, uma mulher loira e muito bonita, por volta de seus 35 anos, absolutamente simpática e diferente do perfil autoritário e sabe-tudo, comum em

diversos empresários do meio artístico.

Sentamos em um restaurante ao ar livre, muito confortável, e começamos a conversar sobre toda a minha trajetória. Em nenhum momento, em nenhuma

pausa, Adriana quis saber sobre dinheiro ou o que eu pretendia fazer para enriquecer. A única preocupação dela parecia ser com o que eu faria com a minha

carreira, que direção deveria tomar, como superar os obstáculos e atingir aquilo que gostaria de atingir. Aquilo me encantou.

– Bom, Felipe, preciso ser sincera. Eu achei seu trabalho incrível. É uma coisa

nova. Mas eu nunca trabalhei com nada de internet e, sendo mais sincera ainda,

estamos absurdamente atoladas com os agenciados que temos no escritório –

disse Adriana.

Meu estômago revirou; se ela não falasse um “mas” na frase seguinte,

certamente diria que não seria capaz de me agenciar.

– Mas...

Meu cérebro gritou diversos palavrões comemorativos.

– Nós ficamos tão impressionadas que estamos pensando em agenciá-lo. Vai ser importante pra gente pegar alguém ainda numa fase tão inicial e poder ajudar

a montar tudo desde o zero. Só que preciso dizer que uma coisa ainda me preocupa. Você fez vídeos superpopulares com temas adolescentes, como será que os adultos irão te ver?

Pode parecer mentira, mas não é: antes que eu pudesse responder, nesse exato



momento, uma mulher por volta dos 40 anos aproximou-se da mesa.

– Com licença, desculpe atrapalhar, mas você é o Felipe Neto? Menino, sou professora do ensino médio em uma escola aqui perto e precisei vir aqui te parabenizar pelo que está fazendo. O seu trabalho está influenciando toda a juventude brasileira. Você fala coisas nos seus vídeos que nós, professores, tentamos falar a todo o momento mas nunca somos ouvidos. Aquele seu vídeo sobre gente que escreve errado é sensacional. Continue assim, de verdade.

É claro que “influenciando toda a juventude brasileira” e outros elogios desproporcionais eram exagero, mas aquilo era uma coincidência inacreditável.

No momento da pergunta sobre a forma como os adultos me veem, aquela pessoa

apareceu e deu esse relato fantástico. Quando olhei para Adriana, ela só sabia sorrir.

– Então, vamos começar a trabalhar juntos? – perguntou.

Tudo estava se encaixando. Estava recebendo o suficiente para sobreviver com

o YouTube, havia aparecido na TV pela primeira vez, possivelmente teria um

programa no Multishow e agora era empresariado por um grupo fantástico. Se as

coisas continuassem a dar certo, em pouco tempo poderia sair da casa da minha

mãe e atingiria a independência financeira estável e segura com a qual tanto sonhara desde a infância.

Leia o QR Code com seu celular e

acesse o vídeo mencionado neste capítulo.

http://www.youtube.com/watch?v=UI7i7hod5Q0



O dia era 20 de julho de 2010, quinze dias após a publicação do vídeo

sobre *Crepúsculo*, que já rompera a barreira dos 3 milhões de acessos. A pressão do vídeo lançado havia resultado em uma barreira criativa no meu cérebro.

Qualquer que fosse o tema escolhido, dificilmente seria capaz de atingir um público tão grande quanto toda a polêmica envolvendo a saga do vampiro celibatário. Tudo havia se encaixado magicamente para o sucesso daquele vídeo:

o tema, o fato de ninguém no Brasil ter exposto uma opinião contrária à saga de

forma tão veemente e, principalmente, o lançamento do filme *Eclipse*. Seria impossível encontrar um conjunto circunstancial tão forte quanto esse, mas não havia escolha, eu precisava gravar outro vídeo ou o canal correria o risco de começar a cair.

Motivado pela boa notícia do Multishow, comecei a vasculhar os temas que me incomodavam à época. Até que me lembrei de um.

No dia 15 de junho, pouco mais de um mês antes, havia feito uma breve viagem a São Paulo e, com tempo para gastar, fui conhecer PC Siqueira pessoalmente pela primeira vez. Fomos a uma Starbucks, sendo os dois

alucinados por café, e em seguida ele me recebeu em sua casa para conversarmos

sobre a vida de maneira geral e, principalmente, sobre o YouTube. Foi nesse mesmo dia que gravamos o primeiro vídeo juntos para o canal Mas Poxa Vida (canal do PC). Uma curiosidade da qual me orgulho: esse é até hoje o vídeo mais

assistido da história do canal.

Na época, o YouTube brasileiro era praticamente dominado pelos vídeos dos

canais Não Faz Sentido e Mas Poxa Vida. A popularização do formato ainda não

tinha se estabelecido, embora já começasse a dar resultados, algumas milhares de

pessoas já começavam seus vlogs inspiradas principalmente por nossos projetos,

o que resultava em certo orgulho e, por que não dizer, uma leveza de arrogância.

Poucas pessoas reconhecem a importância que PC teve para o cenário do

YouTube. Ele foi o primeiro brasileiro da história a começar um canal e a elevá-

lo a grandes proporções, sem deixar a peteca cair. Antes dele, alguns casos como

Ronald Rios e Guilherme Zaiden tentaram o mesmo, mas o primeiro não atingiu

um grande público e o segundo desistiu por motivos que até hoje são

inexplicáveis, embora eu me arrisque a dizer que foi pela pressão que tanto já citei aqui neste livro.

Eu possuía uma forte admiração pelo PC, pois sabia que o seu projeto havia sido um dos principais combustíveis para que eu decidisse começar o meu, mas

não era um sentimento recíproco. Motivado por preconceitos dos quais sempre

fui

alvo, PC achava que eu era algum tipo de “carioca surfistinha babaca de papai rico”. Precisei de pelo menos dez conversas longas para que ele pudesse ver que,

na realidade, éramos muito parecidos.

Enfim, fato é que eu estava em sua casa quando a conversa aconteceu:

– Porra, mano, eu tenho muito fã babaca – disse o PC.

– Babaca como?

– Ah, mano, eu faço uns vídeos nada a ver e vem um monte de menininha idiota ficar pedindo pra casar comigo, uma porrada de adolescente babaca.

Eu sabia bem qual era a sensação. Por mais que a gente criticasse adolescentes

que ficam gritando que amam seus ídolos, acabávamos sendo alvo do mesmo tipo

de comportamento. Expliquei a ele que o mesmo acontecia comigo, ao que ele respondeu:

– Porra, eu poderia ficar elogiando, mimando, falando que amo, aí eu vou lá e

posto uma coisa meio depressiva no Twitter e ainda acham que eu sou um cuzão

só porque não sou igual ao Fiuk.

Essa sempre foi uma característica que compartilhei com o PC. Nunca fomos

de ficar elogiando fã, passando a mão na cabeça e se aproveitando deles a fim de

render bons frutos para nosso trabalho. No Twitter sempre prezamos pela sinceridade, doesse a quem doesse. Era muito comum tuitarmos coisas como:

“Quem fica pedindo vídeo novo todo dia: não enche a porra do saco. Eu vou gravar quando quiser e não porque vocês tão pedindo.” Muitos fãs não estavam

acostumados com esse tipo de comportamento por parte de um “ídolo”. Para

eles,

o normal era o sujeito agir de forma carinhosa o tempo inteiro, mostrando a importância de suas existências.

Não fazíamos isso só porque queríamos pagar de “falsos rebeldes” na internet.

Não planejávamos as coisas de modo a poder conquistar mais fãs de acordo com

nossa imagem e, para ser sincero, acho que essa característica foi fundamental para que tantas pessoas criassem uma identificação conosco. Muitos fãs

percebiam que éramos pessoas como outras quaisquer: acessíveis e atingíveis.

Falávamos publicamente sobre inseguranças e momentos de tristeza. Muitas

vezes até mesmo ligávamos a webcam ao vivo e conversávamos com o público,

da nossa maneira, levando ainda mais nossa realidade para dentro das casas dos

fãs. Xingar “fãs babacas” (como PC os categorizou) virou um clichê todas as vezes em que nos propúnhamos a interagir com eles. Mas nada disso era planejado, estávamos somente sendo nós mesmos, sem tentarmos fingir uma

personalidade ou impressionarmos as pessoas através de algo construído por uma

assessoria de imagem. Contudo, essa não era a realidade de muitos artistas jovens ao redor do Brasil.

– Quem é Fiuk, cara? – perguntei ao PC.

Foi nesse momento que conheci Fiuk pela primeira vez. Na época, ele não estava em *Malhação* e era famoso por ser o filho do Fábio Junior e ter uma banda teen. Milhões de meninas já derretiam seus corações pela persona que ele representava, embora eu não conseguisse entender muito bem o motivo.

– Tu nunca viu o Twitter do Fiuk, mano? – É difícil ter uma conversa comigo

sem eu falar a palavra “cara” e mais difícil ainda falar com o PC sem ouvir a palavra “mano”.

Foi então que o PC abriu o Twitter do Fiuk e meu queixo caiu.

Não foi a aparência do Fiuk que me incomodou, não foi a música, não foi o nível de interpretação. Foi a forma como ele tratava as fãs. Suas tuitadas pareciam ter saído de um livro de “piadas prontas”. Ele postava coisas do tipo: “Mooreeess, só passei aqui pra dizer que amo todas voceeess”; “Suas lindas tão lindas vocês

são a razão deu existir”; “Minhas mores vocês são todas minhas namoradas.”

Naquele instante tive um acesso de gargalhada imaginando como seria se o PC

Siqueira agisse igual ao Fiuk. Se você não conhece o PC, busque uma imagem no Google e tentem imaginá-lo com esse tipo de personalidade. Um dia ainda irei

convencê-lo a passar o dia inteiro tuitando coisas do tipo.

Fato é que, depois das gargalhadas, aquilo começou a me causar certo

desconforto. Ao voltar para casa, descobri que não era apenas o Fiuk que se comportava daquela maneira. Luan Santana conseguia ser ainda pior nesse

quesito, fazendo juras de amor de uma forma totalmente abobalhada. Os

integrantes do Restart repetiam a mesma forma de agir, bem como os da banda Cine e outros jovens artistas da época que tinham conseguido atingir certa notoriedade. Parecia uma regra: após atingir o sucesso, transforme-se num babaca

quando for falar com os fãs.

O pior de tudo é que esse tipo de atitude rendia resultados. Sem a capacidade

de atingir e se manter no sucesso por conta de suas qualidades artísticas, esses ídolos se utilizavam desse tipo de comportamento para conquistar fãs, que ficavam desesperadamente apaixonadas, manipuladas por frases planejadas por seus assessores, de uma falsidade sem tamanho. Por meio dessas fãs eles conseguiam ainda mais projeção, principalmente em função dos prêmios da

música conquistados pela votação popular. Enquanto fãs de bandas como Skank

votavam uma vez e fechavam a página, as fãs desses artistas montavam mutirões,

passavam 24 horas acordadas votando sem parar, criavam contas com CPF falso,

reuniam-se em torno da idealização de um cara bonitinho que supostamente as amava.

É importante ressaltar que não me refiro apenas a um ídolo que diz “eu te amo”

para os fãs. Michael Jackson fazia isso e, para mim, ele foi o maior gênio da música de todos os tempos. Contudo, Michael não ficava constante e

incessantemente repetindo o mantra do “eu te amo, vocês são lindas, quero casar

com vocês” e muito menos recebia prêmios e se tornava um ícone tendo como única característica relevante esse tipo de comportamento. É a mesma

comparação que costumo fazer quando falo sobre as roupas coloridas. Bandas como Ramones e Beatles também já usaram calça laranja e camiseta azul piscina,

mas o que saía de seus instrumentos era imensamente superior ao traje utilizado e eles não dependiam disso para obter sucesso. E acho que nem preciso entrar no

mérito dos trajes de Freddie Mercury. Enfim, sigamos em frente.

Voltando ao dia 20 de julho de 2010, enquanto pesquisava sobre que tema iria

falar no meu próximo vídeo, lembrei-me de tudo isso e fui buscar um

aprofundamento no tema. A cada página que visitava, mais aquilo me

incomodava. Eram vídeos do Luan Santana em seus shows, tuitadas do Fiuk, depoimentos da banda Restart. Enfim, se você pesquisar hoje garanto que ainda

tem muito material das antigas para render boas gargalhadas.

Para piorar, um novo termo estava bombando nas mídias sociais: “Família Restart.” O termo, criado pela banda, buscava designar seus fãs dentro de uma nomenclatura que rendesse ainda mais orgulho. Os meninos e meninas gritavam

a

plenos pulmões: “Não mexe com a família Restart!” e “A Família Restart é minha

vida!”

Muitas vezes parei para me perguntar: “Cara, por que você se incomoda com

essas coisas?” E inclusive já ouvi essa pergunta algumas vezes ao longo dos últimos anos. Sim, é verdade, nenhum deles estava me causando mal algum. O

Fiuk nunca escreveu uma música me chamando de broxa. Eles estavam lá,

fazendo seus trabalhos em suas músicas e eu, por algum motivo, sentia um forte

incômodo pelo modo como eles agiam.

Abrindo a sessão de terapia, é óbvio que a minha frustração artística era um dos fatores determinantes para que eu sentisse raiva. Sempre tive o sonho de ser

ator, esfreguei o rosto na madeira do palco mais vezes do que posso contar e sempre soube que minha chance de sair dali para fazer algo realmente notável era

de uma em um milhão. Ver artistas com pais famosos virando mega celebridades

com uma qualidade (que eu considerava) pífia de trabalho era, sem dúvida, um incômodo. Em termos práticos, o argumento “você tem inveja do Fiuk” não estava longe de ser verdade. A questão é que não era uma inveja de tudo que ele

tinha, mas uma raiva de ver que, na minha concepção, ele não merecia, principalmente pela forma como tratava as fãs e pelo resultado que aquilo rendia

para suas premiações e destaque na mídia. Mais uma vez atento para o fato de que tento ser sincero, não importa sobre o que seja, é mais do que natural traçar esse raciocínio sobre o que despertava minha raiva na época, mesmo que isso possa resultar em você me achar mesquinho. Obviamente essas são coisas que eu

consigo enxergar hoje em dia, mas na época esses artistas só me irritavam e

ponto final.

Comecei a elaborar o vídeo naquela mesma noite e tomei a decisão que

mudaria para sempre minha vida.

Decidi que iria criar um nome para esse tipo de atitude dos ídolos, a de ficar repetindo que amavam as fãs e dizer que eram suas namoradas. Na busca por um

verbo para definir esse tipo de comportamento, deparei-me com a possibilidade de utilizar o nome do próprio Fiuk, pois o som ficava perfeito: “fiukar.”

Veja bem, eu poderia ter escolhido “luansantanizar”, ou “luanar”, ou

“restartar”, mas nenhum desses nomes soava bom, o primeiro era muito grande, o

segundo parecia título de música da Calypso e o terceiro parecia ação de video game. Então fiquei com “fiukar”.

O resultado disso foi que todos acharam que meu vídeo falava única e

exclusivamente do Fiuk, o que não é verdade. O vídeo fala sobre o

comportamento, que pode ser encontrado nas falas de diversos artistas. Nunca foi

meu objetivo fazer um vídeo para xingar o Fiuk, isso seria estupidamente infantil.

Diferentemente do Justin Bieber e das inúmeras piadas ao seu redor, Fiuk não possuía características idiotas o suficiente para eu embasar um vídeo inteiro na sua existência. Errei no roteiro, dando a impressão de que eu estava atacando única e diretamente o filho de Fábio Junior. Digo “errei” porque, por mais que a

mensagem tenha sido passada, poucas pessoas perceberam que ela também se referia a outros ícones.

Comecei o vídeo com o seguinte:

“Fiukar. Do latim: Aurelius fiuknemous. Ato ou efeito de agir como um

verdadeiro retardado, para iludir uma penca de adolescentes igualmente

retardadas, de modo a deixá-las com as coxas úmidas pensando que são amadas

por um ídolo babaca.”

Enquanto recitava esse parágrafo, fingia estar lendo um dicionário, que na verdade era o livro *O gene egoísta*, do Richard Dawkins. Hoje, vendo isso, dou risada ao perceber o quão idiota foi segurar o livro de Dawkins. Parece uma tentativa idiota de parecer intelectual, como se ler Dawkins fosse uma grande coisa. Na realidade, a razão de ter utilizado um livro foi para não ter que decorar o texto. Na página aberta estava um recorte de papel com tudo que eu precisava

dizer. Tcha-nam!

Continuei o vídeo argumentando a manipulação dos ídolos sobre seus fãs, comparando suas atitudes com a mesma usada no adestramento de cães.

Enquanto que para o cão você dá um prêmio (biscoito) pelo bom comportamento,

para o fã, o ídolo fazia juras de amor em troca de votos e gritos desesperados, condicionando a massa para sempre reagir dessa forma quando ouvissem o “eu te

amo”.

Cito abaixo um dos trechos que ficaram mais marcados no Não Faz Sentido:

“O seu ídolo NÃO te ama. Exatamente, ele não te ama, sabe por quê?

Primeiro, porque ele não te conhece e, segundo, porque ele não tem motivo nenhum pra te amar. Se você ama alguém porque essa pessoa te segue, ou se você ama alguém porque essa pessoa vota em você, ou se você ama alguém porque essa pessoa tem um pôster seu colado na parede, você tem probleminha!”

Foi nesse vídeo que a expressão “você tem probleminha” acabou ficando

marcada para sempre no Não Faz Sentido. Acabei repetindo em diversos vídeos,

mas depois decidi parar por ter começado a achar chato pra cacete as pessoas ficarem repetindo essa frase toda vez que me viam. E também porque comecei a

achar a própria frase um tanto quanto idiota.

Em um espasmo de raiva, acabei improvisando outro trecho que foi muito repetido:

“Esse é o jeito mais fácil de conseguir fã: mentindo pra ele. Eu quero ver você

conseguir fã falando a verdade, cuzão.”

Em outro momento, disse:

“Eu não amo nenhum de vocês. A menos que você seja a minha mãe.” –

Minha mãe assistia aos meus vídeos – “Eu não amo meus fãs, eu não conheço 99,9% dos meus fãs. Mas aí entra o detalhe: isso não significa que eu odeie os meus fãs. Existe esse conceito no Brasil, se você não trata seu fã falando que ama e blábláblá, significa que você tá tratando mal o seu fã. Não, caralho! O que você tem que exigir do seu ídolo é que ele te trate como gente, isso inclui, principalmente, não mentir pra você, não te iludir e não te tratar como um babaca.”

Mais para o final, veio a frase que fechou o vídeo com chave de ouro e virou

bordão entre muitos jovens da época.

“Na próxima vez que um desses ídolos falar que te ama, responde pra ele assim: AMA PIRU, MANO!”

Não faço ideia do que me motivou a criar o trecho acima, que hoje me soa bastante infantil, mas fato é que funcionou e muito. Nas semanas seguintes a frase

“ama piru, mano” apareceu inúmeras vezes nas redes sociais. Um fã do Não Faz

Sentido chegou a gravar um show do Luan Santana em que, após o próprio dizer

“amo vocês”, outro cara gritou: “AMA PIRU, MANO!” Não sei se o vídeo ainda

está no YouTube, mas foi bastante engraçado ver a raiva das pessoas ao redor.

Lancei o vídeo no dia seguinte, com a consciência tranquila, sabendo que tinha

feito algo de que podia me orgulhar, com uma mensagem importante por trás da

revolta. A mensagem de tentar levar um pouco de consciência para a massa jovem que idolatrava e evidenciava ídolos que não mereciam aquilo que

recebiam. Sabia que o sucesso de audiência do vídeo de *Crepúsculo* era praticamente inatingível, mas estava me sentindo confiante de que conseguiria algum resultado entre os jovens com o vídeo sobre a fiukagem.

Agora imaginem o som de uma explosão nuclear. Foi isso que ouvi durante os

cinco dias que se seguiram ao lançamento do vídeo. Foi tudo muito rápido, tão rápido que é difícil lembrar todos os detalhes, tão rápido que resultou em erros de minha parte.

O vídeo se alastrou na velocidade da luz e em dez minutos meu nome estava

novamente em primeiro nos *trending topics* mundiais. Mais uma vez as fãs, bêbadas de ódio, empurraram o vídeo pra frente, mostrando para todas as pessoas

que conheciam na tentativa de me afetar com seus xingamentos. Contudo, dessa

vez, a coisa vinha com uma força totalmente diferente.

Muitas das fãs que comentavam não estavam me xingando, mas sim dizendo

que o vídeo tinha feito elas perceberem muita coisa que não tinham percebido antes. Os namorados e amigos lotavam a caixa de comentários com mensagens de

apoio, o Twitter fervilhava e eu ganhava novos seguidores em uma velocidade impressionante.

Diferentemente do vídeo sobre *Crepúsculo*, no qual eu criticava uma saga, dessa vez eu estava mostrando algo importante bem na frente das pessoas que serviram

como alvo do vídeo. Algo absolutamente óbvio, mas que muitos eram incapazes de enxergar pelo estado de cegueira causado pela idolatria. A Família

Restart, contudo, permanecia com sangue nos olhos, principalmente por eu ter dito, em determinado momento: “Família é o caralho!”

Fui dormir feliz com o resultado. No primeiro dia o vídeo ultrapassou os 300

mil acessos e meu nome permanecia em primeiro lugar como o assunto mais comentado no Twitter do mundo inteiro.

O problema veio no dia seguinte.

Ao acordar, assustei-me ao perceber que em nenhum momento meu nome saiu

da primeira posição dos *trending topics* mundiais do Twitter, algo que nunca tinha acontecido antes. O vídeo ganhava uma força impressionante, até que descobri uma das principais razões. O próprio Fiuk tinha assistido ao vídeo e postado algo em seu Twitter.

Corri para ver, motivado pelo relato dos fãs na minha caixa de mensagens.

Deparei-me com a seguinte mensagem pública do Fiuk:

“Ae @felipeneto, vc é mto bom cara! Só não mexe com quem ta quieto. É

triste ter q falar mal dos outros p/ fazer sucesso. Mas ficou engraçado.”

Duas coisas me deixaram atônito com a mensagem. A primeira foi o fato de o

Fiuk não só saber quem eu era como também me achar “mto bom”. Até então eu

sabia que o Mion e o João Gordo me conheciam, mas imaginava que a razão disso seria o fato de que eu era um entrevistado do programa. Dessa vez foi a prova cabal de que o vídeo realmente estava nas casas de pessoas bastante midiáticas e que qualquer crítica que eu fizesse provavelmente seria vista pelo próprio alvo, se ele fosse brasileiro.

A segunda coisa foi a forma como ele me alfinetou, com o famoso “morde e

assopra”, ou seja, “vc é mto bom” seguido de “só não mexe com quem ta quieto”

e depois “é triste ter q falar mal dos outros p/ fazer sucesso” seguido de “mas ficou engraçado”. Típica resposta de alguém treinado por uma assessoria de imprensa para sair como mocinho em qualquer debate público.

Esse foi o momento em que cometi o maior erro de toda a minha carreira.

Sempre que sou perguntado sobre o pior momento do Não Faz Sentido, cito esse

exato momento como principal exemplo.

Movido pela impulsividade e falta de experiência, aliadas à raiva, resolvi respondê-lo.

“O Fiuk é tão genial que conseguiu usar o mesmo argumento das suas fãs de

11 anos” – respondi, referindo-me ao “não mexe com quem ta quieto” –

“Exemplo de como lidar com público-alvo, a gente vê por ali” – adicionei em seguida, citando o slogan da Globo.

Eu não só respondi ao Fiuk de forma pública como também citei a Rede Globo

dentro da crítica. Eu iria pagar por isso mais tarde.

Não satisfeito, continuei:

“Mas relaxa, @Fiuk, eu sei q precisei falar mal dos outros pra fazer sucesso.

Azar o meu, não nasci com papai famoso.”

Fiuk rebateu:

“@felipeneto q azar. Nem com papai famoso e nem talentoso. Rsrsrs.”

Não sei o que me fez rir mais na época, se foi o fato de ele dizer que eu não era talentoso depois de ter dito na tuitada anterior “vc é mto bom” ou o fato de ele rir com “rsrsrs”. Acabei encerrando a discussão da seguinte forma:

“@Fiuk Talento? Você falou de talento? Desisto mano. Boa sorte ae...!

AHuhaUhUAhuHAu”

Sentiram minha risada de macho?

Enfim, esse foi o momento mais infeliz de tudo que fiz desde que comecei o

Não Faz Sentido e já já explicarei o motivo.

Fato é que eu tinha ido longe demais, mas não fazia ideia disso. Na minha cabeça, aquela era apenas uma discussão idiota motivada pela raiva e

impulsividade, mas somente uma discussão insignificante. O problema é que não

era. Esqueci completamente do tamanho do Fiuk para a imprensa brasileira e ignorei o fato de que o Não Faz Sentido já estava com números o suficiente para

ser conhecido por muita gente.

As horas que se seguiram foram extremamente complicadas. Não lembro quem

foi o primeiro, o Ego, a *Quem*, ou a *Contigo*, só consigo lembrar que em poucas horas a notícia da discussão estava na esmagadora maioria dos veículos de fofoca

do país, aqueles que eu tanto odiava e dos quais já tinha falado mal. O pior, a maioria das matérias era escrita de forma a deixar Fiuk como o mocinho da história, o herói incompreendido e atacado pelo vilão da internet, aquele garoto destruidor de lares e famílias. Algumas das matérias ocultavam as respostas de Fiuk, dando a entender que eu tinha feito tudo sozinho na tentativa de humilhá-lo publicamente e, pasmem, sem motivo.

O motivo de a imprensa agir dessa forma era óbvio, eu tinha mexido com o queridinho da fofoca, responsável por movimentar milhões de reais com suas notícias incríveis de “Fiuk posta foto depois da academia”.

Foi aí que tudo começou a desandar dentro da minha cabeça. Em primeiro lugar, comecei a me sentir um lixo por estar vendo minha foto postada em sites de fofoca, ainda mais que a maioria das fotos vinha com a foto de Fiuk ao lado. Eu

tinha contribuído para esse tipo de mídia, estava ajudando a fomentar esse veículo que considero tão banal para o ser humano. Ao lado do Fiuk. Minha foto, meu nome, fofoca.

Em segundo lugar, foi a primeira vez em que percebi que a mídia pode acabar

com a sua imagem se ela quiser. Claro que nada dura para sempre e em uma semana as pessoas esquecem, mas ver todo o caso manipulado daquela forma na

hora de virar notícia me fez muito mal pela primeira vez.

Terceiro, muitas pessoas começaram a achar que eu fazia tudo de propósito, que eu era um “attention whore”, disposto a fazer o que fosse preciso para ter meus minutos de fama. Se você leu o livro até aqui, espero que tenha conseguido

captar que isso ia de encontro a muitos dos meus ideais. Ver meu nome aparecendo em sites de fofoca me causava dor de estômago e era a última coisa

que eu queria. Ver pessoas presumindo que eu tinha planejado tudo e que não passava de um caça-manchete era demais pra minha cabeça.

Por último, veio a percepção de um fato: o Não Faz Sentido tinha ficado grande demais, ainda mais agora, motivado pelos milhões e milhões de acessos dos leitores de sites de fofoca que leram a matéria e viram meu vídeo. Por um lado, isso era ótimo, afinal significava mais alcance, mais público, mais realização do projeto, mas, por outro lado, vinha uma realidade difícil: qualquer brasileiro que eu criticasse eventualmente ficaria sabendo.

Veja bem, não é que eu tivesse medo daquilo, mas a coisa toda muda de figura

quando você sabe que seu alvo irá lhe assistir. Imagine ter a chance de, no grupo de amigos do trabalho, criticar o desempenho do colega do outro departamento.

Agora imagine fazer isso sabendo que a empresa inteira ficará sabendo cada palavra do que você disse. Imagine ainda que aquele colega provavelmente é muito querido do chefe. Era mais ou menos como eu me sentia, sendo o “chefe”,

nesse caso, a imprensa.

Ok, a metáfora não foi das melhores, mas eu não tomei muito café hoje.

As matérias promoveram o vídeo de forma violenta. Três dias depois o vídeo

já batia 1 milhão de visualizações e meu nome ainda se mantinha como assunto

mais comentado no Twitter do mundo inteiro. Pela primeira vez fiquei com medo

de algo que nunca havia sequer me preocupado antes: ser processado. Se Fiuk me

processasse e eu perdesse, já era. Quanto valia a imagem do Fiuk para o sistema

judiciário? A Xuxa tinha vencido um processo acima de 2 milhões de reais contra

o programa *Pânico*! E eu não tinha um canal de TV para se responsabilizar por mim.

Coincidência ou não, naquele mesmo dia alguém inventou que o Fiuk tinha decidido me processar. Congelei na cadeira. Em pouco tempo o termo “Fiuk processa Felipe” foi para primeiro lugar nos *trending topics* mundiais, deixando meu nome em segundo. Uma comunidade no Orkut foi criada com o título: “Fiuk

processou Felipe Neto” e no mesmo dia bateu mais de 200 mil membros.

Gelado na cadeira, com medo de que aquilo fosse verdade, percebi que um fenômeno incrível estava acontecendo. As pessoas estavam divulgando a notícia

do processo, mas, em vez de defenderem Fiuk, estavam me defendendo. Na descrição da comunidade do Orkut, lia-se:

“Fiuk processou Felipe Neto por um vídeo. Por quantas músicas devemos

processar Fiuk?”

As pessoas da internet não tinham acreditado na versão manipuladora das revistas e sites de fofoca, tinham ido atrás, assistido ao vídeo e visto a briga no Twitter. Ao ver o vídeo, passaram a me defender com unhas e dentes,

condenando Fiuk de forma violenta por sua decisão de me processar.

Fui dormir naquela noite com o medo de ter que responder judicialmente pelo

meu vídeo e, pior ainda, saber que aquilo seria notícia dos sites de fofoca por bastante tempo se acontecesse. Minha vontade de ver meu nome nesses sites era a

mesma de chamar o Anderson Silva pra porrada.

Não sei ao certo se Fiuk planejava me processar ou não, mas no dia seguinte a

coisa tinha saído do controle. Os xingamentos ao Fiuk entupiam as redes sociais,

era ataque para todo lado e a comunidade chegou a 400 mil membros. Até que,

no final da tarde, Fiuk postou no Twitter:

“Quem inventou a história do processo? É uma coisa tão pequena, não iria fazer isso. Relaxa galera!”

Pequena a coisa não era. Na altura, o vídeo já beirava os 2 milhões de visualizações e todas as capas de fofoca do país traziam meu vídeo para quem quisesse ver. Nossos nomes permaneciam pelo quarto dia seguido como um dos

assuntos mais comentados no Twitter do mundo inteiro. Mas isso foi o suficiente

para que eu pudesse destravar o esfíncter. Ele não iria me processar. O que nunca saberemos é se ele decidiu não me processar desde o início ou se foi depois de ver a repercussão monstruosamente negativa quando as pessoas acreditaram que

ele iria fazê-lo.

Se você foi o responsável pela invenção do boato, muito obrigado.

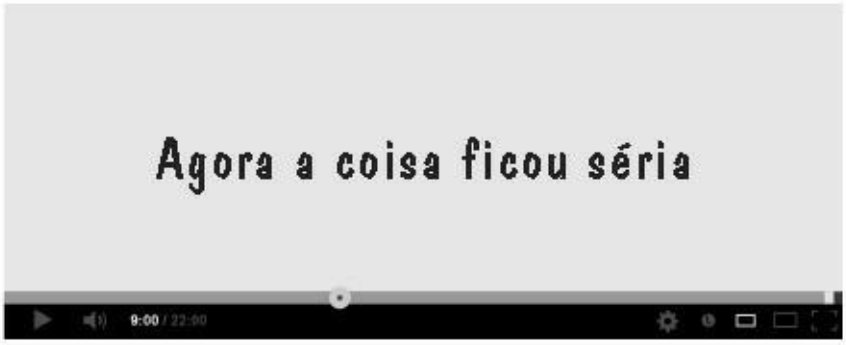
Depois disso a coisa toda começou a perder a força. Todos os mesmos sites de

fofoca postaram mais uma notícia – “Fiuk revela que não irá processar Felipe Neto” – e a maioria das notícias dava a entender que ele era um santo misericordioso, mas isso não me afetou. Somente o fato de ver meu nome mais uma vez aparecendo em tais sites.

O vídeo continuou subindo, tornou-se um dos maiores fenômenos de audiência

do canal e recebi o apoio de muitas pessoas. O problema é que toda essa história

tinha gerado uma consequência impossível de ter sido prevista.



Se depois do vídeo sobre *Crepúsculo* eu achava que o Não Faz Sentido tinha ficado *mainstream* (ou seja, popular além dos limites da internet brasileira), não fazia ideia do que o "caso Fiuk" iria proporcionar.

Para você poder entender melhor, vou dizer apenas o seguinte: até hoje há diversos jornalistas que, ao publicar algo sobre mim, dizem que o Não Faz Sentido ficou famoso por causa do Fiuk.

Até o dia do lançamento do vídeo "Fiukar", o Não Faz Sentido já somava 22

milhões de visualizações e mais de 160 mil assinantes – era o maior canal do YouTube brasileiro. E tudo isso com somente dezesseis vídeos publicados. O

problema é que, sem assessoria de imprensa, grande parcela dos jornalistas não fazia a menor ideia de quem eu era ou do que o canal se tratava.

Com a explosão midiática do "caso Fiuk", não tinha mais jeito. Jornalistas do

país inteiro passaram a me conhecer. Você pode dizer: "Ora, que maravilha, Felipe, vai reclamar disso agora, seu fanfarrão?"; bem, é um pouco mais complicado que isso.

Imagine você sendo um jornalista calmo e sereno, da mídia tradicional. De repente você fica sabendo que o Fiuk, que você já conhecia, está aparecendo em

manchetes com um tal de "Felipe Neto". Você vai saber o que está acontecendo e

vê a seguinte situação: um garoto de óculos escuros dentro do quarto gravou um

vídeo esculachando o Fiuk sem motivo nenhum (já que este não tinha feito nada

contra ele) e, em seguida, o garoto ainda foi causar no Twitter contra o cara só para poder ter mais audiência ainda.

O que você pensaria? Eu certamente pensaria: esse Felipe Neto é um cuzão, uma moçoila desesperada por audiência, um barraqueiro arrogante e prepotente.

Ainda por cima, alia-se a isso que pouquíssimas pessoas já tinham ouvido falar

sobre “gente que faz vídeo no YouTube”. Hoje é algo absolutamente comum, mas na época era muito novo. Para os olhos de muitos jornalistas da imprensa tradicional, aquela novidade não parecia muito boa. Era mais confortável quando

o YouTube era o site no qual você podia ver bichinhos saindo de dentro de caixas ou pessoas tropeçando. “Quem esse moleque pensa que é?”,

provavelmente muitos devem ter pensado.

Não culpo os jornalistas que pensaram dessa forma. Eu provavelmente teria pensado o mesmo depois de ler as matérias tendenciosas dos sites de fofoca.

Aliado a isso está o fato de que minha imagem nunca agradou muito à primeira

vista. Cabelinho pra cima, óculos escuros dentro do quarto, jeito arrogante e autoritário. O Não Faz Sentido causa um choque na primeira visualização e muitas vezes esse choque é negativo. Em palavras mais fáceis: minha aparência

não é muito diferente da do Fiuk ou do Edward do *Crepúsculo*, como muita gente já fez questão de me falar (“muito obrigado, valeu mesmo”). Por conta disso, outro preconceito nascia: ser considerado um moleque que faz sucesso pela

mesma razão desses outros, pela aparência.

Veja bem, é importante ressaltar que não estou me chamando de ícone sexual,

como os outros dois citados. Muito pelo contrário. Se um dia me conhecer pessoalmente descobrirá que a famosa frase “câmera engorda” é realmente

verdadeira. Tenho 1,80m e 65kg, dos quais 20kg são só de cabeça.

Enfim, foi nesse período que, pela primeira vez, alguém escreveu uma matéria na imprensa (sem ser a de fofoca) exclusivamente sobre mim. Vez ou outra meu nome já havia aparecido em algumas matérias isoladas, como “Saiba o que está bombando na internet”, mas ninguém tinha perdido tempo para realmente destacar meu trabalho.

Um jornalista de um grande veículo da imprensa tradicional do Brasil publicou uma matéria intitulada: “Felipe Neto faz todo sentido.”

Quando soube, fiquei assustado e ao mesmo tempo feliz. Recebi um alerta (um recurso do Google, chamado “Alerts”, que o informa quando seu nome é citado na internet) no meu e-mail. Rapidamente fui ler, afinal era a primeira vez que um jornalista fora do mundo da fofoca falava sobre meu trabalho.

Após terminar a leitura, fiquei sem chão e me perdi por alguns instantes.

Não é que tenha sido ruim, foi absolutamente inacreditável. O jornalista começou o texto relatando o caso com o Fiuk (óbvio) e em seguida redigiu diversos parágrafos falando sobre como eu planejara tudo aquilo. Elogiou o trabalho de PC Siqueira, mas relatou que nunca tinha noticiado sobre meus vídeos pois achava que a função do jornalista era colocar o público em contato “com o que há de bom na internet”. Escreveu sobre o fato de que eu escolhia os temas só pensando no que faria sucesso e disse que meu vlog não duraria muito mais tempo, pois meu único talento era criticar o outro.

Definiu meu trabalho da seguinte forma: “Provocar atores e músicos, como Fiuk, que possui o dobro de seguidores que ele no Twitter, para conseguir um pouco mais de audiência.” Em seguida, comentou que eu não aceitava críticas e

que havia ameaçado um jornalista de denunciá-lo para a diretoria da redação por

ter me criticado. E terminou dizendo: “Cala a boca, Felipe Neto!”

Não sabia direito no que pensar. Senti uma tristeza profunda, ainda mais por saber que milhares de pessoas leriam aquela matéria e seriam condicionadas a acreditar em tudo o que estava escrito. O jornalista não sabia quem eu era, não fazia a menor ideia do que eu pretendia e sequer tinha se dado ao trabalho de ver meus vídeos anteriores.

O que mais me incomodou no texto não foi a crítica em si, mas o fato de que

ela era baseada em mentiras e suposições totalmente fora da realidade. Em primeiro lugar, eu nunca tinha planejado nada daquilo, nunca selecionei meus temas baseado no que faria sucesso (como já deixei claro inúmeras vezes neste livro). Se meu interesse fosse apenas destruir tudo que é popular, hoje, anos depois do começo do Não Faz Sentido, faria um vídeo sobre a banda One Direction, um imenso hit entre a molecada. Porém, diferentemente dos meus outros vídeos, a banda não me parece carregar um tipo de comportamento prejudicial aos jovens. Posso não gostar da música, mas nunca, em toda a história do Não Faz Sentido, fiz um vídeo baseado simplesmente no fato de não gostar do

trabalho de alguém. A coisa sempre foi mais profunda que isso.

O ataque foi pessoal, direto, diferente do que se espera da imprensa. Se fosse

um vlog seria mais compreensível, mas a matéria era informativa e carregada de

mentiras, como o suposto fato de que eu tinha ameaçado um jornalista. Isso nunca

aconteceu e até hoje tento compreender a razão de ele ter publicado isso.

Ao ler, tentava compreender como ele poderia dizer que eu SOMENTE me

preocupava em atacar ídolos adolescentes (como ele deixou bem claro). Na época, eu tinha dezessete vídeos publicados e somente cinco falavam sobre ídolos

teen (Justin Bieber, bandas coloridas, colírios da *Capricho*, *Crepúsculo* e Fiuk, que não era somente sobre o Fiuk, mas, tudo bem). Onde estavam os outros doze

vídeos em seu discurso “Felipe Neto só fala de ícones da adolescência”? O vídeo

sobre gente que escreve errado, com a principal mensagem de educação para os

jovens, já passava dos 2 milhões de acessos. Todo esse outro lado do Não Faz Sentido foi sumariamente esquecido na crítica.

No final das contas, apenas uma coisa era realmente válida na matéria, a de que ele não tinha escrito sobre mim porque não queria que as pessoas vissem coisa ruim na internet. Essa foi a única opinião realmente baseada em opinião e

não em mentiras ou suposições absurdas. Se o texto tivesse sido escrito inteiramente baseado no quanto ele considerava ruim a qualidade de meus vídeos,

eu não teria do que reclamar.

Depois do choque inicial, peguei o telefone e liguei para meu pai, que já começava a funcionar como medida emergencial. Quando a coisa ficava tensa, corria pra ele como uma criança da quinta série.

– Cara, o que é que você esperava? É isso aí, negão, você não fez vídeos criticando todo mundo? Agora se prepara e aguenta, porque as pessoas vão começar a te criticar também.

– Mas o cara inventou um monte de mentiras!

– E pode se preparar que virão muito mais mentiras. Felipe, não tem ninguém

que atinge o sucesso sem carregar um monte de gente tentando derrubá-lo.

Desliguei o telefone mais calmo. Era óbvio que isso iria acontecer, o problema

é que eu não estava preparado. Nem cinco meses haviam se passado desde o primeiro vídeo do Não Faz Sentido e agora minha vida estava de cabeça pra baixo, do avesso e sendo sacudida pra todos os lados; ou eu me segurava em alguma coisa ou sairia voando.

Por algum tempo, enquanto lia e relia a matéria, surgiu uma nova preocupação.

E se a opinião daquele jornalista virasse uma opinião generalizada? Muitos projetos morreram porque foram taxados como “isso” ou “aquilo”. E se o Não Faz Sentido de repente virasse o projeto “do cara que faz qualquer coisa pra ter

sucesso”? Poderia ser não apenas o fim do canal, mas, pelo tamanho que ele atingira, o fim da minha própria carreira.

Como disse anteriormente, ao decidir seguir esse caminho, sabia que muitas coisas poderiam dar errado, enquanto poucas poderiam dar certo. Essa matéria representava uma das que poderiam dar completamente errado.

Minha preocupação começou a desaparecer quando os comentários

começaram a surgir. Para minha felicidade, quase todos os comentários

colocaram-se contra o jornalista. Melhor ainda, os comentários não vinham dos meus fãs, mas dos próprios leitores fiéis do cidadão. A coisa começou a ferver e a matéria é até hoje uma das mais comentadas da história do veículo. No desespero

de tentar mostrar que eu só atacava os outros para fazer sucesso, ele se esqueceu de pensar que estava fazendo exatamente a mesma coisa. E isso foi percebido pelos leitores.

Dezenas de comentários apareciam a cada instante, muitos tentando alertar ao

jornalista de que os vídeos do Não Faz Sentido não eram focados em criticar modas dos adolescentes e que apenas alguns vídeos tratavam do assunto. Outros

mostravam como a crítica soava hipócrita por condenar a busca pelos acessos falando mal de quem está na moda, sendo que a própria fazia exatamente o mesmo. Já outros aproveitavam para inflar o ódio e me xingar ainda mais.

Com todo aquele embate nos comentários, percebi que as chances do Não Faz

Sentido ser visto pela maioria como “um projeto de um cara que só quer aparecer” eram muito pequenas. Sim, sem dúvida, muitos pensariam assim,

motivados por diversas questões que eu era incapaz de controlar: preconceito, falta de informação e até mesmo porque odiar quem construiu algo é mais fácil do

que pesquisar o mérito disso. Contudo, eu não deveria me preocupar com isso, pois estava além do meu poder de mudança e, principalmente, porque estava totalmente dentro da normalidade que envolve qualquer projeto de sucesso.

Ou era isso que eu deveria ter pensado.

Do dia 20 de abril, data da publicação do meu vídeo “IDIOTICES, NÃO

VEJA ISSO”, ao dia 21 de julho, data da publicação do vídeo “Fiukar”, apenas

quatro meses haviam se passado. Não consigo imaginar um único ser humano capaz de saber lidar com tudo o que aconteceu em um período de tempo tão curto. Em um dia eu era completamente indiferente, com um público minúsculo

em um blog, três meses depois era conhecido por milhões de pessoas, dentre as

quais muitas admiravam meu trabalho e outras tantas odiavam profundamente tudo que o envolvia.

Comecei a ficar ainda mais obcecado em acompanhar o que falavam e

escreviam sobre mim. Pesquisava meu próprio nome no Twitter, para descobrir o

que estavam falando sem citar minha arroba, o que no final provava ser um ato de

puro masoquismo.

É incrível como seu cérebro pode lidar com a rejeição. Em minhas buscas por

mensagens citando meu nome, deparava com dezenas de elogios que eram

sumariamente ignorados pelas minhas reações de prazer, mas bastava um

comentário ofensivo baseado em premissas erradas para me desestabilizar.

A matéria publicada pelo jornalista havia inflamado um número considerável de

pessoas a promoverem a mensagem da minha suposta presunção, arrogância e

vontade de aparecer a qualquer custo. E o pior de tudo: sem qualquer separação

entre quem eu era na vida real e quem eu interpretava nos vídeos. Muitos comentários, em vez de criticar meus vídeos, diziam coisas como: “Esse Felipe Neto é um babaca que só quer aparecer” ou “Queria comprar o Felipe Neto e vender para ele próprio pelo preço que ele acha que vale”.

Tudo isso me afetava. Tinha vontade de gritar para todos que nada daquilo era

verdade, que eu não tinha nada planejado e muito menos que achava que valia alguma coisa. Meu cérebro dava nó a cada mensagem negativa que lia. Sentia um

profundo ódio quando me deparava com recados que associavam a personalidade

do “Felipe Neto do Não Faz Sentido” com o “Felipe Neto da vida real”. Chegava

até mesmo ao cúmulo de responder algumas críticas, que depois eram retuitadas

pelos autores com a mensagem “Hahaha o Felipe Neto me respondeu,

hahahaha”.

Aliado a tudo isso, vinha também a pressão em cima dos vídeos, que não havia

melhorado em nada após “*Crepúsculo*” e “Fiukar”. Os pais esperavam vídeos com mensagens importantes, os jovens esperavam comédia e palavrões, os

críticos esperavam qualquer coisa para condenar, e eu, sinceramente, não conseguia pensar em nada pelo que esperar.

Os dias se passaram, senti a felicidade proporcionada pelas coisas dando certo.

A entrevista no João Gordo (que fui como “Felipe Neto do Não Faz Sentido”, uma atitude completamente errada), o reconhecimento do Mion, o agenciamento

pela DNA e a entrada de Andressa Bianco e Adriana Pires na minha vida. Isso

sem contar a oferta do Multishow. Contudo, por mais feliz que eu pudesse estar, a sensação de que as coisas poderiam se dissolver a qualquer momento estava sempre ao meu lado, bem como as críticas negativas fundamentadas em

argumentos que eu considerava mentirosos e que tanto me abalavam.

Para piorar, agora outro problema começava a surgir de forma arrasadora.

Como eu deveria agir publicamente? As pessoas esperavam de mim um cara o tempo inteiro crítico, agressivo e autoritário, mas isso era completamente o inverso de quem eu era (e sou) na vida real. Eu sabia que era uma questão de tempo para que isso começasse a gerar problemas.

E não demorou muito.

Poucos dias depois fui chamado para São Paulo para aparecer novamente na televisão, dessa vez no programa *MTV Debate*, que trataria do tema vlogs.

Conversei com a Adriana e a Andressa, que agora me assessoravam em tudo, e

concordamos em participar pela exposição que poderia ter.

Junto a mim estariam PC Siqueira, já comentado aqui, Ronald Rios, também já

citado, Anônimo da TeamPlay, um antigo produtor de vídeos que gravava

mascarado e que sumiu depois de um tempo, Gabriela Fadel, uma youtuber que

eu não conhecia e depois tornou-se uma amiga, e Denis Lee, um youtuber que produzia vídeos mais focados em informação.

Quando cheguei ao set do programa, que seria ao vivo, me senti

completamente confortável. Todos foram amistosos e era possível perceber que seria um debate completamente pacífico, alimentado de informações sobre esse novo mundo de vídeos profissionais para o YouTube e exposição dos trabalhos

dos envolvidos. Todos tinham o mesmo objetivo: mostrar seu trabalho. Ninguém

pensava em arrumar confusão e não havia qualquer conflito entre os youtubers presentes nos bastidores.

O problema foi que o *MTV Debate* não era um programa feito para expor o trabalho das pessoas, mas, sim, para gerar, bem... debates. Alimentado por Lobão

e seus comentários ácidos, o objetivo do programa era colocar opiniões contrárias em foco, com o objetivo de formar discussões quentes e criar polêmica. Ao longo

do programa, que você pode ver no YouTube, Lobão tentou, por diversas vezes,

alfinetar os envolvidos com o objetivo de gerar intrigas, o que acabou não acontecendo.

Resultado? Sobrou pra mim.

Obviamente a produção do programa esperava que eu fosse aparecer com

meus óculos escuros e linguajar recheado de palavrões com o objetivo de falar mal do trabalho dos outros. Decepcionei fortemente os participantes. Soube depois de um tempo que o Lobão tinha saído irritado do programa, esbravejando

sobre como esses tais vloggers eram chatos e o programa tinha ficado uma merda,

reclamando principalmente do tal do Felipe Neto, que era um arregão, embora não possa confirmar com 100% de certeza que isso aconteceu. (Sabe quando alguém fala: “Eu ouvi isso e isso e isso”? Bem, não coloco minha mão no fogo

nunca a menos que eu mesmo tenha ouvido.) O que realmente aconteceu,

contudo, foi um comentário de Lobão quando entrevistou Rafinha Bastos, ainda

na mesma MTV, no programa *Lobotomia*.

“Eu fiz recentemente aqui na MTV um debate sobre vlogs e eu vi que os caras

se odeiam, falam mal entre si... Aí, eu vi, bom, falam abobrinhas um sobre o outro. Aí chegou lá na hora: ‘Ah, não, nós somos amigos...’ E eu percebi, fora isso, que tem uma coisa assim meio lucianohuckzada desses vloggers que ficam

lá todo com topetão” – Rafinha Bastos riu nessa parte – “Mas é o cocô do cavalo

do bandido.”

Em seguida Rafinha completou dizendo que não iria comentar o nome do cara

com topete pra cima, mas que aquele cara iria morrer, não iria se sustentar. Disse também que aquilo tudo era um personagem que não falava realmente o que pensava, mas, sim, o que queriam ouvir.

Essa era nova. Agora além de pessoas considerando que eu era igual ao que eu

interpretava no Não Faz Sentido, tinha celebridade falando na TV que eu não pensava naquilo que meu personagem falava. Sem contar o Lobão me chamando

de “cocô do cavalo do bandido” porque, na cabeça completamente cheia de devaneios dele, “os vloggers se odeiam, mas vieram aqui e fingiram que eram amigos”.

Era isso que me fazia enlouquecer. Perceba a gritante diferença de alguém falar

“Felipe Neto faz vídeos ruins, não gosto do trabalho dele” para “Felipe Neto finge na câmera só para aparecer” e “Felipe Neto odeia mas vem aqui e finge que

é amigo”. As mentiras e manipulações de informação me causavam um profundo

sentimento de injustiça e a vontade extrema de tornar tudo público para que todos pudessem ver. Contudo, Adriana e Andressa não deixavam que eu fizesse isso (e

elas estavam absolutamente certas), pois corria o risco de as pessoas ficarem achando que eu “me justificava demais”.

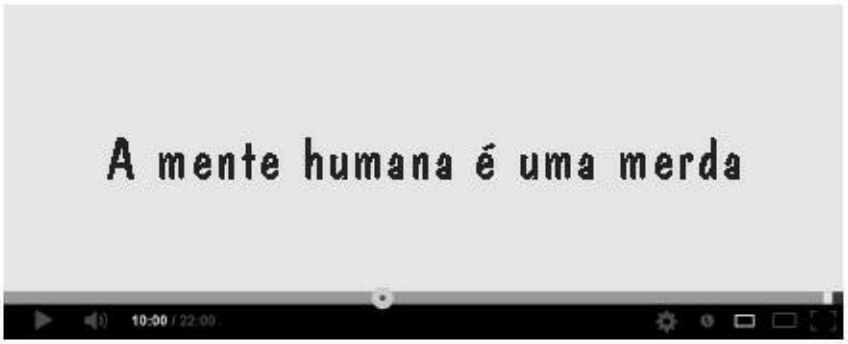
Com tudo isso, ainda tinha o Rafinha Bastos deixando claro que considerava

que eu não duraria muito tempo. Por mais que isso fosse baseado em sua prerrogativa errada de que eu não achava de verdade tudo o que falava nos vídeos, era uma pressão ainda mais violenta em cima do meu projeto, ainda tão recente e sem qualquer prova definitiva de que duraria muito tempo.

Comecei a pirar.

A opinião pública pode não ser o suficiente para te deixar feliz, mas pode ser

forte o bastante para te derrubar. E eu era um alvo fácil. Sem estrutura psicológica o suficiente para saber lidar com aquilo, comecei a perder minha própria identidade, não sabendo quando ser eu mesmo e quando ser o “Felipe Neto do Não Faz Sentido”. Para bem da verdade, eu sequer sabia mais o que era “eu mesmo”.



Eram 7h. Os passarinhos cantavam próximos da minha janela no

pequeno quarto que dividia com meu irmão. Meus olhos estavam abertos, mas não havia sido diferente ao longo da noite. Mantendo meu hábito de só dormir de

manhã, aquele dia não havia fugido à regra. Só percebi o quanto estava ferrado

quando o despertador começou a tocar.

Levantei, após ter passado duas horas tentando inutilmente tirar um cochilo, e

encaminhei-me até o banheiro, pulando por cima da cama do meu irmão (sim, dividíamos uma daquelas camas duplas cuja segunda sai de uma espécie de gaveta).

Por mais que não tivesse dormido, a rotina após o ato de acordar deveria se manter a mesma. Os antigos hábitos ensinados por toda mamãe: lavar o rosto pra

tirar a remeleira, escovar os dentes pra tirar o bafo de paçoca e o xixi sentado, porque com sono é difícil acertar o alvo.

Era sábado, mas, ao contrário da maioria que descansa nesse que é o melhor dia da semana, eu estava levantando, sem ter dormido, para passar o fim de semana em São Paulo. A razão disso era uma maratona de entrevistas e reuniões

que poderiam definir meu futuro.

Encarei o espelho por minutos, tentando enxergar que tipo de pessoa eu realmente era. A verdade é que não via nenhuma. Uma confusão dominava meu

cérebro. Entre dúvidas e incompreensões, estava tendo dificuldades de encontrar

minha própria personalidade. Cada vez mais tentava ser o que as pessoas esperavam que eu fosse e, ainda cada vez mais, distanciava-me do que eu realmente era e ficava fora dos trilhos com relação à carreira que estabelecera. O

objetivo de atuar ficava no trilho da direita, enquanto aquele em que eu me posicionava era um trilho que acabava numa parede de concreto: o de um cara que só tinha uma coisa a oferecer, críticas.

– Quem é você? – perguntei ao espelho em inglês. Por mais que pareça insano,

eu possuo o estranho hábito de conversar com o espelho em outra língua, puramente para praticar (e também porque parece que, quando fazemos isso, estamos num filme hollywoodiano).

– O que está fazendo?

O espelho nunca me responde.

– Calma. Respira.

A verdade é que há alguns dias eu vinha sofrendo de momentos de taquicardia

(coração muito acelerado). Do nada, mesmo estando totalmente calmo, como, por

exemplo, assistindo a um seriado, minha respiração ficava difícil e meu coração

disparava. Numa conversa particular com meu pai ao telefone, no dia anterior, a

razão disso havia sido encontrada.

– Felipe, você está ansioso – simplificou ele.

– Porra, mas por quê? Eu estou feliz, as coisas estão dando certo, estou ganhando dinheiro. Não tem razão alguma para me sentir ansioso.

– Ô, meu amigo, se dinheiro e fama fossem suficientes pra deixar alguém tranquilo, você não veria tanto artista famoso afundado em drogas.

Ele tinha razão. Eu poderia estar crescendo em questão de sucesso, ganhando

dinheiro, mas a realidade era pura e simples: eu não estava feliz. Nada parecia preencher um vazio desesperador: o medo do futuro. Medo de acontecer comigo

o que já acontecera tantas vezes antes com outros artistas. Onde estava Guilherme Zaiden? Onde estão tantos atores que passaram por *Malhação* e ninguém sequer se lembra mais? Nada poderia garantir que eu iria me estabelecer.

– Seus ataques de taquicardia são sintomas de ansiedade e insegurança. Você

tem medo ao mesmo tempo em que ama o que está acontecendo, o que gera mais

medo ainda de perder tudo isso.

O velho sempre estava certo. Mesmo nos momentos mais desesperadores da

minha vida, meu pai estava lá com meia dúzia de palavras para fazer com que eu

enxergasse aspectos que a maioria não consegue: uma espécie de busca interna pela autoanálise e a admissão de suas falhas e medos.

– E o que eu faço? – perguntei, sabendo que ele teria pelo menos uma direção

para me dar.

– Bom, muitos que se encontram nessa situação em que você está agora

preferem o caminho das drogas. O que você tem a fazer é encarar isso de frente,

estufar o peito e tentar derrubar os conflitos internos que você tem. Se eu posso te dar um conselho agora, é este: tente viver o presente, você ainda é um menino,

está começando a fazer sucesso e quanto mais você ficar se atormentando com o futuro, menos você vai conseguir realizar as coisas, porque vai ficar com medo, vai ficar travado.

Eu estava certo, ele sabia a direção certa.

Enxergar-me como menino sempre foi meu grande problema. Desde a época do colégio me considerei muito à frente dos amiguinhos de turma. Nunca andei com pessoas da minha idade e sempre procurei relações com mulheres mais velhas. A verdade é que eu havia sido forçado a amadurecer mais cedo que o normal. Com 15 anos, eu já estava com emprego fixo como designer gráfico. Aos 17, já dava aulas em um curso no Rio de Janeiro para iniciantes em design e no programa Adobe Flash (na época era Macromedia, ah, que saudade). As dificuldades financeiras e a vontade de obter destaque haviam resultado num amadurecimento precoce, que possuía aspectos tanto maravilhosos quanto péssimos: o excesso de preciosismo, uma autocrítica estupidamente desproporcional e o pensamento de que eu nunca poderia fazer coisas imaturas ou parecer apenas um garoto playboy que conquistara as coisas com facilidade.

Tudo isso passou pela minha cabeça enquanto ainda encarava o espelho do banheiro, ao mesmo tempo em que ouvia minha avó levantar e começar a preparar o café.

Desliguei a torneira, percebendo quanta água havia desperdiçado nesses tempos de aquecimento global, e encaminhei-me à cozinha.

– Ui, já estás de pé? – perguntou Dona Maria, a portuguesa mais fofa do mundo.

– Já, vó, esqueceu que eu viajo hoje?

– Ah, sim. Queres café?

– Vê meio litro.

O café sempre foi e sempre será meu fiel escudeiro. Em outras palavras, o café

é o meu Sancho Pança, ou como prefiro chamá-lo, meu negro gostoso. Só que Sancho Pança é menos gay.

– E pra onde é que vais? – perguntou minha avó ao mesmo tempo em que servia o café num balde à minha frente.

– São Paulo, mas eu volto amanhã. É rapidinho, só vou fazer umas entrevistas.

– Por alguma razão, eu não dissera pra minha família sobre minha grande reunião, aquela que poderia garantir meu ano inteiro e o próximo.

– É pra TV?

– Uma é pra rádio, vó, no programa *Pânico* – comecei enquanto bebia o café quente e queimava a garganta, como sempre. – A outra é pela internet, pra um site chamado Vírgula. E a outra é pra TV, sim, na MTV.

– Me viste onde?

– Não, vó, “eme tí ví” é um canal de televisão.

– É na Globo?

– Não, vó, é na MTV.

– Não estou a entender nada do que tu dizes.

Bati com a cabeça no tampo da mesa.

– É, na Globo, vó. Depois eu te mostro. Vai passar de madrugada. –

Obviamente não era na Globo, mas no programa *Notícia MTV*, do Cazé. O

problema era explicar pra velhinha que existia um canal chamado MTV. Planejei

mostrar depois no computador, que, por sinal, pra ela é “tipo uma televisão que

você escreve”.

Conversamos mais uns bons dez minutos, em que Dona Maria tentou de todas

as formas me mostrar que eu não deveria me enveredar por aí com mulheres “fora

de rumo”, mas, sim, encontrar uma boa moça pra casar. Sempre adorei as conversas com a minha avó, de certa forma, é mais ou menos como descobrir que

ainda existe inocência e pureza no mundo.

– Vó, vou lá acordar o Alan.

Sim, o Alan havia dormido lá em casa. A verdade é que o momento pelo qual

eu estava passando era pior do que consegui traduzir em palavras. Não era apenas

a angústia e a ansiedade, mas algumas vezes sentia prestes a ter crises de pânico.

Certo dia, de madrugada, enquanto assistia a um inocente episódio de *Friends*, comecei a ter a já citada taquicardia. O problema foi que, dessa vez, ela veio acompanhada de outros sintomas. Comecei a suar frio e, de repente, fui envolvido

pelo medo, como se tudo ao meu redor fosse desmoronar a qualquer momento.

Fui obrigado a pausar o seriado e sair da cadeira quase engatinhando, numa posição humilhante. Recolhi-me no canto do quarto, em posição quase fetal, abraçando os joelhos, e comecei a conversar comigo mesmo.

Descobri que conversar consigo mesmo é um excelente remédio para

momentos de incompreensão. Muitas vezes, o simples fato de você colocar pra fora, através de palavras, aquilo que está sentindo, serve para que seu cérebro

comece a ordenar as coisas. Naquele momento, desabafei sobre meus medos, sobre o que poderia estar me deixando apavorado, e o resultado foi imediato. Em poucos minutos comecei a chorar, mas, logo em seguida, a respiração voltou ao normal e a angústia passou. O que ficou foi mais um medo: o de enlouquecer de vez.

Daquele momento em diante decidi que iria ter companhia sempre que possível, principalmente em viagens. O que nos remete ao momento em que paramos essa narrativa, eu no quarto do terraço acordando o Alan.

E o maldito estava pelado.

– Ô, viado. – Desculpe o linguajar, mas as pessoas falam assim (ou falavam, se for 2020). – Dá pra tu acordar e botar uma roupa? Já estamos atrasados.

Quando se mora perto do Buraco do Padre, você está sempre atrasado. O Engenho Novo não é um lugar bom para se viver quando você precisa ir para outros lugares, pois você irá gastar um tempo considerável pra tudo, principalmente se for alguém sem carro, como era o meu caso.

Arrumamos as malas. Ou melhor, mochilas. Homem que viaja de mala pra passar um fim de semana ou está carregando a maquiagem pro show de transformista depois da meia-noite, ou... Não consegui pensar em outra alternativa.

A essa altura, Dona Rosa também já havia levantado pra nos dar um beijo de despedida, assim como Dona Maria. Já Luccas, meu irmão, roncava o suficiente pra interpretarmos como um “tchau”. Colocamos nossas mochilas nas costas e pegamos a rua de paralelepípedo com destino ao aeroporto.

Tic. Tac. Tic. Tac.

Chegamos em São Paulo. E por “tic tac” leia-se “dormimos o voo inteiro”.

Fomos imediatamente para o hotel, onde descarregamos nossas coisas (uau, quantas coisas) e sentamos, cada um em sua cama, para assistir a um pouco de TV e conversar sobre a vida.

– Qual a primeira entrevista, cara? – perguntou Alan.

– Da MTV, no programa do Cazé, aquele *Notícia MTV*.

– Hum... É sobre o quê?

– É sobre mim, porra. – Incrível como primos são educados uns com os outros.

– Sim, animal, mas como é o programa?

– Normal, ele vai me fazer umas perguntas, eu vou ficar nervoso, gaguejar, ele

vai ficar puto porque não sou rebelde e vai ser um desastre como as outras.

Eu já suava frio quando percebi que faltavam duas horas para me encaminhar

para a MTV. Só a sensação de que iria mais uma vez ser alvo de preconceito e

algumas alfinetadas desnecessárias já despertara meu nervosismo pleno. Daí, a brilhante ideia:

– Alan, vou colocar uma música.

“Beautiful girl, all over the world... I could be furfles but my time bulibaba... lá lá lá lá on yoooouuu girl”

Começou assim, de leve, um Bruno Mars calminho, só pra dar uma relaxada,

mas sem carícias homossexuais (quando se trata de música, sou fã desde o trash e

metal até a música mais gay possível, tipo, sei lá, Rihanna, que eu realmente curto muito).

A música rolava solta e eu me inclinava pra trás na cadeira, permitindo que as ondas sonoras me acalmassem. Fiquei assim por pelo menos vinte minutos.

Bem, você já deve ter visto o filme *Será que ele é?* , com o brilhante Kevin Kline. Se não viu, saiba que há uma fatídica cena em que o personagem, no desespero de tentar descobrir se ele era homossexual ou não, faz um teste ao som de “I Will Survive”, no qual ele não poderia dançar. Obviamente, ele dança que nem uma bailarina escocesa com comichão na virilha. Muito embora eu não faça ideia se uma bailarina escocesa seria tão gay, era exatamente essa a situação na qual eu me encontrava após meia hora de música.

Outro parêntese em forma de parágrafo aqui, eu jamais teria passado no teste musical do *Será que ele é*?.

O fato é que fiquei pelo menos uma hora naquele estado pleno de ouvir a música, pular, dançar, subir na cama, puxar meu primo e fazer ele dançar junto (o que ele fez de muito bom grado, por sinal), gritar, cantar, bater nas paredes, quicar como uma gazela com cãibra e, quando terminamos, a tensão terminou junto com as batidas da última música.

Se um dia você estiver sob forte pressão, faça como eu: vire uma galinha.

Enfim, saímos do hotel.

A primeira entrevista, com o Cazé, foi tranquila. A música foi determinante para que eu chegasse num estado de paz maior do que normalmente vinha sentindo. Muito embora tenha caído nas velhas perguntas e provocações, como no determinado momento em que, ao ser perguntado sobre o Fiuk, respondi de forma calma e ele rebateu com um “não vai dar pra trás agora!”, acredito que tenha me saído bem, devidas as circunstâncias. As risadinhas nervosas estavam presentes, bem como a tentativa imbecil de tentar agradar o entrevistador, sendo exageradamente simpático (em todo esse turbilhão, eu tinha espasmos de simpatia

e também agressividade, não conseguindo exatamente me equilibrar na própria personalidade).

Talvez o fato de ter me saído bem tenha sido fundamental para o que veio a acontecer no dia seguinte. Com a guarda baixa, nervoso, ansioso e sem preparo

psicológico, fui para a Jovem Pan acreditando que agora tinha encontrado o caminho certo de como agir em entrevistas. O problema foi que não era mais o Cazé quem iria me entrevistar, com seu carisma e simplicidade. Era a galera do *Pânico* na rádio.

O resultado foi desastroso, o que não tenho vergonha alguma de admitir. Fui

massacrado, pisoteado por um turbilhão de perguntas e provocações agressivas, as quais não estava preparado para receber ao vivo. Vendo-me naquela situação

constrangedora, tentei ser o bom moço que sempre fui, apelei pra simpatia e tomei nas nádegas sem lubrificante. Para se ter ideia, a situação chegou ao ponto de um dos integrantes dizer: “Você não sabe ouvir críticas, você está chorando, estou vendo uma lágrima aí.” Sim, estilo quinta série.

O desastre do *Pânico*, contudo, foi fundamental para que eu percebesse a seriedade da situação. Eu estava de fato num covil de cobras, cercado por pessoas que adorariam me ver cair... E eu estava sendo legal demais, simpático demais, excessivamente carinhoso. Sim, era mais próximo do “Felipe” da vida real, mas

não servia para esse meio. Eu precisava de fato encontrar minha personalidade e

encaixar um pouco da acidez que me levara às entrevistas. Caso contrário, seria

um Pânico atrás do outro.

Saí de lá sem me sentir cabisbaixo. Adriana, minha empresária, disse as palavras que eu já estava pensando: “Vamos usar essa entrevista e aprender com

ela, tirar o aprendizado, o lado positivo.” Eu saí de lá menos moleque nesse meio, levantei a cabeça e vi que ou eu mostrava um pouco das garras, ou seria esmagado. Entendi. Apanhei, mas entendi. Por isso, deixo meu agradecimento especial ao pessoal do *Pânico*, seus fofuxos.

***

Bem, você provavelmente se lembra do último acontecimento dessa minha ida

a São Paulo: a tal reunião que poderia mudar minha vida. Pois bem, foi pra lá que me dirigi imediatamente após a catástrofe paniquífica (para de dizer que a palavra está errada, Word, eu realmente quero escrever “paniquífica”, dá licença?).

Eu, Alan e Adriana entramos num elegante e gigantesco prédio comercial, cuja

porta de entrada já valia mais que todo o dinheiro que minha família ganhara.

A reunião era com um executivo. Um tal de Flávio Augusto, presidente da Ometz Group, fundador do curso de inglês Wise Up. Enquanto subia o elevador

com a Adriana (o Alan teve que esperar na recepção) só pensava no quanto eu provavelmente odiaria o Flávio.

Sempre tive problemas com executivos. Do alto de seus ternos alinhados, eles

sempre representaram várias coisas que sempre detestei: conservadorismo, falta de criatividade artística, assassinato de quem tentava levar verdadeira arte para os meios padrões (TV, por exemplo). Detestava tanto que havia criado uma camiseta

com a frase sensacional do seriado *Entourage*: “Fuck You Suits”, que é impossível de traduzir, mas seria algo como “Fodam-se os executivos em seus terninhos”. Bem, obviamente não estava vestindo essa camiseta quando entrei na

sala com a Adriana e apertei a mão do jovem rapaz que iria me apresentar ao Flávio Augusto.

– E aí, Felipe. Tudo bom, rapaz?

– Opa, tudo ótimo, melhor impossível, né? Hehehe – menti.

– Então, a Adriana já conversou muito comigo sobre você. Temos muito em comum. Eu cresci num bairro ao lado do seu, lá perto do Engenho Novo, sou suburbano também.

Não dava pra entender a razão do cara estar falando tudo aquilo, então respondi com aquilo que sempre respondemos quando não temos nada a dizer.

– Opa, bacana.

– Então, vamos conversar sobre você virar meu garoto-propaganda?

BUM! O cara ERA o Flávio Augusto.

Parado à minha frente estava um cidadão que eu jamais diria ter milhões em sua conta e a responsabilidade de cuidar de um grupo avaliado em mais de 1

bilhão de dólares. Era só um adulto com cara de garoto, provavelmente lá pelos

seus 35 anos. Mas, enfim, quando ele começou a falar, comecei a compreender a

razão de seus milhões que chegaram tão rápido.

Flávio não era um "executivozinho" comum, do tipo que fala de cima pra baixo com as pessoas e acha que sua bunda caga barras de ouro. Ele começou com um longo, mas interessante, discurso sobre suas origens humildes, como as

minhas, e logo estava falando sobre o que o levou a montar um império. Em apenas uma hora de papo (em que ele praticamente falou e eu escutei), descobri o

grande segredo para um negócio dar certo: investir em pessoas. Não que esse seja

o único segredo, mas é um dos que funcionam e, certamente, uma das

características que hoje diferenciam os bons dos maus executivos, na minha concepção.

– Felipe, o que quero com você é muito mais que simplesmente te contratar como garoto-propaganda e usufruir da sua imagem pra minha empresa – disse ele. – O que eu quero é estabelecer uma ligação com você, investir em você, ajudá-lo a crescer e a estabelecer um laço muito mais forte que simplesmente o de um contrato com a Wise Up.

Ninguém havia me tratado daquela forma até então. O máximo que eu ouvia

de qualquer empresário era só o que eles passavam para a DNA. Nenhuma empresa ou cliente estava afim de saber o que eu tinha pra falar, muito menos no

que eu poderia realmente dizer que funcionaria para suas campanhas, eles queriam sugar cada espaço que conseguissem nos meus vídeos e simplesmente me pagar por isso. Naquela reunião, contudo, descobri que era possível ser empresário sem ser babaca.

Se você procurar pela história do Flávio, o que eu recomendo que faça, vai descobrir que não é só de milionários cuzões que vem o poder. Existe gente decente, preocupada com as pessoas e em fazer mais que uma empresa ganhar dinheiro. E daquela reunião até o momento em que escrevo essas palavras, Flávio

se tornou uma das pessoas mais importantes na minha vida, não apenas

financeiramente (como ainda vou narrar nos próximos parágrafos), como também

servindo de guia, conselheiro, amigo e professor.

Pois bem, a essa altura ele já havia deixado muito claro pra mim que aquilo se

tratava muito mais que apenas assinar como o rostinho simpático que

representaria a marca Wise Up. Já conversávamos sobre o futuro, sobre meus planos, sobre como eu poderia utilizar a influência que possuía para produzir coisas boas, úteis, principalmente para os jovens. Contudo, obviamente, ainda precisávamos acertar a questão do valor para que eu assinasse um contrato de um

ano representando a escola.

Mas dessa parte eu não poderia participar.

Saí da sala, para que a Adriana pudesse assumir as rédeas da reunião e negociar o quanto eu valia para esse negócio. No mundo artístico, uma das piores

coisas para um artista fazer é ter que dizer o quanto ele vale. É nessa hora que entra uma boa empresária, para te livrar do constrangedor momento em que você

diz: “Ok, eu valho 10 mil reais, tá afim?” E o que é pior, ter que ouvir em resposta: “Cara, eu acho que você vale só 5, topa?” Ter alguém para fazer isso por você é algo que realmente melhora muito a qualidade de vida.

Sentei no hall, aguardando ansiosamente o momento em que eu saberia o valor

daquilo que havia criado. Até aquele instante já havia conseguido aumentar consideravelmente minha condição financeira com os ganhos do YouTube, mas

nada que pudesse fazer a diferença pra minha família. Por isso, aguardei, imaginando.

Não tinha a menor ideia de quanto ganharia com aquele contrato. Até então eu

só tinha negociado algumas campanhas para o Não Faz Sentido, sendo que nenhuma tinha dado certo. De coisas concretas eu só tinha o dinheiro do próprio

YouTube.

Cinquenta mil?, pensei, enquanto observava um lindíssimo quadro pendurado na parede oposta que provavelmente valia mais que cinco meses de salário da minha mãe.

Cinquenta mil seria um valor absurdo, acho que deve ser menos, por causa do tempo de contrato, sei lá... Uns 35. Cara, se eu conseguir 30 mil já vai ser algo fenomenal.

– Felipe, pode vir – disse Adriana da porta da sala de reuniões.

Levantei-me da cadeira e caminhei a passos pesados em direção à porta, com

um único pensamento: *que seja 50, que seja 50!*

Quando sentei, Flávio apenas esticou a mão e me cumprimentou.

– Seja bem-vindo à Wise Up, cara. Que esse seja o primeiro dia de muitos anos – disse ele, com um sorriso no rosto.

Sorri. Aliás, gargalhei. A felicidade de assinar um bom contrato já era o suficiente, mas mais que isso, eu sinceramente estava me unindo a uma pessoa e a

um grupo extraordinários.

– Muito obrigado, cara – respondi ao largar sua mão.

– A gente vai assinar com você por um ano. Depois de um ano, a gente estuda

a renovação do contrato e fecha um novo valor. Por esse primeiro ano, conversei

bastante com a Adriana e decidimos fechar por 160 mil, o que acha?

O sorriso saiu do meu rosto. Fiquei atônito por alguns segundos,

comemorando internamente o fato de que a Adriana começou a falar alguma coisa, o que distraiu o Flávio e não permitiu que ele percebesse minha reação.

Não faço a menor ideia do que ela falou, porque, sinceramente, eu não estava escutando mais nada.

Não sou o Zezé di Camargo. Não cresci numa plantação de tomate e nem passei fome, mas minha família sempre se apertou para pagar as contas, principalmente minha mãe, obrigada a trabalhar doze horas por dia numa creche

para sustentar os dois filhos. Na época da escola, não existia dinheiro para eu poder comprar lanche no recreio, então ia a pé às vezes, caminhando meia hora,

pra economizar o dinheiro do ônibus e poder comer um joelho de queijo e presunto. Quando veio a época de sair com os amigos, eu precisava escolher entre ir ao McDonald’s ou pegar um cinema, porque os dois ao mesmo tempo não cabia no meu orçamento de basicamente 15 reais. E isso só umas duas vezes

por mês.

Comecei a trabalhar cedo porque queria ir ao McDonald’s depois do cinema.

Queria poder tirar da minha mãe a despesa de reles 30 a 40 reais por mês que ela

tinha comigo pra isso, porque sabia que aquilo fazia diferença pra ela na hora de

pagar o cartão de crédito (que ela usava pra pagar o supermercado). Queria que

meu irmão tivesse um video game, que ele pôde ganhar finalmente só aos 16

anos, quando eu dei de Natal. Queria que minha mãe nunca mais precisasse se preocupar com dinheiro, pudesse ter um carro decente (e não aquele sem ar-condicionado que já tinha havia dez anos).

E naquele momento eu assinava um contrato de 160 mil reais.

Não era só o dinheiro, não era a sensação de “oh, meu Deus, quanta grana, vou poder comprar várias coisas”. Era a conquista, a superação, era saber que daquele momento em diante eu estaria estável por um bom tempo e, a partir dali,

poderia obter conquistas ainda maiores, me dedicar ainda mais e poder garantir não só o meu futuro, como o da minha família.

Mas eu não chorei, porque, apesar de ter medo de barata e ter feito

coreografias do Latino quando criança, aquele não era o momento pra aflorar meu lado “caio no choro com comédia romântica” (sério).

– A Adriana me passou o valor e eu aceitei na hora – disse ele, interrompendo

meus devaneios. – Era mais do que eu havia imaginado que iria investir por agora

em você, mas acho que você vale ainda mais do que havia imaginado. Não vou

negociar, vou te dar exatamente aquilo que você vale agora.

Como eu disse, Flávio Augusto não é um executivo de merda como tantos que

vemos por aí. O cara tinha começado uma mudança na minha vida simplesmente

porque havia se permitido dizer “sim”, em vez de tentar economizar 100 mil que

não fariam grande diferença em seu bolso, mas, sim, no meu.

– Flávio, muito obrigado – disse. E repito agora.

Mas ainda havia um problema, que veio à tona na frase seguinte do presidente.

– Cara, além do Rodrigo Santoro, que já é nosso garoto-propaganda, a gente tá

pensando em contratar o Fiuk também. Tem problema?

Foi nesse momento que fiquei sabendo. Nesse instante, após tudo isso,

descobri que representaria algo juntamente a pessoa que a mídia havia taxado como meu “inimigo”, bem como praticamente todo o meu público.

Respirei, pensei por alguns instantes.

– Você me contratou para representar a Wise Up e é isso que vou fazer. Se você chamou o Fiuk, isso só significa que ele também vai representar a empresa.

Não sou eu que vou criar problemas com isso, muito menos pedir pra você escolher um dos dois, até porque eu sairia perdendo nessa – respondi.

– E você faria um comercial com ele? – perguntou Flávio, quase me testando.

Olhei para a Adriana, que parecia igualmente surpresa. Queria

desesperadamente poder ler seus pensamentos. A pergunta tinha sido feita com a

perfeição de quem sabe lidar com esse tipo de situação. Flávio não tinha sido autoritário, mostrando que “ou você aceita, ou vamos cancelar aqui e agora”, mas

também não tinha sido leve o suficiente para parecer que o poder estava, de fato, na minha decisão.

Pensei por alguns segundos, pesando o valor do dinheiro e do que aquilo poderia representar para minha imagem. Aparecer ao lado do Fiuk em uma propaganda, com a briga havia menos de um mês... Mas eram 160 mil reais.

Comecei a falar com a boca totalmente seca, sem saber o que aconteceria após

minha resposta.

– Não. Não agora. Não posso fazer isso com meu público, muito menos com

meus fãs.

Para meu espanto, Flávio não ficou contrariado, em vez disso respondeu:

– Ok, vamos fazer assim: você faz sua campanha sozinho e o Fiuk faz a campanha dele sozinho também, dois comerciais diferentes. Depois a gente vê como vai estar a situação para a segunda campanha e aí você decide se vai querer

participar junto com ele ou não.

Ele não parecia triste, pelo contrário, parecia ter ficado feliz com a minha resposta. Percebeu que eu não estava me vendendo inteiramente ao mundo

corporativo e que, sim, estava mais preocupado com a minha verdade do que com

o meu bolso.

Mas isso, obviamente, ninguém ficou sabendo.



Os dias foram se passando após meu retorno de São Paulo com a

garantia de um bom período, estabilizado financeiramente, mas pouca coisa tinha

mudado em meu estado de espírito. Os medos permaneciam os mesmos, as

angústias e outras alfinetadas públicas pipocavam aqui e ali, quase sempre fundamentadas nas mesmas falsas impressões.

Foi nesse período que descobri que a famosa frase “dinheiro não traz felicidade” tem um fundo de verdade quase inquestionável. Não é que o dinheiro não possa ajudar a ter felicidade, pois mesmo com tudo acontecendo eu pelo menos agora estava um pouco menos preocupado com as contas a pagar, mas o dinheiro por si só não tem o poder de mascarar seus medos e angústias. A menos que seu medo seja de não ter um Playstation.

De todo modo, eu sabia também que aquele contrato acabaria e 160 mil não são suficientes para deixar alguém rico pelo resto da vida, muito longe disso. É um valor finito que pode ir embora sem você perceber, se não possuir outras fontes de renda.

Justamente pelo pensamento “preciso atingir minha independência financeira definitiva”, uma conversa tinha acontecido com a minha empresária, Adriana.

– Fê, você topa fazer evento? – perguntou ela.

– Evento? Como assim? Isso é um nome para sexo por dinheiro? – Eu realmente conhecia tudo desse mundo, impressionante.

– Não, estou falando de ir em uma festa ou um evento em troca de receber por isso.

Naquele momento não imaginei que alguém iria ME oferecer dinheiro para eu poder ir em uma festa, então disse que não sabia, que veria se acontecesse.

E aconteceu.

Segundo a Adriana, uma “balada” (pensei muito se usaria o termo “balada” ou “night”, como chamamos no RJ, mas fica “balada” mesmo) tinha me oferecido um cachê para eu fazer presença por duas horas no camarim da festa.

– Mas, como assim, Adriana? Por que eles vão me pagar pra eu ficar no camarim de uma balada?

– Porque aí eles podem colocar na divulgação que você vai e mais pessoas vão

comprar ingresso pra ir por causa disso.

Não tinha a menor ideia do tamanho real que o Não Faz Sentido tinha. Eu era

comumente reconhecido nas ruas e tirava diversas fotos (até por esse motivo tinha evitado ir a alguns lugares lotados), mas não tinha noção de que o fato de eu ir a uma festa poderia motivar a venda de ingressos.

Não queria aceitar aquele tipo de convite, ia contra meus princípios básicos como artista. Basicamente, estavam me oferecendo dinheiro para usar minha foto

e vender ingressos. Eu teria de ir numa festa que não estava afim com o único intuito de receber por isso. Acabei negando a oferta de 3 mil reais, que fariam diferença no meu orçamento (o contrato com a Wise Up ainda não estava finalizado, logo, não tinha recebido nada até então).

Só que não parou por ali. Novos convites continuaram aparecendo, até que um

ofereceu 6 mil reais para que eu ficasse uma hora e meia, e prometeram que nenhum site de fofoca ou de fotos de balada poderia publicar que eu estive presente.

Pensei muito. Seis mil reais, uma hora e meia da minha vida, ninguém ficaria

sabendo exceto as pessoas presentes. Aceitei, quase me arrependendo no mesmo

momento em que disse “sim”.

Perturbado emocionalmente, confuso com a minha própria personalidade, fui para São Paulo com o objetivo de terminar logo com aquilo e retornar no dia seguinte para casa, onde poderia voltar para minha solidão e isolamento com meus seriados e filmes.

Agora começo o relato do período em que mais fugi do meu próprio “eu”. O

período mais abalado, perturbado e imbecil que passei dentre todos os que vivi na vida. Por isso, peço que desligue seus julgamentos. Aliás, não desligue, pois eu

mereço cada um deles.

As pessoas são seduzidas muito facilmente por coisas fúteis e insignificantes, mas que amaciam seus egos. Comigo não foi diferente. Cheguei em São Paulo e

fui recebido por um organizador da balada, que me levou em seu belo carro até o

hotel luxuoso que tinham reservado. Na mesma hora, meu monstrinho da vaidade

e desejo por coisas luxuosas abriu os olhos e começou a ronronar. Aquilo tudo me agradava: a atenção, o luxo, a forma como estava sendo tratado.

Relaxei no hotel, naveguei na internet e fiquei pensando se aquilo aconteceria

sempre. Quando já estava no carro a caminho da festa, já acompanhado da Andressa Bianco (que foi para me proteger e garantir que tudo aconteceria da maneira correta), fui pensando no que realmente iria acontecer quando todos aqueles jovens reunidos me vissem pessoalmente. O monstro da vaidade agora não ronronava mais, estava de pé, em posição de alerta, farejando o que poderia

ser um momento de contemplação absoluta pra ele.

Ao chegar no local, o monstro rugiu ferozmente.

Saí do carro ao som de berros, de pessoas correndo em minha direção. Os seguranças, imensos, tiveram trabalho em conter as dezenas de pessoas que aguardavam para entrar na casa de festas. Reuniram-se ao meu redor, formando

uma redoma e me conduziram até a porta, onde se lia “Entrada VIP”.

A festa estava lotada. O local tinha um clima totalmente pop/rock, com luzes

para todos os lados e um volume de som mais alto que qualquer grito humano.

Era agradável.

Passei despercebido, cercado de seguranças, até a área VIP, no segundo andar, onde ninguém poderia me ver. Sentei, peguei uma lata de energético e refleti por alguns segundos sobre onde estava.

O produtor da festa se aproximou.

– Fala, Felipe, tudo bom? Obrigado por ter vindo. Então, só pra te explicar como vai ser. Você fica aqui mais um pouquinho e aí eu vou te anunciar no microfone. Você aparece ali, acena pra galera e aí fala nesse microfone sem fio aqui. E me entregou um microfone.

– Falo o quê? – perguntei.

– O que você quiser. Normalmente, os artistas só gritam qualquer coisa pra galera ficar feliz.

Matei a lata de energético em um gole só.

Poucos instantes depois, ouvi a música diminuir, e o mesmo produtor começou a falar:

– Então, galera, tão curtindo a noite?! – Todos gritaram fortemente. – Eu não ouvi, estão curtindo a noite?! – Mais gritos. (Eu adoraria se um dia as pessoas se calassem depois do animador falar que não tinham gritado o suficiente.) – Então, sabem quem está aqui com a gente? Galera, vamos dar as boas-vindas pro nosso convidado ilustre, ali em cima, Feeelipeee Neeetoooo.

Apareci para a galera lá embaixo e quase deixei o microfone cair com o susto que levei.

A festa era bem maior do que eu tinha previsto. Pelo menos mil pessoas estavam presentes. Agora imagine todo mundo te vendo e berrando a plenos pulmões. A essa altura, não tinha a menor ideia de quem eu era, o monstrinho da

vaidade tomou conta de mim completamente e senti um prazer imenso ao ver todas aquelas pessoas gritando pra mim.

Não consigo lembrar o que falei ao microfone, mas não foi algo como “e então, gente, não sei por quê vocês estão gritando para o fato de que eu estou numa festa. Afinal, vocês também estão e sequer estou aí no meio curtindo com

vocês. Mas valeu”. Na realidade, saiu algo como:

– BORA BEBER PORRAAAAA!!!

Aquilo tudo me seduziu com mais facilidade do que eu tenho decência para contar. Bebi, curti a música e comecei a interagir com algumas pessoas. Aquela

era a primeira balada que eu ia depois da explosão realmente violenta do Não Faz

Sentido e, naquela noite, descobri que, de uma hora para a outra, eu tinha, bem...

me tornado alguém interessante aos olhos de outras mulheres.

É óbvio que não pensei na hora que o único interesse dessas ditas mulheres era

no fato de eu ser famoso para um grupo considerável de pessoas. Quando o monstro da vaidade toma controle, você não sabe de nada, não vê nada e não analisa nada, apenas se sente feliz até a hora em que começa a sentir vergonha.

Mas eu não sentia vergonha. Estava sendo vangloriado, recebendo dinheiro pra isso e, como cereja do bolo, pelo menos dez mulheres lindas, de quem eu nunca

teria chamado atenção em qualquer festa, se jogaram para cima de mim. Eram sorrisos, comentários que qualquer um poderia interpretar como “dando mole”, e

uma literalmente escreveu seu telefone em um pedaço de papel e me deu.

Não deixei que a Andressa visse aquilo. Não queria que a DNA pensasse que

eu era esse tipo de cara. Afinal, eu não era esse tipo de cara. Ou, pelo menos, achava que não era. Para ser bastante sincero, durante a vida inteira condenei esse tipo de indivíduo e tentei ser diferente. Condenava os playboys que tinham

como

único interesse na vida as mulheres ao seu redor. Achava absolutamente patético

ver um homem dando passos baseando-se somente em sua vida sexual,

esquecendo-se completamente das questões intelectuais e da dedicação ao

trabalho.

Pois saiba que mesmo o pior dos estereótipos pode acabar fazendo parte de sua

própria personalidade, desde que você seja fraco o suficiente para escolher os caminhos errados.

Ao sair da festa, fui deixado no hotel pelo mesmo motorista. Agradeci a ele e à

Andressa e fui para o meu quarto. Liguei a TV. Nada de interessante. Tentei navegar pela internet, mas a verdade é que o que eu de fato queria era testar outra coisa.

Tirei o papel embolado do bolso e o desamassei. O número ainda estava ali.

Meia hora depois eu estava transando.

A mulher era linda e eu estava na cama com ela sem ter precisado falar mais de

vinte palavras. Eu, um cara tímido, sem um grande histórico de sexo

(principalmente por ter passado por um relacionamento entre meus 16 e 20 anos),

sem o menor dom para “chegar numa mulher”, de repente, me vi em uma

situação onde bastava eu estar presente para conseguir ter uma vida sexualmente

ativa (não que eu já tenha passado por uma vida “sexualmente passiva”).

Aquela situação passou a ser uma constante em minha vida. Motivado

diariamente pelo monstro da vaidade, comecei a buscar no sexo a fórmula da

felicidade, que no final não trazia felicidade alguma, apenas a falsa impressão de ser desejado. Digo “falsa impressão” pois provavelmente nenhuma dessas

mulheres com quem saí durante esse período tinha real interesse em mim, mas, sim, no que poderiam contar às amigas depois que passassem um tempo comigo.

Não fazia ideia, mas tinha me tornado um objeto que na realidade não possuía valor real algum, principalmente agindo da forma como agia.

Paro agora por um instante para explicar todo esse lado emocional envolvido,

antes que você comece a me xingar, pois eu sei que muitos farão isso, da seguinte forma:

“Porra, Felipe, tu ganhou notoriedade, ficou conhecido por bastante gente, começou a ganhar dinheiro e ainda por cima com várias mulheres para transar, vai reclamar na casa do caramba.” Embora eu saiba que você não iria falar

“caramba”.

Se eu estivesse lendo essa história como algo que aconteceu com alguém, pensaria exatamente da mesma forma. Contudo, quando você a vive, descobre que a realidade é muito, mas muito, distante do que se idealiza.

Fama, dinheiro e sexo não são suficientes para deixar uma pessoa feliz. Você

pode discordar de mim eternamente, mas, se um dia tiver a chance de passar por

isso, descobrirá que a premissa é verdadeira. A menos que você seja o Charlie Sheen.

A fama vem com o medo de perdê-la.

O dinheiro vem com a incerteza de mantê-lo.

O sexo em demasia vem com a dor de cabeça de se sentir um babaca quando a

pessoa vai embora e a sensação de vazio por saber que nenhuma daquelas mulheres realmente se importa com você.

Hoje, mais maduro, percebo que a felicidade reside, fundamentalmente, em

coisas a que damos muito pouco valor na juventude. A família é a fórmula essencial da felicidade, pelo menos, no meu caso. Um relacionamento maduro e

apaixonado é um milhão de vezes melhor que duzentas mulheres na sua cama, até

mesmo se uma delas for a Megan Fox. Uma ida ao cinema com a pessoa que você ama supera de longe uma noite na balada regada a uísque com energético e

cinco mulheres no seu colo.

Você pode discordar, pode dizer que estou errado, mas até hoje não conheci qualquer pessoa inteligente que optasse por essa vida superficial e babaca como a verdadeira felicidade. Claro, podemos encontrar algumas pessoas vazias e

ignorantes que se mantêm nesses falsos prazeres por não terem a capacidade intelectual de fazer qualquer outra coisa, mas o dia em que tomarmos essas pessoas como exemplo será o dia em que a humanidade não terá mais motivo para existir.

Agora, voltemos à história e chega de todo esse moralismo exagerado e talvez

até desnecessário. A verdade é que, perturbado como estava, o sexo e as baladas

me seduziram de uma forma completa.

O problema é que eu estava completamente cego. Minha personalidade tinha deixado de existir havia muito. Ia a festas recebendo dinheiro para isso e curtia cada segundo, como se toda aquela atenção fosse um real motivo de felicidade.

Muito do que antes considerava errado passou a existir no meu cotidiano, e a cada dia perdia um detalhe do que me fazia ser eu mesmo. Eu tinha mudado, infelizmente, para muito pior.

Mesmo com o Não Faz Sentido ganhando milhares de fãs todos os dias, não

conseguia dar real valor àquilo. As notas ácidas na imprensa continuavam, bem

como o pensamento de que “o Felipe Neto só fala de modas adolescentes”.

Continuava indo mal em entrevistas, sem saber como agradar. Estava

desequilibrado, sem solidez abaixo dos pés, caminhando a passos largos em direção a um muro que provavelmente me arrancaria os dentes.

Para os outros, contudo, deixava transparecer que as coisas não poderiam estar

melhores. Disfarçar o sofrimento é muito mais fácil quando você sequer o admite.



Em meados de agosto de 2010, quatro meses após o surgimento do

Não Faz Sentido, o canal já somava 35 milhões de visualizações e 243 mil assinantes (inscritos). Os números falavam por si só e o projeto não parava de crescer.

Cada vez mais professores e pais enviavam mensagens ou me paravam nas

ruas dizendo que a mensagem do Não Faz Sentido era de fundamental

importância para seus filhos ou alunos, destacando até mesmo que o linguajar cheio de palavrões era na verdade um incentivo para que os jovens se

identificassem e assistissem com mais gosto, em vez da linguagem conservadora

com a qual estavam acostumados a lidar.

Comecei a receber relatos ainda mais específicos. Exemplos de jovens que tinham repensado no próprio comportamento e deixado de idolatrar determinado

artista, passando apenas a admirar seu trabalho de forma inteligente, sem realizar

loucuras em seu nome. Outros buscavam se aperfeiçoar na hora de escrever, enquanto outros tentavam argumentar melhor na hora de criticar alguma coisa. Os

vídeos pareciam ter um impacto cada vez mais importante dentro da juventude que o assistia.

Mesmo em toda a minha confusão mental, ainda tinha muitos períodos de

lucidez, principalmente ao longo dos dias da semana, quando pensava em coisas

novas para meus vídeos e escrevia textos depressivos com o objetivo de colocar

para fora o que sentia. Foi em um desses momentos de lucidez que, em uma conversa com a Adriana, surgiu a ideia de criar um vídeo sobre o pessoal que estava tirando a roupa ao vivo na internet em troca de audiência.

Vamos lá, explicando rapidamente: essa foi a época da popularização da

Twitcam, um site onde você podia ficar ao vivo, em vídeo, para falar com seus

seguidores do Twitter. Eu fazia muitas na época, criando uma maior intimidade com meu público e fazendo com que enxergassem quem eu era na vida real. Mas

nem todos utilizavam a ferramenta dessa maneira. Enlouquecidos pela

possibilidade de ganharem visitas e novos seguidores, todo tipo de coisa começou

a surgir. Um garoto que fazia cover de Lady Gaga de uma forma tosquíssima logo ficou popular, abrindo caminho para todo tipo de bizarrices. Até que começaram os strip-teases.

“Galera, se eu chegar a 2 mil seguidores, vou tirar a blusa.”

A frase acima começou a ficar cada vez mais comum nas twitcams. Meninas

menores de idade começaram a fazê-lo. Outros se masturbavam ao vivo em troca

de audiência e novos seguidores, mas principalmente as mulheres começaram a utilizar do próprio corpo em troca de mais alguns zeros em seu número de

admiradores. Até que o cúmulo foi alcançado: um casal, menor de idade, ligou a twitcam e fez sexo ao vivo, atingindo a incrível marca de mais de 50 mil pessoas assistindo. O caso deu uma repercussão monstruosa e foi parar em quase todos os veículos de notícias do Brasil, visto que o garoto tinha 16 anos e a menina, 14.

Inspirado pela situação, gravei um vídeo de título “Putaria pra Aparecer”, com o objetivo de desmotivar toda essa moda, tanto da parte das meninas e meninos fazendo atrocidades na twitcam como também das pessoas que ficavam assistindo e dando audiência para tamanho absurdo, muitas vezes, pedófilo.

O vídeo fez bastante sucesso, embora não comparável aos últimos temas: “*Crepúsculo*” e “Fiukar”. Contudo, tratava de um tema sério, um problema muito maior que as fãs de *Crepúsculo* ou as atitudes de ídolos como o Luan Santana.

Ver um vídeo com essa temática batendo a marca de 2 milhões de visualizações era muito mais satisfatório que qualquer outro. Mais do que isso, coincidência ou não, as coisas começaram a mudar no mundo das twitcams. A frequência de gente tirando a roupa diminuiu consideravelmente e, quando acontecia, muitos fãs do Não Faz Sentido apareciam e começavam a tentar fazer a pessoa parar com aquilo, principalmente quando eram menores de idade. Nunca mais outro caso como o do casal adolescente que transou ao vivo aconteceu e, se eu pude colaborar com 1% disso, sinto-me imensamente orgulhoso.

Nessas horas que eu percebia a imensa importância do Não Faz Sentido, não importando o que os críticos poderiam dizer. O vídeo “Putaria pra Aparecer” fez com que eu resgatasse o orgulho de fazer alguma diferença concreta, de utilizar

o Não Faz Sentido para um bem maior (maldito *Harry Potter*, toda vez que penso em “um bem maior”, me lembro do interesse de Grindelwald. Se você não leu, ignore esses parênteses).

Passei os dias seguintes dentro da minha confusão de sentimentos. Ao mesmo

tempo orgulhoso e com uma imensa pressão em cima dos ombros. Feliz com os

resultados, mas triste com as deturpações criadas por críticos fomentados pela raiva. A sensação de injustiça por outras notas publicadas na imprensa que continuavam a me definir como o crítico dos ídolos adolescentes com o objetivo

da autopromoção (não importava quantos “Putaria pra Aparecer” eu fizesse, a taxação da mídia tinha ficado marcada). Confuso sobre como agir fora da câmera,

continuava a decepcionar determinados jornalistas, que rebatiam na hora de publicar suas matérias. Com tudo isso acontecendo, buscava nas festas e no sexo

casual a válvula de escape para tudo o que acontecia.

Alguns dias depois, fui procurado por um jornalista da maior revista impressa

do Brasil, para aquela que seria minha maior publicação na imprensa até então.

Pensei em negar, já cansado das várias alfinetadas e socos no estômago publicados, mas minha insegurança e curiosidade falaram mais alto. Insegurança

pelo fato de que me considerava pequeno demais para recusar um pedido de tal

revista, o que poderia ter como consequência o ódio mortal do veículo por mim, e

curiosidade por querer saber se de repente aquela não acabaria sendo uma boa matéria, ao contrário das outras.

Minha empresária Adriana chegou a me aconselhar a não fazer a entrevista, preocupada com o que poderia acontecer, mas minha cabeça já estava feita.

Aceitei.

No mesmo dia o jornalista me ligou e o medo foi se esvaindo de dentro de mim. Conversamos por pelo menos duas horas e a sensação era a mesma de estar

conversando com um amigo. Falei sobre como tudo começou, sobre meus planos

para o futuro (na época, ainda indefinidos), sobre o reconhecimento nas ruas e a

importância do Não Faz Sentido. O jornalista, por sua vez, elogiou meu trabalho,

disse que era fã dos vídeos e que tentaria dar um maior destaque para a minha matéria.

Desliguei o telefone feliz. Finalmente uma entrevista sem desapontamento do

entrevistador, sem a sensação de ter falado coisa errada. Finalmente uma boa matéria na imprensa contendo meu nome e na maior e mais importante revista do

país. Sairia ao lado de MysteryGuitarMan (Joe Penna) e PC Siqueira. O orgulho

era aparente e fui dormir extremamente feliz aquela noite, depois de enviar um e-

mail para o jornalista agradecendo pela oportunidade e dizendo que tinha sido um

prazer conversar com ele.

Acordei no dia seguinte com a resposta positiva do jornalista, dizendo que também tinha adorado e que a matéria estava ficando muito bacana. Contei para

Adriana e Andressa, que ficaram felizes e imensamente aliviadas.

Alguns dias depois, a revista foi para as bancas. Comprei com prazer, já preparando para emoldurar a entrevista (coisa de mãe). Avisei a todos da minha

família para comprarem a revista naquela semana, inclusive meus amigos e pessoas com quem eu mantinha algum contato.

Quando comecei a ler, mais uma vez fui presenteado com um coice nas costas,

dessa vez sem qualquer explicação.

Mesmo após todos os elogios, tudo que o jornalista havia dito e a forma como havia me tratado, a matéria enaltecia os trabalhos de Joe Penna e PC Siqueira e me colocava como um pedaço azedo de queijo mofado.

Na hora de definir meu trabalho, o jornalista resolveu me chamar de “ator de peças de segunda linha”. Seguiu a narrativa caindo no mesmo argumento das outras matérias depreciativas, de que eu só fazia sucesso porque criticava ídolos adolescentes (a essa altura já eram dezoito vídeos, sendo cinco, CINCO, contendo críticas a comportamentos de ídolos teens). Na hora de definir PC Siqueira, o jornalista chegou ao cúmulo de colocar “PC Siqueira, com menos fama porém mais graça que Felipe Neto”, expressando opinião pessoal em uma matéria que tentava ser imparcial. Além disso, ainda deturpou minhas respostas, manipulando de modo a me fazer parecer arrogante e de certa forma ignorante.

Uma curiosidade bacana que acabei de lembrar, o próprio PC já havia falado em seu canal sobre todos os ídolos que eu também havia criticado. Aliás, o canal Mas Poxa Vida já tinha criticado muito mais ídolos teen do que o Não Faz Sentido, mas foi em mim que “a carapuça serviu”.

Não conseguia compreender nada. Até hoje não entendo a razão de ter despertado tamanha rejeição dos jornalistas na época, embora muitas possíveis conclusões já tenham me sido apresentadas por diferentes pessoas. Não era possível imaginar como a imprensa pudesse ser tão contra mim enquanto professores e pais tanto me defendessem e incentivassem meu trabalho pelo Brasil afora. Os professores, inclusive, continuavam a ser uma importantíssima ferramenta de divulgação, pois os vídeos eram cada vez mais apresentados em

sala de aula, como aconteceu muito com o próprio “Putaria pra Aparecer”.

Liguei para a Adriana, bufando de tanta raiva. Eu havia avisado a família inteira, amigos, conhecidos, todos provavelmente veriam o desastre que eu mesmo havia incentivado a lerem. Ela tentou me consolar, disse que era assim mesmo, que eu precisava me blindar. Informou que a mesma revista já havia criticado publicamente e de maneira muito mais séria os trabalhos do Bruno Mazzeo e do Marcos Mion, até mesmo do Marcelo Adnet. Naquela noite

tomamos uma decisão importante: eu não daria mais entrevistas, até que estivesse

pronto. Se achássemos que alguma entrevista seria importante, a própria Adriana

se relacionaria com o jornalista e pediria as perguntas por e-mail, que eu responderia e ela, então, revisaria antes de enviar para o veículo. A agência DNA criou um escudo à minha frente com o objetivo de impedir que outros casos como

aquele acontecessem.

Desliguei o telefone mais calmo e, dali em diante, comecei a lidar de uma forma melhor com tudo aquilo. Não adiantava mais ficar alimentando

expectativas em cima do que outras pessoas, da imprensa ou não, pensariam de mim. Não traria nada de bom para a minha vida essa preocupação latente em cima da aceitação do meu trabalho ou a importância que eu dava para que as pessoas soubessem quem eu era de verdade. Quanto mais perdesse tempo me preocupando com isso, mais ficaria depressivo. Precisava me acostumar com um

fato incontestável: o Não Faz Sentido tinha ficado grande demais e isso agradaria a muita gente, enquanto incomodaria muitas outras. Ou eu lidava com isso de maneira mais leve, ou cairia em um buraco sem fundo.

Uma surpresa ainda maior veio nos dias que se seguiram. Apesar da nítida crítica na matéria, muitas pessoas me ligaram para me parabenizar por eu ter aparecido na dita revista. Na internet, enquanto uma ou duas pessoas

comentavam sobre o fato de a matéria ter sido horrível, outras cinquenta elogiavam o fato de eu ter aparecido por lá. Foi a própria Adriana quem me

explicou a razão disso estar acontecendo.

– Fê, as pessoas não leem revistas, elas folheiam e olham as fotos. Poucas irão

realmente ler o que o jornalista falou de você. Elas só irão ver sua foto e te parabenizar pela conquista. Então, entra na onda!

Adorei isso.

Comecei a ligar para a Adriana e para a Andressa quase todos os dias, buscando conselhos, tentando me blindar sobre como agir publicamente.

Comecei a levar a sério o fato de que minha imagem precisava de uma proteção,

um comportamento pensado, em vez da impulsividade de alguém que não sabia o

que fazer ou como agir.

Nessa época, publiquei o seguinte texto na internet:

Medos

Muitos pensam que é fácil. Muitos buscam por algo sem fazer ideia exatamente do que vão encontrar. Supervalorizam tudo isso quando não vejo motivo algum para um grande orgulho ou satisfação pessoal. Embora deva confessar: quando mais novo, sonhava com tudo o que me vem acontecendo hoje.

Antes soubesse, naquela época, que realmente não existe nada demais em tudo isso, ou mais ainda, soubesse que verdadeiramente iria chegar a viver o que considerava um sonho, mas sob a forma de realidade comum, nem lá nem cá, embora um pouco mais lá que cá.

A velocidade me pegou de um jeito que eu não poderia prever. Afinal, se foi rápido, a previsão torna-se coadjuvante. Junto a isso, o preparo também ficou longe de bater ponto. Sem preparo, tudo fica ainda mais complexo. A sedução gerada pelos gritos enlouquecidos de fãs é algo impossível de se explicar. Quantos se perderam nesse estágio? O que me impede de trilhar o mesmo caminho suicida? Ou, ainda mais, onde será que irei buscar a força necessária para conviver com tudo isso de forma a não me perder? Não sei, só sei que sei. Talvez minha criação tenha sido fundamental, ou meu processo de amadurecimento, fato é que essa sedução vem encontrando um escudo que eu não imaginava ter, embora todo o impacto absorvido tenha gerado efeitos muito desagradáveis, que agora preciso vencer numa batalha épica de uma pessoa só.

Acredito que praticamente todos os complexos humanos sejam causados

pelo medo. O medo define muita coisa, prejudica imensamente qualquer ser humano. Hoje, tenho medo. Embora ninguém saiba, embora me vejam como uma pessoa segura, o medo é algo presente em minha vida. Lutar contra ele é como golpear fumaça ou incorporar o Sheldon na tentativa de explodir a cabeça do oponente só com a mentalização. O medo não bate na porta, não avisa que está chegando e muito menos se retira quando solicitado. Enfrenta-se o medo com atitudes e com o autoconhecimento, partindo do primeiro passo, a confissão do medo. Não tenho vergonha em tê-lo, aliás, não compartilhar dele seria provavelmente prepotente e arrogante, tendo em vista tudo o que vem acontecendo em minha vida. Gritar segurança e estabilidade emocional seria não apenas mentiroso, como covarde. E provavelmente o primeiro passo para a ruína.

Não sei ao certo o motivo de produção deste texto. Estou no aeroporto, aguardando meu voo. Não tenho qualquer intenção de publicá-lo, talvez seja apenas um desabafo solitário, uma forma de deixar claro para mim mesmo: não há fama, dinheiro ou prazer suficiente para segurar sua estabilidade emocional. Pelo contrário, são esses os principais ingredientes para uma vida desajustada e perigosa. Estou no início de tudo isso e somente agora percebo, mesmo que em menor escala, tudo que envolve a vida artística realmente. Eu bem achava que era fácil.

Do medo vêm a angústia, a insegurança, o pânico do fracasso. Mas

dentro do pacote também posso notar a vontade de provar pra mim mesmo de que sou capaz, embora, confesse novamente, algumas vezes chego a questionar de forma violenta essa capacidade. Um turbilhão de emoções, presente em qualquer indivíduo que tenha vivido nos palcos e baseado sua vida na arte, agora elevado à milésima potência. Não posso dizer que tudo isso irá acabar, pois foi da boca da própria Fernanda Montenegro que ouvi que não há ator de verdade que não sinta nervosismo antes de entrar em cena, a não ser os arrogantes. Assumo meus medos, assumo minhas inseguranças e prometo pra mim mesmo que, seja qual for o desafio, jamais deixarei que esses sintomas controlem minha mente e corpo o suficiente para fazer com que eu não tenha a força para vencê-los. A coragem e o compromisso artístico hão de falar mais alto, sempre.

Embora um tanto quanto depressivo, o texto foi na realidade um momento muito importante em minha vida, o momento em que assumi, para mim mesmo, que não estava nada bem, que as coisas estavam acontecendo rápido demais e que precisava me preparar melhor para tudo isso. Após este texto, comecei a escalar as paredes do poço em que havia entrado, comecei a voltar a sentir um equilíbrio sobre minha própria personalidade, embora ainda cometesse muitos erros. Assumi-los, porém, era o primeiro passo para deixar de cometê-los.

Alguns dias se passaram e eu já me sentia bem melhor, motivado a criar mais vídeos do Não Faz Sentido que me fizessem sentir orgulho. E na época somente um assunto dominava todas as conversas de bar e notícias dos telejornais: as eleições para a Presidência do Brasil. Quatro candidatos se destacavam na época: Dilma Roussef, José Serra, Plínio de Arruda e Marina Silva.

Há uma velha premissa brasileira que diz: religião, política e futebol não se

discutem. Por isso, pensei algumas vezes antes de decidir que iria gravar o vídeo

“Não Faz Sentido – Políticos”. O que me fez decidir? A conclusão de que, se essa premissa fosse verdadeira, ainda estaríamos no período da inquisição católica, governados por um rei e provavelmente sem jogadores negros no futebol. Não existe assunto “que não se discuta”, a premissa na realidade deveria ser: somente discuta religião, política e futebol se tiver inteligência o suficiente para não precisar argumentar na porrada.

Meu vídeo foi motivado não pela raiva da política, mas, sim, por minha rejeição aos políticos de um modo quase generalizado. Corrupção, troca de favores, facilitações, tudo isso sempre me causou extremo desgosto e me fez concluir que votar no Brasil é uma tarefa quase impossível. Somos obrigados a votar naquele que consideramos “menor pior”, na maioria das vezes.

Condicionei meu vídeo à ideia de que somente dois candidatos tinham reais chances de vitória: Dilma e Serra. Entre os dois, eu torcia para que desse pane elétrica em todo o país e impossibilitasse os votos de qualquer pessoa. Não queria ver PT nem PSDB no controle de nosso país, mas também não posso dizer que

torcia de forma entusiástica para algum dos outros candidatos. Mais uma vez percebia que nosso país seria governado por aquele que mais agradasse à massa,

não por seus projetos, mas por seu *backstage*. Sabendo que por trás de Dilma estava Lula, direcionei a parte mais dura da crítica à forma de governo do PT, que considero particularmente populista e nociva a longo prazo, embora seja capaz de

mostrar resultados a curto prazo, criando admiração internacional a planos como

o Bolsa Família.

Mais do que qualquer crítica a um modelo de governo específico, implorei por

investimentos na educação, única forma de fazer com que um país seja elevado ao patamar de Primeiro Mundo. Bati nessa tecla inúmeras vezes e desafiei Dilma

diretamente, embora soubesse que seria pretensão demais imaginar que a futura presidente (sim, eu falo “presidente” e não “presidenta”) assistiria ao meu vídeo

no YouTube. Pedi a Dilma que, em vez de somente dar dinheiro para o pobre, desse a ele uma educação de verdade, com investimentos bilionários na área, a fim de gerar um futuro para o indivíduo, em vez de somente um modo de subsistência condicionada à dependência do governo e a formação de um curral

eleitoral de gigantesco porte em função disso.

Defendi a política, deixando claro que a culpa de tantos considerarem o assunto enfadonho é exatamente pela postura dos próprios políticos, que não visam ter uma população inteligente e informada, mas, sim, um povo dominável

por sua ignorância. Pedi para que o público que me assistia buscar ler e se informar sobre seus candidatos, que parassem de considerar o assunto chato e partissem em busca da leitura sobre o tema. Direcionei meu aconselhamento quanto a isso justamente aos adolescentes, deixando claro que o poder de quebrar

toda essa manipulação dos políticos estava em suas mãos.

Antes de lançar o vídeo, tremi por alguns instantes, sem saber qual seria a consequência daquilo. Pela primeira vez estava falando de um assunto quase que

exclusivamente adulto, com uma seriedade absurda e que com certeza despertaria

a ira de pessoas bem mais velhas, defensoras do PT ou do PSDB. Não sabia até

que ponto aquilo poderia se voltar contra mim, até mesmo fisicamente. Contudo,

motivado por tudo que o Não Faz Sentido já tinha sido capaz de fazer, publiquei.

Até hoje nenhum vídeo impactou tantos adultos quanto este. No dia seguinte,

meu tio, de 58 anos, veio me procurar dizendo que tinha achado o vídeo sensacional e que o tinha recebido de um amigo, da mesma idade, por e-mail. O

discurso se alastrou agressivamente, gerando um resultado extremamente

positivo, embora de fato muitas pessoas tenham ficado revoltadas, tentando provar que o Bolsa Família era de fato bom até mesmo a longo prazo, mesmo

que

os investimentos em educação não fossem suficientes. Contudo, até hoje o vídeo

se mantém com um índice de 2% de reprovação, contra 98% de aceitação, segundo as estatísticas do YouTube.

Mais uma vez um assunto de extrema seriedade havia sido debatido. Melhor que isso, as visualizações foram do mesmo nível do vídeo “Fiukar”, provando que o Não Faz Sentido poderia abordar temas nada adolescentes e ainda assim agradar e motivar a reflexão e a pesquisa.

Tempos depois as eleições aconteceram e Dilma Roussef tornou-se a

presidente do Brasil, conforme previsto por tanta gente. Era impossível lutar contra o populismo e o apoio de Lula, e em nenhum momento pensei que o vídeo

poderia alterar de alguma forma o resultado das eleições, visto que a população com acesso à internet no Brasil, na época, não possuía relevância o suficiente para gerar números que fizessem grande diferença. Contudo, não foi assim que o

gabinete de Dilma pensou à época.

Pela primeira vez revelo que, após um tempo, uma funcionária do gabinete da

candidata me contou que virei pauta de reunião entre os assessores e a própria Dilma, que debateram sobre a possibilidade de me impedir de fazer novos vídeos

sobre o tema. Depois de um tempo, desistiram, convencidos de que a internet ainda não teria força o suficiente para mudar uma eleição no Brasil. Deixo claro, contudo, que soube dessa informação por meio de uma pessoa, cujo nome

obviamente não citarei. Ou seja, não posso confirmar a veracidade da informação,

pois não estava presente. Mas não duvido nem por um segundo que tenha acontecido, principalmente por não encontrar motivo para que uma funcionária em atividade arriscasse o próprio cargo me contando tal acontecimento.

O relato da funcionária fez com que mais uma vez eu tivesse um choque de realidade. O Não Faz Sentido tinha atingido tamanha audiência que, até mesmo

ao falar da Dilma, a própria tinha ficado sabendo. Em outras palavras: não tinha

mais como eu falar sobre alguma personalidade no Não Faz Sentido sem saber que aquela pessoa inevitavelmente teria acesso ao que eu dissera.

Mais ou menos no mesmo período, a ex-BBB Francine postou em seu Twitter

uma mensagem direcionada a mim:

“Espero que a Lia e os fãs dela caiam em cima dele. Ele fez uma ofensa grave,

deveria ser processado. Eu já dei print na tela.”

Na época, ela se referia ao fato de eu ter criticado o que estavam tratando como

“beleza feminina” e ter usado como exemplo outra ex-BBB, a Lia (desculpem-me

não lembrar de seu sobrenome), que possuía o corpo inteiro cheio de plásticas que a tinham deixado completamente turbinada. Condenei, dizendo que aquilo não era o padrão que deveríamos definir como beleza.

Por que conto isso? Para mostrar que do “caso Fiuk” até este momento, amadureci e aprendi muita coisa. Poderia ter respondido a Francine, o que me daria novamente destaque na mídia, com matérias em sites de fofoca e notícias em

geral, rendendo ainda mais visualizações para o Não Faz Sentido. Se eu fosse uma “attention whore”, como alguns me acusavam de ser, teria feito exatamente

isso. Contudo, li e fiquei calado. Nunca mais cometeria o mesmo erro e nunca mais gostaria de ver meu nome envolvido em sites de fofoca, por mais

visibilidade que isso pudesse me proporcionar.

De volta ao vídeo “Políticos”, mais uma vez o Não Faz Sentido ganhou

visibilidade e crédito de um público mais velho, que começou a defender ainda

mais o projeto e ressaltar sua importância para os jovens, mesmo que tivesse uma

linguagem recheada de palavrões e uma forma extremamente autoritária de

expressar opinião.

Algumas pessoas mais velhas e com maior bagagem cultural começaram a se

expressar publicamente na internet, fosse em blogs ou em pequenas colunas na imprensa tradicional. A imagem do Não Faz Sentido começou a ganhar outro tipo

de força, a de receber apoio de pessoas intelectualmente destacadas, em vez de simplesmente um projeto adolescente.

Em uma coluna do portal Escola Dinheiro, bastante respeitado por seus

conselhos de como criar projetos rentáveis na internet, Paulo Faustino, de Portugal, publicou:

Uma das coisas que mais admiramos no Felipe Neto é a sua capacidade de

ser verdadeiro e pragmático. E é precisamente por ser tão pragmático e crítico acerca de alguns dos problemas da sociedade brasileira que Felipe Neto é hoje um caso raro de sucesso espontâneo. Do que conseguimos

aperceber-nos de alguns dos comentários dos seus assinantes e fãs, muitos deles gostam do Felipe precisamente por este ter a capacidade de dizer ao mundo aquilo que todos os outros gostariam de conseguir fazer e não o fazem por uma razão ou por outra. Esta frontalidade traz a Felipe Neto uma

das coisas mais importantes da internet: credibilidade, confiança e paixão.

O facto de os seus assinantes e fãs considerarem-no credível, inteligente

nas abordagens, depositarem a sua confiança no trabalho do Felipe e

viverem apaixonados pela forma como o autor critica severamente todos

aqueles que considera serem os problemas do Brasil, faz com que Felipe seja

maioritariamente adorado.

Pode não parecer nada, mas esse tipo de repercussão fazia toda a diferença para o Não Faz Sentido, que de tantas pedradas publicadas na mídia tradicional já corria um sério risco de virar piada entre pessoas mais velhas, acostumadas a ler revistas e jornais regularmente. Por isso, a importância de um vídeo

argumentativo sobre questões políticas, que teve como resultado uma aceitação gritante deste mesmo público e o início das críticas positivas postadas publicamente por pessoas bastante respeitadas.

Outros veículos começaram a enxergar o canal com outros olhos. O jornal *Correio Brasiliense* publicou uma gigantesca entrevista comigo (inteiramente realizada por e-mail, já de acordo com a blindagem criada pela agência DNA) ressaltando a inteligência do projeto e a forma como ele havia atingido destaque.

A revista *Megazine*, do jornal *O Globo*, também fez reportagem destacando a importância do meu trabalho com os jovens e questionando se eu iria parar na televisão em breve. Diversos blogs de opinião do país começaram a escrever sobre meu trabalho, ressaltando seus lados positivos e negativos, de forma consciente e sem ataques diretos e pessoais.

Uma das novas críticas surgidas nesse período, dessa vez muito mais sensata que as anteriores, que me acusavam de querer chamar a atenção a qualquer preço,

dizia que o Não Faz Sentido se utilizava do que chamam de “egoísmo

tendencioso”. Defendo este argumento como uma das críticas que recebi de forma mais positiva até hoje.

A crítica nasceu em um material de faculdade feito por cinco alunos do quarto

período de jornalismo da UNAMA (Universidade da Amazônia), de título “A exposição do jovem na internet: Um estudo sobre o caso Felipe Neto”. Em determinado momento, escreveram:

O exemplo citado explicita uma característica presente em todo ser

humano: O Egoísmo Tendencioso.

O termo egoísmo tendencioso surgiu na pesquisa teórica de David

Myers (2006), psicólogo norte-americano formado pela Universidade de

Iowa, sobre a psicologia humana. O seu conceito defende que todos nós temos a prontidão de perceber a nós mesmos de modo favorável

considerando as seguintes descobertas:

1. As pessoas aceitam mais responsabilidades por boas ações do que por

más, e por sucessos do que por fracassos.

2. A maioria das pessoas se julga melhor do que a média.

O pesquisador Roy Baumeister completa o conceito de David Myers

dizendo que "incentivar as pessoas para que se sintam bem em relação a si

mesmas quando elas não merecem causa problemas, pois, convencidos, os

indivíduos presunçosos se tornam ofensivos contra aqueles que furam suas

bolhas de amor próprio". (MYERS, 2006).

Felipe Neto, ao publicar vídeos sobre sua opinião acerca de diversos assuntos, seria como um indivíduo com um comportamento totalmente

egoísta-tendencioso, pois, ao denegrir certos aspectos do comportamento humano, certos hábitos ou artistas, parte do princípio de que o seu modo de se comportar, seus hábitos e seus pensamentos são os

predominantemente certos.

Essa foi uma das críticas mais sensatas publicadas até hoje na história do Não

Faz Sentido.

De fato, ao condenar determinados comportamentos, eu estava deixando claro

que a minha forma de pensar era a correta. A grande questão, contudo, se dá pelo

argumento de que eu jamais quis que todos concordassem que a minha forma de

pensar era a única possível e que todos deveriam concordar comigo. Mais de uma

vez, ao longo do Não Faz Sentido, pedi para que os fãs não levassem minhas palavras para argumentar com outras pessoas, mas que ouvissem meus

argumentos e, em seguida, pesquisassem sobre o assunto, com o objetivo de criar

suas próprias verdades e não apenas admitir que o que eu falava era a verdade simples e absoluta.

De todo modo, a crítica serviu para que eu abrisse os olhos. O Não Faz Sentido sempre fora, de fato, um projeto autoritário e intolerante. O que indiretamente influenciava para que seus fãs com menor poder de discernimento

tornassem-se também um pouco mais autoritários e intolerantes.

Lembro ter ligado para meu pai com o objetivo de debater o assunto e tive como primeira reação: “Ué, é a primeira vez que você percebe que o Não Faz Sentido é intolerante?” Não fez com que eu me sentisse muito melhor.

Fui pesquisar sobre o assunto e cheguei a algumas conclusões. Nem sempre ser intolerante em um projeto de opinião com humor é uma coisa ruim. Alguns dos meus grandes ídolos eram e são considerados intolerantes, como George Carlin, para mim, o sujeito mais inteligentemente engraçado que já passou pela Terra (como se tivesse algum comediante em Marte). Ricky Gervais, criador da

série *The Office* na Inglaterra e grande gênio do humor, também é taxado como extremamente incisivo e autoritário em seus textos. Até mesmo no Brasil, os exemplos de Rafinha Bastos e Danilo Gentili ilustram bem a característica de intolerância em seus textos.

A verdade é que é muito difícil você criar um texto de opinião crítica sobre determinado assunto sem parecer ao menos um pouco intolerante. Quando você

precisa adicionar uma pitada de humor, ainda por cima, a coisa torna-se quase impossível. Ninguém quer ouvir um humorista de stand-up argumentando sobre

os diferentes pontos de vista acerca do pagode, sobre como é uma expressão cultural de determinadas regiões e que por isso deve ser respeitado acima de tudo, o que o indivíduo quer ouvir é a piada de Rafinha (no DVD *A arte do insulto*) sobre o tema:

“Vou falar sobre Pagode” – pausa – “Eu odeio pagode” – pausa – “É só isso que eu tenho pra falar, próximo assunto.”

A intolerância, a generalização e o escárnio podem ser encontrados em

inúmeras piadas, vídeos e coisas do gênero. Até mesmo com biólogos,

novamente por Rafinha Bastos:

“Há vinte anos o homem estuda a comunicação dos golfinhos.” – Em

seguida, faz uma expressão de “pra quê?!”.

Se os pesquisadores de comunicação de golfinhos decidissem fazer um

protesto contra Rafinha Bastos, quantos integrantes da imprensa concordariam com eles?

O que dizer então do número de stand-up mais famoso de George Carlin:

“Religion is Bulshit”? (em português, “Religião é besteira”). Durante mais de uma hora George Carlin tenta mostrar, por A + B, argumentos e piadas, que a religião é uma grande babaquice. Intolerante? ORA, SIM!

O Não Faz Sentido não ficava longe de parecer um show de stand-up.

Baseado em um texto, feito em pé, com um discurso direto e sem a utilização de

cenas, ele era o stand-up no formato de vídeo.

Foi baseado em tudo isso que percebi que a intolerância não era

necessariamente uma característica ruim do Não Faz Sentido, mas apenas uma característica. Assim como também era polêmico, argumentativo, controverso e, para muitos, engraçado. Aliás, assim como Rafinha chamou seu DVD de “A arte

do insulto”, eu poderia um dia chamar o DVD do Não Faz Sentido de *A arte da*

intolerância. A propósito, somente por curiosidade, vivemos em um país tão dominado pelo conservadorismo e o politicamente correto, que o DVD de

Rafinha foi proibido de ser vendido por conta de uma piada com a APAE, que

cuida de crianças com problemas mentais – aliás, é melhor eu tomar cuidado ao

falar “problemas mentais” ou posso acabar tomando um processo por usar um termo que absolutamente todas as pessoas usam. Vai ver agora é “diferenças psicológicas” ou “pessoas cognitivamente diferenciadas” (nem sei se isso é uma

expressão). Muitas pessoas se preocupam tanto com questões tão babacas que esquecem que um cadeirante quase sempre é o primeiro a rir quando uma piada

com deficiente é feita por um humorista. Ou será que não devo falar “deficiente”?

Talvez seja melhor “indivíduo que, após acidente ou por questão genética, locomove-se com o auxílio de uma cadeira dotada de rodas laterais”.

Voltando ao universo do Não Faz Sentido e à realidade da época, o vídeo

“Políticos” serviu para que inúmeras pessoas realmente fossem a público defender

o canal, postando textos e fazendo análises de seu conteúdo.

Foi mais ou menos nesse período também que o boom de vlogs aconteceu de

vez na internet brasileira. Motivados pelos vídeos que eu e PC Siqueira lançávamos, milhões (e por milhões eu realmente quero dizer milhões) de jovens

e adultos brasileiros começaram a fazer o mesmo. Muitos utilizavam recursos absolutamente precários, como filmagens de webcam nos quais o áudio sequer ficava sincronizado com a imagem, enquanto outros buscavam um

profissionalismo maior. Fato é que outras críticas positivas começaram a surgir, destacando a importância que tanto o meu trabalho quanto o do PC tiveram para

que um novo setor do entretenimento ganhasse força no Brasil: o de produção de vídeos para a internet.

Por conta de todo o fenômeno de vlogs no Brasil, eu tive, pela primeira vez, a ideia de montar uma produtora de humor para a web. Contudo, como ainda não havia ganhado dinheiro o suficiente para investir em algo desse porte, segurei a ideia para mais pra frente.

O dinheiro, por sinal, começava a virar uma preocupação a menos em minha vida. Não estava rico, mas, após o contrato da Wise Up, que me pagava mensalmente, e pelo menos quatro presenças em festas, havia atingido uma independência financeira forte o suficiente para poder investir no meu trabalho, com a compra de um equipamento melhor (principalmente um iMac de 27 polegadas para poder editar os vídeos) e também pagar as contas de casa. Ainda estava muito longe de ter um pé de meia seguro, mas caminhava em direção a isso.

Com minha cabeça entrando no lugar, o Não Faz Sentido atingindo um público mais velho e com um maior apoio público e da imprensa, comecei a sentir o chão de volta sob meus pés. Muitas conversas com meus pais e com as meninas da agência DNA haviam resultado em uma maior percepção das coisas ao meu redor e de como deveria reagir. Não mais passava por maus bocados em entrevistas, uma vez que todas eram negadas a menos que pudessem ser feitas por e-mail. Finalmente consegui começar a enxergar que meu comportamento em festas estava totalmente fora do que eu verdadeiramente era como pessoa e comecei a sentir vergonha das presenças em evento, que ainda fazia em função

do dinheiro oferecido, já bem maior que meu primeiro convite aceito.

As coisas começavam a entrar nos eixos e minha depressão parecia estar indo





embora. A ideia de montar uma produtora alimentava meu sonho para o futuro,

sabendo que agora eu tinha uma trajetória definida, em vez de ter que me basear

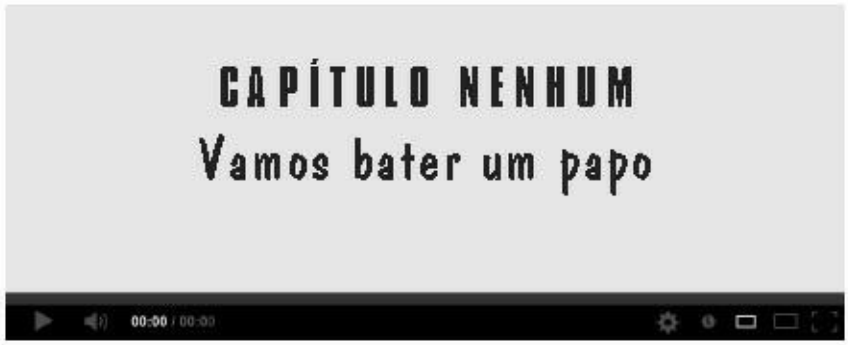
somente no sucesso do Não Faz Sentido. Estava mais maduro, castigado pelos erros e pedradas.

Leia os QR Codes com seu celular e

acesse os vídeos mencionados neste capítulo.

http://www.youtube.com/watch?v=IqUtQpJ_Hrc

http://www.youtube.com/watch?v=dAQkMjebkeA



E aí, tudo bom? Se você leu até aqui, já considero esse projeto do livro um verdadeiro sucesso. Está lembrado de que, no início, eu disse que tinha 23 anos quando comecei a escrever? Bem, entre os capítulos 5 e 6 parei de escrever durante um ano. Nesse momento, na realidade, estou com 24 anos, a oito dias de fazer 25. O que inclusive muito me preocupa, pois pela primeira vez estarei mais perto dos 30 que dos 20. Afinal, 25 anos e 1 segundo de vida já me coloca mais perto dos 30, não é verdade? Mas, enfim, continuo me sentindo um pirralho, mesmo que tanta coisa tenha acontecido.

Você está gostando do livro? Espero que sim, afinal você já leu até aqui. Se bem que eu li *Crepúsculo* inteiro batendo com o livro no rosto a cada página, então, ler pode não ter tanta relação assim com o prazer. Se você está lendo este livro como motivo para me criticar, só tenho uma coisa a dizer: parabéns. Se todo mundo tivesse essa força de vontade para pesquisar tão profundamente o alvo de sua crítica, com certeza teríamos uma população muito mais bem fundamentada e argumentativa.

Não sei bem a razão de ter parado o livro para escrever este capítulo, que a bem da verdade não tem qualquer significado, mas acho que foi simplesmente pelo fato de que estava de saco cheio de escrever de forma tão séria. Sabe, tem sido meio difícil reviver tudo isso para colocar as informações de forma precisa

e como aconteceram. Hoje em dia estou muito bem, centrado, equilibrado, com uma mulher linda no nosso apartamento em Laranjeiras e uma cachorrinha que deixa qualquer marombeiro de academia fazendo “ooohhmmm”. Mas reviver

tudo isso tem mexido um pouco comigo, nem sempre é fácil voltar a sensações ruins e períodos conturbados. Sei lá, só queria falar isso pra vocês. Se quiser, pode pular este capítulo, não vai fazer diferença.

Se você não pulou o capítulo, saiba que os números da próxima Mega Sena serão: 12-19-23-48-57-61. Pode apostar, vai na fé.

Aliás, é curioso relatar tantas coisas pessoais e íntimas, sabendo que o futuro pode mudar inteiramente. Minha mulher está na sala, vendo o filme *Em busca da Terra do Nunca* . Por sinal, ela tem sido extremamente compreensiva, visto que o único tempo que tenho para escrever o livro é justamente durante o período que

normalmente temos para ficar juntos. Mas o mais curioso é que, enquanto você lê

estas páginas, pode já ser o ano de 2020 e minha vida inteira pode estar diferente agora. Aliás, eu mesmo posso estar relendo essa história em 2020. Aliás, vou deixar um recado para mim mesmo do futuro:

Prezado Felipe Neto do futuro, espero que você tenha conseguido largar o crack e o álcool.

Não, mentira. Agora vai:

Prezado Felipe Neto do futuro, espero que você não tenha virado um

empresário enfadonho e de gravatinha que olha para os outros de cima para baixo. Se você estiver assim, saiba que o desprezo e que espero que, ao reler estas páginas, volte a ser o que já foi um dia. Por favor, não continue fazendo o Não

Faz Sentido depois de velho, pois vai ser bastante patético te ver reclamando de

dor na coluna. Aliás, se estiver com dor na coluna, credite parte dela a este livro, pois estou escrevendo todo torto e você sabe que minha postura sempre foi uma

porcaria. Desculpe por isso. Espero que tenha conseguido transformar a

Parafernalha e a Paramaker em tudo que sonhei quando as construí. Se tiver falhado e ido à falência, vire mendigo em São Francisco, lá eles são muito mais

bem de vida que no Rio de Janeiro. Não vire crackeiro, por favor.

Atenciosamente, Felipe Neto do passado.

Ok, acho melhor voltar à história do Não Faz Sentido, afinal, este capítulo não

serviu para rigorosamente porra nenhuma.



Mais ou menos na época do vídeo “Fiukar”, recebi pelo Twitter uma

notícia realmente incrível. Diversas pessoas estavam me mandando mensagens com o aviso de que eu tinha sido indicado para o VMB, Video Music Brasil, uma

das maiores premiações do cenário brasileiro, realizada pela MTV.

Recebi a notícia sorrindo de orelha a orelha. Eu sempre fui fã do VMB e das

apresentações lendárias do Marcos Mion. Era um prêmio que tinha feito parte da

minha infância e adolescência e, quatro meses após o surgimento do Não Faz Sentido, eu estava na lista dos indicados, na categoria Webstar (criada naquele ano). Contudo, vencer o prêmio seria um desafio, pois concorria com Joe Penna

(MysteryGuitarMan), PC Siqueira, O Criador (uma das contas de Twitter mais famosas da época) e Katylene (um blog de humor). Sabia que os concorrentes

mais fortes seriam Joe e PC, por seu público gigantesco, ainda mais Joe, que, ao falar inglês em seus vídeos, podia ser visto por outros países. Por outro lado, eu e PC focávamos apenas no público brasileiro e português (e de São Tomé e Príncipe, embora eu nunca tenha recebido um comentário de alguém de lá).

O nervosismo aumentava à medida que o dia da premiação se aproximava.

Para ser sincero, nunca fui muito bom em ganhar prêmios. Quando tentava, na maioria das vezes, ficava em segundo lugar, fosse nas Olimpíadas de colégio ou no prêmio iBest (fiquei em segundo com o site da IsFree.TV). O lugar de vice sempre esteve presente em minha vida (e olha que eu sou torcedor do Botafogo e não do Vasco). Por isso, sonhava quase toda noite com a perda do VMB, que, confesso, tinha grande importância para o meu monstrinho da vaidade.

Antes da data do prêmio, contudo, veio uma notícia inesperada. Um grande executivo da Rede Record havia procurado minha empresária e ambos marcaram uma reunião comigo para tratar de um assunto referente à minha ida para a emissora.

Fiquei absolutamente perplexo com a notícia. Ir para a TV aberta era um sonho antigo de infância, mas não imaginava que isso aconteceria tão rapidamente.

Além do mais, já havia assinado contrato com o Multishow e buscávamos a solução de um programa ideal para gravarmos.

Fui para São Paulo sem saber o que esperar. Seria muito estranho se a Record me oferecesse um programa em sua grade. Aliás, não só estranho como maluco. Seria uma aposta fora da normalidade para o conservadorismo da TV aberta.

Encontrei-me com a Adriana ainda no aeroporto e fomos conversando no carro até a sede da Rede Record.

– Você faz ideia do que vão oferecer, Dri?

– Nem ideia, mas vamos falar com um cara que é conhecido por ser bastante

incisivo na hora de negociar, então, faça presença mas deixa que eu falo com ele.

– A Adriana me protegendo já tinha se tornado um fato comum em minha vida.

– Você acha que ele vai me oferecer um programa?

– Não, mas, se for isso, vamos ter que conversar muito. Não acho que você esteja pronto pra TV aberta. É lá que muita gente se queima, por causa dos limites e do jeito que a TV é. Vamos ver o que ele tem pra oferecer e aí conversamos.

Concordei inteiramente. Imagine um Não Faz Sentido na TV aberta: “Eu não

gosto de *Crepúsculo*, caramba, é muito artificial, carambolas, o Edward é gay” –

demitido por homofobia.

Chegamos à sala de reunião do tal executivo e já no aperto de mãos percebi que ele era o oposto de Flávio Augusto e totalmente condizente com o perfil de

executivo que eu tanto desprezo. Olhar de cima pra baixo, posição de arrogância

e certeza de que entende muito mais de qualquer assunto que você.

O executivo sentou-se em sua bela mesa (mentira, ele sentou na cadeira) e eu e

Adriana nos posicionamos de frente para ele, em duas poltronas.

– Felipe, eu quero te oferecer um cargo dentro da Rede Record – disse o cidadão.

A simples forma de ele pronunciar essas palavras já me causava repulsa. Era como se ele estivesse me oferecendo uma cadeira ao lado de Jesus Cristo no reino

dos céus.

– Então, fulanodetal – Adriana começou a falar e eu não lembro o nome do sujeito –, a gente primeiro gostaria de saber do que se trata.

Quando Adriana começou a falar, percebi que o executivo já tinha ficado contrariado. Imagino que em sua imaginação fértil ele deva ter presumido que eu

sairia dançando pela sala com a oportunidade recebida. Pobre menino da internet,

vou mudar sua vida com uma oportunidade na televisão.

Ele começou a falar sobre o que se tratava:

– A gente está reformulando o programa da Ana Hickmann e queremos deixá-

lo mais engraçado, com mais reportagens de rua. A gente quer que o Felipe seja

esse cara, o repórter de rua do programa, do jeito dele, engraçadão, entrevistando as pessoas.

Tive de olhar para o chão para controlar o impulso desesperado de soltar uma

risada. Veja bem, não quero dizer que a função oferecida era uma piada, mas imaginei meu público reagindo à notícia “Felipe Neto vira o repórter de rua do programa da Ana Hickmann”.

A oferta não tinha o menor cabimento e, ainda por cima, não condizia com o

meu perfil. Sem contar o fato de que o público da internet reagiria de forma absolutamente agressiva em relação a isso. De garoto questionador e ácido para

repórter de rua tentando fazer comédia no programa da Ana Hickmann da Rede

Record.

A Adriana nem precisou conversar comigo para saber que eu não iria aceitar

aquela oferta. Sem ao menos ouvir qual seria meu salário, ela começou a recusar

a oferta da forma mais educada que eu já ouvi alguém fazer.

Foi nesse momento que uma das cenas mais hilárias de toda a minha vida aconteceu.

Acredito que o executivo não imaginava, nem em seus sonhos mais

pessimistas, que um reles garoto que produzia vídeos na internet seria capaz de recusar uma chance em seu imenso canal de televisão. Enquanto Adriana falava,

ele reagia como se estivesse recebendo socos no estômago e, quando ela acabou,

era possível sentir a fúria em seus olhos. Ele se direcionou a mim:

– Olha só, eu estou te oferecendo uma puta oportunidade, você vai ter uma audiência gigantesca, algo que você nunca vai conseguir ter fora daqui.

Eu precisava me conter para não rir. O executivo nitidamente não entendia rigorosamente nada de internet, muito menos devia imaginar que o Não Faz Sentido já ultrapassava a barreira das 42 milhões de visualizações em apenas cinco meses. Fiquei calado, sem saber como reagir àquilo.

Foi aí que ele socou a mesa.

Pode parecer mentira, mas uma cena de filme série B de Hollywood se

materializou na minha frente. Ele disse:

– Um dia você vai olhar pra trás e pensar: aquela chance era minha, aquela merda era minha. – E socou a mesa duas vezes ao falar isso.

Bem... Se você for o executivo que socou a mesa tentando me fazer assinar um

contrato por medo, saiba que já se passaram quase três anos desde seu ataque de

chilique e não teve sequer uma vez em que eu tenha pensado “aquela chance era

minha”. Sinto muito.

Enquanto caminhava para o carro de Adriana, andando pelo estacionamento,

só conseguia pensar quando um dia teria a chance de relatar essa história para as pessoas. Afinal, se teve uma coisa produtiva naquela viagem foi justamente uma

história maravilhosa de se contar. O dia em que um altíssimo executivo da TV

aberta socou a mesa me olhando com raiva após ver que eu não queria trabalhar pra ele.

Contudo, foi só quando cheguei em casa, já no Rio de Janeiro, que parei para pensar até que ponto a decisão de ligar a câmera e começar a falar besteira tinha me levado. Críticas, elogios, fofocas na imprensa, indicação para o VMB, contrato de garoto-propaganda da Wise Up, motivo de apreensão no gabinete da Dilma, convite para a TV aberta e executivo da Record socando a mesa. Tudo isso em cinco meses.

No final das contas, a Record acabou promovendo um concurso de stand-up para selecionar o novo repórter da Ana Hickmann e, por ironia do destino, meu amigo Victor Sarro acabou sendo o ganhador. Sua vida de fato mudou inteiramente depois disso, o que me deixa ainda mais contente por ter recusado. Pois gerou a chance de que o trabalho de um humorista maravilhoso fosse reconhecido.

Poucos dias depois, a história não parecia mais engraçada. Aliás, nada mais parecia engraçado, pois faltava apenas uma semana para o resultado do VMB. Como eu já tinha pedido votos em um vídeo, não quis fazer mais nada, para não parecer que minha vida inteira girava em torno daquilo e também por não querer fazer com meu público o que tanto tinha condenado outros artistas a fazerem.

Apenas dei algumas tuitadas avisando sobre a premiação e alertando para que votassem naquele que eles consideravam mais justo que ganhasse. O mesmo era feito pelos outros concorrentes ao troféu.

Faltando poucos dias para o prêmio, a imprensa noticiou que eu tinha assinado com o Multishow e, logo em seguida, que o PC tinha assinado com a MTV. Foi

aí que eu vi o sonho de ganhar o VMB ir por água abaixo.

É conhecido no mundo da TV que Multishow e MTV se tratam como

concorrentes até a morte. Logo, as minhas chances de ganhar um prêmio

promovido pela MTV eram ridículas agora que a imprensa havia noticiado minha

ida para o Multishow, ainda mais sabendo que o PC havia assinado justamente com o canal provedor do prêmio. Isso sem esquecer que ainda tinha Joe Penna,

Katylene e O Criador na disputa.

Finalmente chegou o dia tão esperado. Peguei o avião para São Paulo sentindo

que aquela seria uma noite inesquecível, fosse qual fosse o resultado. Àquela altura, todos diziam que o prêmio seria disputadíssimo entre mim e PC, baseando-se em estimativas dos comentários no ato da votação (as pessoas podiam comentar logo abaixo de onde votavam). Joe Penna acabou ficando pra trás justamente por seu público ser gigantesco no exterior, mas nem tanto no Brasil.

Quis ficar sozinho, pois sabia que os momentos que antecediam a premiação seriam de reflexão e que eu não gostaria de compartilhar disso. Afinal, isso significaria ter de ficar ouvindo o tempo inteiro as perguntas: “Está nervoso? O

que você vai falar no discurso se ganhar?”

Aproveitei minha solidão no hotel para tentar pensar no que falaria em meu discurso caso ganhasse. Já havia praticado no chuveiro, segurando o xampu como se fosse o troféu, mas não passava de uma brincadeira. Contudo, por mais

que tentasse pensar no que falaria, nenhuma ideia boa vinha à cabeça. Não conseguia parar de pensar que, mesmo se ganhasse na votação, havia a

gigantesca chance de a MTV manipular o resultado para dar o prêmio para alguém da casa, em vez de alguém da principal concorrente.

Acabei quebrando minha solidão com uma conversa agradável que tive com

Pablo Peixoto, que concorria na categoria Webhit com seu vídeo “Dunga em Um

Dia de Fúria”, e estava hospedado no mesmo hotel. Antes de seguirmos para a premiação ainda tive a oportunidade de conhecer o pessoal do Galo Frito, que fazia paródias musicais no YouTube e concorria na mesma categoria de Pablo com o vídeo “Justin Biba”, satirizando o clipe de Justin Bieber, numa produção

louvável que contava com a presença de Helio De La Peña.

Encontrei também com Andressa Bianco momentos antes de entrar na van que

nos levaria para o evento. Ela era a pessoa da DNA responsável em me acompanhar e estar ao meu lado no momento da premiação. Entramos todos na

mesma van e partimos rumo ao Credicard Hall.

Quando saímos da van, uma loucura estava formada em frente às portas do evento. Centenas de fãs das diversas bandas e artistas indicados estavam esperando as pessoas que entrariam pelo tapete vermelho. Foi uma confusão de gente vindo atrás de nós e pedindo fotos, enquanto Andressa tentava de todas as

formas me proteger e me tirar dos grupos muito grandes que me cercavam.

Encontrei com o PC Siqueira ainda do lado de fora. Ele estava junto de seu primo e irmão, Diego Quinteiro e Beto Siqueira, gravando um vídeo que iria para

o ar no dia seguinte como “A Noite do VMB”. Era visível que o prêmio era tão

importante pra mim quanto pra ele.

Tiramos algumas fotos e finalmente entramos pelo tapete vermelho, ao som de

aplausos e gritos. Aproveitamos o momento para publicar uma foto no Twitter fingindo que estávamos prestes a sair no soco (era divertido ver a raiva que os fãs de um fomentavam pelos fãs do outro) e seguimos para a plateia da premiação, no

gigantesco Credicard Hall e mais de 5 mil pessoas que assistiriam à apresentação

de Marcelo Adnet que comandava o evento.

Andressa sentou-se ao meu lado, enquanto PC ficou na cadeira em frente.

Conversei nervosamente com ela sobre alguma coisa da qual não faço a menor ideia (talvez tenha sido sobre a caça aos polvos no sul da Ásia, não sei) e esperamos pelo momento decisivo.

Devo confessar que lembro muito pouco do que aconteceu naquela noite,

enquanto esperava nervosamente sentado, a perna batendo pra cima e pra baixo.

Tenho vagas lembranças do Adnet fazendo algumas piadas, imitando o Joel Santana e sua pronúncia ao tentar falar inglês, mas pouca coisa além disso.

Lembro da banda Restart vencendo algum prêmio e recebendo uma chuva de vaias na hora de buscar o troféu. As luzes eram fortes e, na minha frente, era possível ver que PC também pouco falava. Nós dois sabíamos da importância que

o prêmio teria para nossas vidas, uma vez que ambos tínhamos praticamente a mesma idade e havíamos crescido tendo o VMB como referência de

reconhecimento no cenário nacional.

Restart venceu outro prêmio, como já era previsto, uma vez que os votos eram

populares e nenhuma outra banda se destacava mais em paixão dos fãs do que os

meninos coloridos. Porém, mais uma vez, uma chuva de vaias veio junto com o

troféu. Um deles puxou o microfone e agradeceu imensamente à “Família

Restart” (na mesma hora novas vaias surgiram, enquanto algumas fãs

enlouquecidas tentavam superar o barulho com gritos e aplausos).

Logo em seguida, foi a vez do prêmio Webhit, anunciando que o próximo seria justamente o Webstar. A diferença entre os dois prêmios era que o primeiro

consagrava um único vídeo isolado de muito sucesso, enquanto o segundo

destacava o dono do canal de maior sucesso pelo conjunto da obra de todos os vídeos publicados. Galo Frito venceu na categoria, conforme todos já haviam previsto, devido ao sucesso inacreditável do vídeo “Justin Biba”. Todos subiram

no palco fazendo uma grande festa, inclusive Helio De La Peña. Mas eu não conseguia ouvir mais nada, apenas olhava para Andressa ao meu lado, que partilhava do mesmo nervosismo que eu. Instantes depois, o que para mim pareceu meia hora, entrou no palco Christian Chávez, grande astro mexicano que

fez história com a audiência brasileira. Ele seria o responsável por entregar o troféu de Webstar.

É impressionante como um momento de tamanha importância em minha vida

possa ter ficado tão mal impresso em minha memória. Lembro das luzes

vibrando, como se tudo estivesse em câmera lenta. O PC, na minha frente, demonstrava um nervosismo do mesmo nível que o meu, segurando sua câmera

ligada e falando alguma coisa para o registro do momento. Christian Chávez falava alguma coisa, mas eu não conseguia escutar.

Os nomes dos concorrentes começaram a aparecer na tela, junto de trechos de

seus trabalhos.

– PC, se eu ganhar, quero que você suba no palco comigo – disse a ele.

– Se eu ganhar, também quero que você vá. Se um de nós dois ganhar, a gente

leva a câmera e filma o momento, beleza?

Concordei na mesma hora. Não fizemos isso pensando em mandar uma

mensagem para ninguém, apenas sabíamos que nós dois tínhamos sido

responsáveis por tudo aquilo que estava acontecendo. Pelos milhões de vlogs que

surgiam a cada dia no Brasil, pelo reconhecimento da mídia para essa nova forma

de entretenimento, pela criação de uma categoria específica em um dos maiores prêmios do entretenimento nacional. Se apenas um dos dois tivesse surgido, dificilmente teríamos sido capazes de gerar tamanho resultado. Era nisto que pensávamos: no quanto um tinha sido importante para a vida do outro.

Christian Chávez começou a abrir o envelope. Andressa segurou minha mão

com toda a força que seus pequenos dedos eram capazes. À minha frente, PC

praticamente prendeu a respiração. Não me importava qual dos dois ganhasse mais, eu sabia que, diferentemente de outras categorias naquele ano, aquela era uma que premiaria por merecimento, pois todos os envolvidos tinham sido inovadores, criativos e haviam fomentado um novo modelo de mídia de forma arrasadora. Eu, PC, Joe Penna, O Criador e Katylene, todos mereciam aquele troféu. Não importava mais o fato de que eu tinha sido contratado pela Multishow

e o PC, pela MTV; se ele ganhasse seria tão merecido quanto qualquer outro entre os indicados. Senti grande parte da minha vaidade e egocentrismo se esvair

enquanto Andressa tentava de todas as formas quebrar minha mão.

O barulho do público era ensurdecedor.

Christian pediu calma.

– Vencedor é...

Fechei os olhos.

– Felipe Netooooo!

Uma explosão de gritos somou-se ao resultado. Levantei dando pulos no ar e

abraçando Andressa ao mesmo tempo em que berrávamos juntos a plenos

pulmões. As luzes piscaram mais do que nunca e ainda pude ouvir, abaixo de mim, Diego Quinteiro zoando seu primo PC Siqueira, com a frase que ficou registrada para sempre no vídeo que foi ao ar no dia seguinte: “Hahaha, se fudeu!” Primos são sempre babacas uns com os outros, impressionante.

Abracei PC e descemos juntos as escadas, não nos importando se aquilo pudesse ser visto como uma quebra de regulamento por parte da MTV. Eu queria que ele estivesse ao meu lado, como símbolo de tudo que representava para aquilo que tanto havíamos incentivado na internet brasileira.

Ao mesmo tempo em que tentava correr entre as pessoas que gritavam enlouquecidas abaixo da plataforma montada para os vencedores, não conseguia realmente conceber que tinha acabado de ganhar um VMB. Bati nas mãos das pessoas, comemorando de forma até mesmo exagerada. Nenhuma vaia surgiu no meio da explosão de gritos e aplausos, apenas o incentivo de um público que eu não fazia ideia se era composto por adultos ou adolescentes, pois apenas podia sentir o toque de suas mãos nas minhas.

Nenhum discurso estava preparado. Nenhuma palavra vinha à minha cabeça quando recebi o troféu das mãos de Christian e me vi de frente para aquele mar de gente, com o microfone esperando por um discurso.

– VALEEEEU!

Não tinha a menor necessidade de um berro, visto que o que estava à minha frente era um microfone, mas não pude conter. Vendo meu entusiasmo, o público berrou em resposta com ainda mais vigor.

– Quero agradecer muito a todo mundo que votou, todo mundo que participou.

Dizer que eu trouxe aqui o meu amigo PC Siqueira, que também fez parte de todo esse movimento e também é um ícone de internet. – Todos gritaram novamente, dando os merecidos parabéns que PC merecia. – Muito obrigado a todos, a todas as pessoas que estão presentes na minha vida, minha família.

Nesse momento, me lembrei do discurso da banda colorida e todo o

agradecimento artificial e bobo na definição de seus fãs como “Família Restart”.

Não me contive, acabei gritando com todas as forças:

– FAMÍLIA DE VERDADE! – O Credicard Hall foi à loucura, os berros

chegaram a um volume inacreditável. Parei por alguns segundos para registrar mentalmente aquela imagem inesquecível e continuei: – Pai, mãe, obrigado!

Muito obrigado!

E saí, deixando para trás mais gritos entusiasmados e aplausos inesquecíveis de

um reconhecimento que até hoje carrego com muito orgulho. Depois de um tempo acabei diminuindo a importância que prêmios causam na vida de qualquer

pessoa. Troféu algum pode ter mais significado que um sincero agradecimento de

um fã ou o orgulho de seus pais por tudo o que você fez e faz, mas o VMB foi

algo especial em minha vida, por tudo que eu tinha passado, por todas as pedradas, alfinetadas e tentativas de tirar o crédito e derrubar o Não Faz Sentido.

Após tantos conflitos psicológicos, tantas batalhas vencidas na cabeçada, cada uma deixando uma diferente marca, aquele prêmio lavou minha alma e os berros

que soltei naquela noite levaram consigo muito da energia negativa que ainda carregava. Pela primeira vez em muito tempo, me senti leve como uma pena.

Fui para os bastidores da premiação, onde uma ala VIP tinha sido montada para os vencedores. Carreguei PC comigo, pois ele merecia estar ali tanto quanto

eu. Fomos juntos até o estúdio onde Mari Moon gravava entrevista com os vencedores. Depois fomos juntos para a coletiva de imprensa, onde os fotógrafos

aguardavam para uma chuva de flashes. Dividimos aquele momento com igual intensidade e fomos para a festinha interagir com outros vencedores.

A noite prosseguiu de uma forma incrível. Fomos para a festa especial da MTV, onde conheci diversos ícones do humor e entretenimento brasileiro. O Não

Faz Sentido era comentado em diversos cantos, inclusive por todos esses famosos

que eu não fazia ideia de que estavam cientes do meu trabalho. A festa foi bastante proveitosa, exceto por toda a futilidade inacreditável que se seguiu com a mulherada presente.

Por não ter como deixar o troféu em lugar algum, tive que ficar com ele nas mãos o tempo todo. Dançando, bebendo ou conversando. Assim como eu, todos

os outros ganhadores exibiam seus cachorros dourados (símbolo do VMB) para

todo lugar em que iam e, finalmente para meu desgosto, pude ver inúmeras mulheres lindíssimas se jogando para cima de todos aqueles que carregavam o dito prêmio.

Digo “finalmente meu desgosto” pois foi nesse momento que minha

personalidade começou a entrar em equilíbrio novamente quanto ao assunto

“sexo”. Assim como faziam com todos os outros vencedores, modelos,

participantes de reality show, atrizes e vários outros tipos de mulher vieram conversar comigo, pedindo para segurar o troféu, segurando no meu braço enquanto falavam e algumas delas passando seus telefones em pedaços de papel.

Uma ou outra ia além, puxando meu ouvido e descrevendo obscenidades que gostariam de ter a chance de fazer quando eu saísse dali.

Nenhuma me interessou. Diferentemente de como eu vinha agindo, voltei a considerar tudo aquilo uma tremenda babaquice. Nenhuma daquelas mulheres

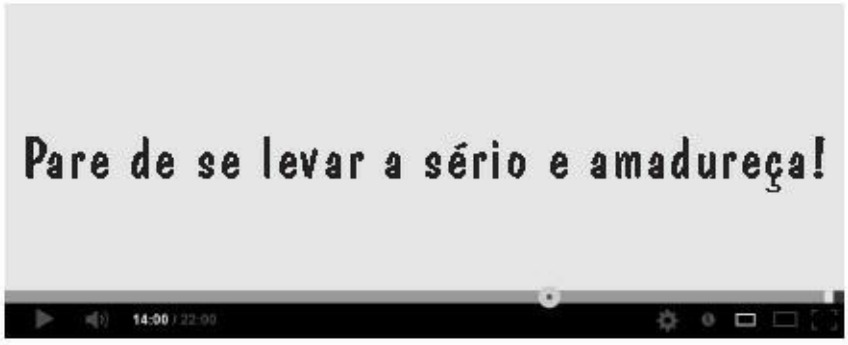
estava de fato interessada em mim. Se pudessem, transariam com meu troféu. E

eu já tinha passado por noites sem o menor significado, o suficiente para saber que qualquer uma delas não me traria a menor felicidade. Até porque, acho importante relatar aqui para você, homem que nesse momento deve estar me chamando de bicha: quando uma mulher só quer transar contigo pelo que você representa e não por quem você é, a noite é sempre uma verdadeira bosta, não importa o quão gostosa a mulher seja. Aliás, quanto mais turbinada a mulher é,

maiores são as chances de ela transar com você mais preocupada em se olhar no espelho para ver se o cabelo está legal enquanto faz o ato, do que verdadeiramente se entregar ao momento.

Decidi voltar sozinho para o hotel e, em seguida, fui para uma pós-festa no quarto do pessoal do Galo Frito. Acabei tendo uma noite de conversa muito mais agradável que qualquer transa sem sentido que somente serviria para somar uma história para os amigos íntimos.

Fui dormir mais feliz do que me sentia há meses. Contente pelo resultado da premiação e mais satisfeito ainda pela minha própria atitude, muito mais condizente com o cara que sempre fui durante toda a vida, em vez do garoto deslumbrado e sedento por sexo sem significado dos últimos tempos.



Algo muito interessante aconteceu às vésperas do prêmio VMB. Fui chamado pela MTV para gravar uma chamada do programa junto com a Preta Gil, que atendi de forma positiva imediatamente.

Na cena, eu começava a reclamar e a Preta utilizava um controle remoto para apertar o botão do “mute” em mim, nitidamente me sacaneando e me chamando de chato para todos que assistissem à premiação, mas achei extremamente divertido e comprei a brincadeira. Contudo, a noite acabou tendo uma revelação

da própria Preta Gil.

Eu já havia falado sobre tantas coisas que esquecera completamente que, no vídeo sobre “Sub-Celebridades”, eu havia dito a seguinte frase:

“Se você é do fã-clube da Preta Gil, tu já tá fudido na vida.”

Pois é, foi a própria Preta que me lembrou, enquanto conversávamos a minutos

de começar a rodar a gravação.

Aquela foi a primeira vez em que fui confrontado pessoalmente por alguém criticado no Não Faz Sentido. Contudo, Preta carregava um ar de simpatia e não

falou de modo prepotente. Foi até mesmo sutil quando relatou que pensou seriamente em me processar pela frase, mas acabou desistindo por saber que poderia destruir minha vida caso o fizesse (e era verdade). No final, ainda elogiou meu trabalho, disse que não perdia um vídeo e pediu uma foto para publicar em

seu Twitter.

Relato esse caso como exemplo de que um artista deve saber quando não se levar a sério. Preta poderia ter ido até as últimas consequências, mas desistiu e acabou virando fã dos meus vídeos. Eu poderia ter negado o convite da MTV, que me chamou de chato e fez com que Preta calasse minha boca em rede nacional, mas achei divertido e até hoje dou risada do quadro quando vejo no YouTube. Não se levar a sério é a chave para qualquer pessoa pública. Ninguém

enxerga mais carisma em um indivíduo do que o ato de ele mesmo se sacanear publicamente e aceitar as brincadeiras dos outros. Esse encontro com Preta serviu para que eu melhorasse ainda mais meu espírito na hora de lidar com as críticas,

mesmo quando recheadas de presunções mentirosas. Deveria tratá-las com bom humor, pois somente assim seria capaz de vencê-las e, principalmente, de não cair em estereótipos contra o qual eu tanto lutava. O caminho era o oposto: quanto mais brincasse com os estereótipos, menos as pessoas me considerariam como um. Exatamente a mesma lógica que deve ser aplicada no grupo de colégio, com

os colegas de trabalho ou em qualquer outro tipo de interação social passível de

“bullying” na vida.

Quando voltei para o Rio de Janeiro, já depois de ter recebido o prêmio, acabei

me confrontando com outra situação delicada, dessa vez por parte do meu próprio

público. Tudo em função de uma publicação no Twitter que fiz, ainda durante a

festa do VMB, em que comentei sobre a simpatia de Christian Chávez e a forma

como havíamos tentado conversar e falhado miseravelmente por um não falar a língua do outro.

“Ah, tá elogiando ex-integrante da novela *Rebelde*, Felipe? Arregão!”

“Agora tá conhecendo a galera e mudando de opinião, né?”

“Tá elogiando ex-Rebelde? Esperava mais de você.”

Explico: Christian Chávez tinha ficado mundialmente conhecido por ser um integrante do grupo mexicano Rebelde, algo bem adolescente e que meu público

detestava no mesmo grau de Restart e *Crepúsculo*. Eu, contudo, nunca tinha assistido à novela *Rebelde* na vida.

Fiquei profundamente incomodado com aquilo. Não pela crítica em si, mas pelo fato de que muitas pessoas que acompanhavam meu trabalho estavam

entendendo a mensagem do Não Faz Sentido de forma totalmente errada. Pior que isso, por mais que o canal estivesse ajudando a influenciar jovens a serem mais questionadores, estava também influenciando outra meia dúzia de pessoas a

inflamarem o ódio de forma exagerada contra indivíduos e não seus projetos.

Não era aquilo que eu pretendia. Nunca, em nenhum vídeo do Não Faz

Sentido, ataquei a vida pessoal das pessoas. Sempre julguei atitudes,

comportamentos, máscaras midiáticas e resultado do trabalho, mas nunca precisei

falar “O Fiuk é um ser humano desprezível” pois não era isso o que eu queria dizer. Afinal, sequer conhecia pessoalmente os alvos de minhas críticas.

Na mesma hora peguei minha câmera e gravei um vídeo para o meu segundo

canal (felipenetovlog, um canal onde eu colocava vídeos sem interpretação, apenas sendo eu mesmo, como forma de interagir com meu público e mostrar a

diferença entre o personagem do Não Faz Sentido e quem eu era na vida real).

No vídeo, discorri sobre o tema, dizendo coisas como:

“Quer dizer então que porque o cara fez *Rebelde*, quer dizer que pelo resto da minha vida eu tenho que tratar o cara mal e falar que ele é um bosta, é isso? Esse é o raciocínio da galera? Se é esse o tipo de gente que eu estou cultivando nas críticas que faço e estou trazendo como fãs, desculpa, mas é uma decepção pra mim, porque em momento algum eu defendi esse discurso e em momento algum

eu vou defender esse discurso.”

Dentro do raciocínio desse público, se eu encontrasse com Fiuk em uma festa

ou até mesmo andando na rua, seria minha obrigação tratá-lo mal, xingá-lo, dar um tapa em sua cara e ainda filmar tudo pra colocar no YouTube. Fiz o vídeo e

deixei claro que não era aquilo que eles deveriam esperar de mim. Aliás, não era

aquilo que eles deveriam esperar de qualquer ser humano decente.

O vídeo foi muito bem recebido e acabou servindo como um impulsionador ainda maior da ideia de que eu não era igual ao personagem que interpretava no

Não Faz Sentido. Eu não usava óculos escuros dentro de casa e não saía pelas ruas xingando as pessoas. Por mais que isso pudesse ser decepcionante para alguns fãs, era melhor deixar a verdade para todos poderem ver, do que ter de lidar com a expectativa de ter que ser revoltado o tempo inteiro.

Mais uma vez eu constatava que minha própria personalidade estava de fato voltando a tomar as rédeas da minha vida, sem me importar com o que o público

pensaria, a imprensa diria ou os “haters” fariam. Estava me sentindo mais confiante, disposto a me posicionar da forma como considerava adequada,

mesmo que isso significasse uma perda de público. No final das contas, por mais

que alguns fãs possam ter ido embora, um número muito maior começou a gostar

cada vez mais, justamente pelo fato de sentir honestidade em meu discurso dentro

e fora do Não Faz Sentido.

Algumas confusões começaram a surgir nesse período e permanecem até hoje.

Recentemente, li o comentário de uma pessoa que tentava me defender: “Cara, você não entende que o Não Faz Sentido é só um ator fazendo um trabalho? Ele

tá falando um texto escrito por outra pessoa, idiota.” Puta merda... Pior que uma pessoa te defender escrevendo com um português terrível, é a pessoa te defender

utilizando os argumentos errados. Mas não adiantava mais ficar me preocupando

com esse tipo de coisa, era (e é) inevitável. Ficar se explicando repetidamente fica chato e mais uma vez remete ao fato de se levar a sério demais. Passei a lidar com isso utilizando do bom humor, respondendo coisas como: “Isso aí! Explica pra ele

que quem escreve meus textos é o Jim Carrey, o cara não sabe de nada!”

Funciona.

Passei os dias seguintes sentindo mais paz do que jamais sentira desde a explosão do Não Faz Sentido. Estava tudo entrando nos eixos, minha depressão

parecia ter ido embora e eu sentia entusiasmo com a ideia do que viria a seguir, de qual seria meu próximo passo. O medo do Não Faz Sentido acabar de uma

hora

para a outra foi embora, pois o canal já tinha provado sua força e mostrado que

tinha vindo para ficar. O número de assinantes subia vertiginosamente e cada vez

mais os vídeos eram exibidos em salas de aula e publicados nas redes sociais.

Contudo, ainda faltava o fator financeiro, que estava rendendo frutos, mas ainda

era frágil.

Na época eu ganhava 13 mil reais por mês do contrato da Wise Up e mais algo

em torno de 4 a 6 mil reais do próprio YouTube, pelas propagandas exibidas automaticamente nos vídeos. Fora isso, ainda rolava uma festa ou outra dentro de

uma média de 8-12 mil. Era um valor exorbitante para qualquer jovem brasileiro e

até por isso já começava a planejar a segunda saída da casa de minha mãe, dessa

vez torcendo para ser definitiva. O que me segurava era o constante medo de perder os contratos e me ver sem receita. Aquela segurança da Wise Up e do YouTube não duraria para sempre e o Não Faz Sentido já estava grande o suficiente para começar a mover quantias que pudessem estabelecer minha vida em definitivo, além de render um valor alto o suficiente para que eu pudesse investir em um novo negócio.

***

“Felipe, tá de sacanagem, né? Ganhando mais de 20 mil por mês e isso não era

o suficiente?”

Não se tratava de “ser o suficiente”. É claro que era o suficiente para eu ter uma vida ótima, mas não era seguro. O contrato com a Wise Up não era um trabalho de carteira assinada, ele deixaria de existir após 12 meses de recebimento. Além disso, queria investir em um novo negócio (na época, já praticamente decidira

que o negócio seria a produtora de humor pro YouTube), o

que necessitaria de uma quantia muito alta para a compra de todos os

equipamentos, contratação de pessoal e manutenção de toda a infraestrutura até que a própria empresa começasse a dar frutos.

***

Outra oportunidade de presença em festa apareceu, dessa vez com o valor absurdo de 16 mil reais para duas horas no evento. Aceitei, mas já extremamente

contrariado. Meu monstro da vaidade já estava quase na jaula novamente e tudo o

que eu queria era ficar na paz do meu computador, meus filmes e seriados, sem

ter de passar por tudo aquilo novamente. Sabia que a melhor decisão seria ficar em casa, mas contrariei meu instinto e peguei o avião rumo a São Paulo.

Quando cheguei no evento, o de sempre: gritos, fãs, loucura e seguranças contendo a multidão enquanto me direcionavam ao camarote.

Só que dessa vez eu não estava sozinho.

Para meu espanto (e também da Andressa, que mais uma vez me

acompanhava) a festa promovia a presença de diversos “colírios da *Capricho*”

junto comigo.

A ficha caiu de vez.

Ao ir nessas festas, eu estava agindo exatamente igual a tantas coisas que havia

criticado. Uma postura babaca, um comportamento idiota, aceitando dinheiro para

aparecer em um local e fazer pessoas ficarem gritando meu nome. Não queria mais fazer parte daquilo, não queria colaborar para esse tipo de coisa, mesmo que isso significasse perder muitos milhares de reais.

Virei para Andressa e resumi em duas palavras: “Nunca mais.”

Não precisei falar mais do que isso e sequer ouvi um argumento contrário. A

DNA ganhava comissão em cima das minhas presenças em evento. Ou seja, era

importante para a agência que eu ganhasse dinheiro para poder sustentar o escritório e a infraestrutura que disponibilizavam pra mim, mas eu não queria saber. Se tivesse que ficar sem empresário, assim o faria. Aquilo ali não dava mais pra mim.

No instante seguinte um Colírio se aproximou, pedindo foto. Como nunca

consegui ser rude o suficiente para negar um pedido como aquele, permiti que a

mulher em frente nos fotografasse. Contudo, quando ela se virou, vi que era da imprensa. Fiquei puto.

– Vamos embora? – falei, puxando Andressa pela mão.

– Como assim, Fê? Você precisa cumprir o tempo ou não vão te pagar.

– Foda-se!

Num rompante, desrespeitei a produção do evento e fui embora sem dar

explicações, quarenta minutos depois de ter chegado, descumprindo o contrato.

Eu não queria mais aquele dinheiro. Só queria voltar pra casa e ficar bem longe

da possibilidade de ser comparado a “colírios da *Capricho*”. Bem longe do buraco de imbecilidade no qual havia me enfiado em função de grana. Senti vergonha, mas finalmente amadureci e identifiquei mais um dos meus graves erros.

No dia seguinte, vários sites de fofoca pululavam com a notícia: “Felipe Neto

em festa com Colírios? Não Faz Sentido.” Na matéria, relatavam minha saída, dizendo: “A assessoria de Felipe Neto não o deixou conversar com ninguém.

Aliás, o rapaz ficou apenas cerca de 40 minutos no camarote para o qual foi

convidado e foi embora sem dar nenhuma declaração.” Alguns jornalistas ligaram

para a agência DNA buscando explicações, mas encontraram o silêncio. Não me

manifestei publicamente sobre o caso e deixei que morresse. O que poderia dizer?

Sentia mais vergonha ainda agora que novamente meu nome aparecia em

veículos como aqueles.

Pensei muito na atitude que havia tomado. Minha decisão era definitiva, não queria receber para ir a uma festa nunca mais. As chefes da agência DNA, Adriana Pires e Bruna Arilla, ao contrário do que imaginava, defenderam minha

decisão, dizendo que eu estava absolutamente certo, se era assim que me sentia.

Mais uma vez agradeci por estar com agentes que pensavam mais no artista do que nos valores que ele poderia proporcionar para seus bolsos.

Contudo, a decisão trazia uma consequência difícil: a perda de uma fonte de renda que poderia servir para que eu investisse em novos negócios. Precisava descobrir uma forma de monetizar melhor o Não Faz Sentido, transformá-lo em

uma fonte sólida e mais segura, sem a dependência de fazer coisas que tanto me

desagradavam.

A resposta veio alguns dias depois, com um telefonema da Adriana.

– Fê, estamos fechando uma campanha publicitária pra colocar no próximo vídeo do Não Faz Sentido.

Há um bom tempo Adriana vinha dizendo que estavam buscando uma

empresa que quisesse exibir sua marca ou produto dentro do canal, mas sempre

paravam na barreira do jurídico das agências e clientes. Eles não queriam ver suas marcas em um vídeo com palavrões e críticas. Naquele dia, entretanto, a primeira

empresa decidiu arriscar, baseando-se nos números de acesso absurdos do canal.

– É aquela marca de chicletes, a Chiclets. Eles querem que você faça um vídeo

e encontre uma forma de colocar o novo chiclete que eles estão lançando, que tem recheio. O cachê é de 35 mil. – Tirando o cachê da DNA mais os impostos,

eu ficaria com algo em torno de 26 mil reais.

A oportunidade era maravilhosa e arriscada ao mesmo tempo. O “merchan”

(merchandising) era algo absolutamente comum em todo tipo de entretenimento ao redor do mundo. Televisão tem merchan em novelas (quando, por exemplo, o

personagem fala: “Deixa que eu pago a conta” e mostra o cartão do Itaú), cinema

tem merchan (quem não se lembra do filme *Curtindo a vida adoidado* e a épica cena em que Ferris Bueller sai correndo e para pra tomar um gole de Pepsi?), rádio tem merchan, as ruas têm merchan. TUDO tem merchan. Porém, até aquele

momento, canais do YouTube não tinham e eu sabia que isso causaria repúdio por parte do público defensor de que “o amadorismo tem que ser pra sempre amador”.

Ao mesmo tempo eu sabia que meu ato de incluir um merchan no meio de um

vídeo do Não Faz Sentido com certeza abriria diversas portas no Brasil. Outras empresas veriam a ação da Chiclets e perceberiam que anunciar em vídeos do YouTube era extremamente vantajoso. Isso poderia colaborar para a

profissionalização de um modelo de criação de conteúdo que tinha tudo para dar

certo, mas que necessitava de dinheiro. Quanto mais empresas começassem a investir em canais, mais canais de extrema qualidade surgiriam, com profissionais dispostos a largar seus empregos para dedicar suas vidas à produção de conteúdo.

Em outras palavras: aceitar aquele trabalho ajudaria minha vida, a vida de outros produtores de conteúdo e a vida do público, que teria mais opções de qualidade

na internet.

Aceitei, sob uma condição:

– Dri, eles não podem dizer o que eu tenho que falar ou a forma como tenho

que falar. Vou pensar em um tema que eu já falaria se não tivesse que fazer propaganda e vou colocá-la durante o vídeo, não vou vender o canal para a empresa fazer o que quiser.

Mais uma vez, Adriana me surpreendeu:

– Se eles não quiserem fazer assim, eu sequer vou cogitar fazer essa campanha.

A resposta era essa. O Não Faz Sentido era uma excelente vitrine para qualquer marca ou produto, desde que utilizado da maneira certa. Eu não poderia

fazer um vídeo do Não Faz Sentido sobre “chicletes ruins” e em seguida mostrar

um exemplo de chiclete bom. Desde que eu me posicionasse de maneira rígida e

não deixasse as agências controlarem o conteúdo do vídeo, poderia monetizar o

canal de uma forma maravilhosa e não gerar o ódio do público ao mesmo tempo.

Mas não é bem assim que o mundo funciona. Não aconteceu com a Chiclets,

mas sofri muito com outras campanhas que vieram depois da primeira. Muitas vezes as agências queriam controlar o vídeo, definindo o que eu poderia ou não

falar. Quase sempre pediam para remover os palavrões. Em outras oportunidades

ofereciam valores absurdos para que eu fizesse um vídeo falando única e exclusivamente sobre a marca de forma positiva. Neguei diversas campanhas, deixei de ganhar muito dinheiro em função de manter uma postura ética com meus fãs. O Não Faz Sentido poderia ter publicidade, mas não poderia virar um

canal de propagandas.

Outra ideia surgiu no momento em que desliguei o telefone com a Adriana, que ficou de me dar uma resposta nos próximos dias sobre a campanha acontecer

ou não. Pouco tempo antes de começar o Não Faz Sentido, como já relatei no início deste livro, uma de minhas fontes de renda era um blog chamado Controle

Remoto. Por conta dele, eu tinha passado por todo o fenômeno de inserção de publicidade em blogs no Brasil, que gerou muita polêmica e teve como resultado

um drástico sucateamento do modelo.

Explicando de forma mais simples: eram tantos blogs para se anunciar, que algumas agências começaram a oferecer valores irrisórios para que estes veículos

fizessem o famoso "post pago" (um post no blog que fala sobre determinado produto, normalmente sob a forma de sorteio ou promoção). Os blogueiros, sem

liderança, sem empresários e sem união entre si, aceitavam campanhas de 100

reais para fazer posts que valiam pelo menos 10 mil. Deste modo, o mercado dos

blogs foi sucateado e nivelado totalmente para baixo. Foram necessários vários anos para que amadurecessem e começassem a cobrar aquilo que valem.

Contudo, hoje, início de 2013, os blogs ainda ganham muito menos do que merecem.

No momento em que me lembrei de tudo isso, pensei que o mesmo poderia acontecer com o formato de vídeos para a web. Só que dessa vez eu tinha uma

carta na manga: somente dois canais se destacavam o suficiente para receber investimentos de publicidade, o Não Faz Sentido e o Mas Poxa Vida. Com PC

Siqueira sendo meu amigo, poderíamos nos unir para não permitir que aquilo acontecesse com o mundo do YouTube no Brasil.

O que poderia ter acontecido? A mesma agência que fez o orçamento comigo

no valor de 35 mil, poderia chegar para o PC e dizer: "Ae, cara, lá no Não Faz

Sentido tão pedindo 35 mil, mas só temos 20, topa fazer?"

Na mesma hora abri o extinto MSN e conversei com PC sobre o fato, que

concordou inteiramente sobre a necessidade de impedirmos que isso acontecesse.

A partir daquele dia, começamos a falar um com o outro sobre todo pedido de orçamento que surgia e o quanto estávamos cobrando. Decidimos que

cobraríamos sempre o mesmo valor, pelo menos durante um tempo, para não permitir que as agências barganhassem. Mantivemos isso durante meses e

considero essa uma das atitudes mais inteligentes que tomamos desde a abertura

de nossos canais. Sem termos uma exata noção do quanto estávamos colaborando

para a internet brasileira, colocamos os valores dos vídeos em um patamar justo,

não permitindo que o mercado do YouTube no Brasil fosse desvalorizado.

É até engraçado lembrar. Éramos dois garotos agindo como gente grande.

Lembro de um caso específico, quando uma agência orçou com o Não Faz

Sentido uma campanha de valor muito alto e ouviu exatamente o mesmo valor vindo do PC. O funcionário virou pra mim e perguntou: “Você e o PC estão combinando valores? Tá impossível negociar com vocês!” Respondi: “Não, a gente só sabe o quanto nosso produto vale.” No final, a agência assinou contrato

com ambos, sem redução do custo.

É claro que quando digo “patamar justo”, estou querendo dizer “mais justo do

que seria se não tivéssemos feito isso”. Se formos colocar em números exatos, o

valor pago para vídeos no YouTube ainda é imensamente menor do que seu real

valor. Afinal, vamos considerar o exemplo abaixo.

A maior revista do Brasil possui uma circulação líquida média de 1 milhão de

exemplares, com 922 mil assinantes. O anunciante compra UMA página no meio

de mais de 100 páginas por um valor que pode ser superior a 200 mil reais. Já o Não Faz Sentido possui uma visualização média de 3 milhões por vídeo, com 1 milhão e 300 mil assinantes (atualizado no dia 14 de janeiro de 2013). O anunciante compra um espaço de divulgação único, sem disputar com outras páginas e com total absorção do público que assiste, mas o valor normalmente não chega a 60% do cobrado pela revista.

Se você está lendo este livro em 2020, espero que as agências e principalmente as grandes marcas já tenham percebido o tamanho de seus erros. E também espero que a moda do momento não seja homens usando vestidos, isso seria simplesmente terrível.

Voltando à nossa narrativa, Adriana retornou a ligação no dia seguinte com a resposta positiva da agência e cliente. A campanha Chiclets iria rolar. Tudo o que eu precisava agora era de um bom tema e um vídeo que realmente desse um bom resultado para que outras empresas criassem o mesmo interesse e ajudassem a mudar o cenário brasileiro de YouTube.

A resposta veio na mesma noite, mais ou menos da seguinte forma:

Estava vendo *Friends* – Passou uma cena do Ross dando um pulo em cima da Rachel – Eu lembrei de macacos num circo – Pensei em trapézios – Lembrei do bombadão de Curitiba “O maior trapézio de Curitiba” – Pensei em quem seria a mulher que pegaria um cara daqueles – Lembrei das mulheres da festa do VMB – Pensei em como seria legal se elas tivessem surgido quando eu era adolescente e virgem – Lembrei de como foi meu primeiro beijo.

Ok, não foi assim, mas é incrível como nosso cérebro pode sair de “estava vendo *Friends*” até “meu primeiro beijo”, passando por macacos de circo, claro.

Fato é que me lembrei da angústia do período da adolescência na hora de ter

que lidar com as primeiras experiências de coisas que se tornam totalmente comuns depois de mais velho. O primeiro beijo, a primeira namoradinha, a primeira transa... A família reagindo à primeira namorada, enfim, toda essa piscina de inseguranças adolescentes e pré-adolescentes que tanta gente evita comentar por saber o constrangimento causado nos jovens quando precisam ouvir

alguém falando sobre isso. Bem, eu queria mais era deixá-los constrangidos, claro.

Além do mais, o vídeo encaixava perfeitamente com a possibilidade da

propaganda. Ora, na hora em que eu falasse sobre primeiro beijo era só falar sobre o hálito e sugerir o Chiclets como solução. Dito e feito. Encaixou, não ficou agressivo, a galera riu da forma como brinquei com a marca e a maioria adorou o

vídeo como um todo, que terminou de uma forma mais séria: “O segredo da vida

é você justamente juntar toda a sua coragem e fazer aquilo que você sempre imaginou que teria medo demais pra fazer. Alguns conseguem, outros não. Quem

vai ser você?”

Depois do vídeo pronto me perguntei: “E se o que o moleque tem medo

demais pra fazer é botar fogo em uma escola?” Bom, o vídeo já estava pronto, o

jeito era torcer pra nenhum psicopata aparecer no dia seguinte com um bilhete colocando toda a culpa em mim.

Nada disso aconteceu. O vídeo foi um grande sucesso de audiência e de repercussão, principalmente por tratar de temas que muitos jovens consideram um

tabu de forma totalmente livre de preconceitos e com diálogo aberto. Falei sobre

camisinha, precaução, atitude e, principalmente, vencer os medos. Junto de tudo

isso, coloquei a marca Chiclets, que ficou extasiada com o resultado da campanha: 1,5 milhão de visualizações em pouco mais de uma semana. Hoje, dois anos e quatro meses depois, o vídeo já tem mais de 3 milhões, constatando

mais uma vantagem insuperável dos vídeos no YouTube: eles continuam sendo vistos, diferentemente da revista, jornal ou capítulo da novela (exceto no “Vale a Pena Ver de Novo”, que, por sinal, pra mim é uma afronta psicológica, não bastasse uma vez, tem que passar duas).

Obviamente alguns comentários negativos começaram a aparecer:

“Vendido!”

“Agora o YouTube vai virar televisão!”

“Vai chupar um travesti suado!”

“Vendido!”

Os comentários eram minoria, mas estavam presentes, conforme previsto.

Muitas pessoas lutaram e ainda lutam contra a propaganda na internet. Instalam programas que bloqueiam banners, impedem que vídeos publicitários apareçam.

O que essas pessoas não sabem é que, fazendo isso, estão ajudando a tirar o ganha-pão de seus próprios ídolos, ou das pessoas que eles simplesmente curtem

acompanhar.

A internet, assim como qualquer outro veículo, necessita da propaganda para sobreviver. Por isso, na próxima vez em que vir uma publicidade dentro de um canal do YouTube que você acompanha, encha seu coração de alegria e grite



para o mundo: “VIVA!” Ou simplesmente não reclame, funciona também.

Comentários negativos à parte, a campanha foi um grande sucesso, assim como todas as outras que se sucederam dentro do canal. A iniciativa da Chiclets não passou despercebida. Algumas semanas depois os telefones da agência DNA e do PC Siqueira não paravam de tocar com marcas interessadas em aparecer em nossos vídeos. A partir daquele momento, muita coisa mudou e nós passamos a ter o reconhecimento financeiro que merecíamos, podendo focar nossas vidas inteiramente em criar vídeos, sabendo que estaríamos seguros por um bom tempo.

Sem ter pensado em dinheiro ou fama quando comecei o Não Faz Sentido, ambos vieram como consequência de um trabalho feito com extrema paixão e empenho, derrubando barreiras e vencendo obstáculos na base da cabeçada. Por isso, se o seu interesse é começar um projeto na internet, saiba: sinta tesão pelo que você vai fazer (o que não significa “comece um site pornô”). Apaixone-se pelo conteúdo que você quer criar. Faça isso de corpo e alma, dedicando cada segundo de seu tempo ao aprimoramento do que já foi feito e à correção dos erros que você com certeza vai cometer ao longo do caminho.

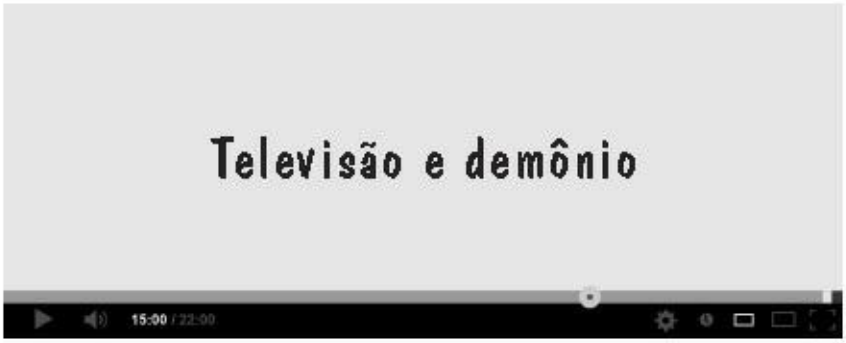
Qualquer pessoa que comece a produzir conteúdo na internet, tendo como

objetivos únicos a fama e o dinheiro, já está fadada ao fracasso.

Leia o QR Code com seu celular e

acesse o vídeo mencionado neste capítulo.

http://www.youtube.com/watch?v=WRWq1sVs1IY



Perto do fim de setembro de 2010, o Não Faz Sentido já beirava a 50

milhões de visualizações e superava 280 mil assinantes. Tudo isso em apenas cinco meses de trabalho e vinte vídeos publicados. Determinado a manter a periodicidade, lancei mais um, dessa vez intitulado: “Não Faz Sentido –

Traduções de Filmes.”

O vídeo novo trazia uma crítica às adaptações dos títulos dos filmes em inglês

para o português, além dos trabalhos das legendas, que insistem até hoje em remover todo e qualquer palavrão, dando a falsa impressão de que filmes americanos possuem sempre um linguajar certinho e feito pra vovós.

Não aconteceu nada de especial para o surgimento da ideia desse vídeo. Já pensava em fazer algo com o tema havia algum tempo, insatisfeito com o nome

de um dos meus filmes de comédia favoritos: *Penetras bons de bico* – que tem provavelmente o pior nome da história de todos os filmes importados dos Estados

Unidos para o Brasil. Afinal, quando foi a última vez que você definiu alguém como “bom de bico”?

“O João? Rapaz, o João é maneiro, é um cara bom de bico.”

Infelizmente, uma coisa curiosa aconteceu com o vídeo depois de postado. O

YouTube decidiu que ele possuía um linguajar excessivamente chulo e, por isso,

censurou para maiores de 18 anos. Ou seja, para assistir, o usuário precisaria criar uma conta no YouTube e sua data de nascimento deveria provar que ele tinha idade o suficiente para assistir.

Fiquei revoltado, mandei e-mails para funcionários do YouTube buscando

compreender a razão de terem feito aquilo, o que reduziria drasticamente as visualizações. Fui informado de que o vídeo continha palavrões pesados em inglês. Quando revi, tive de concordar com a censura, acabei exagerando nos palavrões em inglês, justamente por saber que a esmagadora maioria não

entenderia o que eu estava falando. Bem, o YouTube entendeu e ainda me deu

esporro.

Mesmo com a censura, o vídeo foi muito bem assistido. Normalmente, quando

um vídeo é censurado, não soma mais visualizações porque as pessoas têm preguiça de fazer log-in no site. Contudo, até o presente momento, ele já soma mais de 2 milhões de visualizações. Bem menos que a média do canal, é verdade,

mas ainda assim um enorme sucesso considerando a situação.

Outra crítica fundamental da narrativa do vídeo foi ao fato de vivermos em um

país extremamente conservador e tradicional quanto à linguagem utilizada no mundo do entretenimento, principalmente da televisão. Não sei em que ano você

está, mas até hoje, em 2013, canais como Rede Globo e Record se recusam veementemente a adaptar a linguagem do dia a dia da vida do brasileiro para suas

produções. Eu sequer faço ideia se meu livro será censurado para alguma idade

por conter palavras como “caralho” ou “fudeu”. Em uma conversa com Lia Wyler, a tradutora do inglês para o português do *Harry Potter*, perguntei a razão de ela ter traduzido a frase “Not my daughter, bitch” para “Minha filha não, sua

vaca” no livro *Harry Potter e as Relíquias da Morte*.

– Felipe, existem regras vindas diretamente do MEC. Se eu traduzisse para

“minha filha não, sua puta”, o livro seria removido da categoria infantojuvenil.

Pois é, esse é o país em que nós vivemos. Um país onde é considerado normal

o livro *Cinquenta tons de cinza*, com suas frases épicas como “vamos ter que treinar seu cu”, e anormal colocar a palavra “puta”.

Isso sempre me incomodou, principalmente quando algumas pessoas vinham

questionar o linguajar do Não Faz Sentido, dizendo que era impróprio para jovens. Recentemente, em uma palestra que fiz em Brasília, uma senhora da plateia pediu o microfone e perguntou:

“Felipe, eu gostaria de saber se você tem ciência do que está acontecendo. Eu

tenho um filho de 10 anos e ele virou seu fã, agora ele fica repetindo as coisas que você fala dentro de casa. Fala ‘vai se fuder’, ‘vai tomar no cu’. Você tem noção do que você está causando?”

A plateia ficou tensa. Na mesma hora em que ela terminou a pergunta, passei

os olhos pelas mais de duas mil pessoas presentes no gigantesco evento que tinha

sido montado. Algumas mostravam indignação com a pergunta, enquanto outras

pareciam esperar que eu fracassasse na resposta.

No mesmo instante em que ela formulava a pergunta, eu já começava a me sentir triste. É realmente patético ter de viver em uma sociedade que condena palavras em vez de atitudes. Levei o microfone à boca e respondi:

“Senhora, o que eu vou dizer é do fundo do meu coração e espero que não fique

chateada. Entretenimento não foi feito para educar. Educação se dá em casa, pela mãe e pelo pai, talvez você devesse se questionar se a culpa do seu filho repetir palavrões é minha ou sua.”

A plateia foi à loucura e a senhora se retirou, o que me deixou extremamente

desconfortável. Não era minha intenção colocá-la naquela posição, mas não poderia omitir minha opinião para protegê-la, pois acredito ser esse tipo de atitude responsável por tanta coisa errada em nossa sociedade.

Muitos pais gostam de apontar dedos e culpar todos os fatores ao seu redor como causa do mau comportamento de seus filhos, mas talvez devessem refletir

sobre suas próprias atitudes. Longe de mim querer dizer como um pai deve educar seu filho, afinal nem pai ainda sou, mas acho que isso é tão óbvio que deveria vir em um Manual da Vida para Iniciantes.

Se você ainda tem algum resquício de incompreensão quanto a tudo que estou

falando, deixe-me explicar um pouco melhor.

Se uma obra de entretenimento for se preocupar com todas as consequências negativas que podem vir dela, nós não teremos entretenimento no mundo.

Atingiremos um nível de “politicamente correto” tão absurdo, que sobrarão apenas as músicas infantis da Galinha Pintadinha como forma de diversão.

Os palavrões estão presentes em todos os lugares. Você pode ouvir palavrão na rua, na sua casa, no seu colégio, até mesmo na saída da igreja. O seu filho fala palavrão, assim como você fala palavrão. Uma palavra só é suja de acordo com o

valor que você atribui a ela. O uso dos palavrões no entretenimento é constante

ao redor do mundo, por que nos preocupamos tanto com isso no Brasil? É apenas

a linguagem do povo em uma obra publicada.

Um pensamento resume bem o quão hipócrita é o entretenimento brasileiro: é

errado falar “porra”, mas deixe a cena da Juliana Paes nua transando de quatro e o brasileiro achará normal.

Sigamos em frente, antes que este livro acabe virando um roteiro de vídeo do Não Faz Sentido.

Era uma tarde ensolarada no Rio de Janeiro (ou nublada, vai saber). Eu estava tranquilo, de frente para o meu computador, provavelmente trabalhando em alguma ideia, estudando algum conceito ou vendo algum vídeo pornô, quando o telefone tocou.

Número privado.

A essa altura já tinha começado a adorar ligações feitas por números privados, pois normalmente representavam alguma oportunidade em vez de mais uma chateação sobre o cartão de crédito ou operadora de celular. O problema é que agora eu odiava ainda mais quando era telemarketing, pois atendia na esperança de ser um bom convite para alguma coisa.

– Alô?

– Alô, Felipe Neto?

Não, o Papa.

– Isso, quem é?

– Olá, Felipe, meu nome é João Pedro Paes Leme, eu sou do setor de esportes da Rede Globo. Queria marcar uma reunião com você para conversarmos, pode ser?

Foi desta forma que tive meu primeiro contato oficial com um executivo da

Rede Globo de Televisão. Não sabia exatamente qual era sua real intenção, mas,

quando um grande executivo te liga pessoalmente para marcar uma reunião, você

aceita. Pode ser que ele queira te propor coisas erradas, mas você deve ao menos

ouvi-las, pois mesmo na pior das hipóteses sairá com uma boa história para contar.

Encontrei com o João em um chique restaurante no bairro do Jardim Botânico,

ao lado da sede da Rede Globo, setor de jornalismo. Outra coisa interessante sobre essas reuniões com grandes executivos: eles sempre pagam seu almoço ou

jantar. Logo, vá com fome e peça com vontade e sem pudor. Como era a Globo

que ia pagar, pedi uma lagosta, lamentando que não tivessem caviar que, embora

eu nunca tenha experimentado e tenha a forte suspeita de que deve ter um gosto

terrível, teria saído uma fortuna.

Conversamos sobre a vida, sobre meu surgimento no YouTube. João Pedro

então me contou que eles queriam inovar no setor de esportes da Globo e estavam

pensando em incorporar a comédia como forma de trazer mais público para assistir ao *Globo Esporte* e *Esporte Espetacular*. Por isso meu nome tinha surgido nas mesas de reuniões de diretoria. Grande parte de todo o núcleo de bastidores do setor de jornalismo da Globo conhecia o Não Faz Sentido e a esmagadora maioria estava a favor de me levar para dentro do *Esporte Espetacular* com algum tipo de quadro humorístico.

Saímos do restaurante e caminhamos pacientemente até sua sala, dentro da sede da Globo, um prédio bonito mas que mais parece um labirinto por dentro. A

sala era relativamente simples, de carpete azul, algumas poltronas e inúmeros pôsteres esportivos colados na parede, além de diversas televisões ligadas nos

variados canais de esportes da Globo.

– Então, Felipe, o que você acha de trazer o Não Faz Sentido para dentro da Globo?

Eu estava esperando por essa pergunta desde o momento em que havia desligado o telefone. Por dentro, sabia que de alguma forma a Globo iria tentar se apropriar do Não Faz Sentido, por sua popularidade.

– Desculpa, João, mas não tem a menor chance. O Não Faz Sentido é extremamente polêmico e recheado de palavrões, é totalmente o oposto do que a Globo faz ou permitiria fazer.

– Mas nós podemos dar um jeito de driblar algumas regras.

Eu já estava preparado para esse tipo de proposta, a própria Adriana já havia me aconselhado sobre isso. Quando a TV quer um produto, sempre promete que poderá driblar algumas regras. A verdade, contudo, é que isso não acontece.

– João, o Não Faz Sentido é um produto da internet, não vou tirá-lo de lá. Os fãs do quadro ficariam revoltados se eu fizesse algo desse tipo – respondi, apreensivo, sem saber se ele também começaria a socar a mesa.

– Tudo bem, então o que você acha que poderia fazer no *Esporte Espetacular*?

Algo que fosse de dois a dez minutos, ou dividido em pílulas de três minutos cada.

Pois bem, agora uma pausa para algumas explicações pertinentes.

Meu sonho de infância era trabalhar na televisão. Um sonho de ator mirim condicionado ao mundo artístico brasileiro, no qual você tinha apenas uma opção

notória como veículo de real destaque: a Globo. Já havia sonhado com isso inúmeras vezes. Contudo, depois de atingir alguma maturidade, comecei a

desenvolver uma certa rejeição ao formato da TV aberta, assim como grande parte da população jovem do Brasil.

Mesmo com tudo isso, três fatores pesaram muito para que eu realmente criasse

o interesse de trabalhar na Globo: a realização de um antigo sonho, para que eu

pudesse provar para mim mesmo que tinha sido capaz; o fator financeiro, pois com a estabilidade e a segurança de uma carteira assinada e recebimentos garantidos mês a mês eu poderia ficar absurdamente mais tranquilo quanto aos próximos meses; e, por último, o desafio. Pois seria um desafio gigantesco fazer

um quadro de humor dentro de um programa de esportes, ainda por cima dentro

da Rede Globo. Tudo indicava um resultado desastroso mas, sempre que vejo esse tipo de possibilidade à frente, acabo ficando com uma imensa vontade de realizá-lo.

Antes que pudesse responder que ideias havia tido para o quadro, o telefone tocou. Não o meu, pois obviamente não teria atendido. Nesse tipo de reunião há o

condutor e o seguidor. Normalmente, o condutor pode atender o telefone sem que

o outro se sinta contrariado, mas o contrário nem sempre é possível. Ele atendeu e apenas disse:

– Sim, ele está aqui, estamos em reunião agora.

– Era alguém procurando por mim? – perguntei, imaginando que seria alguém

do RH ou coisa parecida.

– Sim, sim. Daqui a pouco ele chega aqui. Então, o que você acha que poderia

ficar legal para o *Esporte Espetacular*?

Comecei a explicar a ideia, que era a coisa mais básica do mundo. A cada programa, uma esquete de três minutos de humor, satirizando situações

esportivas. Expliquei também que não poderia fazer isso sozinho, uma vez que não poderia atuar comigo mesmo nos quadros, e por isso precisaria de um

“escada” (termo utilizado para o segundo ator de uma dupla que normalmente levanta a bola das piadas para o protagonista cortar). Sugeri o ator Fábio Nunes, meu amigo e alguém com muito faro para a comédia. João Pedro ouvia

atenciosamente e concordava com minhas sugestões, incrementando com outras ideias, até que chegamos a um formato em comum e decidimos que gravaríamos

um piloto para vermos se daria certo.

Foi durante esse meu discurso que de repente a porta se abriu num rompante e

entrou ninguém menos que William Bonner.

– Olha o moleque aí.

Essas foram as primeiras palavras de Bonner quando olhou pra mim. Minha cara provavelmente mesclava as expressões “que porra é essa?” e “is this real life?”. “Ajustei” o rosto para fazer uma cara mais amigável e levantei-me para um cumprimento amistoso seguido de um abraço, ainda sem entender que porra estava acontecendo.

Acontece que era o Bonner no telefone quando João disse que estava tendo a

reunião comigo. O próprio me explicou, em seguida, que seus filhos (os famosos

trigêmeos) assistiam a cada vídeo meu desde o início do Não Faz Sentido e que já

virara uma tradição familiar, sempre que eu lançava um vídeo novo, sentarem ele,

os três filhos e a Fátima para assistirem juntos. Ao saber que eu iria para uma reunião lá dentro, ele se programou para aparecer de surpresa e conversar comigo.

Fiquei absolutamente sem chão por alguns momentos. Nunca fui de ficar

nervoso perto de grandes personalidades, mas ninguém pode esperar que eu vá começar a fazer vídeos e seis meses depois o William Fucking Bonner irá invadir

uma reunião sua para poder conhecê-lo. Eu é que deveria querer conhecer William Bonner, não o contrário. Eu era apenas um moleque de 22 anos

gravando vídeos nos fundos da casa da mãe com uma filmadora fajuta e

luminárias de supermercado.

– Que cara de moleque. Você ainda é um pirralho, que sucesso, hein? – Uma

das coisas mais fantásticas do Bonner é que ele é praticamente um humorista fora

do *Jornal Nacional*. E levemente inclinado à prática do bullying, quando este era engraçado e não motivo de assassinatos. Deixa eu colocar de forma melhor ou posso ser mal interpretado: ele é um brincalhão que gosta de sacanear os outros

de forma cômica e faz com que você crie mais simpatia a cada zoada dele.

Passamos pelo menos duas horas juntos, conversando sobre a vida e sobre a Globo. Ele contou mais piadas do que qualquer outro humorista de verdade que

eu tenha conhecido. Imitou o Lula, tirou uma foto comigo onde um olhava para o

outro com raiva e postou em seu próprio Twitter. E, após muito me sacanear, me

levou para conhecer o estúdio do *Jornal Nacional* e, em seguida, a Fátima Bernardes, tão simpática e carismática quanto ele.

A foto no dia seguinte foi parar em um site de notícias falsas, com o título:

“Felipe Neto será o substituto de William Bonner no *Jornal Nacional.* ” E muita gente acreditou.

Enfim, vou parar de contar essa história porque esse não é *O livro do Boni*.

Além disso, não acho que conhecer gente famosa seja algo tão importante assim,

mas esse tipo de acontecimento ajuda você, leitor, a compreender a insanidade psicológica da minha vida na época.

É muito difícil não se perder quando as coisas começam a dar tão certo na sua

vida. Quando você se depara com as situações que eu vivi, é extremamente fácil

começar a acreditar no que as pessoas falam pra você.

Vamos colocar da seguinte forma: quando você começa a fazer sucesso, muita

gente começa a se aproximar, pois as pessoas querem congratulá-lo (que palavra

bacana) pelo seu trabalho e apoiá-lo, enquanto outras querem tirar uma casquinha

e puxar seu saco. Por conta disso, muitos começam a chamá-lo de “genial” e

“incrível”. É nesse momento que muita gente se perde, pois começa a acreditar que é verdadeiramente genial e incrível. Levar-se a sério e caminhar por essa estrada é o primeiro passo para arrebentar a cara no muro. Eu precisava conversar com meus pais diariamente, além dos meus amigos, para que meus pés não saíssem do chão e pudesse continuar a trilhar meu caminho sabendo que nada estava ganho, que eu não era genial e ainda tinha muita coisa a fazer para poder

verdadeiramente atingir um equilíbrio emocional e financeiro para que minha vida

pudesse ficar estável. Meu pai continuava a ser um alicerce psicológico, sempre

frio e calculista, enquanto minha mãe equilibrava mais o meu emocional.

Lembro-me bem de ter contado a história do William Bonner para meu pai, que

não se mostrou nem um pouco impressionado, apenas preocupado, seguindo na

conversa com uma série de conselhos importantes exatamente sobre não deixar que isso me subisse à cabeça. Afinal, o fato de o William Bonner gostar do meu

trabalho não significava absolutamente nada, ele era um ser humano como qualquer outro que acompanhava o Não Faz Sentido. Mas, porra, era muito legal.

E, sim, eu pedi para que ele falasse “boa noite”.

Saí da reunião com a Globo muito feliz. Um novo desafio brotava à minha frente. Agora eu não apenas tinha a pressão de continuar a fazer o Não Faz Sentido, como também gravaria um seriado para o Multishow (que seria definido

na semana seguinte e acabou estabelecido como um programa de treze minutos que mostraria a vida louca de um “Felipe Neto” ator que queria conseguir um programa na TV) e ainda por cima faria um quadro na Globo. Era muita coisa para digerir. Muitos pontos que poderiam dar errado, mas também um gigantesco

combustível artístico, algo que eu jamais havia experimentado na vida. De designer gráfico frustrado eu havia me transformado verdadeiramente em um ator

com alguma repercussão: dois programas para estrear na TV e mais de 50

milhões de visualizações no YouTube em apenas seis meses e somente 21 vídeos

publicados.

Com tudo isso acontecendo, logicamente senti ainda mais gás para gravar novos vídeos do Não Faz Sentido. O que se tornava cada vez mais difícil, contudo, era encontrar um tema interessante o suficiente para gerar um discurso

longo e que prendesse a atenção do público. A cada novo vídeo, essa tarefa ficava um pouquinho mais árdua e mais me fazia lembrar que o Não Faz Sentido

não poderia durar para sempre. Era fundamental que eu pudesse criar novos projetos que me trouxessem maior estabilidade e segurança a longo prazo, em vez

de basear minha vida somente no sucesso de um único canal que tinha tudo para

começar a cair a qualquer momento.

Em uma das minhas buscas por criar projetos que fossem mais sustentáveis, considerei a ideia de criar um show de stand-up, estilo Rafinha Bastos e tantos outros que se tornaram notórios no cenário brasileiro por ficarem no palco apenas com um microfone contando piadas e fatos do cotidiano. Aliás, sob uma

perspectiva mais abrangente, o Não Faz Sentido sempre foi parecido com um show de comédia stand-up, com a diferença de que havia uma caracterização, um

cenário e era filmado para o YouTube.

Quando manifestei meu interesse para Adriana, minha empresária, alguns

produtores começaram a entrar em contato. Aparentemente não faltariam ofertas

de casas de espetáculo e pessoas interessantes para transformar este projeto em realidade, o que era um sinal claro de que eu poderia ganhar muito dinheiro se decidisse escrever um show e rodar o Brasil em turnê. A explosão do Não Faz Sentido era tamanha que muito provavelmente conseguiria vender milhares e milhares de ingressos.

Cheguei a fazer as contas. Se realizasse 50 shows com uma lotação média de

500 pessoas (o que é pouco, considerando que stand-up vendia muito na época e

era realizado em grandes casas de shows), com mais ou menos 15 reais de ingresso, ao todo eu poderia tirar mais de 150 mil reais em uma turnê. Poderia ser ainda mais se a lotação dos lugares fosse maior e o valor dos ingressos um pouco

mais alto (o que normalmente era). Sendo otimista, com uma média de 750

pessoas e 25 reais o ingresso, daria mais de 450 mil reais.

Pensei nisso durante dias, comecei a escrever alguns números, mas, enfim, em

uma manhã de sábado (mentira, foi um dia qualquer, mas “manhã de sábado”

sempre soa bacana quando se está lendo um livro), percebi que a única razão pela

qual estava considerando fazer um show de stand-up era o dinheiro. Quando essa

ficha caiu, desisti de vez. Sabia, como artista, que qualquer coisa que eu decidisse fazer pensando apenas no dinheiro não resultaria no máximo da minha

capacidade, pois não conseguiria dedicar meu corpo e alma. Quando se trata de

stand-up, com vários shows em várias cidades, é impossível seguir em frente se

realmente não tiver paixão pela coisa. Mesmo sabendo que estava virando as costas para muito dinheiro, larguei mão de todo o projeto, decidindo que somente

faria apresentações em teatro se realmente sentisse que era algo pelo qual eu acordaria feliz. Não apenas para colocar dinheiro no bolso.

(um parêntese: mais ou menos um ano e meio depois da decisão de não fazer

stand-up, acabei de fato indo para o teatro, como integrante convidado em um show de improviso chamado *Avacalhados*, durante mais ou menos dez

apresentações. Não fazia estardalhaço na divulgação, mas quase todas lotaram e

foi uma experiência maravilhosa, indescritível e que carrego no coração até hoje.

Ganhei, ao todo, algo em torno de mil reais. Se tivesse que escolher de novo, escolheria os mil reais da vida que tive com essas apresentações em vez de centenas de milhares que poderia ter ganho com meu stand-up.)

Ao final das semanas em que fiquei voltado para o pensamento de realizar stand-up, uma coisa boa surgiu. Ao desistir da ideia, revi alguns dos textos que havia escrito para o show e percebi que um deles poderia resultar em um bom vídeo do Não Faz Sentido. Era um texto simples, que eu havia escrito no aeroporto após mais um rotineiro atraso de voo. O texto falava sobre como todo

mundo está sempre com pressa, sempre querendo ganhar tempo, desde a

escovação de dentes até a masturbação – traçando um paralelo com o passado, quando não se tinha escovas automáticas e sites de vídeo pornô.

Duas coisas interessantes foram ressaltadas por mim na época em que o vídeo foi ao ar. A primeira delas foi o fato de que percebi que, mesmo aos 22 anos, já existia um gigantesco abismo entre a minha geração e a geração de grande parte do público do Não Faz Sentido, os adolescentes. Eu havia crescido em um mundo sem celular, com internet discada (era necessário esperar meia-noite para conectar a fim de pagar apenas um pulso telefônico) e sem sites pornô. Era interessante analisar isso, pois me indicava que, a cada ano que passasse, maior seria o distanciamento do meu cotidiano com o cotidiano do público infantojuvenil, outro indicativo alarmante para o futuro do Não Faz Sentido.

A segunda coisa interessante foi que esse vídeo, que recebeu o título de "Pressa, correria, fila, aaaah", era o primeiro vídeo do Não Faz Sentido escrito com o único intuito de fazer rir, sem necessariamente expor uma crítica ou uma ideia. Era bastante diferente dos outros vídeos publicados no canal e poderia resultar em uma falha de proporções épicas. Afinal, antes deste vídeo eu jamais tentara apenas ser engraçado, o que sempre resultava em um argumento-escudo de "não é um vídeo de comédia". Agora não mais.

Para meu alívio, o resultado do vídeo foi fantástico e até hoje é um dos vídeos com maior índice de aceitação da história do canal. O mais interessante, contudo, foi que a faixa etária que mais comentou o vídeo, principalmente nas ruas, foi a de pessoas entre 18 e 25 anos, um público difícil, que possuía uma leve tendência a rejeitar o Não Faz Sentido por este ter se tornado uma febre tão grande entre adolescentes e seus pais. É aquela velha questão: quando se tem 18 anos, você quer mostrar que já é adulto, o que resulta na imediata rejeição de qualquer coisa que seja muito comentada entre pessoas mais novas. Pois bem, o vídeo "Pressa, correria, fila, aaaah" gerou maior impacto com esse público. Era quase como mágica. Eu atirava para um lado e acertava no outro, tentava uma coisa e sem

querer resultava em outra. Sem planejamento, o Não Faz Sentido crescia como nunca entre adolescentes, adultos e agora “jovens-adultos”. Acredito que, se eu tivesse tentado planejar, estudar e traçar minhas ações baseado em público-alvo,

teria errado espetacularmente.

Agora uma pausa para o fato mais interessante sobre o vídeo em questão, algo

que entrou para a história não só do Não Faz Sentido como da minha vida.

O vídeo já tinha sido gravado e eu estava em casa, de madrugada, editando.

Corta cena aqui, corta cena ali, junta pra cá, pega essa expressão acolá. Quando a janela do finado MSN Messenger apitou. Era PC Siqueira.

“Fala, mano.” Como sempre, PC falando “mano”.

“Fala ae, cara, to editando vídeo novo aqui.”

“Beleza, to editando também. To pensando em botar umas mensagens

subliminares.”

Meus olhos brilharam com a ideia. Eu sempre achei genial qualquer artista que

brinca com seu público com algum tipo de mensagem subliminar.

Na mesma hora dei a ideia de fazermos juntos. O PC decidiu mexer com o maravilhoso filme *Clube da Luta*, enquanto eu decidi que iria um pouco além.

Criado em casa extremamente católica, aprendi muito sobre a Bíblia (fiz catecismo, parte da Crisma, fundei um grupo de estudos bíblicos aos 13 anos, entre outras coisas). Na realidade, aprendi tanto que comecei a questioná-la (novidade). Passei a ler todo tipo de material disponível sobre teorias que pudessem me dar razões para não acreditar que Deus fizera uma aposta com o Demônio (Leia sobre Jó), ou mandara Moisés assassinar mulheres e crianças apenas por acreditarem num Bezerro de Ouro, ou na chacina do dilúvio, ou em

tantas outras atrocidades do Antigo Testamento. Não conseguia acreditar mais em

um Deus que condenava ao Inferno os homossexuais, que era onisciente mas parecia tomar sustos o tempo todo, enfim, na altura dos meus 16 anos, soltei a chocante revelação de que não acreditava mais em nada daquilo e que viveria de

acordo com meus próprios princípios. Isso não significava negar a existência de

Deus, mas quanto mais estudava a Bíblia, mais me fechava na convicção de que

não gostaria de viver tendo tudo aquilo como guia espiritual.

Um adendo necessário. Para mim, o maior horror em torno da Bíblia é o que

ela é capaz de gerar nas pessoas no sentido da rejeição ao próximo. Embora tenha

muitas passagens sobre amor e aceitação, o ser humano muitas vezes não é capaz

de absorvê-las e normalmente julga de forma cruel qualquer pessoa que ouse questioná-la ou admitir que não a leva como verdade. Você que está lendo, por

exemplo, sei que há grandes chances de você ter torcido o nariz para minha própria existência, simplesmente por ter dito que não acredito na Bíblia. É muito comum e já sofri casos absurdos de preconceito por dizer o que penso sobre o assunto, mas já me acostumei. Só peço que, se este for o caso, não pense que saio por aí gritando sobre como a Bíblia é errada ou tentando converter as pessoas para deixarem de segui-la. Apenas vivo minha vida fazendo o bem e, enfim, por

que estou falando tudo isso?

Ah, sim! Por conta das mensagens subliminares. Pois bem, enquanto pensava

no que colocaria, lembrei do principal motivo pelo qual havia abdicado da crença

na Bíblia: o tal do “Diabo”. Após anos vivendo sob o medo da existência de um

bicho chifrudo com rabo tentando levar as pessoas para o Inferno, percebi que isso não soava nada diferente das histórias fantásticas da mitologia grega e, em suma, uma forma extremamente inteligente de controle social que resultara em

um

pensamento absolutamente errado: “Não vou fazer isso, pois Deus está olhando e

o Diabo também.” Descobri que era muito mais inteligente e prazeroso seguir as

regras do simples certo e errado: “Não vou fazer isso, pois vai prejudicar alguém e eu não quero que outra pessoa seja prejudicada.”

Resultado? Resolvi colocar uma mensagem subliminar satânica no vídeo

“Pressa, correria, fila, aaaah”. Contudo, optei por colocá-la de forma praticamente invisível, para ver se traria algum resultado. Não queria chocar, causar polêmica ou aparecer, apenas queria ver até onde isso poderia ir. Será que alguém conseguiria ver a mensagem? Será que alguém iria de fato acreditar que eu era satanista e havia vendido minha alma ao demônio? Será que era tão fácil assim manipular pessoas através de uma brincadeira que mexesse com a fé?

Aos 3 minutos e 7 segundos do vídeo, escrevi a mensagem “Seguidores de Satã”, em tamanho mínimo, no canto inferior direito, em apenas 1 frame do vídeo

(para se ter ideia, 1 segundo de vídeo é composto por 24 frames), além disso, deixei a mensagem quase transparente, com opacidade apenas de 10%. Era quase

humanamente impossível conseguir ler o texto.

Assim que o vídeo foi ao ar, fiquei monitorando os comentários para ver se alguém conseguiria perceber, mas nos primeiros dias nada aconteceu.

Aparentemente eu conseguira esconder a mensagem o suficiente para ninguém pegá-la e eu já dava a brincadeira quase por encerrada, quando alguém finalmente

percebeu.

Bastou uma pessoa para a coisa toda virar uma bola de neve. No dia seguinte

alguém fez um vídeo e publicou no YouTube, revelando para o mundo que eu

era satanista. O vídeo trazia música macabra, congelamento da imagem na hora em que a mensagem aparecia e ainda mostrava uma resposta minha numa

entrevista. Quando me perguntaram se eu escrevia roteiro ou improvisava, respondi: “Tudo é escrito, planejado e roteirizado. Menos os palavrões, estes são ideias do meu cão: Lúcifer.” Pois é, mesmo com essa resposta nitidamente sarcástica, muitas pessoas foram incapazes de perceber que era uma brincadeira.

A coisa toda começou a tomar uma proporção inimaginável. Os vídeos

relatando meu satanismo começaram a crescer e tiveram mais de 1 milhão de visualizações. Pouco tempo depois comecei a receber relatos de pessoas

evangélicas dizendo que seus pastores haviam instruído aos pais que não deixassem seus filhos assistirem aos meus vídeos, pois eu tinha pacto com o Demônio. Uma moça contou que seu pastor chegou ao cúmulo de dizer que eu

fazia parte do Apocalipse.

Tudo isso me rendia infinitas gargalhadas. Obviamente não há nada pior para

se dizer a um jovem que “não assista isso”. As visualizações voltaram a se multiplicar e a mensagem rodou o Brasil. Enquanto alguns acreditavam que eu de

fato fizera um pacto com o Belzebu, a grande maioria gargalhava, sabendo que eu apenas tinha feito isso com o objetivo de brincar com o público. Era muito interessante analisar a facilidade disso tudo. Em uma noite tediosa, depois de falar com o PC por MSN, coloquei um microtexto invisível “Seguidores de Satã” e pouco tempo depois muita gente espalhava pelo país que o motivo do meu sucesso era o pacto que eu havia feito com Satanás. Ou seja: Chupa, Xuxa!

Aliás, se você tocar meu vídeo sobre *Crepúsculo* de trás para a frente, ouvirá a mensagem “o Diabo é meu pastor e nada me faltará”. Vai lá, tenta. Mas tem que

assistir ao vídeo todo de trás pra frente.

Enfim, embora a brincadeira tenha dado certo, quase perdi o contrato com a Wise Up, pois não é muito interessante para uma marca se associar com um cara

considerado satanista. Mas, graças a Deus (haha), o Flávio, presidente da empresa, entendeu a brincadeira e seguiu em frente com o que concordamos, dando um leve esporro em forma de conselho, mais ou menos um “nunca mais faça uma coisa dessas”.

É interessante analisar como as pessoas levam a sério qualquer um que tenha

um holofote sobre si, seja este holofote grande ou pequeno, desde o Brad Pitt até um mísero vlogueiro carioca. Espera-se muito de qualquer um que seja

considerado “figura pública”, mas eu não queria que ninguém esperasse nada de

mim. Era foda ter de ficar lidando com as consequências dos meus atos, por menor que fossem. Cansei de publicar coisas no meu Twitter que resultavam na

Adriana me ligando três minutos depois, preocupada com o que aquela bobeira que eu havia publicado poderia resultar. Cada vez menos as pessoas esperavam

que eu desse opiniões ou falasse o que pensava, pois no Brasil pessoas públicas

normalmente não têm essa permissão, devem agir de forma politicamente correta,

sempre boa-praça, com sorriso no rosto respondendo entrevistas da forma mais babaca possível. O Rafinha Bastos tem um termo maravilhoso para isso, ele chama de “lucianohuckização dos artistas”.

Todo mundo no meio artístico precisa parecer que é perfeito, irreprimível, e isso me deixava bastante puto. Até mesmo quando algum escândalo acontecia como, por exemplo, um ator da Globo com problemas sérios com drogas e a própria emissora ia lá e inventava alguma história para acobertar o caso. E, se as pessoas descobrissem, colocava o cara no *Faustão* pouco tempo depois para falar sobre como usar drogas é errado e como ele havia se recuperado (o que normalmente eram palavras vazias, porque pouco tempo depois a mesma pessoa

poderia estar internada de novo). Tudo bem que é bacana passar a informação contra as drogas, mas também é interessante que o público possa ver seus ídolos

da forma como verdadeiramente são, e que suas quedas possam funcionar como

um incentivo muito maior para a não utilização da droga, em vez de um depoimento fajuto no *Faustão*.

Com tudo isso passando pela minha cabeça, o telefone tocou e mais uma vez apareceu a mensagem “número privado”. Novamente uma ligação de uma emissora de TV, a própria Globo, passando o convite para o ponto alto da minha carreira até então: eles queriam que eu fosse entrevistado pelo Jô Soares.

Aceitei, desliguei o telefone e liguei para a Adriana.

– Oi, Fê – atendeu ela.

– Dri, fudeu.

Obviamente ela entrou em pânico na mesma hora achando que eu havia, sei lá, declarado publicamente que era a reencarnação de Jesus ou algo parecido mas, mesmo após a notícia de que se tratava do Jô, ela também ficou preocupada.

Tudo isso porque eu continuava não sendo muito bom em entrevistas. Embora estivesse melhorando, continuava sendo alvo de algumas alfinetadas e tinha uma forte rejeição por parte da imprensa. O problema é que agora a entrevista não seria para a MTV, uma revista ou o *Pânico na Rádio*, era o Jô Soares. Dar vexame no Jô poderia causar um estrago imensamente maior que qualquer falha minha em qualquer outro tipo de entrevista. Isso não só pelos milhões que assistem ao programa, mas também porque provavelmente minha entrevista iria para o YouTube e seria assistida por outras centenas de milhares, talvez até milhões. Se o resultado fosse extremamente ruim, provavelmente viraria um vídeo viral da internet, onde todos veriam minha total incapacidade de lidar com a pressão da coisa. Para um cara famoso por falar tudo o que pensa no YouTube, não seria nada bom ter esse tipo de repercussão negativa.

– Fê, vamos fazer o seguinte: no dia da entrevista você vai vir mais cedo aqui pro escritório da agência e nós vamos treinar sua performance em entrevistas – disse Adriana, por telefone.

Concordei na mesma hora. Se tinha uma coisa que a Adriana e a Bruna sabiam fazer era me preparar psicologicamente para determinadas situações, o importante era só eu não estragar tudo.

Viajei para São Paulo no dia da entrevista, após mais uma noite praticamente sem dormir. Ao chegar no escritório da agência DNA, já estava tudo montado.

Uma câmera posicionada diretamente para uma cadeira, com a Adriana sentada em frente, pronta para começar. Sentei e esperei.

– Fê, o que eu vou fazer aqui é tentar te pressionar de todas as formas, te alfinetar, pra ver como você se sai e o que você responde. Vou tentar transformar suas respostas em coisas contra você, então, não me odeie, tá?

– E pra que é a câmera? – Eu já suava por todos os lugares.

– Vamos filmar e depois analisar suas respostas e ver o que podemos melhorar.

A ideia toda era genial. Durante mais de quatro horas ficamos sentados fazendo uma simulação de entrevista na qual a Adriana tentava ser a mais filha da puta que ela conseguia. Eu me saía mal, respondia a coisa errada e imediatamente ela ou a Bruna me corrigiam, instruindo qual era a melhor forma de responder ou driblar a pergunta em questão.

Lembro-me bem de uma na qual fui particularmente mal.

– Felipe Neto, você se considera um formador de opinião?

– Não, eu acho que cada um deve buscar pela própria formação de opinião e,

com isso, estabelecer os próprios parâmetros de vida. Não busco dizer o que cada

um deve pensar ou fazer, apenas digo aquilo que trato como verdade pra mim.

– Ok, corta – disse Bruna.

Eu achei que tinha dado uma resposta incrível. Imaginei que ela me daria parabéns mas, em vez disso, tomei um esporro.

– Fê, você tem 22 anos. Se você dá essa resposta cabeça estilo cantor de MPB

chapado de maconha, sabe o que sai na revista no dia seguinte? “Felipe Neto filosofa em suas respostas.” O jornalista já fica incomodado porque, em vez de você dar um material jovem e útil pra ele publicar, você fica respondendo que nem um velho pseudointelectual. O jornalista não vai gostar, o público não vai gostar e você também não vai gostar. Então vou perguntar de novo: Felipe Neto,

você se considera um formador de opinião?

– Não fico pensando nisso. Gosto de apenas falar o que penso de uma forma

interpretada e servir de influência para as pessoas que querem formar as próprias opiniões.

– Então você não pensa nas consequências do que diz, é isso?

– Não, eu...

– Fê, de novo, para de pensar demais. Desliga essa tua necessidade de querer

parecer inteligente, deixa isso pra mais pra frente. Agora você precisa mostrar que é, sim, inteligente mas que também é divertido, sacana e alfinetador.

– Tá bom.

– Felipe Neto, você se considera um formador de opinião?

Respirei fundo.

– Acho que não, imagino que todo mundo seja capaz de saber que Restart não

é música e que *Crepúsculo* não é livro. Ou será que alguém não sabia disso ainda? Eu só falo o que todo mundo já sabe – respondi fazendo cara de curioso.

Elas riram. E eu consegui chegar mais perto do tom certo que deveria ter.

Essa era a dificuldade. Eu tinha apenas 22 anos, mas algo dentro de mim queria desesperadamente mostrar que tinha alguma bagagem cultural e intelectual.

O problema é que eu não poderia ficar dando respostas mega inteligentes, assim

como não poderia parecer arrogante, nem responder as perguntas de forma a me

levar a sério demais, mas também não poderia me levar a sério de menos ou cairia

no escracho. Não deveria dizer que sim nem que não em alguns casos, enquanto

em outros eu deveria me impor e alfinetar aqui e ali. Tinha que brincar comigo mesmo, mas não permitir que passassem por cima de mim nas perguntas. Enfim,

era um pesadelo sem fim.

Ao final das várias horas em que ficamos treinando, eu havia decorado

inúmeras formas de driblar determinadas perguntas, bem como formular respostas

ácidas em tantas outras. Porém, mais que decoreba, eu tinha chegado em um tom

muito mais próximo daquele que deveria ter em entrevistas. Treinamos não apenas respostas, como também postura, entonação, posição e olhar. Além disso,

estudamos diversas entrevistas que deram certo no Jô, bem como outras que deram totalmente errado.

No final da tarde, enquanto dirigíamos rumo aos estúdios da Globo, repetia para mim mesmo as lições aprendidas na aula. Basicamente pensava “brinque e

se divirta, brinque e se divirta” e “ninguém quer ver um cara chato que tenta parecer inteligente”.

Chegamos ao estúdio, fomos para o camarim, enfim, toda a rotina pré-

programa de TV. Na altura em que fui para o estúdio e sentei para aguardar o Jô

chamar meu nome, já suava cântaros. Para piorar a situação, tive de me separar da Bruna e Andressa (que tinham ido me acompanhar). Em vez disso, sentei ao lado

de umas modelos que aparentemente sempre participavam da plateia do Jô (com

qual intuito? Vai saber).

Antes de ser chamado tive de assistir aos 40 minutos de entrevista com o Ed

Motta, músico que sempre admirei e que se mostrou muito humilde pessoalmente.

Quando perguntei se ele estava nervoso, disse: “Agora não. Eu tava antes, quando tive que cantar.” (Sim, o cara com duzentos anos de carreira ainda ficava

nervoso antes de cantar no Jô, como eu não poderia estar?)

Tic, tac.

Tremor involuntário no joelho. Você já teve isso? É uma merda. Começa a tremer o joelho e, se você não controlar, passa para o queixo, que também começa a bater levemente. Sentia minhas costas empapadas de suor, mesmo naquele estúdio gelado. Estava chegando a hora. Eu poderia sair dali com uma grande entrevista, ou sacaneado duramente em rede nacional, na TV aberta, virando piada para milhões de pessoas.

– Ele ficou famoso pelos vídeos postados na internet. Felipe Neto, cadê você?

– disse Jô Soares.

Não sei que força ainda restava nos meus joelhos, mas consegui levantar e eles

não cederam. Pode parecer que estou exagerando, que estou dramatizando só para a história ficar mais interessante, mas, depois dos fiascos que eu tinha tido na imprensa, depois do *Pânico na Rádio*, eu estava um caco, com os nervos

completamente insanos. Ouvi um “boa sorte” da modelo que tinha se sentado ao meu lado (estava tão nervoso que praticamente nem liguei pra sua existência).

Reuni um último suspiro e fui na direção do Jô.

A primeira frase que saiu da minha boca foi um desastre. Como a plateia gritou muito quando me sentei (se você estava lá nesse dia, muito obrigado), o Jô começou com uma brincadeira.

– Bem, o sucesso entre a plateia feminina já está bem estabelecido aqui.

O que eu poderia responder?! A última coisa que eu esperava era isso. Até porque o Jô se equivocou, os gritos não eram de mulheres, eram do público mais jovem em geral, que não estava ligado à questão estética e, sim, ao que o Não Faz Sentido representava e que ainda era uma novidade muito comentada, extremamente popular. Minha resposta foi:

– Ai, ai, ai.

Na mesma hora em que as palavras saíram da minha boca, senti vontade de socar minha própria cara. Quem fala “ai ai ai”???

Para meu alívio, a plateia riu e, melhor ainda, o próprio Jô riu. Vendo que eu estava nitidamente constrangido, ele perguntou:

– Você é tímido?

– Não, eu tava muito nervoso na verdade.

– Por quê? – perguntou ele com uma voz extremamente doce.

– Porque... Eu to no Jô – respondi.

A partir daí a coisa virou instantaneamente. O Jô pediu para a banda tocar uma música romântica para me acalmar. Em seguida o Alex trouxe um drinque

extremamente gay e eu me acalmei.

A entrevista foi ótima. Não foi perfeita, mas foi muito boa. Respondi de forma

séria a algumas questões, mas fiz diversas piadas e a plateia deu boas risadas em vários momentos. Falamos sobre os vídeos, sobre *Crepúsculo*, sobre a banda Cine, sobre a internet como um todo. O Jô foi absolutamente maravilhoso comigo. Riu das brincadeiras, riu dos pedaços dos vídeos do Não Faz Sentido (que a Globo deixou passar, mesmo com palavrões pesados) e ao final da entrevista a plateia fez o famoso “aaaaahhhh”, o que me deu vontade de sair dali

e abraçar todas as pessoas presentes. Tudo o que outros artistas tinham dito sobre o Jô estar velho, ranzinza e chato, nada daquilo foi verdade comigo, muito pelo

contrário, ele não só foi absolutamente simpático como me elogiou em vários momentos e se mostrou extremamente atualizado não só sobre meus vídeos mas

sobre a internet de um modo geral.

De ponto negativo ficou somente o fato de que eu não mantive uma postura adequada. Pernas cruzadas em calças um pouco apertadas, misturadas ao drinque

colorido e com canudo vermelho me fizeram parecer extremamente efeminado, mas isso estava longe de ser um problema. Afinal, pessoas acharem que eu sou gay sempre esteve presente em minha vida.

Saí de lá sabendo que tinha dado um importante passo em minha carreira. Não

só tinha aprendido de vez como agir em entrevistas como muitas pessoas, desde a

plateia até a produção, disseram que aquela tinha sido a melhor entrevista do dia (o Jô grava poucas vezes por semana e faz inúmeras entrevistas de uma vez só).

Quando o programa foi ao ar, o sucesso foi estrondoso. As mídias sociais fervilharam e meu nome ficou no topo dos *trending topics* mundiais mais uma vez. Em pouco tempo, mais de 1 milhão de pessoas já tinham assistido à entrevista no YouTube e, depois de algumas semanas, soube de uma pessoa lá dentro da Globo que minha participação havia rendido um dos maiores ibopes do

ano para o *Programa do Jô*. Dificilmente poderia ter sido melhor que isso.

O *Programa do Jô* foi um marco em minha vida. Não apenas pelo bom desempenho em si, mas até mesmo por uma questão temporal. Antes do Jô, eu era apenas o moleque vlogueiro, sonhando em criar algo novo, ansioso e desesperado em entrevistas, tendo crises nervosas inesperadas e perdido na relação com as mulheres e as festas disponíveis.

Após o Jô, contudo, parece que tudo começou a mudar. Meus pés pisaram o

chão com mais força do que nunca, outros projetos começaram a acontecer e em

pouco tempo eu estava em um relacionamento sério com uma mulher

maravilhosa, a Maddu Magalhães. Bastaram mais alguns treinos e meu problema

com entrevistas também foi embora.

Em novembro de 2010 lancei mais dois vídeos. O primeiro continha uma

publicidade contratada da Pepsi, no qual eu falo sobre “Pessoas metódicas”, aquelas pessoas cheias de manias, normalmente irritantes. E o segundo vídeo sobre “Preconceitos”, no qual abordo diversos temas de preconceito em si e condeno o pensamento de que Deus é contra os homossexuais (o que gerou uma

imensa polêmica, pois foi a primeira vez em que toquei no assunto “Deus” dentro

de um vídeo do Não Faz Sentido).

Em dezembro saí da casa da Dona Rosa e fui morar com a Maddu Magalhães,

que tinha vindo morar no Rio de Janeiro após vários anos morando em Porto Alegre. Alugamos uma quitinete minúscula no bairro Catete, o que fez com que

minha vida ficasse muito mais fácil por não precisar perder muito tempo trafegando do Buraco do Padre para outros lugares.

Durante esse período gravei meu primeiro programa para o Multishow,

chamado *Será que Faz Sentido*, que trazia cenas de humor mostrando um

“Felipe Neto famoso da internet que agora queria ter um programa de televisão”. Apesar

de hoje considerar que o programa não ficou bom, foi incrível ter o primeiro feedback de um público totalmente diferente, o da TV a cabo. Ele foi ao ar no dia 11 de dezembro de 2010 e marcou bastante o final do ano.

2010... O ano mais insano de toda a minha vida. O ano em que saí de designer

e ator frustrado morando nos fundos da casa da mãe, para ator com mais de 68

milhões de visualizações no YouTube, um programa no Multishow, alvo de

diversas revistas e entrevistado no Jô, com um quadro de humor sendo gravado

para a Rede Globo. Tudo em apenas 8 meses. Foi o ano também em que saí do





total tédio e frustração para a felicidade extrema, seguida pela perda total da própria cabeça, afundamento no mundo das festas e mulheres, inconsistência

psicológica por conta da pressão desse universo etc. Mas terminei o ano seguro,

mais estável, com os pés no chão e em um relacionamento sério, abandonando de

vez o mundo das festas, álcool e curtição.

O que será que 2011 poderia proporcionar? Será que seria mais um ano de muitas conquistas ou ficaria marcado como o ano em que tudo acabou?

Leia os QR Codes com seu celular e

acesse os vídeos mencionados neste capítulo

http://www.youtube.com/watch?v=54Q0r3-ZNrk

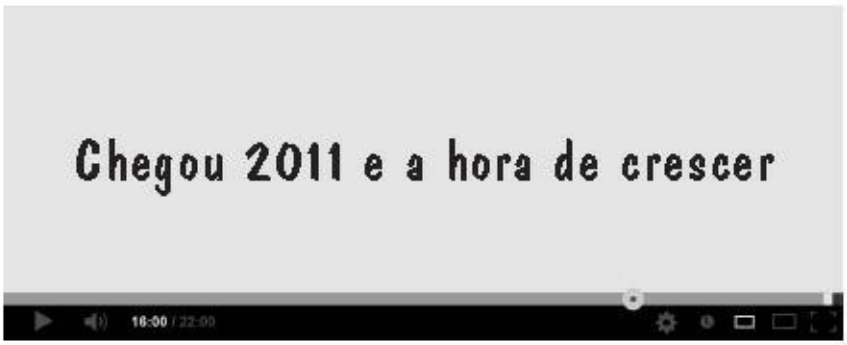
http://www.youtube.com/watch?v=rLVRhYyMqV8





http://www.youtube.com/watch?v=VKyAGU9b334

http://www.youtube.com/watch?v=6e1CtDfp9no



O ano de 2011 começou sem grandes mudanças no Não Faz Sentido, mas com gigantescas em minha vida pessoal, que não é bem o alvo deste livro.

Mais confiante e morando com uma mulher pela primeira vez na vida, comecei a

assumir uma postura muito mais séria e madura. E, por conta disso, comecei a plantar em meu cérebro de forma definitiva a ideia que mais me empolgava nos

últimos meses: criar minha própria empresa ligada ao entretenimento. Mas o medo ainda era muito forte. Eu precisaria de muito dinheiro, muito planejamento

e muito estudo. O desafio era imenso mas cada vez mais começava a me preparar

para isso.

O Não Faz Sentido, por sua vez, continuava sendo um fenômeno de audiência,

apenas superado pela “Galinha Pintadinha” (afinal de contas, não há qualquer possibilidade de se disputar com um canal que cria conteúdo para crianças de 2 a

6 anos, uma vez que elas assistem ao mesmo vídeo oitocentas vezes,

literalmente). Para jovens e adultos, o Não Faz Sentido já era o maior fenômeno

de entretenimento da história da internet brasileira. O primeiro caso de real sucesso envolvendo alguém que começou no YouTube e migrou para outras

mídias.

Em números exatos, no dia primeiro de janeiro de 2011 o Não Faz Sentido já era, disparado, o canal com maior número de assinantes do Brasil, com 393 mil inscritos. Ao todo, em apenas 25 vídeos publicados, eram mais de 68 milhões de visualizações, uma média de 2,72 milhões a cada vídeo postado. Nestes mesmos 25 vídeos, o canal já somava mais de 500 mil comentários publicados pelos usuários, além de 1,3 milhão de “gostei” (quando alguém clica no botão “gostei”). Os números eram muito maiores que qualquer outro projeto independente criado na web brasileira até então, sem qualquer tipo de investimento por trás, nenhum empresário e nenhum plano de negócios.

Os números eram tão grandes que alguns veículos da imprensa começaram a comparar a audiência do Não Faz Sentido com a audiência de outras mídias e perceberam, após pesquisa, que o meu canal sozinho já era maior e capaz de causar mais impacto que todos os canais da TV fechada, além de todas as rádios e algumas revistas e jornais. Isso tudo me causava grande espanto e me despertava ainda mais o interesse em transformar tudo isso em um grande projeto empresarial, desta vez, planejado e executado de acordo com o livro de regras do mundo dos negócios.

Desenterrei um caderno antigo com o Botafogo na capa, no qual eu costumava anotar minhas ideias, e passei a escrever nele todas as madrugadas, tentando pensar em qual projeto iria criar, que empresa fundaria e que nicho tentaria atingir. A Maddu me apoiava, dando ideias e deixando que eu mergulhasse em meus planejamentos em plena madrugada, em vez de deitar ao seu lado para ver algum filme ou curtir a fase da relação. Debruçava-me não apenas na criação de

ideias como também no estudo de material on-line sobre criação de empresas, pois não poderia cometer muitos erros visto que provavelmente teria de investir uma boa quantia para transformar tudo isso em realidade. Eu tinha conseguido juntar um bom dinheiro, mas não o suficiente para apostar tudo e perder. Só teria uma chance e precisaria acertar, caso contrário, poderia ir à falência e, se o Não Faz Sentido perdesse forças, poderia voltar para a estaca zero.

O ano de 2008 não saía da minha cabeça. O ano em que eu perdera tudo, emocional, financeira e estruturalmente. Já tinha ido morar sozinho e voltado para a casa da mamãe uma vez, isso não poderia acontecer de novo. Quando se perde

tudo, aquilo passa a te assombrar para o resto da vida. É uma faca de dois gumes: ao mesmo tempo em que te deixa com mais medo, também te deixa muito mais

precavido. Não há nada capaz de gerar maior lição em sua vida do que uma bela

porrada com a cara no muro. A dor é tão violenta que você com certeza pensará

oito mil vezes antes de passar perto daquele muro novamente. A grande questão é

se você terá forças e coragem o suficiente para voltar a enfrentá-lo (o muro, espero que a metáfora tenha sido clara o suficiente, sou um tanto quanto péssimo

nessas coisas).

Ao mesmo tempo em que tudo isso passava em minha cabeça, o programa no

Multishow mostrava bons resultados, mesmo não sendo exatamente aquilo que eu

gostaria de ter feito. A série era simples e com episódios de treze minutos, mas parecia agradar ao meu público da internet. Por conta disso, renovamos e decidimos criar outro programa para o canal, chamado *Até que Faz Sentido*, desta vez com episódios de meia hora, nos quais eu criaria roteiros do Não Faz Sentido

e iria para as ruas entrevistar pessoas relacionadas ao tema criticado. Era mais

um programa para a TV, mais tempo de contrato e mais estabilidade financeira. O

quadro da Globo para o *Esporte Espetacular* também começava a ganhar forma e, após um piloto aprovado, começamos a estruturar o quadro em si.

Ao mesmo tempo, ainda precisava atualizar o Não Faz Sentido, o que agora começava a ficar realmente complicado. Não só estava cada vez mais difícil encontrar um tema interessante que valesse a pena ser criticado em um vídeo inteiro, como também estava morando relativamente distante da casa da minha mãe, onde o cenário tinha ficado. Para gravar, eu precisava me locomover bastante, chegar lá com energia e depois voltar para casa com todo o material e

equipamento.

Além disso, pela primeira vez eu começava a me sentir menos entusiasmado com o Não Faz Sentido, o que começava a resultar em alguns xingamentos na internet pela falta de vídeos novos. O último vídeo tinha ido ao ar no dia 8 de dezembro e até o dia 27 de janeiro nenhum outro vídeo tinha sido lançado. Isso

era o resultado do excesso de trabalho em que havia me metido. Estava com dois

programas de TV em andamento, a campanha da Wise Up, a criação do projeto

de uma empresa, a mudança de estilo de vida e, para coroar isso tudo, o fato de

que o Não Faz Sentido começara a representar para mim um projeto que não poderia durar por muito mais tempo se eu continuasse a publicar muitos vídeos.

Era uma faca de dois gumes. O Não Faz Sentido era minha principal fonte de

renda, não só com o dinheiro que vinha do próprio YouTube pelos banners que

apareciam nos vídeos como também pelas campanhas publicitárias que eu

fechava por conta do canal, que normalmente traziam valores bem altos. Porém,

quanto mais eu fizesse vídeos com temas não tão interessantes, mais perto ficaria do fim do canal.

Sempre que eu dizia: “Galera, não tem vídeo pois não tem nenhum tema

interessante”, recebia constantes mensagens nas redes sociais, respondendo: “Não

importa o tema, só faça mais vídeos!” A grande questão é que o público normalmente não sabe o que quer, apenas acha que sabe. Eu havia lido uma vez

uma frase genial do Steve Jobs, “As pessoas não sabem o que querem, até mostrarmos a elas”. Esse ideal fantástico tinha vindo justamente do fato de que, se você pergunta a uma pessoa o que ela gostaria de ter em um celular (por exemplo), ela provavelmente responderá coisas referentes a tecnologias já existentes. Contudo, se você quebra barreiras e cria coisas jamais pensadas ou vistas, seu sucesso terá grandes chances de ser tremendo. Com o Não Faz Sentido

era a mesma premissa. Quanto mais eu ficasse fazendo aquilo que o público queria e pedia para que eu fizesse, mais perto estaria do dia em que esse mesmo

público se cansaria do conteúdo. Eu sabia e tinha plena convicção de que, quanto

mais insistisse em colocar os óculos escuros e falar palavrões, mais rápido estaria de bater novamente com a cara no muro.

Por isso, tomei a decisão de que era hora de definitivamente começar a publicar menos vídeos. Assim, quem sabe, o Não Faz Sentido poderia virar uma

espécie de programa surpresa, que a cada novo vídeo publicado faria com que todo mundo comentasse e fosse assistir, em vez de continuar como um quadro periódico com o qual as pessoas já teriam se acostumado e até mesmo enchido o

saco. Além disso, com menos vídeos indo ao ar, eu poderia começar a desligar minha imagem de “garoto de óculos escuros que xinga todo mundo” e as pessoas

poderiam me ver ainda mais como um ator capaz de criar outros tipos de projetos.

Os programas na TV ajudariam muito com isso.

No final de janeiro, contudo, senti que era a hora de fazer um novo vídeo e o

tema já nascera em minha cabeça.

Sempre odiei o Carnaval. Na minha opinião, o Carnaval é uma das coisas mais

erradas neste país. Uma simples festa faz com que os dois primeiros meses do ano

sejam praticamente nulos. Ninguém quer dar o seu máximo, seja em questões escolares, faculdade ou até mesmo no trabalho, pois todos sabem que “o ano só

começa depois do Carnaval”. Essa cultura faz nosso país ter um rendimento patético em janeiro e fevereiro, em diversos setores diferentes, principalmente naquele que mais afeta minha vida: a publicidade. As agências trabalham em ritmo lento, enquanto os clientes esperam passar o Carnaval para realmente começarem a investir em propaganda. Em resumo: janeiro e fevereiro são sempre

os piores meses do ano para se fazer dinheiro na internet.

Isso tudo sem contar que a cidade do Rio de Janeiro inteira fica infestada de gente bêbada nas ruas, confusão, acidentes, brigas, assaltos, mortes e muito, mas MUITO cheiro de urina. Tudo isso ao som miserável do funk (embora alguns blocos tenham música de qualidade) e um apoio impressionante da mídia, que eleva o Carnaval como grande festa cultural e extremamente importante para o povo.

Com todo esse material em mãos, escrevi e filmei o vídeo de título “Carnaval e

micareta”, que foi ao ar no dia 28 de janeiro de 2011 e se tornou um dos grandes

hits do Não Faz Sentido, passando das 3 milhões de visualizações em muito pouco tempo, embora não tenha recebido uma aceitação tão grande quanto os anteriores. Como estava criticando a festa mais popular deste país, o vídeo ficou com uma média superior a 10% de rejeição na quantidade de “gostei” e “não gostei”, mas mesmo assim foi um fenômeno de audiência aclamado pela maioria.

Um fato curioso sobre o vídeo “Carnaval e micareta” ficou por conta da sua duração. Até este vídeo, o mais longo que eu havia lançado tinha sido

“*Crepúsculo*”, com onze minutos de duração. Contudo, como o tema “Carnaval”

me despertava instintos primitivos de ódio e muita coisa pra falar, este vídeo ficou com mais de quinze minutos, uma verdadeira eternidade quando se tratava de vídeos para a internet. Antes de lançar, algumas pessoas ainda me alertaram, pedindo para que eu cortasse mais falas e reduzisse o tempo, com o objetivo de

ter mais visualizações, mas eu realmente queria fazer este teste. Será que as pessoas assistiriam a um vídeo do Não Faz Sentido com mais de quinze minutos?

Ninguém mais estava publicando vídeos tão longos no YouTube brasileiro, salvo

raras exceções que não contavam muitas visualizações.

Fui contra os conselhos e arrisquei. O resultado foi extremamente positivo e as

visualizações falaram por si só. Vários comentários ainda diziam: “Faça mais vídeos longos como este, já que não está lançando tantos vídeos.” Fazer um vídeo

de mais de quinze minutos passar das 3 milhões de visualizações em tão pouco tempo era realmente mais uma façanha impressionante do Não Faz Sentido, que

logo foi reconhecida em algumas notas de matérias na imprensa do país. Em pouco tempo, o YouTube brasileiro tinha saído do status de site onde você podia

ver vídeos de pessoas se machucando e gatos saindo de caixas para um site onde

você realmente se interessava em absorver conteúdo de quinze minutos de duração. A partir daquele dia decidi que os vídeos seriam mais longos, com o objetivo de tentar educar o público para consumir ainda mais o YouTube. Quanto

mais vídeos longos fossem postados, mais o usuário se acostumaria com isso e passaria a assistir a outros canais com produções mais longas.

A lógica era muito interessante, praticamente um divisor de águas. Se o YouTube conseguisse se estabelecer como um veículo de mídia de grandes

produções e com bastante tempo de duração, este poderia ser o futuro do entretenimento, principalmente no Brasil, um país assolado pelo quase sempre péssimo conteúdo da TV aberta e com um cinema que apenas engatinhava para

perto de seu potencial.

Uma lâmpada se acendeu em minha mente.

Era por volta das 2h. Com a Maddu dormindo no canto do nosso quitinete no

Catete, acendi a lâmpada do abajur e debrucei-me sobre o caderno velho e surrado do Botafogo. As ideias vinham como num turbilhão e eu tentava

apressadamente anotá-las o mais rápido possível antes que minha mão começasse

a doer.

Abaixo estão as anotações que fiz na época:

A internet é o futuro do entretenimento. A TV segue com seu pensamento

arcaico e conteúdo sem apelo aos jovens. Em algum momento isso vai dar

numa crise do cacete. Nenhum jovem que eu conheça gosta de assistir à televisão e prefere ficar horas e horas navegando na internet. (nota mental:

preciso fazer meus programas na TV e sair logo ou pode acabar dando

merda, meu futuro não é lá.)

O que antes era apenas zoação tá ficando sério. Os jovens não entram

mais no YouTube buscando só vídeos rápidos pra dar uma risadinha, eles

agora querem conteúdo de qualidade. Quanto mais eu impulsionar, mais

eles pedirão por vídeos mais longos.

Eu preciso ir além.

Tenho nas mãos uma força imensurável, que ninguém realmente sabe

ver, inclusive eu. Preciso usar isso para impulsionar o entretenimento do Brasil inteiro. Eu posso mudar esse país.

Relendo minhas anotações, percebo porque meu pai diz, desde a minha

infância, que eu tenho sérios problemas com mania de grandeza. Que mudar o país o quê, Felipe, porra, calma. Mas, enfim...

Hoje eu tenho o maior canal do YouTube. Se eu investir nos lugares certos,

posso criar um canal maior ainda que dê oportunidade para outros

artistas. Roteiristas, diretores, fotógrafos e principalmente atores.

E foi assim, pela primeira vez em definitivo, que nasceu a ideia de criar uma

produtora profissional de vídeos para a internet.

Se o canal crescer e se destacar, outros artistas vão se destacar e mais artistas vão querer se destacar também, criando seus próprios canais. Se isso acontecer, o YouTube brasileiro inteiro será revolucionado e vai passar a ter um conteúdo foda e de qualidade, com várias produtoras, artistas etc. Toda a classe artística vai ver que vale mais a pena começar um projeto próprio no YouTube do que ficar tentando uma chance

raríssima na TV. Toda essa caralhada de gente fazendo teste pra Malhação

vai perceber que vale muito mais a pena se unir e criar conteúdo pra internet.

Tudo isso vai virar uma bola de neve e vai trazer o público jovem em peso para passar horas no YouTube, em vez de perder tempo com a TV.

Vai nascer a revolução do entretenimento do Brasil.

Foi dessa forma que terminei minhas anotações, que guardo com muito carinho

até hoje. Transcrevi exatamente como está escrito em meu caderno. Como eram

pensamentos que eu precisava colocar rapidamente no papel, acabei utilizando

palavras como “caralhada”. Já pensou se um dia essa minha página vira uma daquelas famosas citações de artistas antigos? *“Toda essa caralhada de gente fazendo teste pra* Malhação *vai perceber que vale muito mais a pena se unir e criar conteúdo pra internet” – Neto, Felipe, 2010.*

Já era muito tarde, mas eu estava completamente aceso. Levantei da cadeira e

comecei a andar de um lado para o outro no quarto, pensando de que forma poderia ajudar a mudar o entretenimento no Brasil. Uma ideia já estava certa: tinha que começar criando uma produtora foda de vídeos no YouTube, com qualidade de cinema. Lá eu poderia revelar novos artistas e fazer com que cada

vez mais artistas quisessem sair de suas vidas mandadas na TV para realmente começarem a criar conteúdo próprio na internet. Seria uma tarefa dificílima, que

provavelmente levaria anos para ter algum resultado, mas, se tudo fosse feito da

maneira certa, poderia mudar para sempre algo que permanecia congelado no Brasil há mais de cinquenta anos.

Além disso, não parecia algo tão impossível assim, uma vez que o surgimento

do Não Faz Sentido e do Mas Poxa Vida tinham mudado definitivamente o próprio YouTube como um todo no Brasil. A cada dia milhares de novos vlogs

surgiam. Pessoas ficavam cada vez mais empolgadas com a perspectiva de ter um

trabalho na internet voltado para o entretenimento. A “era dos vlogs” já se tornava uma realidade. Se isso tinha acontecido com esse tipo de formato, por que não seria possível fazer a mesma coisa com o formato de produtora de conteúdo

de grande qualidade?

Mas tinha um grande problema.

Voltei para o caderno e escrevi:

PROBLEMA! DINHEIRO!

Quanto mais eu pensava, mais a palavra “dinheiro” vinha em minha mente.

Por inúmeros motivos, mas os dois principais eram (voltando às anotações):

1) Se não tiver dinheiro o suficiente, ninguém vai conseguir manter canal

no YouTube, então não vai funcionar porra nenhuma. Ter produtora é

caro, não dá pra fazer sozinho que nem vlog.

Isso era um fato. Enquanto o glamour de ter um canal de sucesso no YouTube

fosse imensuravelmente maior que a vida frustrada de um ator série B de teatro ou figurante de *Malhação*, a vida não era estável e muito menos segura. O dinheiro ainda era muito pouco. Afinal, eu tinha o maior canal do YouTube disparado, com números assustadores de audiência e mesmo assim estava longe de estar realmente rico. Imagine os canais medianos e, principalmente, os pequenos, como

qualquer um começaria.

2) Se começar a ter muito dinheiro, é bem capaz de os anunciantes passarem a controlar o conteúdo e proibirem uma série de coisas, como os

palavrões, o politicamente incorreto e as sacanagens com políticos.

Esse era o fator mais preocupante. O conteúdo do YouTube estava começando

a fazer muito sucesso com os jovens justamente porque eles conseguiam se identificar com o que era publicado. O linguajar era compatível com a realidade

que eles viviam, os vídeos eram feitos para eles, não ficavam se preocupando com o anunciante A ou B, muito menos com o politicamente correto, a moral e os

bons costumes. Se a internet realmente causasse essa revolução do

entretenimento, o próprio YouTube poderia se tornar a TV aberta do amanhã, controlada pelo dinheiro e pelas regras imbecis da moralidade babaca do conservadorismo. Puta merda, poderia ser ainda pior, o Ministério Público

poderia começar a impedir que determinados vídeos ficassem disponíveis a menos que tivessem “classificação indicativa” (o que eu ainda acredito que vai acontecer, se já não tiver acontecido na altura em que você está lendo este livro).

Pensando nisso, bolei duas possíveis soluções logo em seguida:

1) A produtora que vou lançar tem que ter força para atrair novos anunciantes e mostrar pra eles a força da internet. Podemos começar com

os que já anunciaram no Não Faz Sentido. Com isso elas também irão começar a querer investir em outros canais.

Isso era meio óbvio. Com o possível sucesso dessa produtora que eu criaria, os

anunciantes começariam a despertar o interesse de colocar dinheiro no YouTube.

2) Se a coisa ficar grande demais e os anunciantes começarem a querer

controlar o conteúdo, diremos não. Vou criar um guia de regras e

obrigações que o anunciante vai ter que assinar se quiser anunciar pra nossa audiência. Com o sucesso disso, passarei essas regras para os outros

youtubers para que eles também não deixem que seus vídeos percam a essência para o poder do dinheiro.

Era tudo uma grande molecagem, mas pra mim tinha um valor inacreditável.

Meu coração batia forte, o entusiasmo corria em minhas veias como se o Botafogo finalmente tivesse conseguido ganhar uma Copa Libertadores (se você

está lendo em 2020, espero que isso já tenha acontecido, pelo amor de Deus).

Eu continuava a escrever alucinadamente, anotando ideias aleatórias do que poderia ou não funcionar.

Tem que ser uma produtora de vídeos de humor, porque é o que está dando certo no YouTube atualmente. Depois podemos ir para outras coisas

em outros projetos, tipo drama, notícias e documentários.

Depois de muito, mas muito texto, comecei a definir coisas mais práticas.

Nome: preciso escolher um nome.

Periodicidade: 1 vídeo por semana por enquanto, porque se não vai ficar

muito caro.

Funcionários: eu como ator, roteirista e designer, um outro roteirista, um

programador pra fazer o site, um diretor pra filmar, um editor.

A partir daí comecei a fazer uma imensa lista de equipamentos que precisaria

comprar, escritório para alugar, móveis, utensílios, entre diversas outras coisas.

Ao final de tudo, percebi que precisaria de centenas de milhares de reais para

manter a empresa funcionando com tranquilidade durante um ano, pagando todas

as contas em dia e imaginando um cenário pessimista de que levaria meses para

começar a ganhar alguma coisa com publicidade neste novo canal, que começaria

do zero.

Já era muito tarde, quase de manhã. A barreira de sempre encontrava-se na minha frente: dinheiro. Àquela altura eu tinha conseguido fazer um bom dinheiro

por conta do Não Faz Sentido e da minha imagem. Minha conta bancária somava

algo em torno de 250 mil reais, um valor que pra mim era inacreditável considerando que oito meses antes eu me matava para conseguir alguns trocados

depois de ter quebrado completamente em 2008. Aliás, minha falta de inteligência

financeira era tão grande que o dinheiro encontrava-se na minha conta corrente,

parado, sem render um centavo. Se eu ia começar uma empresa, precisava corrigir esse meu defeito imediatamente.

Adendo: você agora pode falar: “Pera, como assim você tinha esse dinheiro todo e acabou de escrever ali em cima que não era rico?” Eu explico. De todo o

dinheiro que ganhara, a esmagadora maioria tinha vindo de fora do YouTube, em

campanhas publicitárias que envolviam minha imagem. Minha preocupação era como as produtoras ganhariam dinheiro dentro do YouTube, não fora dele. Além

do mais, essa quantia pode parecer muito dinheiro, mas, quando se tem o planejamento de montar uma empresa, passa a ser quase nada perto do que é necessário para bancar tudo sem riscos.

Eu tinha apenas duas escolhas à minha frente, que tratei de colocar no caderno:

OPÇÕES PARA BANCAR O PROJETO:

1) Investir do meu bolso e correr o risco de não dar certo, perder tudo e

falir.

2) Montar um projeto e mostrar para um investidor.

3) ...

Fiquei algum tempo tentando pensar numa opção 3. Finalmente percebi.

3) Não tem porra de opção 3.

Eu só tinha duas opções: ou arriscava tudo ou partia em busca de um

investidor, o que não seria tão difícil. Com um projeto bem montado e um bom

argumento de defesa, poderia encontrar algum empresário disposto a colocar algumas centenas de milhares de reais em troca de uma boa parcela da empresa.

Meu nome e o que já tinha feito no YouTube sem dúvidas atrairiam alguns olhares dos “donos do dinheiro”.

Por outro lado, não queria ter um sócio, muito menos um empresário

tradicional e engravatado que ficaria em cima do meu pescoço cobrando por resultados. Meu tio Gentil (o nome dele é Gentil, não estou dizendo que ele é uma pessoa gentil, embora seja. Aliás, ele é irmão da minha mãe, Rosa Esmeralda. Meus avós eram fodas) sempre disse: “Se for começar um negócio, não tenha sócios, sócio só dá dor de cabeça.”

De fato eu não poderia ter sócios. Ninguém tinha passado pelas coisas que passei no YouTube. De certa forma, mesmo em apenas oito meses, eu era uma das raríssimas pessoas que realmente poderiam conduzir um projeto voltado para

vídeos na internet. Eu conhecia o público, tinha noção do que funcionava e sabia

exatamente do gigantesco risco que seria. Qualquer sócio que entrasse com uma

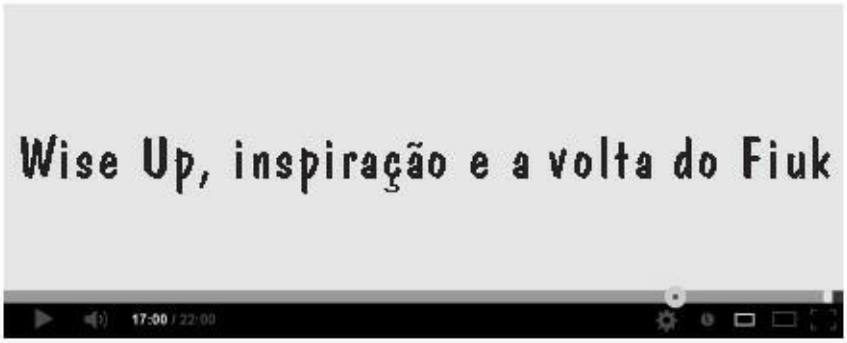
visão financeira do negócio, provavelmente seria incapaz de compreender as decisões arriscadas que eu teria de tomar para que desse certo. Com o controle do dinheiro, um sócio poderia matar meu projeto.

Eu tinha que arriscar tudo. Só não estava pronto pra isso.

Leia o QR Code com seu celular e

acesse o vídeo mencionado neste capítulo.

http://www.youtube.com/watch?v=H9-hRC_VhAw



Dia 29 de janeiro de 2011 peguei um avião rumo a São Paulo para participar de uma noite que tinha tudo para ser um saco. Algumas semanas antes

eu havia gravado meu comercial da Wise Up, que seria veiculado exclusivamente

na Rede Globo e provavelmente projetaria ainda mais a minha imagem. O

próprio Bruno Mazzeo me disse: “O dia em que minha carreira mudou foi o dia

em que saiu meu comercial da Embratel na Globo.” Por incrível que pareça, comerciais na TV tinham essa força (não sei se ainda têm) de projetar artistas. Por uma premissa simples: quanto mais seu rosto aparece, mais você fica valorizado e

todo mundo quer criar projetos com você. Quando se trata de um comercial que

passa o tempo inteiro e você é o protagonista, é um prato feito.

Agora, pegava o avião com o objetivo de participar de uma celebração

chamada Ometz Conference, uma conferência criada por Flávio Augusto para reunir os franqueados da sua rede de ensino: Wise Up, You Move e Lexical.

Todas elas eram empresas que ficavam debaixo do guarda-chuva da grande

empresa: Ometz. Na minha cabeça, estava indo para um evento chato onde executivos se encontrariam para comparar os valores de seus ternos e beber champanhe caro. Meu trabalho seria entrar no palco na hora em que chamassem

meu nome para que meu comercial pudesse ser visto pela primeira vez por todas

as pessoas do grupo. De bom, apenas o fato de que me encontraria com Fábio Porchat e Bruno Mazzeo, meus amigos, e conheceria o Rodrigo Santoro, de quem sou fã desde a adolescência. Mas um fato encontrava-se no topo do constrangimento. Pela primeira vez na vida me veria frente a frente com Fiuk, depois de toda a confusão.

Tentei bolar ideias para novos vídeos do Não Faz Sentido enquanto aguardava

meu voo. E também durante todo o período em que estava no ar. E também no

táxi a caminho do Credicard Hall. Mas nenhuma boa ideia surgiu.

Cheguei ao local do evento e fiquei assustado. Não se tratava apenas de uma

reunião de engravatados, mas sim de uma conferência para mais de duas mil pessoas, num espaço gigantesco e inteiramente personalizado com imagens da Wise Up. Ao chegar, uma imensa equipe de filmagem apareceu para cobrir minha chegada e um grande estardalhaço estava montado para uma ação

realmente grandiosa. Mais uma vez Flávio Augusto tinha saído do tradicional e tomado o caminho da ousadia, do investimento pesado em uma área que nem todos têm a coragem de investir: a moral e o entusiasmo de seus subordinados.

Mais do que isso, o apresentador da noite não seria um contratado por Flávio, que poderia ter colocado um Marcos Mion para fazer uma apresentação bem-humorada e pra cima. Não, Flávio optou pelo caminho ainda mais arriscado, ele

próprio seria o mestre de cerimônias, com microfone na mão e a cara pra bater.

Uma apresentação ruim significaria a perda de entusiasmo por parte dos mais de

dois mil funcionários de sua rede. Aquilo, pra mim, era a verdadeira definição de

“executivo do cacete”.

Aliás, se você acha que estou puxando o saco do Flávio, acho melhor alertá-lo

de que isso ainda acontecerá mais vezes durante este livro. O Flávio Augusto foi

o alto executivo mais importante que passou pela minha vida e provavelmente eu

não teria conquistado nada, ou sequer começado, se não fosse por ele. Então, por favor, shiu. (brinks, valeu por comprar o livro, te amo. Mentira, amo nada.)

Falando em amor, logo após conversar com o Porchat e conhecer o Rodrigo Santoro (simpático, alto pra cacete e intimidador, porque você fica ao lado do Rodrigo e pensa: “Ok, esse aqui do lado é o Rodrigo Santoro, ele matou o ‘Leônidas’ do filme *300*”), surgiu na minha frente aquele que tinha sido um dos maiores marcos da história do Não Faz Sentido: Fiuk, em carne, osso, chapéu e calças rasgadas em vários lugares diferentes.

No exato momento em que nos vimos e paramos frente a frente, a equipe de “making-of” do evento saiu de dentro de algum buraco, como mágica, e postou-se ao nosso lado, filmando tudo. Na mesma hora um pensamento insano veio em minha mente: “Imagina a confusão que daria se eu virasse as costas agora e deixasse ele falando sozinho.” Logo em seguida, lembrei que eu era um homem e não um pivete babaca metido a fodelão (esse era meu alter ego no Não Faz Sentido, não eu). Estiquei minha mão e ele fez o mesmo. Em seguida nos abraçamos, de leve, assim sem muito entusiasmo. Mas o sangue começou a subir pelas minhas costas e de repente nos vimos envolvidos em um beijo quente.

Entrelaçávamos nossas línguas enquanto sua barba roçava levemente meu...

Ok, eu não sou a autora de *Cinquenta tons de cinza*.

Nada disso aconteceu. Pois eu estava com minha namorada. Só por isso.

A verdade é que demos um abraço cordial e em seguida fomos todos juntos para o camarim, onde acabamos conversando durante um bom tempo. Lembro-me de um diálogo em específico.

– Aquela discussão por Twitter foi uma babaquice, cara – falei, já tocando no

assunto delicado, sem passar lubrificante.

– Com certeza, mano – Fiuk respondeu, aliás é surpreendente como o Fiuk e o

PC Siqueira falam parecido. – Eu tava muito puto na época.

– Não tá mais?

– Não, passou, tu falou umas paradas certas no vídeo, só não gostei mesmo que tu falou dos meus fãs.

– É, cara, opiniões diferentes, acontece.

Em seguida, Fiuk me falou de uma frase que seu pai, Fábio Junior, havia dito

pra ele:

– Uma vez, antes da fama, cheguei em casa felizão que o show da minha banda tinha lotado, aí fui falar pro meu pai. – O pai do Fiuk é o Fábio Junior, caso você não saiba. – Aí meu pai me perguntou: “Já tem gente te xingando?”, eu

falei que não, que tava geral curtindo e tal. Aí ele disse: “Enquanto não tiver gente te xingando, significa que você ainda não fez sucesso.” Na real, depois de

um tempo passei a pensar nisso sobre seu vídeo.

Não só isso era verdade como o Fiuk tinha acabado de me ensinar uma lição

valiosíssima. De fato isso era verdade. No início, assim que o Não Faz Sentido começou a fazer algum sucesso, a aprovação era quase unânime. Depois de um

tempo, quando começou a virar realmente algo gigantesco, começou a surgir um

número grande de pessoas tentando denegrir e tirar o crédito do meu trabalho no

YouTube.

Não que isso mudasse minha opinião sobre a forma como Fiuk tratava seus fãs, mas sem dúvida me fez compreender ainda mais minha própria situação.

Logo em seguida, me lembrei de algo curioso:

– Cara, mas pera aí. Quando eu estava pesquisando material pra fazer o vídeo

“Fiukar” eu vi um vídeo no YouTube do Luan Santana em um show. E ele falou

mais ou menos a mesma coisa que tu acabou de me falar, só que de um jeito mais

viado.

Fiuk pensou um pouco, coçou a barba e respondeu, com uma expressão triste:

– Pois é, eu contei essa história pra ele.

Luan Santana, se por ventura e acaso do destino você estiver lendo este livro,

sinto muito, mas roubar a experiência paterna do coleguinha é sacanagem.

Enfim, depois de bastante conversa com várias pessoas diferentes, incluindo o

próprio Flávio Augusto (que não só foi um excelente anfitrião como também transbordava excitação e alegria com tudo aquilo), o evento começou. E eu fiquei

embasbacado.

Assistindo pela televisão, vi o Flávio entrar no gigantesco palco e os mais de

dois mil funcionários levantarem-se para o aplaudirem. Mas não era um aplauso

comum, blasé, do tipo que você faz por obrigação. Era uma verdadeira confusão

de gritos, assobios, vivas e mais gritos. Naquela noite pude constatar o que o Flávio tinha criado. Não era apenas uma empresa multimilionária, era uma empresa multimilionária controlada por um líder que encantava, despertava a inspiração e gerava uma sensação impressionante de entusiasmo.

Aquele era meu sonho como empresário. Ver a capacidade de liderança do Flávio me fez perceber no que eu gostaria de me tornar. Um líder capaz de inspirar. Um executivo fora dos padrões, com força o suficiente para lançar inúmeros artistas e colocar a arte brasileira nas mãos de quem realmente tem de controlá-la: os próprios artistas.

Durante todo o evento, Flávio falou com imenso entusiasmo sobre todas as novidades que as escolas de inglês teriam para aquele ano. Chamou os

convidados para o palco, deu prêmios para os que mais se destacaram (as pessoas

comemoravam como se tivessem ganhado um Oscar) e ainda contou inúmeras

piadas. O mais incrível de tudo: eram piadas engraçadas.

Aquela noite tornou-se para sempre uma das mais importantes da minha vida.

Embora nada tenha acontecido de realmente especial diretamente nos resultados,

foi naquele momento que eu descobri meu caminho. Eu poderia insistir somente

na carreira de ator, trilhar meu caminho dentro da Globo e Multishow, fazer filmes no cinema e tornar-me apenas mais um ator no meio de tantos outros, ou

eu poderia tratar minha carreira de ator como algo secundário e buscar aquilo que tinha se tornado o fator que mais me gerava empolgação ultimamente: ajudar a revolucionar o entretenimento do Brasil, como empresário, executivo, um

integrante da raça que eu sempre detestei. Foi o Flávio quem me impulsionou a ir

por esse caminho, mostrando que um executivo pode fazer muito mais do que sentar atrás de sua poltrona e dar canetadas em projetos alheios. Um executivo pode inspirar, pode revolucionar, pode mudar pessoas. Em outras palavras: um bom executivo está muito próximo de um ator. E eu poderia ser os dois.

E daí que eu teria de arriscar tudo? O próprio Flávio havia começado a Wise

Up com um empréstimo no banco e uma ideia na cabeça. Além disso, eu tinha acabado de fazer apenas 23 anos. Se fosse para errar, essa era a hora. Ainda teria tempo para recomeçar, para me reinventar, até mesmo para voltar a investir somente na carreira de ator. O que eu não poderia fazer era sentar

confortavelmente na poltrona do novo apartamento que tinha alugado (dessa vez

com quartos, sala e cozinha em ambientes diferentes) e ficar esperando que alguma coisa acontecesse enquanto o Não Faz Sentido gradativamente

caminhasse para o fim.

Nas semanas seguintes, fiquei obcecado pela ideia de começar esta nova etapa

na minha vida. O Não Faz Sentido seria o grande impulsionador de algo muito maior. Ele seria o motivo de tudo, a razão pela qual tudo aconteceu. Por isso, não poderia deixá-lo de lado.

Trabalhei nas semanas seguintes como nunca. Escrevendo o projeto do canal

no YouTube, conversando com amigos do ramo do entretenimento e tendo

reuniões ocasionais com o próprio Flávio Augusto por Skype, que, mesmo com

sua agenda absurdamente entupida, ainda conseguia achar tempo para falar comigo durante horas e me incentivar no projeto com boas ideias e instruções sobre o mundo dos negócios. Sem pretender, ele virou meu tutor no mundo do empreendedorismo.

Muito motivado, fui até uma livraria e comprei dez livros voltados para a criação de empresas, principalmente voltadas para o mundo da internet.

Infelizmente não havia absolutamente nenhum livro em todo o planeta Terra sobre como criar uma empresa voltada para conteúdo de vídeo no YouTube, então precisava adaptar os conselhos e explicações para essa realidade ainda muito mal explorada. Consumia livros na velocidade da luz e chegava a sentir dores na coluna por ficar tanto tempo sentado planejando, lendo e falando por Skype.

Ninguém ao meu redor, exceto as pessoas realmente próximas, conseguia

entender o que eu estava fazendo. Por que estava deixando o Não Faz Sentido de

lado? Algumas pessoas achavam que eu tinha surtado, que não tinha sido capaz

de aguentar a pressão. Outras achavam que o dinheiro tinha subido a minha cabeça e que agora eu só queria saber de torrar grana e viver sem

responsabilidade.

O público do Não Faz Sentido se manifestava, reclamando da falta de vídeos.

Por mais que eu tentasse explicar, a essa altura já passava de 1 milhão de seguidores no Twitter e mais de 460 mil assinantes no canal do YouTube. Era impossível falar com toda essa gente, a menos que fizesse um vídeo explicando, o

que era inviável, pois o Não Faz Sentido não era um canal para vídeos tipo

“aviso”. Tive de lidar com a frustração do público enquanto me afundava em planejamentos. Sabia que tudo aquilo era por um bem maior, mas também sabia

que, quanto mais tempo eu ficasse sem atualizar o meu canal, maiores seriam as

chances de ele cair no esquecimento. A ideia era colocar menos vídeos, mas não

abandonar o canal por completo.

Em meados de fevereiro, uma nova bomba explodiu em minha vida. A

campanha da Wise Up foi ao ar e começou a aparecer nos intervalos da Globo diversas vezes por dia. Uma hora o meu comercial passava, outra hora passava o

do Fiuk. As cidades do Rio de Janeiro, São Paulo e Curitiba ficaram infestadas de pôsteres da Wise Up Teens, alguns com a minha foto, outros com a do Fiuk.

Imediatamente a imprensa se manifestou, jogando tudo no ventilador: “Felipe Neto e Fiuk estrelam campanha publicitária de curso de inglês.”

Embora fizéssemos comerciais diferentes, os jornalistas sabiam que a notícia seria muito mais interessante se o título desse a entender que estávamos juntos.

Como vivemos em um país onde as pessoas tendem a ler somente os títulos das

matérias e olhar somente as fotos das revistas, começou uma grande onda de ódio

contra a minha pessoa, com os argumentos de sempre: “vendido”, “por que tu gravou o mesmo comercial que ele?”, “você me decepcionou”. Logicamente isso

era uma minoria, mas o Não Faz Sentido já impactava milhões de pessoas e uma minoria ainda configura um número consideravelmente grande, capaz de fazer sua estabilidade emocional ser abalada.

Os títulos das matérias ajudavam diretamente nesse ódio:

Contigo: “Rivais: Fiuk e Felipe Neto participam da mesma campanha publicitária.”

O Fuxico: “Fiuk e Felipe Neto estrelam campanha para adolescentes.”

Stratag: “Fiuk e Felipe Neto na mesma campanha. Não faz sentido?”

Terra: “Após troca de farpas, Fiuk e Felipe Neto gravam comercial.”

Ao mesmo tempo em que algumas pessoas me acusavam de vendido, sem realmente saber de tudo que tinha acontecido e como eu havia parado na mesma campanha que o Fiuk (se você pulou alguma parte do livro, eu explico tudo isso no capítulo 11), outras pessoas foram além e começaram com teorias conspiratórias. Como você pode ver no parágrafo abaixo, extraído do blog Midday Filmes:

Pouco tempo depois, surge uma campanha publicitária de uma escola de inglês colocando Felipe Neto e Fiuk juntos para atrair adolescentes.

Brilhante ideia. Porém, eu não ponho minha mão no fogo por qualquer coisa que vejo na mídia em geral e nada, NADA me tira da cabeça que isso foi armação desde o início.

Exatamente, um número considerável de pessoas começou a cogitar a hipótese de que tanto o vídeo “Fiukar” quanto as farpas trocadas no Twitter tinham sido uma grande armação da Wise Up para lançar a campanha publicitária em seguida.

Em outras palavras, para algumas pessoas eu era vendido, decepcionante,

falso, manipulador e até mesmo covarde, pois para alguns eu deveria ter sentado a mão na cara do Fiuk na primeira oportunidade que tive.

Contudo, depois de tantas críticas ao longo dos últimos nove meses, dessa vez

já estava muito mais preparado para segurar o tranco. Foquei-me ainda mais na estruturação da minha empresa e simplesmente parei de ler as mídias sociais por

um tempo. Por uma ironia hilária do destino, foi o próprio Fiuk quem me ajudou

a refletir de maneira ainda mais sóbria quanto ao assunto, graças ao brilhante ensinamento de seu pai, Fábio Junior, de quem, inclusive, sou fã.

Era fato, não tinha mais volta, eu teria de conviver com as críticas e os xingamentos enquanto estivesse exposto e realizando novos trabalhos. Nada iria

mudar isso. Mesmo se um dia eu invadisse um prédio em chamas e salvasse um

bebê recém-nascido da morte, com certeza algum indivíduo comentaria na

notícia: “Esse cara é um babaca, só salvou o bebê pra aparecer.”

Por fim, se teve alguém que realmente se beneficiou com tudo isso, foi a própria Wise Up. A campanha foi um sucesso de proporções impressionantes.

Durante dias esse era o assunto mais comentado nas redes sociais, o que automaticamente promovia a campanha de forma arrasadora. Para se ter uma ideia, mesmo sem qualquer divulgação de minha parte, o vídeo no YouTube contendo minha propaganda de trinta segundos (a mesma que passava na Globo)

atingiu mais de 300 mil visualizações. Já a do Fiuk ficou com 58 mil, um número

também expressivo para uma simples propaganda, que não teve qualquer tipo de

promoção. Era simplesmente o próprio público buscando no YouTube o vídeo do

comercial.

A velha premissa “fale mal, mas fale de mim” novamente tornou-se verdadeira.

Com o burburinho todo causado pelo fato de o meu nome estar envolvido na mesma campanha do Fiuk, o comercial foi um sucesso e minha imagem

fortalecida ainda mais.

Feliz com o resultado da ação e extremamente motivado pelos conselhos e postura do Flávio, passei a me debruçar sobre o caderno velho do Botafogo ainda

mais. Eu não poderia desperdiçar o momento. Se era para lançar uma nova produtora no YouTube, aquela era a hora, se esperasse demais correria o risco de

ver meu nome caindo no esquecimento e perdendo a força de divulgação para um

novo projeto. Ao mesmo tempo, ainda gravava o programa do Multishow e os quadros que estreariam no *Esporte Espetacular* em breve. Era uma correria insana, mas extremamente prazerosa. O grande problema? Não envolvia o Não Faz Sentido, que continuava sem atualizações.

Ao final de fevereiro de 2011, enquanto me refugiava trancado dentro de casa

esperando que as festividades do Carnaval se dessem por encerradas, finalmente

decidi o nome de meu novo projeto.

Há muitos dias eu quebrava a cabeça tentando definir qual seria o nome certo

para um canal de vídeos de humor no YouTube. Eu queria algo que não tivesse

qualquer relação comigo ou com o Não Faz Sentido, para que o canal tivesse vida própria e não dependesse da minha imagem. Ele seria composto pela imagem dos artistas que estivessem envolvidos, o que trazia uma dinâmica muito

mais excitante.

Dentro de minhas insanidades, vários nomes foram escritos no caderno do Botafogo. Entre eles, “Jurubeba”. Sim, durante algum tempo cogitei seriamente

a

possibilidade de chamar meu projeto de Jurubeba. Processe-me.

Eu não queria que o nome tivesse a ver com “risada”, ou “comédia”, isso seria extremamente clichê. Imaginem um canal chamado “Canto da Risada” ou “Comédia Total”. Desastre.

Depois de muito quebrar a cabeça, acabei percebendo a resposta bem na minha frente. Estava ali o tempo inteiro.

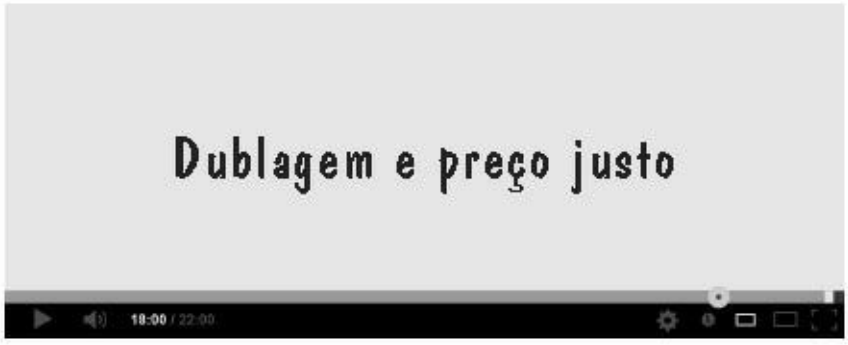
Alguns meses antes, por conta das notas fiscais que precisava emitir para poder receber o dinheiro das campanhas publicitárias que fazia, fui forçado a criar uma empresa, somente com o objetivo de emitir notas, nada mais. Na época, na hora de criar um nome, acabei colocando a primeira palavra que passou pela minha cabeça, literalmente. Pensei por apenas dois segundos: “Imagine uma palavra.”

Imediatamente me veio à cabeça “Parafernalha”. (Na verdade, se escreve “parafernália”, mas acabei registrando com “lh” e virou motivo de piada depois.)

Não há qualquer explicação lógica, qualquer significado obscuro, foi simplesmente a primeira palavra que me passou na mente naquele instante.

Finalmente, depois de refletir durante dias e pedir ajuda para todas as pessoas mais próximas, percebi que o nome mais adequado para meu projeto era aquele que eu havia pensado em apenas dois segundos. Era despretensioso, sem tentar parecer criativo ou ter qualquer lógica por trás.

Era apenas “Parafernalha”.



Com o início de março, eu me via cada vez mais concentrado no

planejamento da Parafernalha e na leitura de todos os livros possíveis sobre o mundo dos negócios, as técnicas de liderança e as manobras para sobrevivência

de uma start-up. Além disso, passava horas e horas dos meus dias gravando o programa do Multishow e novos quadros de humor para o *Esporte Espetacular*.

Minha agenda era insana, o trabalho motivador, mas de repente comecei a sentir

uma incrível angústia.

O Não Faz Sentido não era atualizado desde o dia 28 de janeiro e, embora o

vídeo sobre Carnaval e micareta ainda estivesse fazendo muito sucesso graças ao

período festivo, uma sensação de peso no estômago tornava-se cada vez mais presente. Meu grande problema, contudo, era por conta do severo déficit de atenção de que sofro, que se manifesta de maneira agressiva quando se trata de ter a obrigação de fazer algo que não estou com vontade de fazer. A realidade era que o Não Faz Sentido, pela dificuldade envolvida e a falta de tempo, havia se tornado algo que eu não conseguia ter paciência para realizar. O resultado era a

mais absoluta procrastinação, muito embora eu tentasse, a todo o momento, pensar em um novo tema que pudesse se tornar um vídeo interessante.

Os dias se passavam. O projeto “Parafernalha” começava a ganhar corpo.

Mesmo sem ainda ter se tornado realidade, duas pessoas já haviam sido pré-

contratadas: Leonardo Luz, um amigo de longa data que era bom com roteiros, e

João Fernando Sangenetto, o irmão de um conhecido que parecia ter talento com

programação de websites. Eles acabariam por se tornar os dois primeiros integrantes da Parafernalha.

Fui à procura de um escritório, rodei diversos lugares até perceber que a melhor opção seria uma minúscula sala no Largo do Machado, bem à frente de uma estação do metrô. O espaço era apertadíssimo, apenas vinte metros

quadrados, mas era onde eu começaria meu grande sonho, mesmo que isso

significasse passar mal por falta de ar em um ambiente que não conseguiria suportar com tranquilidade mais de 4 pessoas.

Enquanto a papelada de locação começava a ser arrumada e eu planejava todo

o investimento que seria necessário para os próximos 36 meses, tive a ideia do próximo vídeo do Não Faz Sentido, enquanto assistia a algum filme na Rede Globo. O filme era dublado (como tudo na TV aberta) e aquilo me inspirou para

o próximo tema de vídeo do canal. A dublagem brasileira.

O tema sempre havia me incomodado, desde a época em que eu administrava

o site de seriados IsFree.TV. À época, uma grande bomba havia acontecido quando o canal da TV fechada, FOX, decidiu colocar quase toda a sua

programação dublada, gerando uma grande revolta entre os fãs das séries que eram exibidas em sua programação. Porém, contra todos os indícios que pareciam

claros para nós, reles mortais que não estamos nos bastidores do mundo da TV, a

ideia deu certo. Com a entrada em massa da Classe C (principalmente da “nova

classe c”) no mundo da TV fechada, a demanda para a programação dublada cresceu consideravelmente e a FOX beneficiou-se da decisão.

O que acabava deixando os fãs, como eu, mais putos ainda.

O grande problema nunca foi os dubladores em si, mas a grande tragédia que

era cometida quando uma obra quase perfeita, como o filme *Gladiador*, era passada para a versão dublada. No país do politicamente correto e com a preocupação imbecil de que entretenimento deve ter função socioeducativa, todos

os termos mais pesados dos filmes são cortados, palavrões são deixados de lado e

palavras completamente estapafúrdias entram na trama, como “os tiras estão chegando”. A dublagem acaba empobrecendo muitas obras e somos obrigados a

engolir um conteúdo que nem mesmo os próprios dubladores sentem-se

plenamente satisfeitos em realizar.

Tudo isso também ajudou a fortalecer ainda mais a ideia de que entretenimento

não pode ter palavrão. Todos os filmes transmitidos no *Sessão da tarde* ou até mesmo no *Tela quente* têm sua linguagem totalmente adaptada. Um “this is fucking serious” (isso é sério pra caralho) acaba virando um “isso é sério pra caramba”, não esquecendo, é claro, quando os executivos decidem nos premiar com um “isso é sério pra dedéu”.

Com a ideia na cabeça sobre o que iria criticar, um grande problema surgiu à

minha frente. Um problema com o qual eu não havia lidado antes, algo que eu sabia que iria acontecer a qualquer momento e já estava tentando me preparar para isso.

Em todos os outros vídeos do Não Faz Sentido, eu era um completo *outsider*, ou seja, estava de fora, criticando e condenando as coisas que observava literalmente de fora pra dentro. Quando critiquei as bandas Restart e Cine, não fazia ideia de quem eles eram pessoalmente, muito menos que o vídeo chegaria realmente até eles. A mesma coisa com Fiuk, Preta Gil, entre tantas outras personalidades ou temas específicos.

Dessa vez, contudo, eu já tinha me tornado inteiramente um *insider*. Já conhecia inúmeras celebridades e artistas, tinha virado amigo de pessoas que antes nem imaginava que viria um dia a conhecer e, pior ainda, fui apresentado a

inúmeros executivos de vários setores diferentes do entretenimento. Presidentes de rádios, inúmeros executivos da TV, dos estúdios de música, das produtoras de

cinema, de grandes marcas anunciantes. Enfim, em termos mais simples e diretos,

eu estava fudido.

Por quê?

Porque eu não era mais apenas “carinha que critica as coisas”. Agora tinha contato com as coisas que viria a criticar. Quase todos os temas brasileiros que viesse a atacar estariam provavelmente atingindo alguma pessoa que eu conhecia

pessoalmente. Isso poderia atrair inúmeros inimigos poderosos que poderiam fechar inúmeras portas para minha carreira artística.

Foi nesse momento que tremi levemente na base. Foi também nesse momento

que pessoas começaram a achar que a razão pela qual eu não estava gravando vídeos era que agora eu era um “global” e não poderia mais criticar as coisas.

Mais uma vez atento para outro problema sério que temos no Brasil, outra babaquice do politicamente correto que impera no nosso meio artístico: ninguém

tem o direito de falar merda nenhuma.

Recentemente, no momento em que escrevo este parágrafo, ocorreu o Oscar 2013. Antes de acontecer a premiação, uma das atrizes indicadas, Jennifer Lawrence (linda, maravilhosa, incrível – amor, não fica com ciúmes), foi convidada para uma participação no programa de humor *Saturday Night Live*. Lá, ela fez um monólogo cômico sacaneando todas as outras indicadas ao Oscar de

melhor atriz. Eis o discurso:

“Jessica Chastain – Indicada por *A Hora Mais Escura* – ou melhor, Jessica que não vai ganhar o Oscar enquanto eu estiver de olho! Em *A Hora Mais Escura* você capturou Bin Laden. Mas, em *Inverno da Alma*, eu peguei um esquilo e depois eu o comi!”

“Naomi Watts – Indicada por *O Impossível* – Você estava em *O Impossível*.

Sabe o que é mais impossível? Você me superar na noite do Oscar!”

Até aí tudo bem, mas o melhor veio para as duas últimas indicadas.

Quvenzhané Wallis, uma menina de 9 anos que se tornou a mais jovem indicada

da história, e Emmanuelle Rica, uma atriz francesa de 85 anos. Eis o que Jennifer disse:

“Quvenzhané, o alfabeto ligou. Ele quer as letras dele de volta.”

“Emmanuelle Riva, uma senhora francesa de 85 anos? Acho que consigo

superá-la.”

Sabe quando esse discurso seria aceito no Brasil? Absolutamente nunca. Pelo

menos não até o presente momento em que escrevo este livro. Qualquer artista brasileiro que se prestasse a sacanear colegas de trabalho publicamente seria tratado como arrogante, de fazer brincadeira de mal gosto, não merecedor de qualquer conquista. Aqui os artistas devem sempre esconder suas opiniões, pensar o tempo inteiro que qualquer nesga de crítica publicada pode gerar uma gigantesca bola de neve, que fechará portas para suas carreiras e colocará o público brasileiro contra eles.

Nesse momento, era assim que eu me sentia. Com meu discurso quase todo montado para sacanear o universo da dublagem, contive-me em pensamentos

sobre o fato de que eu conhecia pelo menos cinco grandes dubladores do mercado brasileiro. Além do fato de que eu mesmo sempre tive o interesse de um

dia me tornar dublador de filmes de animação (vale ressaltar que a crítica ao mundo da dublagem era inteiramente sobre os filmes e seriados sem animação, pois sou um grande apreciador da dublagem brasileira para esse gênero). Fazer esse vídeo provavelmente significaria fechar esta porta para sempre.

Este foi um dos primeiros momentos em que senti a real pressão de criticar algo

do universo do qual agora eu fazia parte. Muito por isso, considero que o vídeo “Regras da dublagem” foi um marco decisivo para o Não Faz Sentido.

Pensei muito em não fazê-lo, pensei em parar de vez de condenar questões que envolvessem o universo brasileiro da arte. Mas eu não poderia fazer isso. Com risco ou sem risco, não poderia deixar que o fato de me tornar um *insider* prejudicasse o conteúdo do canal. O Não Faz Sentido precisava manter a mesma

pegada, caso contrário eu me submeteria, de fato, ao termo “vendido”, omitindo

minha opinião com o único interesse de me beneficiar pela negligência.

Tive uma ideia melhor. Se era para tirar um sarro do universo da dublagem, então tentaria ir além, incorporando o estilo americano de fazer humor. Decidi convidar dois grandes dubladores para participarem do vídeo. Guilherme Briggs,

dublador de personagens como Buzz Lightyear, Freakazoid, Optimus Prime,

Superman, entre muitos outros. E Mabel Cezar, dubladora de personagens como

Luluzinha, Jay Kyle (da série *Eu, a Patroa e as Crianças*), Jessie (de *Toy Story 2*), entre muitos outros.

Pensei que o fato de satirizar o mundo da dublagem com participações

especiais de dois dos maiores dubladores do Brasil poderia mostrar que é possível fazer um humor crítico no cenário brasileiro contando com a própria autozoação

dos “alvos”. Ambos toparam na hora, o que imediatamente me deixou bastante animado com o resultado final.

Para o Guilherme, coloquei uma rápida participação, onde ele me dublaria na

frase: “Que criança nunca se perguntou quem diabos é Herbert Richers?” Já para

a Mabel preparei algo ainda mais especial. No meio do vídeo, uma voz do além

começaria a me sacanear. O diálogo ficou assim:

– Felipe Neto – começava Mabel.

– Ih, caraio.

– Tá me ouvindo?

– Deus?

– Não. Se eu fosse Deus, te chamaria de filho bastardo que deu errado. E não

de Felipe Neto.

– Ih, caraio.

– Quem você pensa que é pra falar de dublagem, hein rapazinho? Sabia que a

vida de dublador é muito sofrida? A gente é criticado muitas vezes por coisas que a gente não tem culpa! Mas você, como atorzinho de circo de rodeio, não podia

entender essas coisas.

– Opa, circo de rodeio não, eu sou ator de peças de segunda linha, mais respeito! – Nesse momento aproveitei para me autosacanear com a crítica que recebi da revista *Veja*.

– Eu vou te ensinar uma lição, rapazinho.

–Ah, é? E o que você vai fazer? Você é uma voz! Dubladora, vozinha do além! Você vai me xingar de sacripanta? Nem falar palavrão você pode! Vai falar

que esse vídeo é uma tolice?

– Eu não posso falar palavrão no estúdio. Mas é com muito prazer que eu deixo aqui o meu eterno VAI TOMAR NO CU, Felipe Neto.

– Ih, caraio.

Considero que a participação da Mabel foi uma das coisas mais incríveis que já

coloquei no Não Faz Sentido. Mais do que simplesmente brincar com a

autozoação, deixei marcado para sempre a voz da Luluzinha falando “vai tomar

no cu, Felipe Neto". Isso não tem preço.

Melhor ainda, o vídeo conteve uma inserção patrocinada da Wise Up. No momento em que eu começo a falar sobre as pessoas precisarem aprender inglês (o que considero uma necessidade básica de estudo), imediatamente coloco a recomendação da Wise Up. Considero esse um grande passo para o YouTube brasileiro como um todo, pois, diferentemente de outras inserções publicitárias que já havia feito, esta foi a primeira vez em que um anunciante (no caso, a Wise Up) decidiu que não interferiria em absolutamente nada do produto final. Eu tive 100% de liberdade criativa, sem necessidade de pré-aprovação do roteiro ou até mesmo do vídeo. Ele foi ao ar exatamente como foi feito, com palavrões, críticas ácidas e a Luluzinha me mandando ir tomar no cu.

Enquanto agências e clientes morriam de preocupação (e ainda morrem) sobre o fato de suas marcas ficarem associadas a um discurso politicamente incorreto, a Wise Up simplesmente se desligou de qualquer preocupação e o resultado foi incrível para a própria marca.

Enfim, o vídeo foi ao ar, carregado de críticas ácidas, bem como informações pertinentes que muitas pessoas desconheciam, como o fato de que são os próprios estúdios que proíbem a maioria das coisas que faltam na dublagem brasileira (para se ter uma ideia, há estúdios que proíbem até mesmo que na dublagem tenha expressões como "nossa" ou "meu Deus", com o argumento de que são expressões religiosas).

E foi aí que a merda aconteceu.

Os dois primeiros dias foram fantásticos para o vídeo. Imediatamente ultrapassou a barreira do primeiro milhão de visualizações. Tudo caminhava

maravilhosamente bem, quando de repente... Tudo desandou.

Dois dias após o vídeo estar no ar, Guilherme Briggs me telefonou.

Música de suspense...

Ok. Não precisa de música de suspense. A verdade é que o Guilherme estava,

como posso dizer? Desesperado. Em sua explicação, ele disse que não sabia que

o vídeo ficaria tão pesado e que deveria ter pensado melhor quando topou participar, pois agora estava com muito medo do que poderiam fazer com a sua

carreira.

Tentei argumentar, dizendo que o vídeo não estava tão pesado assim, muito pelo contrário, pois eu isentava os dubladores o tempo inteiro e colocava a culpa nos estúdios e nos executivos que tomam as decisões. O que eu esqueci, contudo,

é que eram esses executivos que pagavam o salário do Guilherme. E subestimei a

capacidade dos executivos brasileiros de se considerarem acima do bem e do mal.

Infelizmente, o simples fato de o Guilherme ter apenas falado uma única frase no

vídeo poderia resultar em uma tragédia na sua carreira.

Ao mesmo tempo em que explicava, Briggs pedia desculpas o tempo inteiro,

dizendo que não queria me prejudicar nem o Não Faz Sentido e inclusive repetia

que o vídeo tinha ficado bom (apesar de discordar de um ou outro ponto), mas que ele não poderia correr esse risco.

Não teve jeito. Jamais poderia colocar a carreira de um amigo em risco. Na mesma hora, mesmo já somando mais de 1,8 milhão de visualizações, tirei o vídeo do ar. Disse, em seguida, a ele:

– Cara, eu nunca quis te prejudicar, você sabe. Por favor, faça o que for preciso,

pode escrever um post no seu blog detonando meu vídeo, falando que eu

te enganei, o que for preciso. Pode jogar a culpa pra cima de mim. Fala que eu

pedi que você mandasse sua participação sem falar que era para um vídeo, não me importo, desde que você fique isento de qualquer risco.

Claro que o Guilherme, sendo uma das pessoas mais doces que já conheci na

vida (além de um dos melhores profissionais em seu ramo), não fez isso, mas concordou que precisava se pronunciar, caso contrário poderia se dar mal. No dia

seguinte, publicou em seu blog um texto em que dizia não concordar com o teor

do vídeo do Não Faz Sentido. Afirmou que sabia que sua voz seria usada no vídeo, mas que não tinha noção do roteiro.

Na mesma hora liguei para Mabel, a outra dubladora que participou do vídeo.

Contei toda a história, mas o caso dela era bem diferente. Enquanto o Guilherme

tinha apenas feito uma participação em voz, a Mabel tinha ido além e me xingado

(“vai tomar no cu, Felipe Neto”). Com isso, sua participação no vídeo não assinava embaixo do discurso do vídeo em si, apenas me sacaneava. Justamente

por isso, Mabel disse que não tinha problema algum e permitiu que eu reenviasse

o vídeo com sua participação. Removi a parte do Guilherme e recoloquei o vídeo

no ar, perdendo todas as quase 2 milhões de visualizações que já haviam sido atingidas.

Com o vídeo republicado e a declaração do Guilherme postada em seu blog, as

mídias sociais fervilharam com acusações de que eu havia enganado Guilherme Briggs. Alguns mostravam-se apenas decepcionados, enquanto outros

aproveitavam a oportunidade para me descascar de todas as formas possíveis, deixando claro que sempre souberam de como eu era mau-caráter e manipulador.

Muitas pessoas torcem para que aquelas que ganharam algum destaque caiam.

São essas pessoas que, na primeira e menor oportunidade que enxergam,

começam a fazer presunções e atacar de forma veemente, para que mais e mais pessoas acreditem naquela verdade. A evidência traz consigo muito ódio, muita inveja, muita energia negativa. Nesse dia, recebi tudo isso em larga escala.

Fiquei absolutamente calado, pois era melhor eu sair como vilão na história do

que correr o risco de prejudicar a carreira de um grande amigo e alguém por quem muito torço. Foi difícil. A vontade era explicar para todo mundo que aquilo

só estava acontecendo porque muitos dos executivos do Brasil não permitem que

seus artistas estejam associados a qualquer material opinativo, muito menos a um

que critique seus próprios trabalhos, mas tive de reunir todas as forças cósmicas de paz de espírito presentes no universo para me segurar de fazer um

pronunciamento. Acho que tomei uns cinco banhos nesse dia.

Digo que esse foi um exemplo de erro cometido na história do Não Faz Sentido, pois resultou em algumas perdas consideráveis. Perder 2 milhões de visualizações não é algo que possa ser subestimado, principalmente por contar uma propaganda da Wise Up. No final, o número mostrado como resultado final

acabaria sendo o do segundo vídeo postado no canal, não o somatório. Além disso, todo esse acontecimento serviu para que eu percebesse cada vez mais que

tinha me tornado, de fato, um cara de dentro do sistema, que eu tanto criticava.

Agora a coisa era muito mais difícil. Qualquer palavra mal colocada poderia resultar em uma gigantesca pilha de merda. Pessoas poderiam sair prejudicadas, eu poderia tomar um processo milionário, ou inúmeras portas poderiam ser simplesmente fechadas na minha cara. Até hoje nunca fui chamado para qualquer

participação de dublagem, mesmo após ter manifestado nas redes sociais que gostaria de um dia participar de um filme de animação ou um desenho de TV.

Não acredito que essa porta se abrirá novamente. Afinal, mesmo tendo perdido as

primeiras 1,8 milhões, o vídeo hoje já soma mais de 3,5 milhões de visualizações.

O tempo passou, o assunto morreu. Mais uma vez a internet provou que as histórias terminam tão rápido quanto começam. Poucos dias depois já estava novamente debruçado no planejamento da minha empresa. O Leo e o Nando, os

dois primeiros funcionários da história da Parafernalha, já esperavam ansiosos o

dia em que o trabalho começaria. Mas ainda faltavam alguns detalhes importantes

para o início das operações e eu não poderia tratar esse negócio como algo leviano que poderia ser feito de qualquer maneira, era a aposta da minha vida e

muito dinheiro estava em jogo, praticamente tudo aquilo que eu havia acumulado

com o sucesso do Não Faz Sentido. E, quando você estuda e descobre que quase

60% das empresas criadas no Brasil fecham nos primeiros cinco anos de

existência, seu cérebro começa a entrar em pane. Aliás, grande parte do meu estudo nessa época foi justamente em tentar descobrir as razões pelas quais os empresários mais cometem erros que resultam no fechamento de seus negócios.

Muitas vezes é tão importante aprender onde não errar quanto onde acertar.

Um dos maiores erros que descobri, por exemplo, não teve nada a ver com o

mundo dos negócios em si, mas serve como exemplo do quão difícil é planejar qualquer tipo de coisa de modo preciso. O telescópio Hubble, logo depois de ter

sido enviado para o espaço, constatou um enorme problema: todas as imagens

enviadas chegavam fora de foco e inúteis. Foi então que os cientistas descobriram que um dos espelhos do telescópio tinha sido fabricado com as bordas cerca de 2,2 mícrons mais planas que o esperado (um fio de cabelo costuma ter de 60 a 80

mícrons). Por causa de um erro telescópico, o prejuízo causado para o conserto foi de quase 1 bilhão de reais.

Ao longo da minha vida empresarial cometi alguns erros que custaram

dinheiro, embora não tenha sido nem perto de 1 bilhão de reais (por isso ainda não precisei me prostituir). Contudo, a história do telescópio sempre fica na minha cabeça quando preciso tomar alguma decisão cirúrgica dentro dos meus empreendimentos. Às vezes, uma simples palavra mal colocada para determinado

funcionário pode resultar em um prejuízo na escala de centenas de milhares de reais. E eu não tinha dinheiro o suficiente para calcular o risco de perdê-lo.

Seguindo a premissa de um de meus ídolos, Chapolin, “meus movimentos

precisam ser friamente calculados”.

Esse período seguinte ao vídeo sobre dublagem também foi marcado pelo

maior índice de gravações do quadro do *Esporte Espetacular*, além do término da minha mudança para meu novo apartamento, em Laranjeiras, onde passei a morar

com a Maddu. Mas como ninguém está interessado em saber sobre a minha mudança e nem eu estou afim de escrever sobre isso fica aqui apenas a presença

de um parágrafo inútil que espero que não seja cortado pelo editor deste livro, que é o Raphael Draccon, um grande amigo autor de best-sellers maravilhosos no mundo da fantasia da literatura brasileira. Puxada de saco básica pra que o parágrafo fique aqui. Vamos em frente.

Com o turbilhão de acontecimentos, mais de um mês se passou. Período em que terminei a mudança, gravei uma boa frente de cenas para a Globo, fiz reuniões no Multishow para definir o programa novo (sim, eles quiseram outro

programa), finalizei a locação do escritório da Parafernalha (YAY! Agora finalmente tínhamos um espaço físico) e machuquei a nádega direita em um pedaço de metal que resultou numa cicatriz que tenho até hoje. Achei que essa última informação era importante para este livro.

Em meados de abril de 2011, surgiu a ideia do vídeo seguinte do Não Faz Sentido.

Já estava começando a mobiliar o escritório da Parafernalha. O que não era muito difícil, visto que só cabiam quatro mesas, quatro cadeiras, um frigobar e quatro pessoas passando mal. Contudo, a maior dor de cabeça vinha pela parte de

equipamento.

Embora ainda não tivesse contratado a equipe, a Parafernalha seria uma

produtora de vídeos, logo precisaria de equipamentos de filmagem. Câmera, microfone, gravador de áudio, equipamento de iluminação, entre muitas outras coisas, até mesmo uma mochila para carregá-los chega a custar mais de 500 reais.

E foi justamente na hora de fazer a checagem de preço que surgiu a ideia do vídeo.

– Amor, olha isso – chamei a Maddu para ver a tela do meu computador. Abri

então dois sites, com a mesma câmera à venda.

– Esse é o site brasileiro. A câmera custa mais de 5 mil reais.

Então abri o site americano, onde a mesma câmera custava algo em torno de

mil e duzentos dólares.

– Cacete, amor, você deveria fazer um vídeo sobre isso – ela disse.

Era exatamente o que eu estava pensando.

Quando fui pesquisar sobre o assunto mais profundamente, vi escândalos

absurdos em relação aos preços dos produtos, principalmente eletrônicos,

vendidos no Brasil, com relação aos mesmos produtos vendidos no exterior. O

maior problema era, como sempre, a altíssima carga de impostos. Era tanto imposto que ficava difícil encontrar um estudo que realmente conseguisse reunir

com precisão tudo que ia para o governo quando você comprava uma câmera por

5 mil reais. Fato era que o valor chegava a mais da metade.

Aquilo me indignou profundamente. O argumento principal era de que os

impostos eram colocados para que os produtos ficassem mais caros que os produtos nacionais, incentivando as pessoas a comprarem somente o que fosse fabricado no Brasil. O problema é que quase todos os eletrônicos que compramos

não possuem qualquer concorrente brasileiro, o que nos deixa com a única opção

de pagar uma fortuna para os cofres públicos, dinheiro este que, como todos sabemos, acaba indo para o bolso de algum político corrupto, enquanto apenas alguns centavos retornam em forma de educação, saúde, transporte, saneamento

ou manteiga de amendoim (é um absurdo não termos manteiga de amendoim de

graça).

A maior indignação veio depois que constatei que, praticamente para todos os

produtos eletrônicos comercializados, o Brasil era o país com os valores mais caros de todo o mundo. Embora os outros países também colocassem impostos sobre esses produtos, a esmagadora maioria deles o fazia de forma sensata, deixando um iPad com preço de iPad, em vez de ficar com o preço de uma aeronave intergaláctica.

Para se ter uma ideia de como funciona o governo brasileiro (ou pelo menos funcionava, se você estiver lendo em 2020 eu espero que nossos governantes já

tenham tomado vergonha na cara), um carro fabricado no Brasil custa mais caro

no próprio Brasil do que no México. Exatamente. O carro é fabricado aqui, exportado para o México, passa pelas tarifas mexicanas e ainda assim é mais barato comprar o carro brasileiro lá do que aqui. Esse é o governo que nós temos

em relação a impostos sobre produtos.

Steve Jobs, falecido fundador da Apple e um dos maiores gênios do mundo dos eletrônicos (se não o maior), deu a seguinte resposta quando foi perguntado

sobre investir numa fábrica no Brasil: “Não podemos nem exportar os nossos produtos com a política maluca de taxação superalta do Brasil. Isso faz com que

seja muito pouco atraente investir no país.”

Com uma profunda pesquisa em mãos, fui atrás de um amigo que comandava

o jornal Brasil 247, um dos maiores veículos on-line de notícias do país. Contei a ele sobre minha intenção de montar algum tipo de projeto que pudesse mudar essa situação no Brasil.

“Cara, faz um abaixo-assinado” foi sua resposta.

Nunca fui de acreditar que um abaixo-assinado poderia resultar em muita coisa

nesse país, mas ao mesmo tempo me vi impulsionado pelo projeto Ficha Limpa,

que começou como um abaixo-assinado e resultou num projeto de lei que ajudou

a melhorar nosso sistema político. Foi nessa hora que a coisa começou a ficar complicada.

Eu não tinha condição de iniciar um projeto de lei. Não sou político, não tenho

grandes conexões políticas e não poderia dedicar minha vida a esse projeto.

Contudo, poderia fazer o que o Não Faz Sentido faz de melhor: vomitar a informação e gerar o interesse de milhões de pessoas sobre o tema.

Por isso, decidi que faria um manifesto. O manifesto “Preço Justo”, onde coletaria assinaturas on-line e levaria para nossa presidente Dilma, no peito e na coragem, mesmo que isso não representasse rigorosamente nada.

O objetivo não era criar uma nova lei ou gerar uma emenda de qualquer tipo.

O maior objetivo seria informar, engajar o público em torno de um problema que

a maioria desconhecia, mostrar a todos o absurdo cometido pelo nosso governo quando compramos qualquer tipo de eletrônico, seja um celular ou um filme em

DVD (no momento em que escrevo este livro, DVDs ainda são populares). E ver

o que poderia resultar dessa informação passada para o público.

Junto com o Brasil 247, montamos o site para coletar as assinaturas,

contratamos um servidor absurdamente pesado que pudesse segurar o número de

acessos e eu fui para a frente das câmeras. Mentira, da câmera, só tem uma, nunca teve duas.

Claro que sabíamos que levar as assinaturas para a Dilma seria absurdamente

complicado, quase impossível, mas valia a tentativa. Na pior das hipóteses, não seríamos recebidos e o vídeo não causaria uma mudança diretamente, mas pelo menos teríamos informado e gerado a discussão sobre o problema. Isso, por si só,

já era o suficiente.

CABUM!!!

Tentei fazer um som de explosão para explicar o que aconteceu com o vídeo

assim que foi ao ar.

Para começar, o servidor absurdamente pesado que havíamos contratado para

coletar as assinaturas não foi o suficiente. O site acabou saindo do ar por várias horas e tivemos de colocar um ainda mais potente, o que resultou em uma perda

de assinaturas significativa. Mesmo assim, o resultado era algo assustador.

O vídeo “viralizou” numa escala inacreditável. As pessoas se viam surpresas

com a informação, pois aparentemente muito poucas sabiam dos preços dos produtos fora do Brasil. Na cabeça de milhões de pessoas, os valores cobrados aqui eram os valores cobrados no mundo inteiro. O choque foi grande ao descobrirem que, se fossem americanos, poderiam comprar um eletrônico por valores quase três vezes menores do que são obrigados a pagar no país em que vivem.

O número de assinaturas começou a crescer de forma assustadora. Dez mil, 20

mil, 30 mil. Ao final do terceiro dia, já havíamos coletado mais de 330 mil assinaturas. Como era necessário confirmar o CPF, muitas pessoas ficavam com

medo, mas mesmo assim não era o suficiente para frear o crescente número de indignados com a situação. O tema virou debate em inúmeros fóruns,

comunidades no Orkut, página do Facebook, postagens no Twitter – por um período considerável só se falava sobre “preço justo” e os valores absurdos que

temos de pagar no Brasil.

Um grande debate foi iniciado. Algumas pessoas atacavam, defendendo a

taxação como forma de sobrevivência do mercado nacional, mesmo sabendo que

não existia qualquer indústria brasileira dentro dos segmentos apresentados.

Outros diziam que não deveríamos debater isso e, sim, a fome, mesmo sabendo

também que eu não era Jesus Cristo e precisava falar de temas que gerassem identificação com meu público e com a realidade das classes envolvidas com a internet. A maioria defendia, demonstrando sua indignação e estudando mais a fundo o tema apresentado. O assunto “imposto” virou o grande centro das atenções durante algum tempo, gerando matérias na imprensa, textos imensos em

veículos especializados em economia e até mesmo blogs de respeito trazendo especialistas para explicar o assunto.

O principal objetivo do “Preço Justo” foi atingido. O vídeo soma quase 7

milhões de exibições e é, até hoje, o mais comentado da história do Não Faz Sentido, com quase 100 mil postagens de usuários, além de uma taxa de aprovação de 99% do público do YouTube. Por isso, considero o “Preço Justo”

como um dos projetos de maior sucesso da história do Não Faz Sentido.

Algum tempo depois, algumas conquistas começaram a aparecer.

Uma medida foi tomada pelo governo para a redução drástica de impostos em

tablets, o que viabilizou que diversos aparelhos do segmento ficassem totalmente

acessíveis para o povo brasileiro. Obviamente não podemos dizer que isso aconteceu apenas por conta do “Preço Justo”, mas, alguns dias depois da medida

ser anunciada, um jornalista do jornal Brasil 247 perguntou a Paulo Bernardo, ministro das telecomunicações, sobre a importância do manifesto Preço Justo.



“Fizemos o que vocês pediram” foi a sua resposta.

O movimento foi pauta de matéria no Globo News, exemplificando como a

internet pode ajudar a mudar o país. A *Isto É* também deu destaque, mostrando que o Brasil está perto de entrar na era “preço justo”. Além de diversas outras matérias importantes.

Claro que a redução dos preços dos tablets passou longe de ser o principal objetivo da campanha. Infelizmente, o governo não deu continuidade e até o momento os impostos continuam, mesmo com o “Preço Justo” ainda

reverberando em alguns cantos, depois de anos. A presidente Dilma negou-se veementemente, através de seus assessores, a ter qualquer contato com o manifesto e, por isso, nossos planos de entregar as assinaturas foi por água abaixo. Contudo, o objetivo principal foi cumprido. Um grande número de pessoas se informou, pesquisas foram feitas, medidas foram tomadas, nosso ministro se pronunciou e o “Preço Justo” marcou definitivamente um assunto importante na mente de parte da nossa população.

Leia os QR Codes com seu celular e

acesse os vídeos mencionados neste capítulo.

http://www.youtube.com/watch?v=J5_8lJOko0I

http://www.youtube.com/watch?v=Q4rEJr3sUO8



Mesmo após duas semanas do vídeo “Preço Justo”, um dos

assuntos em pauta na internet ainda era a questão dos impostos em produtos eletrônicos importados. Ainda se ouvia falar do vídeo em vários cantos e até

mesmo nas ruas eu era surpreendido com gritos de “PREÇO JUSTO NESSA

PORRA” enquanto andava tranquilamente. Aliás, se você foi um dos que fez isso, saiba que uma vez quase fui atropelado por conta do susto. Não é legal gritar para alguém quando essa pessoa está atravessando a rua. Principalmente quando

essa pessoa é muito inteligente e está atravessando fora da faixa.

Com o começo de maio de 2011, o Não Faz Sentido foi temporariamente

varrido da minha cabeça, pois dois grandes acontecimentos estavam para

começar. O início oficial do escritório da Parafernalha e a estreia do quadro de humor no *Esporte Espetacular*, da Rede Globo. O segundo não me causava muito nervosismo, principalmente pelo fato de que, em minha mente, estava muito claro que a Globo era apenas algo temporário que serviria para eu adquirir

a experiência de produzir conteúdo para um público completamente diferente e me estabilizar financeiramente com um bom salário. A Globo não era meu futuro,

a Parafernalha sim. Embora muita gente tenha dito na época que essa forma de pensar era simplesmente idiota.

“Cara, coloca sua cabeça na TV, lá você pode crescer e garantir sua vida, essa

Parafernalha pode não dar em nada”, lembro claramente dessas palavras, ditas por

uma pessoa do ramo do entretenimento e cujo nome prefiro não mencionar.

Eu não acreditava nisso. Sabia que poderia fazer muito mais através da internet

do que a TV jamais possibilitaria que eu fizesse. E as inúmeras reuniões com executivos da emissora me fizeram concluir cada vez mais que eu estava pensando da maneira certa. Muitas das ideias eram vetadas, adaptações eram feitas na maioria dos roteiros e dificilmente alguma coisa era aprovada sem antes passar por uma série de regras. Na TV aberta não se pode sequer fazer um humor

onde a pessoa precise ler algo, como uma tela de celular ou uma placa na rua. Se

qualquer conteúdo escrito é mostrado, na mesma hora é preciso ter uma dublagem

em cima, falando o que está escrito, o que mata completamente qualquer tentativa

de piada visual com palavras.

“Você precisa entender que muita gente que assiste à TV aberta não sabe ler”,

tinha explicado o executivo responsável pelo meu quadro. A justificativa era válida, mas a forma de pensar, na minha visão, não era (e não é) inteligente.

A coisa que eu mais ouvia na Globo era justamente a de que “é necessário agradar à massa, precisamos fazer conteúdo para as classes C e D”. Mas a pouca

experiência que eu já havia adquirido com o Não Faz Sentido e com o

planejamento da Parafernalha me indicava que o pior caminho para se fazer humor é justamente tentar agradar a determinado grupo específico, em vez de se

preocupar somente com o que é considerado verdadeiramente engraçado e

divertido, seja para qualquer idade, raça e classe social.

É mais ou menos assim. No momento em que o Não Faz Sentido deu certo e

começou a virar uma febre entre os adolescentes, se eu seguisse a filosofia da TV

aberta em geral, teria ficado somente e para sempre nos temas juvenis, pois aquilo me rendia o dinheiro que eu havia conquistado até então. Dez anos se passariam e

eu ainda estaria explorando o mercado que deu certo, sem abrir a visão para os lados em busca de novas alternativas. O Não Faz Sentido ficaria repetitivo, sem

alma e totalmente voltado para números de acessos. Jamais teria feito vídeos como “Preço Justo”, “Políticos”, “Preconceito”, entre tantos outros. Essa é a

metodologia da TV aberta para muitas coisas. E, no período de 2010 em diante, o

foco inteiro da Globo estava voltado para as classes C e D. Novelas sobre empregadas domésticas, *Zorra Total* passado em um metrô (depois mudado para um cabaré meia boca), programa *Esquenta!* voltado claramente para a massa, entre inúmeros outros programas e atrações. O resultado disso era nítido, o público jovem, que na classe C já estava mais conectado que entrada USB, não

suportava mais a Rede Globo, bem como as outras emissoras. Poderia até assistir

(pois a Globo conseguiu algo inacreditável, associar “assistir à TV” com “ligar na Globo”, mesmo que a pessoa odeie), mas, sempre que possível, aquele mesmo jovem ia até as redes sociais e começava a tripudiar sobre a programação da emissora, deixando claro que não guardava qualquer tipo de admiração pelo trabalho realizado.

Para piorar, foi mais ou menos nesse período que a Globo começou a lutar contra as mídias sociais, proibindo seus apresentadores de falarem sobre Twitter, Facebook e, principalmente, YouTube (embora este não seja apenas uma mídia social). A Globo não queria fazer parte desse mundo novo, pois, dentro de seu pensamento extremamente capitalista, qualquer outro site era um concorrente da

Globo.com. Uma forma de pensar que afastava cada vez mais os jovens.

A dinâmica e a velocidade do jovem não tinham mais qualquer identificação com o método repetitivo e desgastado da Rede Globo, principalmente no humor.

E por isso o futuro dos meus empreendimentos no ramo do entretenimento poderia ser ainda mais promissor. Uma revolução poderia estar realmente perto de

acontecer. Algo que não acontecia desde a migração da rádio para a TV.

Ao mesmo tempo, eu não odiava (e não odeio) a Globo ou qualquer outra emissora. Muito pelo contrário, sempre tive grande admiração pela TV. Foi a TV

que despertou meu sonho de ser ator, que alimentou minhas fantasias

adolescentes, até mesmo as pornográficas (pois é, amigos, na minha

adolescência

não existia essa história de site pornô, tinha que esperar meia-noite para assistir ao *Perfumes de Emanuelle* na Band). O SBT, na década de 1990 e início de 2000, era algo maravilhoso. Não apenas eu como todos os meus amigos ficávamos absolutamente ligados para conferir programas como *Carrossel*, *Chiquititas*, *TV*

Cruj, *Um Maluco no Pedaço*, *Eu, a Patroa e as Crianças*, entre muitos outros. A própria Globo tinha uma programação interessante, na época em que *Malhação* era excelente e tínhamos ótimos desenhos disponíveis. Foi a época também de *Pokémon* no programa da Eliana, uma febre televisiva que marcou uma geração.

Ter um quadro na Globo era também a realização de um sonho adolescente.

Meus parágrafos acima podem dar a entender que eu guardo algum tipo de rancor ou raiva da emissora, mas a verdade é que sou muito grato por tudo que

vivi ali dentro. Apesar de não concordar com práticas da empresa e com a metodologia de como conduzir o humor, admiro vários outros aspectos.

Principalmente a capacidade de realizar programas como *Profissão Repórter*, *Programa do Jô*, *Altas Horas*, muitas minisséries, o futebol e até mesmo a genialidade por trás de uma ou outra novela, como aconteceu em *Avenida Brasil* que, apesar de não me atingir, foi um fenômeno admirável de se estudar. Oi oi oi.

Controvérsias à parte, eu sabia que tinha dois possíveis caminhos à minha frente. Poderia me dedicar de corpo e alma à TV e seguir por uma jornada mais

fácil ou poderia utilizar essa dedicação em novos empreendimentos que

utilizassem a internet para causar algum tipo de revolução do entretenimento no

Brasil. Eu já estava na TV, já tinha um programa no Multishow (com outro para

vir), estrearia na Globo na semana seguinte e sabia que ali poderia morar minha

vida mais tranquila. Ao mesmo tempo, minha impulsividade e loucura berravam a

todo o momento que eu deveria focar na web, mesmo indo contra quase todos os

conselhos da época. E minha impulsividade e loucura sempre vencem.

Por isso, dia 15 de maio de 2011, abri a porta do escritório da Parafernalha pela primeira vez e sentei em minha nova mesa, ao lado do João Fernando e do

Leonardo Luz. Aquele foi o dia em que minha carreira como executivo

oficialmente começou. E só conseguia pensar em uma coisa: ser executivo e não

ter que trabalhar de terno era bom pra cacete.

Curioso analisar que as coisas que eu tanto condenava cismavam em cruzar meu caminho. Criticava as modas adolescentes, acabei me tornando uma.

Criticava a TV, acabei indo para dois canais diferentes. Criticava os executivos e, agora, também havia me tornado um. Se as coisas continuassem assim em breve

eu estaria usando calças laranjas e cantando sobre beijar meninas em baladas.

Lembro bem do primeiro dia de escritório da Parafernalha. Éramos uma

produtora de vídeos para a internet, mas nossa equipe contava apenas com um roteirista e um programador. Não havia diretores, editores, produtores, nem mesmo o equipamento havia chegado ainda. Em outras palavras, não dava para

fazer muita coisa. Por isso, focamos em ideias, todas as ideias possíveis. O Leo começou a cuidar das mídias sociais, montamos um website temporário que dizia

“A Parafernalha está nascendo” e eu comecei a gerar burburinho pelo Twitter.

Imediatamente muitas pessoas começaram a tentar adivinhar o que viria por aí e

muitas ficaram animadas por saberem que se tratava de algo que havia surgido em

função do Não Faz Sentido.

Eu e Nando (como chamamos o João Fernando Sangenetto, nosso

programador) nos debruçamos no planejamento do site e passei os dias seguintes desenhando as telas, enquanto ele programava e gerava o banco de dados. O menino provava a cada dia que era extremamente capaz e, mesmo com apenas 18 anos, era um gênio da programação. Foram dias divertidos, o início do início, a realização de um sonho. Muitas risadas, todos unidos em volta da concretização de algo do zero, uma sensação que todos deveriam passar ao menos uma vez na vida. E um pensamento começava a martelar minha cabeça: um dos grandes motivos do sucesso do Não Faz Sentido havia sido a sorte, baseada na época em que o projeto foi criado. Será que eu seria capaz de criar um novo projeto, do zero, e dar a ele o sucesso que o outro foi capaz de obter? Dessa vez seria em um cenário de YouTube totalmente diferente, com diversos canais já fazendo algum sucesso e uma exigência muito maior por parte do público. Aquela seria a prova de fogo se eu realmente tinha uma visão diferenciada para projetos de entretenimento na internet para os jovens ou se o Não Faz Sentido tinha sido, de fato, apenas um caso de sorte.

Os dias foram passando e no dia 22 de maio meu quadro no *Esporte Espetacular* estreou com tremenda repercussão positiva, tanto por parte interna da Globo quanto por parte do meu público da internet. Adicionando um pouco da pegada do YouTube, o quadro era formado por pílulas de dois minutos satirizando situações esportivas por mim e pelo Fábio Nunes. O resultado me impressionou e a informação interna que tivemos foi a de que, nos momentos em que o quadro foi exibido, a audiência do *Esporte Espetacular* subiu, o que era uma conquista impressionante.

O lado curioso de ter estreado na Globo foi o de que um novo público totalmente

diferente passou a conhecer meu trabalho. Meu porteiro começou a me

zoar toda vez que me via, os taxistas começaram a me reconhecer com muito mais facilidade e, curiosamente, semana passada, um mendigo aproximou-se de mim e disse: “Ae, tu não é aquele maluco que fazia aquela parada de humor lá na

Globo?” Não faço a menor ideia de como o mendigo assistia televisão. Talvez ele

não fosse mendigo nessa época. Vai ver ele ficou tão deprimido com meu quadro

que perdeu o rumo da vida. Vai saber.

Contudo, a reação drástica que eu pensava que iria acontecer acabou não acontecendo. Poucas foram as pessoas que se pronunciaram publicamente contra

o quadro, ou que me chamaram de “vendido” por ter ido para a Globo. O público

parecia estar mais receptivo a novos projetos, principalmente depois da minha entrada no Multishow e das campanhas publicitárias.

Uma observação curiosa: aquela foi a primeira e única vez em que assisti ao meu próprio quadro ao vivo na televisão. Reuni a família, fiz um café da manhã e

assistimos todos juntos. Nunca mais. Acordar cedo no domingo nunca foi algo presente em minha vida. Aliás, acordar cedo nunca foi algo presente em minha vida.

Quando junho começou, a Parafernalha começou a ficar séria. Os

equipamentos de filmagem chegaram, o site já estava quase pronto e finalmente

trouxe para a equipe o primeiro responsável por direção e edição dos vídeos: Osiris Larkin, um editor de mão cheia que já tinha trabalhado na edição dos meus

quadros na Globo, no Multishow e recentemente tinha se demitido,

principalmente pelo desejo de ser mais do que somente editor. Seu grande sonho

era poder dirigir seus próprios filmes e a Parafernalha foi a realização perfeita.

No dia 16 de junho de 2011, o primeiro vídeo do canal Parafernalha foi ao ar,

um momento histórico da minha vida e da empresa. O vídeo, escrito por mim, mostrava a vida de um homem solteiro morando sozinho. O ator que

protagonizou o vídeo foi o próprio Fábio Nunes, meu companheiro de quadro na

Globo. Nele, ilustrávamos situações como: cheirar as cuecas para ver qual pode

ser reutilizada, nunca arrumar a cama, virar um chef na arte de preparar um miojo



nojento e cheio de gororobas, ter a liberdade de assistir pornô na TV da sala e, por fim, perceber que era muito mais feliz na casa da mamãe.

Com muita dúvida no ar sobre o que aconteceria com a Parafernalha, se teria

forças para ganhar vida própria ou não, comemorei muito quando o vídeo foi provando que sim, nós éramos capazes de criar algo grandioso.

Minha influência na internet só servia até certo ponto. Meu alcance no Twitter,

Facebook e no próprio YouTube não era o suficiente, sozinho, para gerar milhões

de visualizações em qualquer projeto que fosse. Nem mesmo o Twitter da Lady

Gaga, com 37 milhões de seguidores, é capaz disso. A internet é pautada, muito,

pela força do próprio conteúdo, não pela divulgação dele. Obviamente você pode

comprar visualizações, colocando seu projeto em evidência em todas as partes patrocinadas do YouTube e Facebook, mas seria necessário um caminhão de dinheiro para fazer isso em todo vídeo da Parafernalha. Eu não tinha um caminhão de dinheiro, não tinha investidor, não tinha nada além da minha paixão

e da dos novos integrantes da Parafernalha.

Mesmo assim, o vídeo “Morar Sozinho É...” ganhou vida própria. Nos

primeiros dias já bateu mais de 200 mil visualizações e continuou crescendo.

Quatrocentos mil, 600 mil, 1 milhão de visualizações em duas semanas. Eu estava

longe de ser capaz de gerar todo esse tráfego sozinho, o que provava que a Parafernalha tinha nascido da melhor forma possível, gerando sua própria rede de

fãs e “viralizando” seu primeiríssimo conteúdo postado. O número de inscritos começou a disparar, o burburinho nas redes sociais sobre o nascimento de um novo canal de humor no YouTube tornou-se evidente. Nosso primeiro objetivo tinha sido atingido.

O Não Faz Sentido não tinha sido, afinal de contas, um puro golpe de sorte.

Leia o QR Code com seu celular e

acesse o vídeo mencionado neste capítulo.

http://www.youtube.com/watch?v=uF8u65YPMz8



O sucesso da Parafernalha era evidente. O crescimento do canal

se tornou exponencial. Mesmo com apenas um vídeo no ar, em poucas semanas

ele entrou na lista dos 30 canais com maior número de inscritos do Brasil.

Visando o crescimento da empresa, investi mais e contratei nosso segundo editor

e diretor de vídeos, Daniel Curi, que também havia saído de seu emprego recentemente, o mesmo de Osiris. Era a dupla dinâmica que por tanto tempo tinha

trabalhado nos bastidores dos meus programas de TV. A dupla ideal para um projeto como a Parafernalha. Espíritos jovens, motivados e com um grande desejo

de provar suas capacidades. Essas características são essenciais para qualquer start-up que envolva a criatividade e a inovação. Como eu não tinha dinheiro o suficiente para pagar altos salários e também não podia oferecer parte da empresa em troca da dedicação, a grande dificuldade era a de justamente motivar os integrantes que fossem entrando na Parafernalha. Por isso, mostrava a todo o momento a importância que eles teriam para uma possível revolução do

entretenimento brasileiro. O quanto poderíamos estar escrevendo a história naquele momento e como era importante a dedicação incondicional de quem fizesse parte disso, mesmo sabendo que a grana era pouca. O resultado foi visível, trabalhávamos mais do que provavelmente havíamos trabalhado na vida e

ninguém encontrava motivos para reclamar.

Enfim, mesmo trabalhando mais que elástico de cueca de blogueiro, voltei a pensar no Não Faz Sentido, que já completava a alarmante marca de dois meses

sem vídeos. As reclamações já eram constantes, mesmo explicando que a

ausência de vídeos era algo planejado, justamente para que o canal não caísse na

rotina. Não importa, se o Não Faz Sentido conseguiu atingir um estilo de público: é o do tipo fiel e bastante passional. Se eu lançasse um vídeo, era o herói da humanidade. Se não lançasse, era pior que Hitler.

Como não queria ficar sendo comparado a Hitler (ainda bem que não segui com a ideia idiota de colocar o nome da Parafernalha de "ParaFornalha"), comecei a planejar o novo vídeo do canal. Dessa vez fiz de maneira bem simples,

joguei no meu Twitter:

"Que tema vocês gostariam de ver no Não Faz Sentido?"

As respostas foram chegando.

Funk – Não, era fácil demais. Um tema sobre o qual todo mundo já fala mal

não tem necessidade de aparecer no Não Faz Sentido.

Geisy Arruda – Não queria dedicar um vídeo do Não Faz Sentido a alguém que ficou famoso por usar um minivestido na faculdade.

Preta Gil – Não. Ela era superlegal.

Mulheres vagabundas – Já conseguia imaginar as mulheres do Femen tirando a

roupa e fazendo protesto na frente do meu prédio.

Mídias sociais – TAÍ!

Eu até o momento não tinha falado sobre o fenômeno das mídias sociais, que

já se alastrava no Brasil de forma avassaladora. O Facebook havia praticamente

destruído o Orkut. O Twitter crescia cada vez mais. As pessoas estavam cada vez

mais conectadas nos sites que dispunham de ferramentas para elas se conectarem.

Como o tema não era tão “condenável”, visto que eu também era viciado em

redes sociais, optei pela direção do texto estilo stand-up. Reuni todas as coisas mais engraçadinhas que envolviam as redes sociais e elaborei tiradas sarcásticas e críticas com uma pegada humorística em cima delas.

Falei sobre o botão “cutucar” no Facebook, que na época era uma febre. Tirei

um sarro das fotos padronizadas que a maioria tirava (mulher tirando foto de cima pra baixo pra mostrar o decote, homem tirando foto sem camisa em frente ao espelho, mulher tirando foto antes de sair pra balada com a mão na cintura, entre tantas outras). Sacaneei a presença dos pais nas redes sociais, comentando coisas como “que orgulho do meu filho lindão” nas fotos dos filhos. Entre várias outras

coisas, finalizei o vídeo mostrando como 99,9% de todas as tuitadas poderiam ser

respondidas com um simples “foda-se”.

Até hoje recebo pelo menos dois “foda-se” a cada tuitada minha.

O vídeo, lançado dia 29 de junho de 2011, mais uma vez tornou-se um

fenômeno de audiência, chegando a 2 milhões de visualizações em pouquíssimo

tempo e colocando o “botão cutucar” como a bola da vez de ser zoado na internet, além da quantidade acachapante de “foda-se” no Twitter. Se tinha algum

engenheiro do site analisando no momento, ele deve ter se assustado e até hoje não deve ter entendido a quantidade de repetições do palavrão por minuto na época. Não que isso me deixe com muito orgulho, fazer com que milhares e milhares de pessoas falem um palavrão numa rede social não é lá bem uma... Ah,

quer saber? Me deixa com um certo orgulho, sim.

Pausa para reflexão. Acabei de começar uma frase, ali em cima, com “Me deixa com um certo”, sendo que eu lembro de ter aprendido em alguma aula de

português que não se pode começar frases com pronomes oblíquos (no caso, o

“me”). Contudo, é absolutamente ridículo que este livro, que nada tem de genialidade escrita, comece uma frase com “Deixa-me com um certo orgulho, sim”. Portanto, fica relatado que muitos erros foram cometidos em busca da perfeição da erroinedade, que eu também não sei se é escrito “erroneidade” ou

“erroniedade”. Obrigado.

Com o vídeo estourando de acessos, recebi um alerta do Flávio Augusto, presidente da Wise Up, de que a segunda campanha publicitária da Wise Up aconteceria nos próximos dias e que eu deveria participar de uma reunião por Skype com ele e representantes do marketing da empresa.

O problema, contudo, veio na reunião.

Tudo começou normalmente, um “olá” bastante entusiasmado, o relato de que

a minha primeira campanha havia dado um resultado estrondoso para a empresa,

que inúmeros adolescentes de todo o país estavam dizendo a seus pais que queriam “fazer o curso de inglês do Felipe Neto”. Não sabia daquilo até então, achei espetacular. Mas, na sequência, a coisa toda deu uma minguada.

– Então, Felipe – começou Flávio –, agora a gente vai fazer a segunda campanha e decidimos fazer um comercial só, pra dar mais força e aparecer muito

mais vezes.

Na hora entendi o que ele queria dizer e ainda bem que a conferência por Skype era só por áudio, pois minha cara foi de pura frustração.

– Por isso, a gente precisa saber se tá tudo bem você aparecer no mesmo comercial que o Fiuk. Vão estar você, o Fiuk, o Fábio Porchat e o Rodrigo Santoro. Mas já sabe, né? A imprensa vai toda em cima de você e do Fiuk, o que

vai ser bom pra gente, mas quero saber o que você acha.

Pensei por alguns segundos. Não tinha a menor possibilidade de recusar, aquilo configuraria uma quebra de contrato, que causaria não só a perda do valor

pago mensalmente pela Wise Up como eu provavelmente teria de pagar algum tipo de multa. O Flávio mais uma vez mostrava sua genialidade. Sabendo que eu

não tinha opção, ele não impôs, não me comunicou que eu simplesmente teria de

fazer o comercial e ponto final. Ele perguntou o que eu achava, quis ouvir minha

opinião, me incluiu no próprio planejamento da campanha.

A briga toda já tinha acontecido havia quase um ano, mas ainda assim eu sabia

que o simples fato de estar na mesma propaganda que o Fiuk geraria um burburinho chato pra cacete tanto na internet quanto fora dela. Não tinha jeito, eu teria de passar por aquilo.

– Flávio, vambora. Não é meu sonho fazer uma campanha junto do Fiuk, mas

você me contratou para representar sua marca, então é claro que eu vou fazer –

respondi.

– Que bom – disse Flávio. – Eu acho que a presença do Santoro e do Porchat

vão ajudar a suavizar isso. Não é só você e o Fiuk, são todos os garotos-propaganda deste ano juntos.

Com toda a problemática envolvendo o Fiuk, eu tinha até me esquecido de que

o Rodrigo Santoro, um dos meus grandes ídolos, estaria no set junto comigo para

gravar. Sem dúvida seria uma honra incrível.

Nessa hora, o diretor de marketing começou a falar:

– Felipe, a gente acha que não é legal simplesmente ignorarmos o fato de que

você e o Fiuk têm um histórico ruim. Então a gente teve a ideia de fazer um vídeo extra, lá no dia da filmagem, que mostraria vocês nos bastidores, um

alfinetando o outro, falando bobagem, pode até rolar uma briga mesmo, só pra gente mostrar que sabemos da coisa e que vocês estão dispostos a brincar com o tema, um sacaneando o outro.

Achei a ideia genial. Sempre acho maravilhoso quando uma marca se dispõe a

sacanear coisas internas, sem medo. Além disso, eu sabia que o Fiuk não aguentaria cinco segundos de improvisação comigo.

Favor, ler a frase acima estilo playboy porradeiro falando “tu não guenta 10

minuto de porrada comigo, rapá”.

Claro que estou brincando. Aliás, uma preocupação chegou a nascer: na hora

de editar esse vídeo sacaneando uma possível briga, e se a galera lá decidisse montar de modo a favorecer o Fiuk, que era mais famoso e muito mais caro que

eu? Mas, ao mesmo tempo, o vídeo seria publicado no YouTube, que era meu território e onde inclusive eu tinha mostrado um resultado muito maior de engajamento e visualizações, então provavelmente manteriam o vídeo imparcial.

Deixei isso de lado e comecei a me preparar psicologicamente para o que viria.

Alguns dias depois eu já estava em um avião a caminho de Curitiba, onde passaria um dia inteiro dentro do set de filmagem, gravando alucinadamente para

no final apenas trinta segundos de cena irem para o ar. É impressionante a quantidade de takes necessários para se filmar um comercial, parece que vai sair

um longa do James Cameron.

Ao chegar, fui imediatamente para o camarim... E adivinhem quem estava se

maquiando?

O Santoro. Estava lá, tranquilão, passando maquiagem.

Enfim, foi um dia incrível, de muitas risadas, muita tiração de sarro e bastante

trabalho. Nenhuma polêmica rolou, muito pelo contrário, o dia foi pautado por

piadas do Porchat referindo-se a uma possível relação amorosa entre mim e o Fiuk.

Toda essa situação “Felipe Neto e Fiuk” era tão comentada, que a Wise Up fez

um acompanhamento minuto a minuto de todo o dia de filmagem, publicando em

um hotsite criado especialmente para que as pessoas soubessem o que estava acontecendo nos bastidores do dia de gravação. Nunca tinha visto um simples comercial de TV ser tratado daquela forma, e o site, por sinal, bombou de acessos. A imprensa imediatamente começou a dizer o que estava acontecendo e

eu e Fiuk aproveitamos para tirar algumas fotos de sacanagem.

Quero dizer, algumas fotos sacaneando a situação. Nós não tiramos fotos do nosso momento de sacanagem, isso foi só entre nós.

Ajudamos a incentivar o clima de tensão, só pela diversão. Tiramos uma foto

onde eu aparecia no fundo fazendo o movimento de que iria socar Fiuk. Em outra, o Porchat segurava cada um pelo casaco como se estivesse nos apartando.

Além de várias outras provocativas. O Fiuk ainda tentava pregar o sinal de “paz e amor”, mas eu sabia que tirar uma foto feliz ao lado do Fiuk seria um prato cheio pra imprensa e péssimo pra minha imagem com meus fãs. Por isso, até mesmo na

foto “blasé” dos dois se abraçando pra câmera, saí com uma expressão

comumente conhecida como “cara de bunda”.

Parece bobagem, mas essa simples decisão de não tirar qualquer foto

“amigável” com Fiuk exemplifica todo um trabalho de assessoria de imprensa que

rola nos bastidores desse mundo alvo das fofocas. Dias antes isso já havia sido combinado entre mim e a DNA. Sabíamos que uma simples foto feliz poderia significar um terremoto na minha carreira, uma vez que com certeza a imprensa

escolheria aquela foto para publicar nas matérias. Se isso acontecesse, seria ótimo para o Fiuk, que não tinha nada a perder, e péssimo pra mim, pois fortaleceria de forma contundente a imagem de “vendido”. Já consigo até imaginar o título da matéria: “Felipe Neto e Fiuk agora são amigos.”

Aproveitamos o dia também para filmar o tal do vídeo dos bastidores. Avisei

para o Fiuk: “Pega pesado, hein, viado.” Ele não parecia muito satisfeito com a

ideia, pois queria pregar a imagem do “paz e amor, sou feliz, só quero dizer que

amo a vida”, mas eu fiz meu papel e deixei o aviso antes de começarmos a gravar.

Algumas semanas depois a campanha foi ao ar na Globo, gerando uma

repercussão estratosférica. Comentários em todos os cantos sobre a ação

envolvendo a minha pessoa e o filho do Fábio Junior na mesma cena. Alguns interpretavam como mais uma jogada de mestre da Wise Up, outros aproveitavam

para inflamar uma guerra virtual, enquanto tias perguntavam: “Quem são essas pessoas do lado do Santoro?”

Quando o vídeo da “briga” foi ao ar no YouTube, a coisa toda tomou uma projeção muito maior do que eu imaginava. Em pouquíssimo tempo o vídeo bateu

mais de 1 milhão de exibições, provando que a estratégia da Wise Up tinha sido

acertadíssima. Nos comentários, enquanto as pessoas com menos capacidade de

interpretação achavam que a discussão era legítima, outras dividiam-se entre aplaudir a ideia da empresa e criticar o oportunismo. Bem, chamar uma campanha

publicitária de oportunista não deixa de ser outro elogio.

“Gravar com o Felipe Neto pra mim foi uma novidade. Porque começou com

aquela briga no Twitter: ele fez um vídeo, de Fiukar e não sei o quê, inventou um verbo com o meu nome. Aí, saiu uma briga no Twitter, a gente deu uma discutida... E desde então a gente não aguenta se olhar na cara.”

O vídeo começava com esse discurso do Fiuk. Em seguida, cortava pra mim,

em outro lugar da gravação.

“Fiquei sabendo aí do lance de gravar com o Fiuk. Eu não sabia disso, ninguém me falou por... caria nenhuma. To vendo ali como é o cenário... Eu só

peço pra ele não ficar do meu lado.”

Depois disso, os dois juntos, já com o fundo da Wise Up desfocado atrás.

Fiuk:

– Eu, graças a Deus, eu tenho um dom, assim, eu sei me controlar, não gosto

de falar mal de ninguém.

Eu:

– É verdade, eu só falo...

Fiuk:

– Tem gente que tem o dom de falar mal, né?

Eu:

– É claro... Mas tem gente que pede.

Enfim, são mais de três minutos de vídeo ao qual você provavelmente já deve

ter assistido. Caso não tenha, sugiro que assista. É um excelente exemplo de como provocar o público, sem medo, para gerar burburinho ao redor de uma marca. Mais um exemplo de como se pensar fora da caixa e utilizar o YouTube

como plataforma de mídia de forma eficiente.

Para coroar ainda mais, esse vídeo acabou vencedor do respeitado Prêmio Colunistas Paraná 2012, na categoria Peça Publicitária Viral. O troféu foi para a agência Yeah!, responsável pela campanha. Aliás, se alguém da agência está lendo este livro, fiquem sabendo que nunca recebi meu trofeuzinho! Brincadeiras

à parte, até hoje, quando se entra no site da Yeah!, o case “Felipe Neto x Fiuk”

ainda aparece como um dos destaques da história da agência.

Todos esses acontecimentos envolvendo as duas campanhas que fiz para a

Wise Up na TV aberta e em outdoors acabou contribuindo bastante para que a imagem do youtuber começasse a ser vista de forma mais profissional e menos

“moleque no quarto da mãe”.

Após minha ida pra TV, bem como a do PC Siqueira pra MTV e todas as campanhas publicitárias que estrelamos, fosse na internet ou fora dela, o meio do YouTube passou a ser visto com outros olhos no Brasil. O que antes era um lugar

de puro amadorismo, agora servia também para que profissionais surgissem, trabalhos fossem realizados e grandes marcas se envolvessem. Esse foi o início de uma nova era do entretenimento digital, e o surgimento da Parafernalha

impulsionou ainda mais todo esse ideal.

Centenas de novos canais surgiam a cada dia, inúmeros profissionais da

indústria do entretenimento começavam a planejar suas inserções nessa nova forma de se fazer um trabalho sem depender de ninguém. Outros talentos começavam a aparecer com bastante destaque, entre eles: Cauê Moura (Desce a

Letra), Vagazóides, NerdOffice, Kéfera (5inco Minutos) e o próprio Galo Frito,

que agora fazia vídeos constantes.

A imprensa cada vez mais tentava mostrar esse novo mundo, ainda

incompreensível aos olhos da maioria. Matérias ainda confundiam os termos,

chamando criadores de conteúdo para o YouTube de “blogueiros” ou

“webmakers”, tudo ainda era muito diferente, confuso. Por que diabos, da noite

para o dia, tantas milhões de pessoas haviam despertado um interesse louco de ficar buscando por esse tipo de conteúdo no YouTube? De onde vinha esse fenômeno? O que iria acontecer dali pra frente? E por que a TV estava buscando

ali uma possível solução de inovação?

Observando todo esse acontecimento, aprofundei-me de forma ferrenha cada

vez mais no estudo e no planejamento dos próximos anos. Imagine o Gandalf, com sua barba cinzenta e cheiro de alface molhado, dentro de uma caverna com

dezenas de livros ao seu redor, fazendo rabiscos aqui e ali, fumando seu cachimbo e em estado de quase transe enquanto lia e escrevia sem parar. Esse era

eu, durante o período que se seguiu ao comercial com Fiuk.

Uma obsessão louca tomava conta da minha mente, a certeza absoluta de que a

Parafernalha seria apenas o início de algo estupidamente maior que estava para acontecer no país. E, quanto mais eu estudava, mais via que o cenário estava inteiramente favorável para uma revolução que pegaria a todos de surpresa. Algo

que não acontecia desde a época em que a Tupi liderava a indústria do entretenimento no Brasil. É claro que isso não aconteceria da noite para o dia, estávamos falando de um movimento que levaria alguns anos para ser finalizado,

mas uma certeza era plena: os dias em que a arte era inteiramente controlada pelos anunciantes e executivos estavam contados.

Em breve a internet engoliria as velhas mídias em termos de entretenimento, oferecendo um serviço on-demand, no qual o usuário assiste ao que quer, na hora

que preferir, sem a necessidade de ficar gravando conteúdo. E um fator seria determinante para isso no Brasil: o fato de que os nossos veículos de entretenimento de massa eram (e são) estupidamente controlados pelo

politicamente correto.

Esse fenômeno é curioso de ser analisado, mas vamos lá.

Vamos colocar dois países como comparação: Estados Unidos e Brasil.

A TV americana se destaca pela presença de conteúdo inovador e

politicamente incorreto: programas como *Family Guy*, *The Simpsons*, *South Park*, *Saturday Night Live*, seriados como *Modern Family*, *Two and a Half Men*, entre tantos outros. A TV americana é o exemplo de como o humor e a diversão

devem ter passe livre para falar sobre o que quiser, da forma como quiser, sem sofrer ameaças do Ministério Público, pressão dos anunciantes ou gritos histéricos das mães dizendo que seus filhos não podem assistir àquilo.

Já a TV brasileira é pautada pelo politicamente correto. Palavrões são

proibidos. O humor é moldado da forma mais “dentro da caixinha” possível, com

bordões que já saíram de moda nos anos 1980 e continuam se repetindo. Todo mundo está sempre preocupado em como a marca X vai se sentir anunciando em

um programa pesado, ou como a marca Y vai se sentir em um programa que rompe barreiras. Ninguém quer romper barreiras, apenas adaptar o que funciona

com a massa para, a cada ano, termos as mesmas coisas com outras entrelinhas.

Agora analisemos o resultado disso.

Nos Estados Unidos, pelo fato de o politicamente incorreto e a crítica estarem

presentes no dia a dia do entretenimento do país, os maiores canais do YouTube

são: Ray William Johnson (que faz um show de humor sacaneando vídeos virais

da internet), Smosh (que faz vídeos mais infantis de forma bem escrachada sobre

temas como video games e filmes), CollegeHumor (um grupo que produz

sketches puramente de humor), Jenna Marbles (uma vlogueira bem-humorada

que fala principalmente para o público feminino mais jovem), entre tantos outros.

Agora vamos analisar os maiores canais do Brasil da época e que ainda são destaque: Não Faz Sentido (discurso ácido criticando tudo e todos), Mas Poxa Vida (PC Siqueira falando suas verdades absurdamente pesadas sobre o cotidiano

e também metendo o pau em tudo), Desce a Letra (Cauê Moura xingando com todos os palavrões mais pesados possíveis os temas que ele aborda, de forma extremamente crítica), Galo Frito (grupo de paródias que ficou famoso por descer



a lenha no Justin Bieber através de sua paródia da música “Baby”).

O que todos os canais que fizeram um sucesso monstruoso no Brasil têm em

comum? Todos faziam o extremo oposto do entretenimento disponível para os jovens no país. Já nos Estados Unidos, nenhum da lista dos top 10 de canais tem

um discurso ofensivo ou crítico ofensivo sobre questões políticas, de mídia ou até mesmo do dia a dia. Por quê? Porque o entretenimento americano já oferece isso

para a população. No Brasil, a crítica era uma puta novidade para uma sociedade

acostumada com o humor velado, velho e sem alfinetadas.

O YouTube tornou-se a única opção de humor pesado, com o linguajar jovem,

do entretenimento brasileiro. É claro que podemos dizer que o cinema também se

comunica de uma maneira muito melhor mas, assim como o cinema americano, esbarra na questão da "classificação indicativa" (o cinema vive de bilheteria e, se o filme recebe uma censura de 18 anos, ela despenca). Logo, se o jovem brasileiro queria assistir a um conteúdo com o linguajar deles, o estilo deles e o politicamente incorreto que eles tanto admiravam, a única opção era o YouTube.

E continua sendo até hoje.

Ainda sonho com o dia em que uma Rede Globo ou Rede Record colocará um

programa do nível de *Family Guy* em sua grade de programação, sem ser às 4 da manhã (que é o horário em que a Globo exibe esse mesmo programa, mas com

uma dublagem que suaviza todos os palavrões e piadas mais pesadas).

O cenário estava montado, aquele era (e ainda é, no momento em que escrevo

este parágrafo) um dos momentos de transição mais importantes da história da indústria do entretenimento no Brasil. E eu tracei meu objetivo: impulsionar, definitivamente, essa revolução.

Leia o QR Code com seu celular e

acesse o vídeo mencionado neste capítulo.

http://www.youtube.com/watch?v=vRbaS7lNi6c



Querido diário,

Hoje recebi um telefonema do meu editor, Raphael Draccon, que me informou que devo terminar este livro até domingo. Como hoje é quarta-feira, gostaria de deixar claro que estou fudido.

Grato,

Felipe Neto



Julho de 2011 chegou com uma velocidade impressionante.

Metaforicamente falando (sério, “metaforicamente falando” é uma expressão meio babaca), minha vida à essa altura parecia um carro a 300 quilômetros por hora, mas com um pneu furado, o que me obrigava a pilotar da melhor forma possível para que não saísse da pista e explodisse no muro. Somente minha habilidade como motorista definiria se o carro chegaria até seu destino ou ficaria no meio do caminho.

Ok, a metáfora não é tão boa, considerando que eu não sei dirigir, mas vale a intenção.

Quando julho aproximou-se da metade, a Parafernalha já estava muito mais bem estruturada e já trabalhávamos no próximo vídeo que seria lançado. Agora com o equipamento todo em mãos e uma equipe preparada, os vídeos começariam a sair com mais fluência, possibilitando o crescimento ainda maior

do

canal.

Dias antes, porém, recebi uma ligação da agência DNA informando que uma

campanha com a Credicard havia sido fechada para o Não Faz Sentido. Algo que

me gerou certo susto, visto que Credicard era provavelmente um dos anunciantes

mais tradicionais do país. Colocar sua marca atrelada a um garoto que dizia palavrões constantemente era algo realmente inovador e mais uma prova do impacto do canal dentro da sociedade brasileira.

O produto era um novo cartão da Credicard, voltado principalmente para o público jovem adulto. O único problema, contudo, foi a seguinte frase de impacto

de um integrante da agência durante uma reunião comigo e com a Bruna Arilla,

da DNA:

– Então, Felipe, o único problema é que, como a Credicard é um anunciante

mais sério e bem tradicional, não pode ter nenhum tipo de palavrão no vídeo.

Na mesma hora eu gelei. Como assim NENHUM palavrão? O Não Faz

Sentido era pautado principalmente por se comunicar com os jovens utilizando a

linguagem que eles adotam no dia a dia. Ou seja, o palavrão era uma marca característica do programa.

– Cara, eu não posso falar nem um “porra” ou um “merda”? – perguntei.

– Não pode, cara, se não o jurídico vai vetar o vídeo – respondeu o cidadão.

Era realmente uma decisão nada inteligente.

– Cara, olha só... – comecei minha ponderação. – Vocês querem anunciar no

Não Faz Sentido, então vocês precisam usar o Não Faz Sentido como ele é. Não faz sentido, com o perdão do trocadilho, fazer uma campanha em que a linguagem vai ser alterada, e com isso os fãs vão ficar putos.

Não tinha jeito, a agência deixou claro que aquela era a única opção que tinha.

Ou eu topava fazer o vídeo daquela forma, ou perderia a campanha.

Eu já havia recusado campanhas anteriores justamente por coisas desse tipo.

Agências querendo controlar o discurso do vídeo, pedindo para o linguajar ser suave, outras até mesmo pediam para eu fazer um vídeo falando bem de alguma coisa. Todas eram vetadas. Mas, quando a Credicard colocou o cheque na mesa, eu sabia que não poderia simplesmente descartar. O valor da campanha havia ficado acima de 100 mil reais, uma quantia que seria fundamental para o futuro da Parafernalha e garantiria meu empreendimento por um tempo considerável.

Pensando puramente no meu investimento e num futuro melhor, aceitei, assumindo o compromisso de não falar qualquer tipo de palavrão no vídeo.

Foi difícil, mas o roteiro ficou pronto pouco tempo depois. A maior dificuldade, no final das contas, nem foi omitir os palavrões, o que na verdade se provou mais fácil do que eu imaginava. A grande dificuldade foi encontrar um tema sobre o qual eu realmente quisesse falar e que tivesse a ver com o produto que seria anunciado.

Nunca quis e nunca permiti que uma marca pudesse controlar o tema do vídeo do Não Faz Sentido. Qualquer agência que já chegasse impondo sobre o que eu deveria falar ou o que deveria dizer já era imediatamente cortada. Para anunciar no Não Faz Sentido, deveria se adequar ao formato do programa. Abrir mão dos

palavrões foi a única concessão em todos os anos de canal. Defendia essa ideologia por dois motivos: primeiro porque esse era um compromisso básico que

eu deveria ter com os fãs e, segundo, porque, se começasse a abrir as pernas, todas as agências ficariam sabendo e começariam a exigir a mesma coisa. Em outras palavras, “pode até me comer, mas beijo na boca eu não dou” (Clarice Lispector).

Resolvi escrever o roteiro baseado em um artigo que havia publicado no jornal

Brasil 247 alguns meses antes (e que havia recebido um gigantesco índice de aprovação) chamado “Adolescência Tardia”. Segue abaixo uma reprodução do

parágrafo que considero o mais importante de todo o texto e que serviu como base para o roteiro do vídeo:

Os jovens de 20 anos de hoje em dia consideram muito melhor viver o

período da faculdade enchendo a cara em botecos à luz dos dias de semana e entupindo os pulmões e cérebro com maconha do que

efetivamente lutar pelo seu próprio futuro. Enxergam a diversão e o prazer

como prioridade absoluta, característica comum da infância e

adolescência, retardando cada vez mais suas possibilidades de sucesso.

Tornando-se pertencentes à classe dos “mais uns”, sem destaque, sem

brilho, terminando quase sempre como escravos do sistema da corrida dos

ratos, ralando para sobreviver. Até que, lá pelos trinta e poucos, percebem

que são apenas uma sombra do que poderiam ter sido se tivessem

percebido que o amadurecimento deve se dar na fase em que o gás ainda

existe no grau máximo.

Baseei todo o vídeo do Não Faz Sentido nesse discurso que, apesar de

defender, concordo que é radical e de certa forma até um pouco preconceituoso.

Na época, contudo, tratava de maneira ainda mais dura, principalmente por conta

do cenário onde cresci, sem dinheiro e vendo playboys da Zona Sul carioca jogando oportunidades no lixo para se dedicarem exclusivamente a uma vida de

prazeres temporários.

Com o vídeo no ar, percebi que algumas estratégias adotadas tinham dado muito certo. Como, por exemplo, sacanear os jovens adultos que não

amadurecem ao dizer a eles que iria usar um linguajar que eles compreendiam, só

com palavras infantis, sem palavrão. Essa foi a forma que encontrei para justificar um vídeo sem sequer um “merda” e que funcionou muito bem. Em vez disso, usei expressões como “bobalhudo”, “bonachão”, “tarantino” (oi?).

Contudo, infelizmente o público percebeu a inserção publicitária nesse vídeo de forma muito mais agressiva que nos demais. O cliente não quis me ouvir, a agência não pôde fazer nada... E o resultado foi que o vídeo registrou um índice

de 7% de “não gostei”, o que era alto para o canal (descartando os vídeos que criticavam algum ícone pop e que recebiam votos de “não gostei” dos fãs desses

alvos). Nada que afetasse o resultado final para a Credicard, que se favoreceu imensamente das quase 3 milhões de visualizações. Mas para mim era um número

que desagradava.

Outro fator determinante foi que grande parte das pessoas acabou se

identificando com a crítica e não ficou nada contente, contribuindo para o número de “não gostei”. Para muitos, era um absurdo que eu estivesse dizendo como eles

deveriam viver a própria vida, o que de certa forma é verdade, exceto pela parte

de que todo mundo pode viver a própria vida, mas ninguém está isento de ser sacaneado pelo modo de vida que decide seguir. E essa sempre foi a premissa do

Não Faz Sentido.

Segui em frente, comemorando mais uma campanha bem-sucedida e mais um

vídeo com grande número de visualizações. Voltei minhas atenções para a Parafernalha e planejamos diversos vídeos que viriam a seguir no canal.

No dia 18 de julho foi ao ar o segundo vídeo da Parafernalha, também escrito

por mim, o “Vlog do Harry Potter”, em parceria com outro canal que fazia vídeos

no estilo de “Vlog de personagens famosos”, o Javipior. No roteiro, coloquei o próprio Harry Potter para falar sobre sua vida, dizer o que ele estava fazendo agora que já era velho e comentar sobre seu passado em Hogwarts.

O vídeo, estrelado por Rafael Belmonte, fez um grande sucesso,

principalmente impulsionado pelos fãs da saga, que publicavam sem parar nos sites, comunidades e páginas do Facebook dedicados a quem curtia *Harry Potter*.

Hoje o vídeo já soma mais de 2,1 milhões de visualizações, mais uma vez provando a força que a Parafernalha viria a ter e a vontade do público em receber um conteúdo de humor que falasse sua língua.

Além disso, a qualidade técnica do vídeo mostrou que o canal vinha com uma

nova pegada, bem diferente até mesmo dos canais que faziam muito sucesso no

YouTube brasileiro, com um tom mais caseiro e produções ainda amadoras. O

cenário ficou lindo, a qualidade de imagem perfeita e o som absolutamente limpo.

Era o início da era de vídeos superprofissionais na internet brasileira. Coisa que o canal Galo Frito também ajudou muito a instaurar, com suas produções em

chroma feitas com bastante qualidade.

Ainda assim, uma pulga surgia em minha orelha. Até o momento dois vídeos

haviam saído no canal da Parafernalha, mas nenhum contava com uma atuação minha. Como seria o dia em que eu decidisse sair do personagem do Não Faz Sentido e interpretar algo absolutamente novo? Como será que os fãs reagiriam a

isso? E as pessoas que achavam que o Não Faz Sentido não era interpretado e, sim, mostrava um cara como ele é?

Além disso, outra pergunta me indagava: será que eu seria capaz de criar uma

série de vídeos em que atuasse de maneira completamente diferente e ainda assim

fazer muito sucesso?

Com essa pergunta em mente, comecei a tentar elaborar ideias de alguma série

de vídeos na qual eu pudesse interpretar. Era um desafio imposto por mim a mim

mesmo: provar que era capaz de fazer o mesmo sucesso do Não Faz Sentido com

outra série de vídeos completamente diferente.

Com a entrada do mês de agosto, contudo, tive de colocar minhas ideias de lado para voltar a me concentrar no Não Faz Sentido, pois outra campanha havia

sido fechada, dessa vez com a Pepsi.

Isso de certa forma começava a me preocupar. Duas campanhas seguidas era

algo que ainda não tinha acontecido e poderia começar a espantar os fãs, motivados pelo pensamento de que agora eu só gravava vídeos se recebesse pra

isso. Não era bem a verdade, a realidade é que o telefone não parava de tocar no

escritório da DNA, com dezenas de marcas diferentes pedindo orçamentos de campanha para o canal. Com minha falta de tempo e a dedicação que estava tendo para outros projetos, era difícil gravar as campanhas e ainda assim gravar

outros vídeos. Ainda mais com minha decisão de que agora gravaria menos vídeos para o Não Faz Sentido, com o objetivo de deixar o canal vivo e mantendo o número de exibições.

Alguns dias antes de fecharmos a campanha com a Pepsi, porém, eu já havia

definido qual seria o tema do meu próximo vídeo. Falaria sobre jogadores de futebol e o fato de eles se preocuparem mais com a vaidade do que com a bola no

pé entre vários outros aspectos do mundo futebolístico. Por isso, quando surgiu o fechamento com a Pepsi, bati o pé e falei que só fecharia se eles inserissem a marca em um tema que eu já tivesse elaborado. Para meu espanto, a Pepsi concordou, dizendo que não queria interferir no conteúdo.

Hoje o vídeo soma mais de 4,3 milhões de visualizações e entrou na lista dos

15 mais assistidos da história do canal. Uma prova de que, quando uma marca não tenta mudar o tom do autor do vídeo, o resultado “pode ser” gigantesco.

Voltando pra Parafernalha, a ideia continuava a consumir meus dias. Eu queria

provar que era capaz de fazer história em uma nova série completamente diferente

do Não Faz Sentido. E não queria provar para mais ninguém além de mim mesmo. Embora isso não seja totalmente verdade, porque a gente sempre tem o

ego em jogo com coisas desse tipo, então eu queria provar também para aqueles

que diziam que o Não Faz Sentido tinha sido apenas uma questão de sorte.

Pensei em gravar alguma série vestido de galinha. Não sabia por qual motivo,

mas havia algo em me vestir de galinha que parecia atraente. Felizmente a Maddu

me convenceu do contrário, insinuando que me ver fantasiado de galinha poderia

acabar com sua libido para sempre.

A ideia real finalmente veio num dia embaixo do chuveiro. Aliás, é

impressionante a quantidade de ideias que tenho quando estou tomando banho.

Este livro é uma delas. Bem como o surgimento da Parafernalha e outras tantas que tive ao longo da vida. Quem me conhece mais intimamente sabe que é muito

comum eu sair do banho direto para meu caderno de ideias e começar o planejamento de algo novo. Já quem não me conhece intimamente, espero que nunca tenha me visto sair do banho.

Era simples. Vídeos bem rápidos que mostrariam situações comuns pelas quais

todo mundo já deve ter passado na vida, mas que são extremamente irritantes.

Meu personagem então faria aquilo que todo mundo já teve vontade de fazer, mas

que apenas alguns fizeram: botar pra fora. A verdade, não a genitália.

Foquei no caderno velho do Botafogo e de cara escrevi três situações: um cara

pagando alguma coisa e a vendedora oferecendo o troco em balinha, a mensagem

de áudio do antivírus Avast dizendo “as definições de vírus foram atualizadas” e

alguém “flatulando” dentro do elevador.

No dia 2 de agosto de 2011 foi ao ar, no canal Parafernalha, o vídeo “Coisas

que Gostaríamos de Dizer – Bala de Troco”.

Muitas coisas sobre este vídeo nunca foram divulgadas, como por exemplo o

fato de que não havia um roteiro realmente definido. Quando fomos gravar, em

um bar de uma faculdade carioca, eu achava que o vídeo ficaria uma bela porcaria, mas resolvi arriscar, assim como arrisquei com o Não Faz Sentido. O

roteiro dizia apenas isso:

Felipe no caixa de um estabelecimento fajuto. Felipe efetua o pagamento.

CAIXA

Posso dar o troco em balinha?

Felipe fica frustrado.

O dia passa e Felipe faz outra compra.

CAIXA

Posso dar o troco em balinha?

Felipe fica mais frustrado ainda.

O dia passa e Felipe faz mais uma compra, mas dessa vez carrega uma sacola cheia de bala dentro.

CAIXA

Deu 21 reais e 85 centavos.

FELIPE

Posso pagar em balinha?

Felipe despeja o conteúdo da sacola jogando balinha pra tudo que é lado, pega as compras e sai.

Esse era o roteiro do vídeo, simples e básico, mas algo me dizia que tinha algo mais. O que se provou no dia da gravação.

Impulsionados pelo improviso, eu e a atriz em cena, Kamilla Neves, direcionamos nossos personagens para o lado caricato. Em vez de nos atermos às nossas falas, criamos cacos na hora que acabaram funcionando muito bem. E, no

final, em vez de apenas jogar as balas no balcão, deixei o ódio controlar os movimentos e taquei bala para todos os lados. O improviso deu certo.

BUM!!!

Um milhão de visualizações. Dois milhões de visualizações. Sim... três milhões

de visualizações. Até hoje o vídeo já soma mais de 5,8 milhões de exibições, batendo, de longe, a média do próprio Não Faz Sentido.

A série “Coisas que Gostaríamos de Dizer” havia nascido. As pessoas

“viralizavam” o vídeo sem parar, mostrando como elas gostariam de fazer exatamente a mesma coisa que era interpretada. A Parafernalha atingira seu primeiro gigantesco hit apenas em seu terceiro vídeo. O canal em si também estourou em número de assinantes e o nome “Parafernalha” começou a aparecer

na boca da maioria dos adolescentes das classes A, B e C do país.

Como cereja do bolo, eu havia feito um vídeo absolutamente diferente de qualquer coisa minha na internet, com outra pegada, absolutamente interpretado e

sem opinião alguma. E havia sido capaz de provar, para mim e para todos, que minha capacidade não estava limitada aos óculos escuros.

Pode parecer bobo, ou até mesmo narcisista, afinal de contas, ninguém precisa

provar nada pra ninguém, mas a verdade é que minha vida sempre foi

impulsionada pelo desafio. Quando descubro algo que quero muito realizar e percebo que há um gigantesco obstáculo no caminho, acabo ficando obcecado pelo objetivo. A criação da Parafernalha havia sido um imenso desafio assim como o “Coisas que Gostaríamos de Dizer”. Ambos foram cumpridos.

A grande razão de isso ter acontecido? Agora eu não estava sozinho. Os talentos dos geniais Osiris Larkin, Daniel Curi, Leonardo Luz e João Fernando Sangenetto, cada um a seu modo, provaram que uma grande equipe é capaz de

feitos muito maiores que apenas uma pessoa sozinha. Se eu tivesse decidido

seguir o caminho da solidão, apenas com meus vídeos do Não Faz Sentido, onde tudo era feito por mim mesmo, jamais teria saído do lugar. Um grupo forte, que ama o que faz, é capaz das realizações mais incríveis que qualquer um pode sonhar em atingir.

Dia 10 de agosto, oito dias depois do lançamento do primeiro da série “Coisas que Gostaríamos de Dizer”, foi ao ar o “Coisas que Gostaríamos de Dizer – Antivírus”. Apesar de não ter feito o mesmo sucesso, foi outro grande hit que hoje já soma mais de 4,3 milhões de exibições.

Impulsionados pela força do produto, doze dias depois lançamos “Coisas que Gostaríamos de Dizer – No elevador”.

CABRAUZA!!! <- isso é o barulho de um meteoro caindo na sua rua.

O vídeo marcado pela frase “você volta aqui que eu vou cagar no seu tapete” (como resposta ao fato de o cidadão ter “flatulado” no elevador) recebeu até hoje mais de 6,5 milhões de visualizações.

E, para coroar, em dezembro ainda viríamos a lançar o “Coisas que Gostaríamos de Dizer – Funk no celular sem fone”, que simplesmente virou o maior vídeo da história da Parafernalha, somando até hoje mais de 6,7 milhões de exibições.

Com os quatro vídeos da série no ar, o “Coisas” somou 23,3 milhões de exibições, com uma média de 5,8 milhões por vídeo, uma média estratosférica e jamais vista em qualquer websérie de humor do YouTube brasileiro.

No dia 18 de março de 2013, menos de dois anos após o surgimento, a Parafernalha ultrapassou, pela primeira vez na história do YouTube brasileiro, a

marca de assinantes do Não Faz Sentido, tornando-se o maior canal do país na época. Muitas coisas aconteceram nesse período, mas são coisas que não dizem

respeito a este livro. O Não Faz Sentido seguiu seu caminho, conquistando ainda

mais vitórias e mantendo-se como o maior canal de humor em número de

visualizações por vídeo, provando que sua força era (e ainda é) algo inacreditável.

Leia os QR Codes com seu celular e

acesse os vídeos mencionados neste capítulo.







http://www.youtube.com/watch?v=FkOVE7ClW4M

http://www.youtube.com/watch?v=Zw72wp9TSrg

http://www.youtube.com/watch?v=hbTU7sumJXg

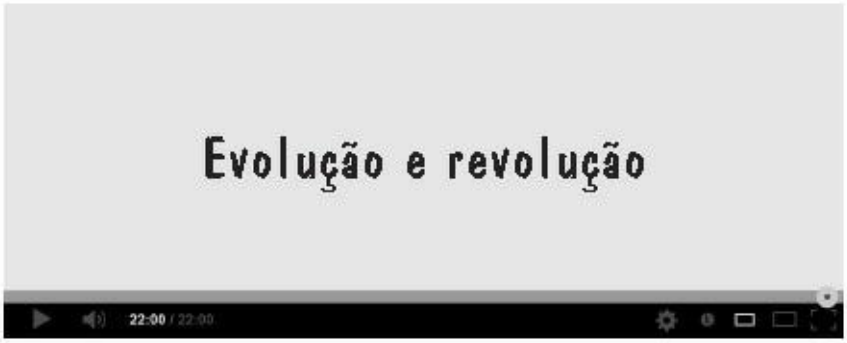




http://www.youtube.com/watch?v=BvomenoVKHg

http://www.youtube.com/watch?v=kRr5PuI0WpY

http://www.youtube.com/watch?v=_DjI1qvzzQk



Quando as pessoas me perguntam do que sinto mais orgulho quando

olho para trás, tenho grande dificuldade de definir. Graças a muito trabalho, muitas pessoas importantes, muitas noites sem dormir e muito café, posso dizer que tenho grande orgulho do que construí até hoje.

O Não Faz Sentido foi a base de tudo, foi a alavanca necessária para que eu

pudesse seguir meu caminho como empreendedor, o que possibilitou diversos projetos de sucesso na internet.

A Parafernalha virou uma grande vitrine para inúmeros artistas, inclusive eu.

Foi o projeto de impulsão para algo maior, o início de uma revolução do

entretenimento brasileiro, a exploração de uma nova forma de se produzir conteúdo no país. Ela rompeu barreiras, inovou e provou sua capacidade de forma expressiva, sendo ainda hoje um fenômeno de audiência, assim como o Não Faz Sentido. Outras pessoas maravilhosas entraram para compor um time perfeito, entre elas Alessandra Bezerra, que se tornou diretora de produção, Douglas Felix, responsável por conteúdo de bastidores, Otavio Ugá, diretor e editor e Fellipe Lourenço, meu grande amigo desde as épocas de colégio que tornou-se meu braço direito em meus empreendimentos e um dos gestores do grupo Parafernalha.

Por volta de dezembro de 2012, contudo, tive a ideia de um novo

empreendimento. Algo que pudesse definitivamente alicerçar todo o movimento de revolução do entretenimento.

Já estávamos para começar 2013 e o YouTube já havia mudado

consideravelmente. Agora inúmeros canais de qualidade existiam, motivados

pelas conquistas daqueles que começaram todo esse movimento. Não apenas

produtoras de humor, como também grandes canais musicais, canais sobre video

games, tecnologia, relacionamento, maquiagem, musculação, educação,

curiosidades, entre inúmeros outros assuntos. O YouTube já havia se

transformado em uma grande central de conteúdo profissional, muito diferente do

que era na época em que decidi gravar meu primeiro vídeo.

O dinheiro agora era maior, devido à entrada de muitos novos anunciantes, animados com essa ideia de estampar suas marcas em algo que se comunicava de

maneira muito mais eficiente com o público jovem. Com isso, novos modelos de

negócio começaram a surgir ao redor do YouTube, funcionando para os próprios

youtubers.

Analisando os possíveis modelos de negócio, acabei me deparando com um especial: o formato de Network. Uma empresa responsável por gerir a carreira de um youtuber, dar a ele suporte e atenção especiais, educar o mercado, elevar os ganhos, oferecer ferramentas exclusivas e impulsionar a profissionalização do formato. Obviamente meus olhos brilharam. O melhor ainda era a forma como a empresa faturava dinheiro primariamente: recebendo uma comissão do valor mensal de cada canal associado a ela. Em outras palavras: quanto mais impulsionássemos o mercado e gerássemos mais renda para os youtubers profissionais, mais a empresa faturaria. Era um modelo justo e ideal.

Nessa época, a Parafernalha já estava de mudança para uma sala de duzentos metros quadrados, dez vezes maior que a primeira sala em que começamos. De quatro pessoas, em apenas um ano e meio já havíamos passado para quinze e tudo estava no caminho certo. Foi quando eu e Fellipe Lourenço nos debruçamos em cima do estudo deste novo modelo e de que forma poderíamos transformá-lo em um grande empreendimento no mercado brasileiro.

Curiosamente, nesse mesmo período, recebemos o contato de uma das gigantes Networks americanas: a Maker Studios, que queria colocar a Parafernalha e o Não Faz Sentido em sua carta de canais clientes. Nosso alerta piscou e percebemos que aquele era o momento certo, as gigantescas empresas americanas haviam percebido a força do YouTube brasileiro e iriam começar a assinar com os canais do país. Se iríamos criar algo desse tipo no Brasil, não poderíamos deixar que os americanos controlassem o mercado e teríamos de agir

rapidamente,

caso contrário, todos os canais brasileiros acabariam assinando contratos longos e ficariam amarrados a empresas que não viam o país da forma como nós víamos,

com o objetivo que nós tínhamos. Para nós, não era apenas assinar canais e lucrar com isso, era mudar a história.

Com um trabalho de extrema paciência e muita, mas muita disposição,

transformamos aquela pequena reunião com um simples recrutador da Maker em

um contato direto com os fundadores da empresa. Nossa missão era ousada, eu teria de provar para os titãs da indústria que valia mais a pena investir na nossa empresa e deixar que nós criássemos a maior Network do Brasil do que deixar tudo nas mãos deles próprios, o que obviamente resultaria em maiores lucros para

os mesmos. Se qualquer executivo ouvisse meu objetivo, provavelmente me

chamaria de maluco, não tinha a menor chance de um grande executivo ser convencido por um moleque de 24 anos de que a melhor estratégia seria colocar

tudo em suas mãos. Mas, assim como no início do Não Faz Sentido, início da Parafernalha e início do “Coisas que Gostaríamos de Dizer”, eu havia decidido:

aquele era o maior desafio da minha vida.

Alguns dias depois conseguimos o improvável, uma reunião de uma hora com

os fundadores e os membros do board executivo da Maker Studios, em Los Angeles. Eu teria apenas uma hora de discurso para tentar provar a eles que a insana decisão de não entrar no mercado brasileiro e confiar em mim seria a melhor saída. Quando comentava minha ideia com outros youtubers ou até

mesmo com outras pessoas do mercado executivo, ouvia sempre conselhos

brandos, baseados na ideia de “esse menino vai tomar um não bem feio”.

Contudo, ao longo de todo o período à frente da Parafernalha e trabalhando diariamente como empresário, havia adquirido alguma experiência, o suficiente para saber que o mundo no qual eu havia me metido como um executivo era um

mundo composto por loucuras, guiadas por aqueles que tinham o maior nível de

insanidade, a ponto de arriscarem tudo em algo em que pouquíssimos viam valor.

Durante duas semanas trabalhei todos os dias, junto do Fellipe Lourenço, em

uma apresentação digna para a Maker Studios. Eu não tinha um designer na equipe, então tive de criar tudo eu mesmo. Duas semanas depois, estávamos na gigantesca sala de reunião.

Quando relembro essa história, parece que toda a minha vida havia me

condicionado para aquele momento. Cada detalhe, cada erro cometido, tudo havia resultado em uma gama de aprendizados necessários para que aquela loucura não parecesse tão louca.

Olhei para a sala de reunião lotada. Havia ali pelo menos quinze executivos.

Muitos deles eram jovens, por volta de seus 35 anos, enquanto outros pareciam mais velhos e um pouco mais turrões. O presidente da empresa na época (e também o fundador), Danny Zappin, encontrava-se no centro da imensa mesa de

vidro, ao lado da esposa e também sócia, Lisa Donovan e seu irmão (também sócio), Ben Donovan. A cena toda parecia um filme, uma sala imensa com paredes de vidro e um luxo que eu jamais havia tido como uma realidade tão próxima.

Quando abri o primeiro slide, percebi ali o primeiro resultado real de como minha vida havia me preparado quase que inteiramente para aquele momento. A

capa da apresentação estava muito bonita, totalmente diferente das apresentações

comuns em power point que vemos no mundo dos negócios, normalmente

formadas por fotos mal posicionadas e fontes Times New Roman. Todo o meu

passado como designer gráfico havia possibilitado que uma linda apresentação aparecesse naquele momento.

Comecei a falar e entrei para a segunda etapa do meu crescimento. Se não fosse meu interesse pelo mundo do design gráfico, jamais teria decidido criar um

site de seriados (IsFree.TV). Sem isso, jamais teria ficado absolutamente viciado no universo dos seriados americanos e, em consequência, em disponibilizar legendas traduzidas para que brasileiros pudessem assistir. As madrugadas em claro que passava durante anos traduzindo seriados do áudio para o texto haviam

me deixado com um inglês absolutamente fluente. Sempre me perguntei a razão

do IsFree ter sofrido um fim tão cruel, mas naquele dia eu compreendi, era como

se tudo tivesse acontecido por um motivo. Se eu não tivesse o inglês mais fluente possível, teria engasgado, gaguejado, ou levado um tradutor, o que arruinaria completamente a apresentação.

E aí entrou o teatro, o teatro que marcou toda a minha vida, que sempre me deixou confiante de falar em público, de me expressar com tranquilidade e de interpretar quando fosse necessário. Não fosse o teatro, jamais teria sido capaz de falar com tanta calma, propriedade e firmeza em frente a tantos tubarões da indústria.

E, então, apresentei tudo que havia criado com o Não Faz Sentido e a Parafernalha no YouTube brasileiro, o que deixou todos os presentes

visivelmente impressionados. Os dois maiores canais do país na época, com números recordes e influência insuperável em todo o território nacional, via YouTube.

Falei com paixão, paixão pelo mundo do entretenimento, por todo o universo

da comunicação e do empreendedorismo. Mostrei a eles todos os indicativos socioeconômicos de uma revolução iminente no Brasil, como nenhum outro país

do mundo seria capaz de fazer, fundamentada basicamente na perda de força da

Rede Globo com o público jovem e o crescimento acachapante do YouTube no

país justamente por este público, sedento por um conteúdo inovador após décadas

de repetições nas velhas mídias.

Provei, através de pesquisas recentes, como o Brasil era absolutamente sedento

por um novo conteúdo. Isso ficava claro em pesquisa realizada pela eMarketer, que listava o Brasil em primeiro lugar do mundo em número de minutos assistidos

no YouTube por usuário, além de ser também o número 1 em porcentagem de usuários na internet que entrava no YouTube regularmente (89% da população on-line, contra 80% dos americanos).

Mostrei a eles os nossos planos, que eram muito maiores que somente explorar

o mercado brasileiro de modo a gerar lucros. Nós não iríamos apenas fazer dinheiro, iríamos ajudar a mudar um país, ajudar a fazer história.

Impulsionaríamos o YouTube nacional de modo a conquistar os corações dos brasileiros, que cada vez mais tinham acesso a uma internet de alta velocidade, motivados essencialmente pelos planos de governo da época.

Por fim, deixei claro que a Maker Studios tinha duas opções. Ela poderia enxergar o Brasil apenas como um mercado a ser conquistado em termos de número e assim disputar com as outras gigantes americanas para ver quem seria

capaz de assinar o maior número de canais, ou poderia se associar à nossa empresa e deixar que fizéssemos um trabalho na internet brasileira jamais visto na história do país, motivado por nossa paixão de revolução, gerando milhões de novas possibilidades, impulsionando o mercado de dentro pra fora e atraindo os

olhares de todo o mundo.

Ao final do discurso (de mais de quarenta slides), Sam Wick, vice-presidente

de desenvolvimento e operações de negócios, pediu a palavra e disse uma das frases de que mais me orgulho até hoje: “Essa foi a melhor apresentação que eu já vi na vida.”

A reunião de uma hora tornou-se uma reunião de seis horas com os fundadores da empresa. Momento este em que a Maker Studios tomou uma decisão: congelou toda a estratégia de inserção no mercado brasileiro e decidiu que faria o que fosse preciso para realizar este trabalho através de nós.

Imediatamente o burburinho no cenário americano começou, as fofocas se espalharam e pouco tempo depois outra gigantesca Network decidiu que também iria tentar nos convencer de fazer negócios com eles em vez da Maker. E assim deu-se início a uma série de propostas de ambos os lados, todas lutando para que eu decidisse qual delas escolheria para iniciar os negócios no Brasil. Aos que consideravam nossa estratégia maluca e diziam que nunca um executivo se interessaria por tudo aquilo, ficou a resposta: duas titãs do mercado agora disputavam por nosso conhecimento e paixão.

Ao final de algumas semanas de negociações, a Parafernalha anunciou a união com a Maker Studios, através de uma transação milionária, nascendo assim a primeira Network brasileira da história do YouTube: a Paramaker.

Hoje, a Paramaker já soma milhares de canais e centenas de milhões de visualizações por mês. A cada dia, novos youtubers nascem no Brasil com o objetivo de poderem estar atrelados à única Network que verdadeiramente se preocupa em mudar o entretenimento do país e, obviamente, todos querem fazer parte disso.

Quando olho pra trás, me lembro do momento em que tirei aquela câmera empoeirada do armário. O dia em que fui ao shopping com minha mãe comprar adesivos para montar um cenário. O dia em que decidi colocar aqueles óculos escuros que havia encontrado numa praia. Pequenas ações, pequeníssimas ações, que resultaram em tudo o que existe hoje. Dezenas de empregos gerados, milhares de produtores de conteúdo se beneficiando, o início de uma mudança.

A revolução nasceu...

Document Outline

- Felipe, por que você não arruma um emprego decente?
- Prefácio
- Introdução
- A noite em que tudo começou
- O nascimento do Não Faz Sentido
- Justin Bieber, colírios e os temas adolescentes
- Puta merda, eu virei modinha
- Crepúsculo
- Depois de Crepúsculo
- Dinheiro
- Fiukar
- Agora a coisa ficou séria
- A mente humana é uma merda
- ÿþS
- A primeira crítica política
- CAPÍTULO NENHUM Vamos bater um papo
- Convite da TV aberta e vmb 2010
- Pare de se levar a sério e amadureça!
- Televisão e demônio
- Chegou 2011 e a hora de crescer
- Wise Up, inspiração e a volta do Fiuk
- Dublagem e preço justo
- Do Não Faz Sentido à Parafernalha
- Fiuk, o retorno
- capítulo nenhum
- Coisas que gostaríamos de dizer
- Evolução e revolução

Table of Contents

Felipe, por que você não arruma um emprego decente?
Prefácio
Introdução
A noite em que tudo começou
O nascimento do Não Faz Sentido
Justin Bieber, colírios e os temas adolescentes
Puta merda, eu virei modinha
Crepúsculo
Depois de Crepúsculo
Dinheiro
Fiukar
Agora a coisa ficou séria
A mente humana é uma merda
ÿþS
A primeira crítica política
CAPÍTULO NENHUM Vamos bater um papo
Convite da TV aberta e vmb 2010
Pare de se levar a sério e amadureça!
Televisão e demônio
Chegou 2011 e a hora de crescer
Wise Up, inspiração e a volta do Fiuk
Dublagem e preço justo
Do Não Faz Sentido à Parafernalha
Fiuk, o retorno
capítulo nenhum
Coisas que gostaríamos de dizer
Evolução e revolução